

COMISSÃO ESTADUAL DE LITERATURA

COLEÇÃO TEXTOS E DOCUMENTOS

JOSÉ ADERALDO CASTELLO

**O MOVIMENTO  
ACADEMICISTA  
NO BRASIL  
1641 - 1820/22**

VOL. I TOMO 2

SECRETARIA DA CULTURA  
ESPORTES E TURISMO

VOLUMES JÁ EDITADOS NESTA COLEÇÃO:

- N.º 1 — *João Pacheco*  
ANTOLOGIA DO CONTO PAULISTA
- N.º 2 — *Domingos Carvalho da Silva, Oliveira Ribeiro Neto e Péricles Eugênio da Silva Ramos*  
ANTOLOGIA DA POESIA PAULISTA, I VOL.
- N.º 3 — *José Aderaldo Castello*  
ANTOLOGIA DO ENSAIO LITERÁRIO PAULISTA
- N.º 4 — *José Aderaldo Castello*  
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO, I VOL.
- N.º 5 — *Pires de Almeida*  
A ESCOLA BYRONIANA NO BRASIL
- N.º 6 — *José Aderaldo Castello*  
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO, II VOL.
- N.º 7 — *Pessanha Póvoa*  
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO, III VOL. — ANOS ACADEMICOS
- N.º 8 — *Dante Moreira Leite*  
PSICOLOGIA E LITERATURA
- N.º 9 — *Péricles Eugênio da Silva Ramos*  
DO BARROCO AO MODERNISMO

N.º 10 — *José Aderaldo Castello*

O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641-1820/22  
— VOL. I — TOMO 1

N.º 11 — *Francisco de Assis Barbosa*

BRITO BROCA — LETRAS FRANCESAS

N.º 12 — *Vicente de Paulo Vicente de Azevedo*

FAGUNDES VARELLA — DISPERSOS

N.º 13 — *Péricles Eugênio da Silva Ramos*

POETAS DE INGLATERRA

Castello, José Aderaldo

O movimento academicista no Brasil; 1641-1820/22. São Paulo | 1969-

v. (Conselho Estadual de Cultura. Comissão de Literatura. Coleção textos e documentos, 10, 14

1. Literatura brasileira - Sociedades, etc.  
I. Conselho Estadual de Cultura. Comissão de Literatura. II.t III.Série

DC-869.9062



**José Aderaldo Castello**

---

Pesquisa, planejamento e supervisão:

— JOSÉ ADERALDO CASTELLO

Fixação do texto:

— ISAAC NICOLAU SALUM

— YÉDDA DIAS LIMA

Auxiliares:

— CLAUDETTE P. OLIVEIRA ROSA

— MIRIAM SINISCALCO

**O MOVIMENTO  
ACADEMICISTA  
NO BRASIL  
1641-1820/22**

VOL. I — TOMO 2



**CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA  
SÃO PAULO**





4.a CONFERÊNCIA  
DE 4 DE JUNHO

Oração que leu o Padre Francisco Pinheiro Barreto  
na Academia Brasílica dos Esquecidos  
no dia 4 de junho de 1724

Querer persuadir a tão nobre, esclarecido, e douto Congresso a minha insuficiência, é grosseria, que não cabe na esfera do meu agradecimento; porque seria querer infamar de indiscreta a soberania de quem a impulsos da sua generosa Grandeza me quis elevar à eminência inacessível d'êste honradíssimo lugar: ao mesmo tempo que a minha veneração em cortesias oblações, e reverentes obséquios desejo estampar nas lâminas indeléveis da Perpetuidade, os irrefragáveis argumentos da minha gostosa obrigação. Dizer também, que venho a êste glorioso empenho sem susto de desagrado, inda quando me segura do perigo a relevante soberania do Augustíssimo Protetor, é delírio, de que não enfermou inda o meu conhecimento, é leviandade, em que não há de tropeçar a minha modéstia; porque se o falar ainda particularmente é tão arriscado, que confessa uma das sabedorias de Grécia, que nunca se arrependera de haver calado — **nunquam tacuisse me paenituit** — que sustos não traga quem se acha precisado a dizer na presença de um Príncipe, tôda gostosa recomendação para os respeitos, inda quando Benévolo, e venturoso Asilo para as proteções, um Príncipe, em quem sem declaração da vitória contendem juntos os dotes, e atributos, que divididos pelos Príncipes do Mundo, bastavam para os fazer célebres e famosos.

Que receios finalmente não atropelam quem se vê necessitado a discorrer diante dos mesmos sapientíssimos Professôres, e Mestres da Oratória, e Poesia; pelos, em que alternadamente constantes rodam êstes luzidíssimos Planêtas d'êste nosso Céu Acadêmico, mais vistoso, e brilhante com a perene, e abundante affluência de suas erudições e conceitos que o mesmo Firmamento com os incessantes resplendores de seus Planêtas:

Mas deixando o temor, porque já creio,  
que é mais crescida a glória, que o receio;

Me é forçoso satisfazer ao glorioso empenho, em que me pôs êste prezadíssimo lugar: e regulando-me por aquela lei da retórica tão precisa e racionável, que ensina aos Oradores a corta-

rem matéria, para os seus discursos conforme a capacidade do Auditório, eu com não pequena fortuna me hei de aproveitar hoje da que liberalmente me propõe, e oferece êste lustroso Concurso de Discretos, esta Aula venturosa de Sábios, e esta copiosa, e florentíssima Palestra de Engenhos mais ricos, e preciosos pela fineza, e suavidade de seus conceitos, e Poesias, que os do País com a doçura apeteçada dos seus açúcares; e inda que não sou tão sólido, e profundo, como a Rocha; tão claro, e corrente, como o Lima, e inda que se não case, e acomode bem em pau tão tôsko, como é o Pinheiro, tão polida, e bem lavrada Cunha; mostrarei ao menos: que inda, que Pinheiro silvestre, e crescido talvez lá nos Montes da Ignorância, que não sou tão inculto, que deixe de corresponder grato ao benefício; antes sei crescer tanto à sombra do Favor, que me transplantou para êste Parnaso, que me atrevo, e me animo a chegar hoje não com o tronco, que menos grosseiro é o meu empenho; não com as ramas: que é mais estendida a minha obrigação: com os olhos, ou com o Cume? sim: mas aonde hei de chegar? a êsses luminosos Astros? pequeno vôo, para quem tem tão ditosa Estrêla: hei de chegar ao mesmo Sol, quero dizer, aos Generosos Pés do Excelentíssimo Senhor Viso-Rei, Vasco Fernandes César de Meneses, luminoso, e radiante Sol dêste nosso Olimpo Acadêmico, o qual guardando a atividade dos raios para outros hemisférios, que provaram, e temeram mais, que a êles a sua vitoriosa espada, para o nosso reservou sòmente as luzes, e resplendores; mostrando a sua inata, e generosa Brandura, e Afabilidade, que só é Sol para os benefícios; pois não só ilustra, orna; e vivifica com a sua decorosíssima Assistência êste nosso Céu Acadêmico mais, que o Estrelado, refulgente; mas também com a sua gostosa aceitação anima, alenta, e roboras as Eras mais humildes, para procurarem ser, senão Cedros soberanos do Líbano, louros incorruptíveis do Parnaso. Será pois o Assunto glorioso desta minha Oração, expellido em tôsko, mais brevíssimo discurso,

A Glória imortal do Excelentíssimo Senhor Viso-Rei pela erecção desta nossa Academia: por descobrir nela Mina melhor para a Bahia do que são tôdas as do Ouro até agora descobertas.

Se ao Assunto não corresponder o Discurso, desculpa tenho no elevado da Matéria, e sempre me ficará por prêmio da censura, a que me exponho, por não discorrê-lo, como devo, a glória, que tenho de o descobrir tão próprio, tão natural, e tão concernente às obrigações da nossa venturosa Academia.

**Magnum opus aggredior, sed dat mihi Gloria uires.** É o Sol causa de todo o Criado, falo filosoficamente: com Claudiano, o mais culto Poeta da Antigüidade:

... Sol, quidquid ubique gignit Terra Parens, hoc, te donante, Creatur, debeturque tibi...

Não só com as suas luzes, e resplendores doura o Sol o empinado dos Montes, alegre o rasteiro dos Vales, desterra as sombras da Noite, para introduzir a bizarra e formosa jurisdição do Dia; não só anima as Plantas, esmalta de Boninas os Campos, traja de púrpura a Rosa, e veste de cambraia a Açucena, para sair de ponto em branco ao Prado na primeira manhã da Primavera; não só faz crescer as Árvores, enriquecendo-as de fragrantes, e deliciosas Flôres, e lhe sazona docemente os frutos, para saborosa recreação do Outono; mas ainda nesses intrincados bosques por mais, que com a verde, e frondosa laçaria de seus ramos pretendam, porfiadamente opostos aos raios do Sol, quebrar-lhe a presunção da entrada, lá mesmo concorre generoso, para a criação dêsse Mundo irracional de Feras; as quais com a aprazível diversidade de Formas, e vistosa variedade de côres, fazem menos medonha aquela áspera, e confusa habitação: por isso nas Partes, que ficam mais vizinhas aos raios do Sol, como é a África, e também a nossa América, são mais ferozes os Animais, e mais disformes os Monstros — **Monstrorum ferax Africa**. E não contente o Sol com estas repetidas produções, até nas entranhas da Terra exercita a sua ativa, e geral jurisdição. Lá cria o Ouro, e as Pedras preciosas; parece que escondendo da ambição dos Homens êstes preciosíssimos tesouros: só as Pérolas se podem gabar, que não são Filhas do Sol, mas sabem o que custa isso de lágrimas à Aurora; e inda assim, as melhores, se chamam Netas: não podendo negar, que a candura, que lhe grangeia tanta estimação, se participa do luzimento do Sol: e que se não são Filhas, Netas são do seu resplendor.

Até a criação do Homem, sendo a mais perfeita, não pode efetuar-se sem o concurso vigoroso do Sol, como ensinam os Filósofos — **Sol, et Homo generant Hominem**. Donde vem, que os entendimentos, e engenhos dos que nascem em regiões mais ilustradas dos seus ardentes raios, são mais áureos, mais acres, e mais profundos: porisso quando Agostinho, ainda Maniqueu, assombrava a Roma com as suas Dialéticas, e Retóricas, lhe chamaram Monstro de África — **Monstrorum ferax Africa Monstrum dedit Augustinum** — significando-se nesta engenhosa metáfora, que era o entendimento de Agostinho, por raro, monstruoso: assim como na África, em que nascera eram mais, que em outras partes (como acima dissemos) monstruosas as Feras.

Com esta Filosofia natural, e certíssima entendeu o Excelentíssimo Senhor Viso-Rei, que os Engenhos, e Entendimentos do Brasil, (País tão vizinho, exposto aos continuos ardores

do Sol), naturalmente haviam de ser sutis, e fecundos: elevado da natural propensão, que tem às Letras, e aos seus digníssimos Professôres, erigiu com a generosa atividade do seu espírito esta nobilíssima Academia ou para que conhecidos os Talentos com a experiência, os honrasse com afetuosa benevolência; como já o experimentam todos, os que freqüentam estudiosos: imitando gloriosamente nesta como em outras virtudes, ao seu Preclaríssimo, e Digníssimo Sexto Avô o Sereníssimo Senhor Rei Dom João Segundo, (idéia verdadeiramente de Príncipes perfectos, e heróico, e real assunto da presente Academia) o qual tinha por máxima, especialmente de soberanos: como insinuou Marcial ao seu Imperador Domiciano:

**Principis est uirtus maxima nosse suos:**

Conhecer a todos os seus Vassallos, para que não succedesse por falta de lembrança, ficar sem prêmio algum dos seus Beneméritos: ou para que no exercício das Letras, e Ciências (profissão especial desta preclaríssima Palestra) enriquecesse a Bahia com tesouro mais precioso, e mineral mais abundante, do que são os tesouros, e as riquezas das Minas tão celebradas do Ouro. E estamos no empenho da nossa Oração, que deve mostrar, que a Mina, e Tesouro das Ciências é melhor, mais precioso, que o tesouro, e riquezas das Minas materiais do Ouro: e se mostra.

Porque o Ouro se se comunica, gasta-se; e se o escondem, nada aproveita, e é inútil a sua preciosidade — *non entis, et non apparentis idem est iudicium* — como dizem os Juristas: e com razão; porque sendo o comunicar-se constitutivo do Bem — *omne bonum est communicatiuum sui* — como ensina a Filosofia: Bem, que se esconde e não se comunica, não deve chamar-se bem: felicidade, que não aparece, não é felicidade.

Não é assim a Sabedoria: não se gasta, nem se reparte com a comunicação: se não cresce; também se não diminui, quando se comunica: O geroglífico (sic) mais próprio da Sabedoria é a luz, por demonstração da mesma Sabedoria incriada (sic): chamando luz aos mesmos, que destinava para sábios — *uos estis lux* —, e luz, não escondida, mas patente, e com obrigação de comunicar os seus resplendores — *ut luceat omnibus* —. E diminui-se por ventura a luz, quando se comunica? não por certo: reparte, é verdade, o luzimento: mas fica sempre com o mesmo resplendor.

**Quis neget apposito lumen de lumine sumi?  
Mille, licet capiant, deperit inde nihil.**

Não pode negar-se esta conclusão, diz Ovidio; porque a comprova a mesma experiência: acende-se uma tocha, e nesta depois milhares: ficou acaso menos luz na que se comunicou a

tantas? não por certo: o mesmo resplendor, que tinha antes da comunicação, tem, e conserva depois de comunicar-se. E se a Ciência se não diminui, quando se comunica (gastando-se, e diminuindo-se o Ouro com a comunicação) notória fica a vantagem de um, a outro tesouro. E qual será a razão de tanta, e tão superior vantagem? Deu-a a Antonomásia dos sábios — *ininitus enim thesaurus est hominibus* — porque o tesouro da ciência é infinito: e o que é infinito, por mais que se comunique, por mais que se dê a participar, nunca se há de diminuir; nunca se pode acabar; porque não tem, nem pode ter fim o Infinito, como ensina Aristóteles — *Ininitum est id; quod fine caret seu termino.*

O Tesouro das riquezas (é a segunda razão) gasta-se, e diminui-se, porque é caduco, e sujeito a tantos accidentes, que tirando-lhe todo o predicamento, dão a conhecer bem a sua pouca duração? Que de fadigas não custa o adquirir-se: que sustos não padece a sua conservação: a ambição o inquieta; e parece, que de assustado anda o Ouro sempre amarelo. A água se o lava, também o leva: a traça o ajunta, e também o consome a traça: até a ferrugem lhe não perdoa, fazendo-o parecer de menos preço, o que nasceu com os mais subidos quilates: e quando a cautela o esconde e a Avareza o sepulta, chega a tôda a pressa a Morte e toma-lho por perdido: ouvi ao Poeta Filósofo —

*Viuitur ingenio, cetera mortis erunt.*

Por isso encontrando Diógenes (aquêlé filósofo, que passou esta vida rindo) a um destes ricos lá nos seus campos Elísios, e vendo-o tão diferente, do que o vira cá neste Mundo lhe perguntou por mofa, e com grande risada: néscio, de que te serviram as tuas riquezas? ou que fim levaram os teus tesouros —

*constitit atque diti, solito de more cachinno,  
Diogenes inquit: quid tibi diuitiae?*

E responderia sem dúvida, entre lágrimas, e suspiros, este miserável, que o Filho as tinha desperdiçado em flôres: o Herdeiro as consumira em fôlhas, ou em verduras: e o sucessor as tinha gasto em regalos: que este é o fim, que ordinariamente tem este desgraçado tesouro: junta-se de quantas umidades, e vilezas tem a Terra; para depois o gastarem os herdeiros em seus depravadíssimos humores.

Vêde agora quão diferente é o tesouro das Ciências, que estão descobertas nesta preciosa Mina: é verdade, que não custa menos (antes maiores trabalhos, e mais ansiosas fadigas) custa este riquíssimo tesouro; como conheceu bem o Príncipe da Poesia Espanhola —



**Por estas asperezas se camina  
De la Immortalidad al alto asiento**

Passam-se em largas, e ásperas vigílias as noites, e muitas vezes se passam em claro, porque a luz da candeia é a que dá os bons dias ao Estudante; e primeiro o Sol com seus raios lhe registra compadecido a banca, do que lhe apareça a luz da dificuldade, que o embaraça: por isso disseram, que era pouco mimosa a cama da Sabedoria.

**Non iacet in molli ueneranda scientia letho.**

Mas uma vez adquirido êste riquíssimo tesouro, conserva-se sem susto, logra-se com glória; e como é prenda imortal, que acompanha a alma, que é eterna, vive para sempre, ou nos monumentos da Fama, ou nos obeliscos da Memória: disse-o com a sua costumada elegância o engenhoso Horácio —

**Dignum laude uirum Musa uetat mori.**

E o confirma com bastante energia um dos Poetas da Famosa Academia dos Singulares —

**O prêmio lograreis, e a doce glória  
do trabalho que faz clara a memória.**

Acompanha-se de tantas felicidades êste tesouro, que não há no Mundo quem se não enamore da sua preciosidade: os Pequenos o olham com respeito: os Grandes com agrado: os Iguais com emulação: e com inveja os soberanos, e os Monarcas. Assim o deu a entender o Famoso e Grande Carlos Quinto em uma oração laudatória, que se lhe fêz em idioma latino: Vendo, que mais aplausos se davam ao Orador, do que se tributavam à mesma Majestade Cesaréia, então rompendo o silêncio com grande, e sentido suspiro disse: Ah! que bem me dizia meu Mestre (o qual foi depois Pontífice romano com o nome de Adriano Sexto) quando eu desatendia aos seus prudentíssimos documentos: que algum dia eu o sentiria, como o sinto agora: dando assim a entender, que a glória de sábio é mais avultada, que a grandeza de Imperador.

Por isso (Salomão, o homem mais sábio, e mais rico de todo o Mundo) fazendo comparação de um ao outro tesouro, e pensando na balança da sua elevadíssima compreensão, o preço de um, e a preciosidade do outro, resolveu e assentou consigo: que era nada o tesouro das riquezas equiparado com o da Sabedoria — *diuitias nihil esse duxi in comparatione illius*. E com razão; porque as suas pedras preciosas, a sua prata, e o seu ouro nenhuma impressão, nenhum abalo fazem no coração do Sábio. E a razão da Razão é porque o sábio despreza o caduco; e como

se contenta com o preciso, aborrece o supérfluo, de nada necessita, e de ninguém depende o sábio. Ouvi ao Galante, e discreto Gôngora:

Quiero pidirme a mi, que a nadie pido,  
Antes, do que pedir a nadie nada.

Finalmente; a riqueza ordinariamente faz os homens soberbos, malquistos, e os relaxa a todo gênero de vícios, ainda os mais abomináveis — *radix omnium malorum est cupiditas* — disse-o o Doutor das Gentes. A sabedoria pelo contrário faz os homens afáveis, benévolos, benquistos, e virtuosos: porque a verdadeira sabedoria (tesouro mais estimável, que todos os mais tesouros) inclina, e move para o amor, e amizade de Deus — *infinitus enim thesaurus est hominibus, quo qui usi sunt, participes facti sunt amicitiae Dei* — ensinou-o a Sabedoria de Salomão.

Provada pois a diferença, que há de uma a outra mina, e o excesso, que leva o tesouro da sabedoria ao das riquezas: só resta provar, para satisfazer a circunstância principal do meu empenho, que a glória do Excelentíssimo Senhor Viso-Rei no feliz descobrimento desta preciosa Mina é permanente, imortal, e eterna: e se me não engano prova-se com evidência; porque a glória é uma qualidade nobilíssima, que se deduz, e deriva da ação, porque se faz famoso, o que a merece: porisso a glória dos que descobrem o tesouro das riquezas é limitada, caduca, e pouco segura; porque essa é a vil, e grosseira condição do tesouro das riquezas (que descobre a cobiça) donde se deduz, e toma o ser essa glória (como fica provado). A glória porém do Preclaríssimo inventor da nossa Mina é segura, permanente, imortal, e eterna; porque as ciências, de que se forma o nobilíssimo tesouro, que nela descobriu a sua incomparável Generosidade, são seguras, permanentes, e imortais. Diz o Príncipe dos Oradores de Roma — *nihil est per quod Diis immortalibus similemur, quam per ipsum scire* — e o doutíssimo Alano — *scientia in caeleste terrenu, et in immortale caducum conuertit* — donde vieram a dizer que a sabedoria tinha o seu império sobre as estrêlas e com razão; porque o sábio, não só com a sua prudência sabe moderar a Natureza, e a Fortuna, (declinando as suas desordens e desconcertos) mas domina também as mesmas estrêlas; evitando com prudente, e cautelosa moderação a malignidade dos seus influxos — *sapiens dominabitur Astris*.

Gloria-te pois ó Bahia do tesouro, que tens na tua venturosa Mina, sem inveja das do Ouro: porque estas descobriu a ambição; a tua foi descoberta a impulsos da Generosidade: porisso mais nobre, mais excelente, e mais preciosa a tua mina. As

do Ouro — perderam os teus engenhos, com que te tinhas feito célebre no Mundo: na das ciências, que é a tua Mina, já florescem, e hão de florescer, cada vez mais, outros engenhos (que também são teus) mais ricos, mais abundantes e de mais firme, e segura duração. Desta Mina hão de sair os Mestres para as tuas Retóricas, e Políticas; os Catões para os acertos prudentes da tua república; os Oradores para os teus gloriosos empenhos; os Historiadores para as tuas ações, e os Poetas para os teus Elogios.

E enquanto (Excelentíssimo Senhor) a Bahia, obsequiosamente agradecida, prepara, e fabrica gostosa a festival carroça em que se há de conduzir a Augustíssima Estátua de Vossa Excelência ao sagrado, e venerável Templo da Imortalidade, onde lhe tem já destinado magnífico, e suntuoso trono (gratamente alvorçada a mesma sabedoria): enquanto os Oradores, e Historiadores aparam curiosamente as penas, para escreverem, e fazerem públicas ao Mundo: êstes, as gloriosas ações, e aquêles as raras virtudes de Vossa Excelência: e enquanto finalmente os Poetas, alegremente gostosos, temperam as doces, e suaves Liras, para em concertados, e discretos poemas entoarem a imortal glória do seu singular, Augusto, e Excelentíssimo Mecenas: Eu, rendidamente prostrado aos generosos pés de Vossa Excelência, direi sòmente o que de Leão X, Pontífice Máximo, grande honrador das ciências, disse um engenhoso Poeta (admirando o muito, que em Roma, no tempo dêste Grande Prelado, se estimavam as Letras quando no século antecedente haviam só dominado, ou as desordenadas travessuras de Vênus, ou os formidáveis estrondos de Marte).

Olim habuit Cypris sua tempora, tempora Mauors  
Olim habuit; sua nunc tempora Pallas habet.

Conferência de 4 de junho.

Ao Presidente que foi o Reverendo Francisco  
Pinheiro Barreto Vigário de São Pedro.

*Do mesmo Autor*

### EPIGRAMMA

Glauca hederam fulero repentem sustinet alnus  
Sicca hederæ fulero protinus alnus egit.

Non oblita hedera ; impensam sed grata rependit.  
 Proh dolor ingratos quot crepat illa uiros!

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Em obséquio do Presidente o Reverendo Doutor  
 Francisco Pinheiro Barreto

### EPIGRAMMA

Puisque cupis mentem pomis implere sapes,  
 Commede, iassi Pinus poma saporá dedit.

*De Antônio Cardoso da Fonseca.*

Ao mesmo Presidente.

### DÉCIMA JOCO-SÉRIA

Já que êste Pinheiro agudo  
 Sobe às Nuvens mais que o Cedro,  
 Vá o Cedro com São Pedro,  
 que em São Pedro temos tudo:  
 já que o seu feliz estudo  
 o põe no lugar primeiro,  
 Não se jacte outro madeiro  
 de ser eterno, e incorrupto ;  
 que hoje passa êste attributo  
 do Cedro para o Pinheiro.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao Reverendíssimo Vigário, e Sapientíssimo Doutor  
 o Padre Francisco Pinheiro em ocasião em que  
 fêz uma erudita Oração na Academia da Cidade  
 da Bahia.

### SONETO

Ver no ar um Pinheiro entronizado  
 Com tanta majestade, e tanta alteza,  
 é sinal, de que o tinha a Natureza  
 Para ser Rei das plantas decretado.

Assim tinha eu comigo discursado;  
 E o julguei hoje assim com mais firmeza,  
 Depois que, meu senhor, tive a certeza,  
 De o ver em vós unguido, e coroado.

Disse pouco porém, depois de tanta  
 Eloquência, com quanta neste dia  
 O Vosso Engenho a todos se adianta.

E a dizer o que sinto, afirmaria,  
 Seres vos da ciência aquela planta,  
 Que lá no Paraíso florescia.

*Salvador Piza  
 de Carvalho e Albuquerque.*

Em Louvor do Muito Reverendo Presidente Doutor  
 Francisco Pinheiro Barreto

*Por Antônio de Freitas do Amaral.*

### SONETO

Barreto insigne, douto Presidente,  
 vossa Oração nos tem certificado,  
 sois Barreto o melhor do Arcebispado,  
 dêste ilustre Ateneu larol luzente.

Com muita razão pois condignamente,  
 do clavígero Pedro o principado,  
 como filho lograis legitimado,  
 por justiça, e direito competente.

Se tais prendas, Senhor, em grau subido,  
 em vós êste Conclave Soberano,  
 admira; tal lugar vos foi devido:

E já dêle podeis dizer ufano,  
 que ninguém como vós tem merecido,  
 ocupar tal lugar por todo o ano.

Reuerendo admodum Eruditissimo Praesidi  
 Francisco Pinheiro Barreto

### EPIGRAMMA

Diligit en te Sol; cum sis gratissima Pinus  
 Matri almae superum; nam quoque Apollo Deus.  
 Sed si dilectum, fama est, conuerti Adamantem;  
 Vertitur in te Sol, Phoebus et alter ades.

Quid mirum! altisonans, sapiens sis Pinus amata:  
Atissonans Phoebus, lucidus ut, sapiens.

offert

*Franciscus Xauerius de Araújo.*

Praestantissimo Oratori

### DISTICHON

Clauiger, ingenio, et clauis nunc, munere, dictus;  
Imaque nam soli pandis, et alta Poli.

offert

*Franciscus Xauerius de Araújo.*

Doctori Eximio, Reuerendo admodum  
Vicario Diui Petri, nec non huius Academiae  
Praestantissimo Oratori,

### EPIGRAMMA

Clauigera ut Phoebi, quasi Sol, Aurora coruscat,  
Clauiger et Caeli num radiare potest?  
Quis neget? at quis erit? quis? dic: laudabimus  
[ ipsum.

Orator Patriae doctus, et altissonans.

Mira quidem res! non Petro speciale? taceto:  
Me uerum inuenies, cerne supra titulum.

offert

*Franciscus Xauerius de Araújo.*

Ao Eruditíssimo Orador Francisco Pinheiro

### DÉCIMA

Demanda a Apolo Cibele,  
Pinheiro; e diz neste feito:  
Ela, que em Vós tem dircito:  
que sois seu todo, diz Êle.  
Eu (porque no caso aquêle  
Não pareça tão monjolo,  
Que as Letras mal julgou tolo)  
Digo, que nesta contenda  
Seu quinhão Cibele venda,  
Tenha em Vós só posse Apolo.

*De Francisco Xavier de Araújo.*

Eximio Doctori Reuerendo admodum Patri  
Francisco Pinheiro Barreto, Ecclesiae Diui  
Petri Vicario, Nec non huius Academiae  
Praesidi.

### EPIGRAMMA

Dotibus excellis tantis Francisce Mineruae  
Quam nobis istud tam bene monstrat opus.  
Ipsa cupit tecum studium perdiscere Pallas,  
Nam tu Praeceptor solus in orbe manes.  
Siue ergo discat, discat non siue Minerua;  
Inuidiam Diuae hoc omnibus esse patet.

[*Ioannes Machado Barcelos*]

### ALIUD

Absit Aristoles, fugiat Plato, Cicero currat,  
Et cedant omnis Praesidis ingenio.  
Discedat Gallus, sileat Demosthenes atque,  
Omnibus his Praeses doctior iste manet.  
Quidquid enim Auctores, quid docti ac ipsa Minerua  
Edocuit, totum continet istud opus.  
Ergo patet quod Praeses hic doctissimus illis  
Doctior orator, Doctior estque sophus.

Faciebat in oblatum

*Ioannes Machado Barcelos,*  
Artium Magister.

Ao Ilustríssimo Reverendo Vigário o  
Sapientíssimo Presidente  
Francisco Pinheiro Barreto

### DÉCIMAS

Vitor, Vitor tem levado  
hoje o nosso Presidente,  
pois quem em tudo é ciente  
o vitor lhe seja dado;  
doutamente tem mostrado,  
elegâncias nesta hora,  
em tudo com tal melhora  
que já a dizer me submeto



só quem como Vós Barreto  
orou de barrete fora.

Se foi Atis transformado  
em fabuloso pinheiro  
vós em Louro verdadeiro  
de pinheiro sois mudado:  
Dos Deuses foi decretado  
que êsse lá fôsse vertido,  
mas hoje tenho entendido  
que para vos coroar,  
vos quis Apolo mudar,  
no Loureiro mais florido

Calado estive té agora,  
duvidando o que fizesse  
se a vós parabéns vos desse  
se a mim próprio melhor fôra.  
Porém como não desdora  
ao meu gôsto tal ação,  
os parabéns, já vos são  
muitas vêzes por mim dados  
pelos Lustros duplicados  
dessa tão douta oração.

Na oração que descreveis  
com tão doce consonância  
logo pela elegância  
se vê o quanto sabeis!  
Hoje a Homero suspendeis,  
e a Cícero imitais  
com tal arte que mostrais  
ciência dando a entender  
que não podeis vir a ser  
do que sois menos ou mais.

*Francisco Pereira do Lago Barreto.*

Ao Muito Reverendo Senhor Padre e Vigário  
Geral [o Licenciado] Francisco Pinheiro  
Barreto.

#### EPIGRAMMA

Dum tua lingua refert, Ciceronica lingua tacebit;  
Ore fauet Cícero, quando loquendo refers.

Se Pallas, te docta cohors, te fauus Apollo  
Facundum toto clamat in orbe Patrem.

Si Pater, atque sciens es, erit duplicata corona;  
Prima corona Patrio, deinde scientis erit.

[*Manuel Martins da Encarnação*]

Ao mesmo Reverendo Senhor.

## DÉCIMAS

1.<sup>a</sup>

Francisco tão doutamente  
Nesta Academia orastes,  
Que a todos nos enlevastes,  
É absorta está tôda a gente:  
Foi por vós divinamente  
Essa Oração recitada;  
É por ser esta emanada,  
Ou de tal mente nascer,  
Pode de nós mui bem ser  
Oração mental chamada.

2.<sup>a</sup>

Pinheiro, que remontado  
Tão altamente subistes,  
Quem como vós inda vistes  
A tanto ter-se elevado:  
Ninguém esteja admirado  
De que sejais o primeiro  
Que assim subais tão ligeiro;  
Pois vos digo na verdade,  
Que sois na excelsidade  
Pinheiro alto, Pinheiro.

3.<sup>a</sup>

Barreto, tal harmonia,  
Tal frase, tal locução  
Não tenho inda ouvido não  
Nesta douta Academia:  
Com tanta Sabedoria  
Vossas dicções entoastes,  
Que a palma a todos levastes:  
Sois barrete singular,  
Pois em o estilo de orar,  
De barrete fora orastes.

*De Manuel Martins da Encarnação.*

Ao Senhor Reverendo Padre Francisco Pinheiro,  
Digníssimo Presidente.

### SONETO

Vossas obras feitos excelentes  
vos fazem subir tanto, e ser crescido,  
que por flôres por êle estais cingido,  
com capelas de Estrêlas refulgentes.

Nenhum tem dos heróis eminentes  
de tais flôres capelas merecido,  
por não poderem tanto ter subido,  
ou por não serem sempre permanentes.

Vós ó sumo dos Túlios mais perfeitos  
êste immortal laurel cingir pudestes,  
por livre seres dos fatais direitos.

E se são imortais só os celestes  
por serem tão divinos, vossos feitos  
isento sois da conta dos terrestres.

*O Padre Frei Pedro da Estrêla;*  
Religioso de São Francisco.

Ao Senhor Reverendo Padre Francisco Pinheiro,  
Digníssimo Presidente.

### SONETO

As árvores contendem mais subidas  
Digo, a famosa Palma, e o Loureiro,  
Se será por ventura o grã Pinheiro,  
de mais virtudes; ou das mais luzidas?

Resolvo, e digo, sejam já vencidas  
e o que era no número o terceiro,  
a palma leve já, sendo o primeiro,  
e tôdas as demais, fiquem rendidas.

Contendam pois agora os Oradores,  
no brilhar mais galhardos e luzidos,  
se triunfastes são, ou vencedores?

Triunfantes não; pois excedidos  
ficam, do grã Pinheiro nos louvores,  
os que sendo primeiros, são vencidos.

*O Padre Frei Pedro da Estrêla;*  
Religioso de São Francisco.

Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Francisco  
Pinheiro Barreto Vigário de São Pedro  
presidindo na Academia Brasílica

### SONETO

Ó Tu, ó Polifemo o do Pinheiro,  
êste que vês, arrimo é só de Apolo  
sacra coluna de um, e de outro Pólo,  
inda maior que do Parnasso o Outeiro.

Não olhes com aspecto sobranceiro:  
porque o mesmo Netuno, o mesmo Eolo,  
um as águas tributa do Pactolo,  
outro Favônios sopra lisonjeiro.

Cultas Auras, Aplauso reverente,  
a quem só das invejas com desdouro,  
sabe ser douto, sabe ser prudente

Com fôlhas de Esmeralda, pinhas de ouro  
É Báculo de Apolo o Presidente;  
hoje [cede] ao Pinheiro, o mesmo Louro.  
Do Acadêmico Nubiloso.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

Reuerendo admodum Doctori Francisco Pinheiro  
Barreto, in hac praesenti Academia Praesidi  
Emeritissimo

### EPIGRAMMA

Mos erat Ausonidis nitida exornare corona,  
Victa reportantis praemia ab hoste, caput.  
Haec tibi, dum Sapiens tanto ex certamine Uictor  
Palladis euadis, digna corona licet.  
Ex quercu texant alii, Lauroue coronas:  
Conuenit ex pino digna corona tibi.

[*Padre Estêvão Ribeiro Guimarães*]

### ALIUD

Arbor, Aristoteles ait, est Sapientia: credo  
si foret hic, pinum diceret esse tuam.

[*Idem*]

## ALIUD

Laudaris patriis, Latiisque in Versibus: audi.  
Lingua erat haud tantis laudibus una satis.

[*Idem*]

## ALIUD

Accipe quas potuit laudes mea Musa referre;  
Pinus eris, sed enim hae pignus amoris erunt.

*O Padre Estêvão Ribeiro Guimarães.*

Ao Meritíssimo Presidente, o Doutor Francisco  
Pinheiro Barreto, Digníssimo Vigário da  
Matriz de São Pedro.

## OITAVAS

Hoje nasce um Pinheiro na torrente,  
Que da doce Ipocrene se desata,  
E como traz esta fonte grossa enchente  
Vem lavando seus pés águas de prata:  
Já se arranca o Pinheiro da corrente,  
já se planta na sede, e já relata  
Estendendo a copa gravada em ouro  
Que lhe deu de esmeralda Apolo Louro.

Também hoje lhe deu o Espírito Santo  
Nôvo Raio de Luz do nono Côro,  
Pois o faz Serafim, com nôvo canto  
Pelos chaves guardar do seu Tesouro:  
Hoje êste Orador com nôvo espanto  
Faz aos Deuses lhe ter grande decôro,  
Que bem podem dizer em som de guerra  
Toquem tambor, trombetas, trema a terra.

*De Caetano do Lago.*

Auunculo suo

Reuerendo admodum, ac Dignissimo Praesidi  
Diui Petri  
Parochialis Ecclesiae Rectori  
circa orationis thesim.

## EPIGRAMMA

Pro-Rex inuenit, tibi uero aperire tributum est  
ex aequo gazas, me neque fallit amor:

Nam si clauigeri Rector dignissimus extas,  
cui, nisi Rectori, debita clauis erat!

offert

*O Padre Ioseph Lopes de Araújo e Lanos.*  
Vigário da Vitória.

## Ao Presidente

### DÉCIMA

Doutíssimo Presidente,  
não acabo de entender,  
se o que acabais de dizer  
seria, Oração, sòmente:  
A razão é concludente;  
porque se tão breve, e parca  
tantos mistérios abarca,  
do breve, e misterioso  
infiro, mas duvidoso,  
que será breve da marca.

Do Vigário da Vitória.

*[Padre José Lopes de Araújo e Lanos]*

## Ao Presidente

### SONETO

Elegante Orador, no meu conceito  
Avultaram os vossos de tal sorte,  
que é preciso em louvar-vos me reporte,  
porque a alguém não pareça, sou suspeito.

Mas se imortais aos Sábios tendes feito  
quem negará, que livre estais da morte,  
pois por sábio podeis servir de Norte  
a quem quiser no orar ser tão aceito.

Dêsse padrão, que tendes hoje erguido  
por deixar vosso nome eternizado,  
não me admiro Francisco esclarecido:

Que ninguém, quando foste nomeado,  
duvidou ser o assunto mui subido,  
sendo vós, por Pinheiro, levantado.

Do Vigário da Vitória.

*[Padre José Lopes de Araújo e Lanos]*

Ao Eruditíssimo Presidente Francisco Pinheiro  
Barreto

DÉCIMA

Pinheiro a dizer-me ponho  
O que ouvi lá nesse Empíreo:  
Não vos pareça delírio,  
Pôsto que o confesse sonho.  
Foi famoso, não medonho:  
Vi que Jove assim dizia  
A que por vós lhe pedia:  
Ide Mãe dos Deuses alma;  
Vereis no Pinheiro palma,  
Lá mando Apolo à Bahia.

*De Inácio de Araújo Lassos.*

Ao Doutor Presidente

*Por Frei Avertano de Santa Maria.*

DÉCIMA

Quem Pinheiro, vos nomeou  
para Nosso Presidente,  
foi discreto, e andou prudente,  
pois que também acertou:  
mas se a Academia dou  
obras minhas, de outrem não,  
feito o Patolo Jordão  
fôra, se os Céus não mostravam,  
figura de São Cristóvão  
para vos trazer na mão.

Ad Reuerendissimo admodum Doctorem,  
Dominum Franciscum Pinheiro Barreto.

*Luduuicus Canelo de Noronha.  
D.C.Q.*

EPIGRAMMA

Alta arbor, mens alta simul surrexit in altum!  
Altius in Terris nil nisi Pinus adest.



Et mens, atque arbor nomen tibi reddidit altum,  
 Inde huius Pini tu Polyphemus eris.  
 Ergo tuum nomen, Pinus, si sidera ad alta  
 Tollitur, ad superos tolleris ipse simul.

Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Francisco  
 Pinheiro Barreto, Digníssimo Vigário da  
 Matriz de São Pedro, com a circunstância de  
 orar em dia do Espírito Santo.

*De Luís Canelo de Noronha.*

### DÉCIMA

Pedro de Cristo Vigário  
 Todo o mundo iluminou,  
 o Espírito Santo o ilustrou  
 porque assim foi necessário;  
 também hoje um nôvo erário  
 de saber, causando espanto,  
 de Pedro é o Vigário; e tanto  
 ilustra esta Academia,  
 que orar mistério seria  
 dia do Espírito Santo.

Reuerendissimo Doctori Francisco Pinheiro  
 Academiae Praesidi Emeritissimo.

### EPIGRAMMA

Quid Flora ad Pinum gignit marcescit; at istam  
 Ad Pinum quidquid gignit Apollo uiret.

*Antonius de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

Ao Reverendíssimo Padre Vigário de São Pedro o  
 Senhor Doutor Francisco Pinheiro  
 Digníssimo Presidente da Academia.

### SONETO

Perde Apolo de Deus a divindade,  
 E de Admeto se faz Pastor servente:  
 Mas para ser das Musas Presidente  
 Recupera de Deus a potestade.

Vós Apolo fatal da nossa idade  
 Sendo Pastor do Admeto mais potente  
 Presidis hoje as Musas doutamente  
 Possuindo de Deus a dignidade.

Não pôde logo aquêle ser nomeado  
 Para as Musas reger sem que em efeito  
 Não fôsse de Pastor em Deus tornado.

Mas vós sendo Pastor sois de tal jeito,  
 Que sem mudar o ser sois aclamado  
 Por Apolo das Musas mais perfeito.

*De Antônio de Oliveira.*

[Letra diferente]

**Em** louvor do muito Reverendo Padre Vigário o  
 Senhor Doutor Francisco Pinheiro, orando na  
 nossa Academia Brasília.

### SONETO

São (meu Parrocho) (sic) em vós tão verdadeiras  
 as ciências, que pasma a fantasia,  
 se às Palestras saís da Freguesia,  
 e se passais do Púlpito às Cadeiras.

Em Prosa, e verso compreendeis inteiras  
 As profissões de Túlio, e de Talia  
 sendo orador da nossa Academia,  
 e Cisne das Brasíliaas Ribeiras.

Essa vossa Oração fará desdouro  
 a quem no próprio emprêgo companheiro  
 penetrar das ciências o Tesouro,

E fareis, sendo em mérito o primeiro,  
 que sôbre as fôlhas do triunfante Louro  
 prevaleçam as Ramas do Pinheiro.

O Acadêmico Vago

*Sebastião da Rocha Pita.*

Ao Preclaríssimo Senhor Desembargador Luís de  
Siqueira da Gama.

### SONETO

Oraste, ó Gama, e vosso alto Espírito,  
da mesma oração arrebatado,  
pareceu cá da terra, colocado,  
Lá nesse Céu, vosso nome invicto:

Em tudo tão perfeito, e erudito,  
mostraste em breve Mapa, decifrado,  
todo o Nosso Brasil, já povoado,  
do que antes êrmo era infinito.

Que com razão a vossa pena deve  
(por que imortal eternizada fique)  
Louvores dedicar, que a fama leve;

Pois em Vós o Brasil tal dita teve,  
Quanto a vossos louvores se dedique,  
tanto a nosso proveito se descreve.

[*Sem indicação de Autor*]

Conferência de 4 de junho

Primeiro Assunto

Foi o primeiro assunto o Senhor Rei Dom João  
o 2.<sup>o</sup> que se gloriava de conhecer os seus vassallos.

### SONETO

Um grande rei, que em tudo foi portento;  
Para mais exaltar a majestade,  
Descobriu com plausível novidade  
De alta filosofia um raro invento.

Nasce a vontade do conhecimento,  
Com que o amor se excita e persuade;  
Mas em João recíproca a vontade  
Também sabe excitar o entendimento.

Da vontade, com que ama aos seus vassallos,  
O entendimento, que se abrasa em zelos,  
Novos meios procura de obrigá-los

De ambas potências são iguais desvelos.  
 Porque os conhece, tem por gôsto amá-los,  
 Porque os ama, tem glória em conhecê-los.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

O Senhor Rei Dom João o 2.<sup>o</sup> que folgava-se ver  
 os seus vassallos

*De Antônio de Freitas do Amaral.*

### SONETO

João aquêl Monarca excelente,  
 cuja memória, c'o imortal saudade,  
 da Lusa gente conserva a lealdade,  
 e há de conservar eternamente.

Ansioso anelava o ter presente  
 os vassallos, depondo a majestade,  
 no carinho, no amor, na piedade,  
 com que sempre os tratou benignamente.

Publique a fama com voz incessante,  
 que retumbe no centro mais profundo  
 dos abismos, ação tão relevante:

Seja embora no nome Rei segundo,  
 quem primeiro logrou, é voz constante,  
 prerrogativa tal em todo o Mundo.

A grande glória que o Senhor Rei Dom João o 2.<sup>o</sup>  
 de Portugal tinha em conhecer aos seus  
 vassallos

### ROMANCE

João o segundo do nome,  
 e na grandeza o primeiro,  
 que a felice antonomásia  
 tem de Príncipe perfeito  
 Cujá ilustríssima fama  
 enche os espaços imensos,  
 por donde sopram furiosos  
 Coro, Noto, Bóreas, Euro.

De quem o nosso vis-Rei,  
 em genealógicos têrmos  
 por conta exata da prole,  
 fica em grau de quinto Neto:  
 Este pois dos seus vassallos  
 mais do que Rei, seu Pai sendo,  
 teve por glória maior  
 a glória de conhecê-los.  
 Ó providência inaudita  
 oriunda do heróico zêlo  
 do peito mais generoso  
 que admirado têm os tempos!  
 Assim de Numa, e de Tito,  
 e Luís de França o dozeno  
 a glória de Pais da pátria  
 pode ficar em silêncio.  
 Porque êste inclito Monarca,  
 ficou no conhecimento  
 que conhecendo os vassallos,  
 se dispunha a favorecê-los.  
 João enfim, nome tão fausto  
 em o Lusitano Império,  
 como se ouve dos antigos,  
 e como vêem os modernos.  
 No nosso inclito Monarca,  
 do nosso Príncipe excelso,  
 que é da retidão norma,  
 e da perfeição modêlo.  
 Semelhante ao João Segundo,  
 do qual canta tanto plectro,  
 ser êle o Rei mais benigno  
 que houve em todo o universo.

*De Antônio de Freitas do Amaral.*

## Ao Assunto heróico

### SONETO

#### Nomes

Conquistador Afonso foi chamado: .. 1.<sup>o</sup>  
 Sancho, Povoador, bem conhecido: ... 1.<sup>o</sup>  
 Legislador Afonso sempre ouvido: .. 2.<sup>o</sup>  
 Por Magnífico, Sancho, celebrado: .... 2.<sup>o</sup>  
 Restaurador Afonso venerado: ..... 3.<sup>o</sup>  
 1.<sup>o</sup> — Dinis em Justo: Afonso em Bravo tido: 4.<sup>o</sup>  
 Por justicioso Pedro assaz temido: .... 1.<sup>o</sup>

Por Formoso Fernão mui afamado: .. 1.<sup>o</sup>  
 Um João Magno foi, do nome ufano: .. 1.<sup>o</sup>  
 Duarte entre êles todos Eloquentê: .. 1.<sup>o</sup>  
 Afonso o nome teve de Africano: .... 5.<sup>o</sup>  
 Perfeito, só João; por excelente; .... 2.<sup>o</sup>  
 Que um Rei então se faz mais soberano,  
 Quando os seus conhecer o faz contente.

*De Francisco Xavier de Araújo.*

Ao assunto heróico

### SONETO

Sobe ao Trono com geral contento  
 João Segundo, aquêlê Rei perfeito,  
 em cuja vida se não lê defeito,  
 em cuja morte tudo é portento.

Cobram os Lusos generoso alento,  
 porquê a todos o Rei se faz aceito,  
 ama a todos o Rei: mas lá no peito  
 a qualquer dos Vassalos faz assento.

Êste João no Mundo conhecido  
 por Segundo no nome, é o primeiro  
 que deu o prêmio, sem lhe ser pedido:

Porque como no rogo, e por Terceiro  
 o prêmio chega tarde, e já partido,  
 dá-o sem rogo, para o dar inteiro.

*De Francisco Pinheiro Barreto.*

Vigário da Igreja de São Pedro.

A El-Rei Nosso Senhor Dom João o Segundo  
 gloriando-se nos seus vassalos

### DÉCIMA

Nêsta décima me fundo  
 e nela mesmo direi,  
 que foi sem segundo Rei  
 El-Rei Dom João o Segundo;  
 Pois que morto, inda no mundo  
 tal varão, vive lembrado,

seja hoje colocado  
em os bronzes da memória,  
quem deu aos vassallos glória,  
seja dêles gloriado.

*Francisco Pereira do Lago Barreto.*

### Assunto Primeiro

Gloriar-se o Senhor Rei Dom João o Segundo  
de ter conhecimento dos seus vassallos

### SONETO

Atributo Real, grande virtude  
é ter conhecimento dos vassallos,  
o mesmo é conhecê-los, que premiá-los,  
que ao prêmio só, o conhecer alude.

Máximas outro Rei novas estude,  
que êste, só empreendeu saber amá-los,  
não faltando severo em castigá-los;  
sem que no prêmio a retidão se mude.

Pela Lei, pela Grei, ao Povo atento,  
alta Empresa, magnânima Vitória  
adquiriu com tão nôvo, e régio invento.

Ó Rei perfeito de imortal memória!  
Glória fazes de ter conhecimento  
que é o bem dos Vassallos, do Rei Glória.

Do Acadêmico Nubiloso.

*[Caetano de Brito Figueiredo]*

Em louvor do Sereníssimo Rei Dom João o 2.<sup>o</sup> da  
gloriosa memória do grande conhecimento, que  
tinha dos seus vassallos.

### SONETO

Lá nesses Hemisférios tão dourados  
louvar-vos, João, muito pretendia  
em dosséis régios, e cândidos do dia  
de Pérolas, Diamantes engastados.



Os Heróis em vosso peito sublimados,  
sublimes, e afamados escondia  
prêmios, com que premiá-los pretendia,  
entre todos mais altos os agrados.

E se nas influências mais benigno  
se fazia generoso, e mui perfeito  
conhecendo entre todos o mais digno.

Em os efcitos, que fazia tal sujeito,  
e se bem o conhecia Cristalino  
cristalino se achava no seu peito.

Do Padre coadjutor de São Pedro  
[Manuel] *Cerqueira Leal.*

## Ao Primeiro Assunto

### SONÊTO

Preza-se altivo o sucessor famoso  
do quinto Afonso, Rei de imortal glória,  
que quantos grava o pasmo: alma da história,  
Vassallos seus conhece generoso:

Digna atenção a empenho decoroso,  
se a régio impulso prevenção notória,  
o prêmio consignar-lhes na memória,  
antes que estrague ao mérito o queixoso:

Mas nesta ação, que ao peito augusto inflama,  
se ao mérito antecipa o prêmio ardente,  
aplausos lhe destina ardente a fama;

Pois lhe consagra a cultos permanente  
brasões que o pasmo repetido aclama;  
Troféus, que anima o tempo reverente.

*De João Barbosa e Lima.*

### SONÊTO

Por ínclito Monarca não se aclama  
O que aos dignos vassallos desestima;  
E ou seu próprio valor em pouco estima,  
Ou menos caso faz da sua Fama.

Ama a honra quem seus vassallos ama;  
Porque com êles seu poder sublima,  
E sem que a sua glória a inveja oprima  
Marte o laureia da Apolónia rama.

Porisso o Luso Príncipe perfeito  
 Dom João, no nome, em nada mais segundo  
 Não perdia aos vassallos do conceito:

Tinha de os conhecer gôsto profundo  
 E havendo ao justo mérito respeito  
 Fazia o seu maior em todo o Mundo.

Do Acadêmico Infeliz  
*João de Brito e Lima.*

### SONETO

Esse, que ocupa os Céus esclarecidos,  
 E do clarim da Fama os doces brados,  
 Segundo entre os primeiros nomeados  
 E João maior Rei entre os nascidos;

Seus Vassallos no Lete submergidos,  
 Não foram dêle nunca, antes premiados,  
 Fazendo (entre os aplausos dos lembrados)  
 Seus aplausos o Rei nunca esquecidos.

Entendendo discreto se os honrava,  
 A mérito igualando a sua glória,  
 Que mais, que os seus, seu nome eternizava;

E para dar assunto a nova história  
 Quando em sua memória os estampava  
 O estampavam da Fama na memória.

Do Acadêmico Infeliz  
*João de Brito e Lima.*

Ao Senhor Rei Dom João o segundo, que se gloriava  
 de conhecer os seus vassallos. Com alusão ao  
 verso de Virgílio no Livro VI, Aenea. —  
 Solemque suum sua sydera norunt.

### SONETO

Nessa esfera de luzes tão notória,  
 Que já de Atlante aos ombros se susteve,  
 Ao seu Sol, a que a vista não se atreve,  
 Conhecer das estrêlas é vitória.

O segundo João de alta memória,  
A que assaz Portugal lustre não leve,  
Mais que luzes ao Sol a esfera, deve,  
Conhecer seus vassallos tem por glória.

Conhecia-os João, querendo atento  
Premiar seus serviços, porém elas  
Ao Sol conhecem só por seu aumento.

Cedam pois as noturnas sentinelas,  
Porque só êste Real conhecimento  
Deve sempre andar pôsto nas estrêlas.

*De André de Figueiredo Mascarenhas.*

Serenissimo Lusitaniae Regi Domino Ioanni II,  
qui suos cognoscendo magnopere gloriabatur.

### EPIGRAMMA

Nosse suos Regis uirtus est maxima: quidam  
Asseruit quondam, quem bona fama canit.  
Haec quoque te clarum uirtus pretiosa, Ioannes,  
Efficit, et nobis gaudia multa parit.  
Gloria tanta tuos equidem commendat alumnos,  
Noscere quos, latet qua patet orbis, amat.  
Primus es, et tali nulli uirtute secundus;  
Donec nostra tuos corda secundat amor.

*De Ioseph de Matos.*

Ao Sereníssimo Rei de Portugal Dom João II que se  
gloriava de conhecer a seus vassallos.

### DÉCIMAS

Estima El-Rei seus vassallos  
com [enlevos] e amantes zelos  
pois deseja conhecê-los  
para então saber amá-los:  
quer também examiná-los  
nos estragos de seu peito  
para viver satisfeito,  
e mostrar mais claro nisto  
que não pode sem ser visto  
ter amado algum sujeito,

Quem negará que João  
 é um Sol mui radiante  
 que dentro do peito amante  
 tem de fogo um coração:  
 por discurso da razão,  
 assunto da sutileza  
 quer conhecer com certeza  
 como águia perspicaz  
 quem dos filhos é capaz  
 para obrar qualquer emprêsa.

*De José de Matos.*

Ao Sereníssimo Rei Dom João o Segundo de  
 gloriosa memória, que se alegrava, em conhecer  
 os seus vassallos.

*De Luís Canelo de Noronha.*

### SONETO

Alto Rei, soberana Majestade,  
 Nomeado o Segundo, e sem segundo!  
 Quanto abarca êste âmbito rotundo  
 Vós ficou curta esfera a potestade.  
 Seu Amor foi um Rei, Deus na entidade,  
 Cego Rei, Cego Deus foi para o mundo;  
 Vos vendo, vos amando mais profundo  
 A reinar o ensinai, e a ser deidade.  
 O reinar de um e [outro] foi o emprêgo,  
 Mas sendo Amor inquieto no seu bando  
 Vós tivestes c'os vossos o sossêgo;  
 Logo tão diferente em vós é o mando,  
 Quanto vai da ignorância de um Rei cego  
 À vista de um que sabe, e reina amando.

Serenissimo Domino Ioanni Secundo  
 Portugaliae Regi, qui uiros suos cognoscere  
 gloriabatur.

### EPIGRAMMA

Scilicet ut fuluum spectatur in ignibus aurum,  
 Sicque tuos spectas pectoris igne uiros.

Noscitur ecce aurum, ualor est, Rex maxime, noto:  
 Estque tuis notis maxima fama uiris.  
 Gaudeat auro ignis, Rex et laetare, uidebas  
 Munera namque tuis splendidióra uiris.

*Antonius de Oliveira.*  
 [Letra diferente]

Ao muito Alto e Poderoso Senhor Dom João o  
 Segundo Rei de Portugal que se alegrava de  
 conhecer os seus vassallos.

### SONETO

Quando o quarto Planêta Luminoso  
 Nos mais astros conhece os seus fulgores  
 Começando a luzir com resplendores  
 Manifesta que está todo glorioso.

Tal João Rei segundo poderoso  
 Que em seus astros conhece os seus primores  
 Se gloria de ver imitadores  
 De seu régio valor qual Sol famoso.

Alegrai-vos, senhor, perpétuamente  
 Nesses orbes celestes colocado  
 De conhecer a luz da vossa gente;

Porque quando de Eclipse é o Sol turbado  
 Astro nenhum tem luz: mas vós fulgente  
 A todo astro dais luz quando eclipsado.

*De Antônio de Oliveira.*  
 [Letra diferente]

O quanto desejou El-Rei Dom João 2.<sup>o</sup> conhecer os  
 seus vassallos

### SONETO

O segundo João Luso Monarca  
 Teve attributos tais que a numerá-los  
 Bem puderam sem dúvida invejá-los  
 Quantos Reis de Faetonte o giro abarca.

Foi de virtudes excelente Arca,  
 Desejou conhecer os seus vassallos  
 Para punir aos maus, e os bons premiá-los  
 Despachando uns à Fama, outros à Parca.

Quis aos bons porque quis que o mundo desse  
 De seu nome imortal cópia, e rescrito  
 Quando dêles memória não houvesse.

Fêz de tantos no número infinito;  
 Que qualquer seu vassallo precedesse  
 Sempre Leal, sempre forte, e sempre invicto.

*Por Anastácio Ayres de Penhafiel.*

Gloriava-se o Senhor Rei Dom João 2.<sup>o</sup> de ver os  
 seus vassallos, assunto heróico da nossa  
 Academia Brasílica.

## SONETO

Aquêlé a quem mais cultos dá o respeito,  
 o Segundo João de imenso brado  
 pelas vozes da Fama proclamado  
 perfeito Rei, e Príncipe perfeito.

As ações dos Vassallos, e o conceito  
 com ânimo Real, Augusto agrado  
 para os prêmios trazia no cuidado,  
 para as estimações tinha no Peito.

De ver aos Lusitanos se gloriava,  
 e nesta ação a mesma simpatia  
 no Monarca, e Vassallos se apurava.

Mas não sei quem mais glória conseguia  
 se o Rei que como Lince os penetrava,  
 se os Vassallos que como objetos via.

O Acadêmico Vago  
*Sebastião da Rocha Pita.*

## Assunto Primeiro.

O Senhor Rei Dom João 2.<sup>o</sup> que se gloriava de  
conhecer a seus vassallos.

## SONETO

Perfeição foi do Príncipe perfeito  
João Monarca do Império Lusitano,  
Compreender com lume soberano  
A todo o seu vassallo em seu conceito:

Perfeição foi de tão alto respeito,  
Que excedendo a teórica de humano,  
Mais parece do Céu Divino Arcano,  
Que de nativo ser, ou mortal peito;

Porque se na Deidade Altipotente,  
Compreendendo as suas criaturas,  
Reluz a perfeição de omnisciente,

Em João foram patentes conjecturas,  
De que, tendo os vassallos seus na mente,  
Logrou da Divindade altas venturas.

*João Alv'res Soares.*

Domino Ioanni Secundo Portugaliae Regis, qui in  
cognoscendo subditos suos prae omnibus  
gloriabatur.

## EPIGRAMMA

Terris fama refert magnos praenuntia Reges,  
Munera qui laudis, dante cliente, uelint.  
Qui tamen (et merito) cupiant adamare clientes  
In terris raros saecula prisca ferunt.  
Vnicus at tandem fama, et uirtute Ioannes,  
Nosceat qui solus gaudeat orbe suos.  
Hinc reliquos fama superat, uirtuteque Reges,  
Dignus et est celsi scandere ad astra poli.  
Nempe secundus erit tantum cognomine, factis  
Nam magnis primus, credite, semper erit.

[*Emanuel Nunes de Sousa*]

## ALIUD EIDEM

Aurea terra solent Reges ornare, Ioannem  
 Haec praeter merito [gemmeo] sarta decent:  
 Vna ergo reliquos comprehendat, bina Ioannem:  
 Gemmea nan meritis, aurea iure datur.

*Emanuel Nunes de Sousa.*

Ao Senhor Rei Dom João Segundo que se gloriava  
 muito de conhecedor de seus vassallos.

## SONETO

João aquêle Rei magno e perfeito,  
 do Céu à monarquia destinado,  
 nascendo para amante e para amado,  
 foi amado e amante em todo o efeito.

Pulsava o coração no régio peito  
 adonde tanto nome era gravado  
 para todo o talento já inclinado,  
 para os dignos de prêmio, aos prêmios feito.

Os nomes dos vassallos numerava,  
 e os serviços nas graças contraídos,  
 para os prêmios, a todos se obrigava.

Conhecia os serviços recebidos,  
 e os vassallos, de quem se gloriava,  
 para os prêmios lhes dar por merecidos.

*[Sem indicação de Autor]*

Conferência de 4 de junho

Segundo Assunto

Foi o segundo assunto uma Hera sustentando a  
 um álamo sêco.

Uma Hera sustentando a um Álamo ou choupo.

## ROMANCE

Sustentar uma Hera a um choupo  
 parece galantaria,



sendo êste tronco tão grosso,  
e aquela tão delgadinha —

E se não Era infeliz  
dizei-me (que me lastima)  
Não sabeis, que êsses afagos  
são de quem vos martiriza?

Para a vida vos tirar,  
nêle fêz a tirania  
de cada ramo um verdugo,  
da fôlha espada homicida.

Vós tôda em braços com êle,  
qual debaixo, e qual de cima,  
ou é verdura dos anos,  
ou já passar de atrevida.

Mas quero, que isso não seja  
torpe escândalo da vista,  
da culpa, de andares cega,  
quem livrar-vos poderia?

Não abrireis êsses olhos,  
se quer a vossa desdita?  
porque vos não retirais,  
tendo pé para a fugida?

A êsse tôsco madeiro  
cuidais vós, que estais unida,  
sem veres, que nos seus braços  
ficais prêsa, e mais cativa.

Vejo me direis ser êle,  
quem de vós cativo fica;  
pois vos está só servindo  
de arrimo para a subida.

Muito falta de juízo  
mostrais ser por vida minha:  
subi, que no vosso êrro  
caireis dêle algum dia.

Não vereis, que ninguém há,  
que a outros de arrimo sirva,  
que dêles a tripa [fôrra]  
não se sustente, e se vista?

Isso, em que tanto empregais  
todo o cuidado e fadiga,  
não é, não, buscar encostos  
é por espeques a vida.

Que frutos esperais colhêr  
de árvore, que é tão mesquinha,  
que o dá-lo, prodígio grande,  
raro milagre seria?

Que prometer pode um tronco  
tão falto de fidalguia,  
que nem ação tem de brio  
nem sangue nas veias cria?

Se o ser a Baco sagrada,  
Para a Copa vos incita,  
Na do chapéu dêsse Deus  
Sereis mais bem recebido.

Olhai que de choupo a chupo  
vai pouco: e ninguém duvida,  
que êle vos chupe a sustância,  
e vós fiqueis murchazinha.

*Salvador Pizza  
de Carvalho e Albuquerque.*

Uma hera enlaçada a um Álamo sêco.

*Por Antônio de Freitas do Amaral.*

### SONETO

Hera infeliz te julgo e desgraçada,  
quando unida te vejo a êsse madeiro,  
pois apressas o teu fim derradeiro,  
ao compasso que estás mais enlaçada.

Não estavas mais bem acompanhada,  
se buscasses o abrigo de um pinheiro,  
porque tendo tão nobre companheiro,  
das mais heras serias invejada.

Se pois queres que teus braços floridos,  
glória sejam do mais ameno prado,  
toma exemplo dos meus, quando oprimidos;

Que nas plantas de um César sublimado,  
mais que os Cedros do Libano subidos,  
asilo acham, favor, amparo, e agrado.

Ao Álamo sêco que a Hera tinha abraçado

### DÉCIMA

Dizem que a Hera, secou  
ao Álamo que ali abraça,  
mas é falso que em desgraça  
da Hera se levantou.

E quem o certificou  
 não o faria se soubera,  
 que o Álamo em sua esfera  
 está sêco como o vêem,  
 não porque a Hera em si tem,  
 mas sim porque não tem era.

*Antônio de Freitas do Amaral.*

Uma Hera enlaçada a um álamo sêco.

*Por Antônio de Freitas de Amaral.*

### DÉCIMAS

Queixa-se um Álamo sêco,  
 da Senhora Hera verdosa,  
 que sendo ela mui frondosa,  
 êle um tronco velho, e pêco:  
 lhe armou tão forte embeleco,  
 tal geringonça, e tais laços,  
 que caindo nos seus braços,  
 em grande apêrto o tem pôsto,  
 e vive em puro desgôsto,  
 metido em mil embaraços,

Que por sua muita idade,  
 já não é para folguedos,  
 nem já para tais enredos,  
 se vê com capacidade;  
 sendo assim é de eqüidade,  
 e muito pôsto em razão,  
 que pena de excomunhão,  
 tal Hera mais o não busque,  
 e o deixe descansar usque,  
 venha El-Rei Dom Sebastião.

**Ao assunto lírico.**

### SONETO

Ontem era neste bosque agigantado  
 Polifemo das Plantas na grandeza,  
 com que tão liberal a natura  
 me fêz entre as mais plantas levantado:

Porém hoje me vejo tão mudado  
daquela minha tão antiga alteza,  
que do que ontem fui hoje me pesa  
por ver-me agora neste triste estado:

Era Álamo, e não sou quem dantes era,  
que a Hera me tem pôsto desta sorte;  
não fôra tal se a Parca não quisera.

Porém se o fio corta a Irmão forte  
que a outra Irmã também cruel tecera;  
que remédio senão sofrer a morte?

Do Licenciado

*João Machado Barcelos.*

Ao assunto lírico.

### SONETO

Do rigoroso inverno combatido  
jaz o Álamo triste, e desfolhado,  
que a um pobre a quem persegue o fado  
a desnudez lhe serve de vestido.

A verde gala que o Abril florido  
para ornato gentil lhe havia dado,  
de pura inveja o vento lhe há levado,  
só pelo ver no Vale bem nascido.

Neste estrago fatal da sorte dura,  
o remédio, com peito generoso,  
a tanto mal a Hera lhe segura.

Abraça-se c'ò tronco lastimoso;  
ficam ambos coa mesma compostura,  
formosa a Hera, o Álamo pomposo

*De Francisco Pinheiro Barreto*

Vigário da Igreja de São Pedro.

Ao álamo sustentado da hera.

### DÉCIMAS

1.<sup>a</sup>

Senhores, que hei de dizer  
Dêste Académico assunto,  
Não tendo cabedal junto

Para nêle despender:  
 De álamo, e hera hão de ser  
 Os meus versinhos? Eu creio;  
 Porém que digo, receio  
 Que isto seja ficção mera;  
 Porque o álamo coa hera  
 Não é mais que um mero enleio.

2.<sup>a</sup>

Uma hera mui frondosa  
 Um, sêco álamo cobria,  
 E quem para árvore via  
 A supunha estar viçosa:  
 Boa hera, aparatosa  
 Devia de ela ser muito  
 Mas a que nisto labuto?  
 Senhores dai-me perdão,  
 Que álamos lucros não dão  
 E de heras não colho fruto.

*De Manuel Muniz da Encarnação.*

## Assunto Segundo

Uma hera sustentando a um álamo sêco

### SONETO

Não vês ó Lélío, a trepadora hera  
 a um Álamo sêco sustentando,  
 como o abraça mais amor mostrando,  
 que a ser possível, o reverdecera.

Não vês a pompa, que na Primavera  
 brancas, e verdes fôlhas tremulando,  
 era do prado a gala, já deixando  
 o adôrno, não é o que ontem era.

Caduco tronco ao precipício inclina  
 mas na era enlaçado, já descança,  
 e não chega a cair, quando declina.

Tanto pode a união, tanto a aliança  
 que a hera, que à firmeza causa ruína,  
 pode ser, na ruína, segurança.

Do Acadêmico Nubiloso.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

## Al segundo

## ROMANCE

Árbol seco, y tronco inútil  
que estrago del tiempo hoy eres;  
yo te vi ayer de Alcides  
sagradas honrar las sienes;  
Ayer frondoso del campo  
obelisco fuiste verde;  
hoy caduco, al edificio  
desmoronado pareces;

De la campaña galán  
ayer namoraste alegre  
amorosas cuantas a ves  
te procuraron alvergue;

Hoy empero, que de ramas  
Pobre esqueleto no tienes  
Las ufanias de hermoso,  
Las excelencias de fuerte;

Sin duda, que caducaras,  
Si olmo inútil estuvieses  
Desvanecido en tí solo,  
De otro brazo independiente:

Pero dispuso el destino  
que frondosa esa vid siempre,  
te abrazase cariñosa,  
y a tu rúina impiediese:

Gigante hasta aquí de ramas,  
si sustentaste valiente  
esa vid tã trepadora,  
q' al cielo quiso oponerse;

Con razón temo, castigo  
que esta tu desdicha fuesse;  
pues atrevido ayudaste  
del cielo escalar los exes:

Dirás, que amante al delito  
diste favor imprudente;  
y sino libras de culpa,  
disculpa no desmereces:

Emprendió la Hiedra el mal,  
tú sustentarla pretendes;  
ella no paga lo, que hace,  
y tú pagas lo, que debes;

El amor te hizo atrevido,  
 Olmo, disculpado sientes;  
 Si por amor delinquiste,  
 Dichosamente padeces:  
 Feliz tú, que seco lloras,  
 feliz tú que árido pierdes  
 La pompa, y la gallardía  
 de tus ramas excelentes;  
 Tus ramas pierdes, tus hojas;  
 pero es bien, olmo, te acuerdes,  
 que desa (sic) pérdida en frutos,  
 opimos ganas más bienes:  
 Pierdes seco, una esperanza,  
 una posesión mereces  
 árido; diceme ahora  
 ¿ cuál más de las dos prefieres?  
 Hasta aquí de hojas galán,  
 en maridases corteses  
 fuiste de tu Hiedra arrimo;  
 ella a tí, hoy te sostiene;  
 Tu paso a su libertad  
 diste; la Hiedra con redes,  
 dulces lazos de esmeraldas  
 fabrica para prenderte;  
 Sólo tú en la desdicha  
 dichoso fuiste dos veces;  
 feliz por lo que te culpa,  
 más feliz por quien te prende.

Do ocupado.

[*Luís de Siqueira da Gama*]

**Ao Álamo sêco com a Hera verde enleado.**

### SONETO

Fôstes, Álamo, régio, sublimado  
 na pompa galhardo, e desvanecido  
 o teu brio cobrado está já caído,  
 das esperanças vãs és já deixado.  
 Pobre sem gala verde tão coitado  
 que de ti se tem já compadecido,  
 por te ver na Ribeira bem nascido  
 a famosa Hera, que te vê mirrado.  
 Contigo da sua gala reverente  
 briosa tem repartido, e é certo  
 ficarás dessa nudez mais decente.

Quem te viu, te vê hoje, por objeto  
qual essa Dama briosa, e diligente  
igual como Hera te tem coberto.

Do Padre coadjutor de São Pedro  
[Manuel] Cerqueira Leal.

## Ao segundo assunto

### SONETO

Esta que vês, ó Fábio, Hercúlea planta  
destrôço infausto ser do tempo esquivo,  
ontem do bosque foi gigante altivo,  
que ao prado assusta, que à Alameda espanta:

Vês aquela Hera, o como se levanta,  
a dar-lhe abraços com verdor lascivo?  
pois ela a tanto estrago deu motivo,  
porque ela a causa foi de ruína tanta;

No afago encontra aquêle a sepultura,  
pois dêste, sem que advirta o louco engano,  
geme oprimido ao pêso da loucura:

Não fies, Fábio, do deleite humano,  
que enfim te ensina o pouco que êste dura  
no exemplo dêste [trança] desengano.

*De João de Barbosa e Lima.*

## Ao mesmo assunto

### SONETO BURLESCO

Desfeito estava em pó como tabaco,  
ao canto de uma ermida, em certo bêco,  
um pau, que foi de Alcides embelêco  
segundo informações de certo caco.

Eis uma que hera muito aceita a Baco  
salta que a trepa, e diz; só badameco  
já que você comigo está tão sêco,  
saiba que hei de prendê-lo por velhaco.

Disse: e sem mais nem mais, feito um trabuco,  
os ossos lhe apertou com tal discoco,  
que ao pobre deixa um serolicotico:

Êle, que assim se viu, triste e caduco  
lhe disse: prêso, estou; mas do que toco  
que a foice há de vingar-me certo fico.

*De João de Barbosa e Lima.*



## SILVA JOCO-SÉRIA

Temos um grande assunto neste dia,  
dado pela famosa Academia,  
para que possam do Parnaso os Vates  
dizer quatro discretos disparates.  
É pois, que uma Senhora, que se chama  
Dona hera, frondosa, ou Dona rama  
de um Álamo sustenta sêco, e bronco  
Já sem vida, e sem alma, o duro tronco.  
Sem alma disse! vejam, que parvoice;  
alguns dirão, que no que disse, disse.  
Pois saibam (se reparo isso motiva)  
que os troncos alma têm vegetativa.  
Liberal esta Dama me parece,  
pois a tanta despesa se oferece,  
sustentando um galã (quem tal dissera),  
se achasse esta piedade nesta hera.  
Sem dúvida será por nova, e estranha  
de — Maria — castanha;  
ou será (como dizem meus vizinhos)  
(senão dos Bastiões) dos Aíonsinhos.  
Porém pelo que vejo (ó Musa amada)  
esta hera é sem dúvida a douvada,  
em que há mulher tão nobre  
que a carregar se atreve um homem pobre;  
e fôra de admirar menor motivo  
se esta senhora o carregasse vivo,  
mas deixam pasmado, mudo, e absorto  
se exponha a carregá-lo sendo morto.  
Donde sem esperança  
do seu trabalho, nenhum prêmio alcauça.  
Porque a que de mais fina se exagera  
nada a ambição lhes farta, sempre espera.  
Desejando ao que é mais favorecido  
fazer dêle um retrato de Cupido,  
não só em pô-lo nu, mas com refolhos  
(por mais se assemelhar) lhe tira os olhos.  
Foram senhora hera os seus abraços  
dêste Álamo infeliz, os mortais laços  
Apertando-o de sorte,  
que néles vejo a ter a sua morte.  
Vejam lá, que amoroso, e doce trato,  
parece-me êste seu amor de gato,  
que quando amantes gostos solicita  
posta a gata de gatas, mia, e grita

mais que é amor da víbora dissera,  
que ao varão deixa morto, quando gera  
porém com menos queixa  
que se a vida lhes tira, os bens lhes deixa.  
Mas você minha Dona sem consciência  
pôs ao tronco no estado da inocência,  
e qual se fôra consumido em chamas,  
sem fôlhas o deixou, sem ramas,  
disfarçando seus ásperos rigores  
com querê-lo cobrir dos seus verdores,  
imitando a justiça neste trato  
dando aos que mata uma [álcea] de barato.  
Não sendo novidade  
que uma mulher encubra uma maldade,  
e sem que isto lhe cause alguns pesares  
anda posta você por êsses ares,  
mostrando a quem a vê tão levantada  
que foi sempre mulher mui pendurada,  
tendo seus pensamentos  
sua estabilidade sôbre os ventos,  
e a trôco de cobrir, não fêz reparo  
custasse ao pobre Álamo tão caro;  
de donde se presume  
tomou de alguns, que sobem o costume,  
fazendo para isso (quando nada)  
das ruínas dos mais a sua escada.  
Olhe que causou sempre ao mundo espanto,  
quem é tão baixa coisa, subir tanto.  
Conheça-se, que é erva mui rasteira  
para querer subir desta maneira:  
que nem para chegar a mor altura  
sempre os filhos das ervas têm ventura:  
contente-se Senhora Dona Hera  
em não passar da sua humilde esfera  
sob pena de saber em tempo breve  
a terra em que nasceu, que troncos teve.  
E se dêste conselho meu se arreda  
Como a de qualquer santo, tema a queda,  
que se em seus dias caem, você se guarde  
que há de ter o seu dia cedo ou tarde;  
e tenha por infausto, e certo indício,  
que é pena do subir, o precipício.  
Senão por estas barbas lhe prometo,  
que aos impulsos do Bóreas inquieto,  
fazendo-lhe de sopros dura guerra,  
com o tronco, e com ela dê por terra;

e qual Sansão na mísera caída  
o mesmo a quem matou, lhe tire a vida,  
dizendo, quem a vir com pena fera,  
dêste Álamo acabou a sua era.

Do Acadêmico Infeliz

*João de Brito e Lima.*

### MOTE

Tronco despido de ramas  
Eu me lembro, que te vi  
Verde abanico de flôres  
Frandosa gala de Abril.

### GLOSA

Se mimo da Primavera  
Álamo fôste florido,  
hoje da pompa despido  
te cobres de inútil hera.  
Foi tua sorte severa  
Sentindo de Febo as chamas  
Com que teu verdor inflamas,  
ficando em tão triste fado  
para lástima do prado  
tronco despido de ramas.

Da gala destituído  
rodarás na verde espalda,  
se com laços de esmeralda  
te não viras suspenso.  
Dos rigores consumido  
dêsse celeste rubi  
sem pompa te vês aqui,  
quando (dando assunto à trompa  
da Fama) com tanta pompa  
eu me lembro que te vi.

Tempo sei eu por ventura,  
que com florido aparato,  
escusavas para ornato  
essa oferta de verdura.  
Matizada a formosura  
de odoríferos primores,  
entre os Álamos melhores  
fôste, na terrestre esfera  
para ornar a Primavera,  
Verde abanico de flôres.

Quem dissera Álamo agora,  
 que em teus floridos raminhos  
 deram salva os passarinhos  
 aos crepúsculos da Aurora.  
 Hoje és desprêzo de Flora  
 padecendo injúrias mil,  
 se já foste por gentil  
 dossel do Déléfico raio,  
 alegre pompa de Maio,  
 frondosa gala de Abril.

Do Acadêmico Infeliz  
*João de Brito e Lima.*

## ROMANCE JOCO-SÉRIO

Senhor Álamo que é isto?  
 Quem o pôs desta maneira?  
 quede (sic) o seu valor antigo?  
 donde está a sua soberba?  
 Você carece de arrimos!  
 Você já pôsto em muletas?  
 Quem o vê, que há de julgar  
 Senão, que há dado em pobreza!  
 Da jurisdição do coxo  
 nenhuma coisa se isenta,  
 tudo acaba, tudo prostra,  
 tenha santa paciência.  
 Não se fie nos favores  
 da Senhora Dona Hera,  
 porque não é mui segura  
 mulher, que salta, e que trepa.  
 Quando o tiver mais em braços  
 há de dar com êle em terra,  
 que geralmente de tôdas  
 os carinhos, são ofensas.  
 Demais, se tão pobre está,  
 que espera, que lhe suceda  
 sendo coisa abominável  
 para todos, a pobreza.  
 Quem diria Álamo amigo,  
 que é, e foi, com glória, e pena  
 ontem gigante dos bosques,  
 hoje cadáver das selvas.

Perdidas as esperanças  
já não é quem de antes era,  
[verde] a posição dos raios  
dêsse Diáfano Planêta!  
Já não serve a sua copa  
tão frondosa, como amena  
(na república das flôres)  
de dossel da Primavera.  
Todo o seu mal foi ser grande;  
porque na maior grandeza  
é mais certo o precipício,  
é a ruína mais certa.  
Esse portátil penhasco,  
(que é símbolo da prudência)  
se uma vez chega a cair,  
a levantar-se não chega.  
Bem sei dirá que porisso  
outras árvores pequenas  
hoje elevados seus ramos  
tocam nos raios etéreos.  
De pouco Álamo se espanta,  
o mundo emendar não queira  
deixe-o governar, quem tudo  
tão altamente governa.  
Sinta os seus pesares só,  
não inveje a sorte alheia,  
e morta (como alguns dizem)  
com seus póleos lá se avenha.  
Essa pena, que o maltrata  
(por não dizer essa inveja)  
disfarce, porque nos grandes  
mais essa falta se enxerga.  
Senhor Álamo não cuide  
que é só você quem tem queixas,  
pois de outros troncos maiores  
não há memórias pequenas.  
E se tem hera o seu tronco,  
e tanto o cair lhe pesa,  
entenda, que outros caíram  
sem ter por antigos, era.  
Porém neste mundo vário  
que hão de ter todos, conheça  
troncos pequenos, e grandes  
a mesma infausta tragédia.  
Inda neste desamparo  
(em que seus males lamenta)

tem quem o carregue às costas,  
 tem você quem o sustenha.  
 Achou quem lhe desse a mão,  
 que outros têm na sorte adversa  
 quem sem, que a mão queira dar-lhe  
 dar-lhe demão melhor queira.

Do Acadêmico Infeliz  
*João de Brito e Lima.*

Cuidam hederæ siccam ulmum sustinenti.

### EPIGRAMMA

More tibi politos passus dimitte Gigantum,  
 Tantisperque tuum siste, uiator, iter.  
 Aspice quo nexu fulcimen in arbore firmum  
 Sicca maritata, ne cadat, ulmus habet.  
 Sic equidem debet praeteris haerere marito,  
 Cum iacet infirmus; femina firma suo.

*De Ioseph de Matos.*

A uma hera sustentando um álamo sêco.

### DÉCIMA

Ó quem fôra tão ditoso  
 que nesses braços morrera  
 porque só assim conhecera,  
 na terra o ser venturoso.  
 Só vós álamo glorioso  
 alcançais ditosa sorte,  
 pois tendes quem vos conforte,  
 (coisa rara e nunca ouvida!)  
 e alente a vossa vida,  
 quando estais pôsto na morte.

[*José de Matos*]

## Ao mesmo assunto

outra décima com diverso sentido.

Estando tal hera unida  
tanto o seu olmo apertou,  
que sêco logo deixou  
naqueles braços a vida.  
Assim é a dama querida  
que com desdém singular  
vai sòmente a chupar  
a seu amante tão pêco  
que fica pôsto em sêco  
depois que não tem que dar.

*De José de Matos.*

## A uma Hera enlaçada em um Álamo, ou Choupo sêco

*De Luís Canelo de Noronha.*

## SONETO JOCO-SÉRIO

Vá de jôgo: uma Hera erva de chapa  
Joga c'o um choupo quando nêle trepa,  
Eis que o choupo é levado da carepa,  
Porque a Hera o verdor lhe ganha a rapa.

Trunfa o choupo c'o Basto, e não escapa,  
Porque a Hera coa sota lho decepa;  
Muito mal vai ao choupo, pois se estrepa  
Ou no Rapa ou no Trunfo, e perde a capa.

Sempre a Hera em o ganho se antecipa,  
para o choupo em ser sêco, a Hera topa,  
E ganhou a substância, que lhe chupa;

Mandam vir, e beberam bem da pipa  
consoantes, que vêm tôdas de tropa  
Em Apa — Epa — Ipa — Opa — Upa.

Sustenta uma Hera significada em Baco a um Álamo  
sêco significado em Hércules aos quais são  
consagrados.

### SONETO

Nasce Baco de fôrças despojado  
E a Hércules se arrima que é valente  
Para participar da fôrça ingente  
Do magnânimo Herói mais esforçado.  
De Hércules já cresceu Baco amparado,  
E um abraço lhe dá tão fortemente,  
que lhe sufoca as fôrças de repente,  
Mas conserva-o nos braços sustentado.  
Caso raro, prodígio nunca ouvido,  
que um bêbado sustenha um valeroso  
(Sem titubear) nos braços sempre erguido!  
Mas de lembrança é caso prodigioso;  
Porque aquêle que fôr agradecido  
Será que Hércules inda mais forçoso. (\*)

*De Antônio de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

A uma Hera sustentando um Álamo sêco.

### SILVA JOCOSA

Jamais vi em meus dias o Parnaso  
Tão espúrio, e tão raso  
Que sustentando-se dêle a Primavera  
Deixa agora de ser quem dantes era;  
Pois o vejo aqui feito hoje um Buçaco  
De austeros ermitões cova, ou buraco  
Donde em lugar da Ambrosia, e outras  
[conservas  
Não se fundam as Muças mais que em ervas  
Mas deixá-las que Apolo convidou-as  
Para efeito de serem ermitoas  
com cuja vocação largando o carro  
Deixa as barbas crescer para Masmarro.

(\*) Verso corrigido de: "Será inda Alcides mais forçoso."



Isto é o que vejo, mas contudo,  
 Para que elas não cuidem que eu sou mudo  
 Para o monte me chego, e lhes pergunto:  
 Quem a tal novidade deu o assunto?  
 Esta, responde Clio, que de verde  
 vês ornada, e trepando essa parede  
 Para abraçar a um velho ambiciosa  
 Em quem sempre a inconstância foi forçosa.

Pois, senhora lhe digo; esta não era  
 Noutro tempo, e outra hera  
 A Baco consagrada,  
 Das adegas, e odres venerada  
 Pois nunca fêz ao vinho  
 Cara, tromba, carranca, ou mau focinho.  
 Como agora sem ter já quem lho impeça  
 Por qualquer muro [atrepa] tão travêssa  
 Sendo o seu trono, e o seu lugar primeiro?  
 Nas paredes, e umbrais de um taverneiro?  
 Mas já o sei, não mo diga, porque o caso  
 É notório ao Parnaso,  
 E suspensas as Musas  
 Com esta novidade estão confusas  
 De ver que o álamo podre, velho, e sêco,  
 Inda intente mostrar que não é pêco  
 Pois direito se estriba  
 Sem mostrar aleijão, cacunda ou giba  
 Na hera que o sustenta  
 E com êle hoje aqui casar-se intenta.  
 Para dar a entender com bom conselho  
 Que com hera, inda é môço, e não é velho.

Vista pois a ambição com que se [atrepa]  
 A limpar a carepa  
 Ao velho rabugento,  
 Julgo logo que temos casamento,  
 Onde aqui para as bodas  
 Do Parnaso convido as Musas tôdas.

Será a madrinha, Clio,  
 Pois que mãe de Himeneu dela confio  
 Se lhe é obedientinho  
 Que o convide também para padrinho.

Dê-lhe ordem aos pregões, sem tardança  
 A recebam debaixo de fiança  
 Porque temo conforme conjecturo  
 Que embaraçada fique de algum muro.

Tudo mais julgo ser desnecessário  
 Pois para os receber temos vigário  
 Tão sublime, e eminente  
 Que está feito das Musas Presidente,  
 E por ficar às nuvens sobranceiro  
 Veio a ser do Parnaso alto Pinheiro.

Mas quem há que ver possa  
 Encostar-se hoje um velho a uma môça  
 Que não diga dos dois coo (sic) menoscabo  
 Que êste é dos casamentos do diabo?

Recebidos enfim, ou já casados  
 Ou bem, ou mal logrados,  
 Pedem vênia à Senhora Academia  
 Porque querem fazer certa folia  
 Que fomenta o Deus Pan com mil primores  
 Por ser Pai das Zagalas, e Pastôres.

Entra Baco na dança coa borracha  
 Por mostrar que aos freguêses não se agacha;  
 Dois Sátiros, dois Faunos, dois Centauros  
 Vêm à festa, e também dois Minotauros  
 Para dar a entender com ruins agouros  
 Que na festa há cavalos, e que há touros.

Tamboril, da borracha Baco forma,  
 E já de um refestêlo segue a forma,  
 Onde por não mostrar que o vinho zela  
 Faz também da borracha charamela.

Leva a flauta o Deus Pan, que posta à bôca  
 Com tal destreza a toca  
 Que se [Siringud] hoje aqui se achara  
 Dissera que das canas lha furtara.

Lá vêm dois Semi-cáprios pegureiros  
 Repicando os pandeiros,  
 Todos lhe fazem abra  
 Porque toquem pandeiro e pé-de-cabra  
 Instrumentos que tocam nos cobangos  
 Bambambuilas, Angolas, e Loangos.

Dois macacos, dois monos, dois bugios  
 Dois ternos de assobios,  
 De cigarras mais outro  
 Toca êste, aquêle, e aqueloutro  
 De sorte que o sussurro, o som, o eco  
 As entranhas penetram do pau sêco  
 De quem incontinente

Sai em bandos, e em chusmas (ria a gente)  
 De motucas que os deixam hediondos  
 Mais de mil, e outros tantos maribondos  
 De que estava tão cheio como um odre  
 O nosso noivo velho Álamo podre.

Sai por fim desta obra  
 Por entre os pés da noiva uma cobra  
 Que num bote os alcança  
 Tão ligeira que enfim, lá vai a dança;  
 Pois debaixo da hera em prado ameno  
 Ocultou sempre a cobra o seu veneno.  
 E, eu por não ser mordido  
 Já da hera me dou por despedido,  
 A razão clara fica;  
 Pois se a Silva é tão franca, e me não pica  
 Discorrendo eu por ela,  
 Que motivo haveria, ó Musa bela  
 Para que a astuta cobra me infestasse  
 Se eu jamais plantei Silva que picasse.

Sêca já de Aganipe a clara fonte  
 Deixo a Silva ao Parnaso, e trepo o Monte  
 Em que canto, e em que adoro,  
 Melhor Musa que Clío; em melhor côro  
 Onde não há quem tenha  
 Entre tanto Museu a voz roufenha  
 Para louvar de um a outro Pólo  
 Não ao Apolo Deus, ao Deus de Apolo.

*Por Anastácio Ayres de Penhafiel.*

## o segundo assunto

### QUINTILHAS

Senhores se pode entrar  
 a ouvir tantas maravilhas  
 um cego; dai-lhe lugar.  
 Aqui vos vem a ofertar  
 como cego estas quintilhas.

Não devem causar espanto  
 estas já caducas minguas  
 que em dia do Espírito Santo  
 entre tantas várias linguas  
 tem lugar diverso canto.

Era uma vez uma Hera  
a um Álamo pegada,  
eu não sei se amante era,  
mas sim que estava abraçada:  
não diz a história em que Era.

O Álamo desta escolha,  
entre finezas, e Amôres  
com requebros se desfolha;  
se entrega fôlha, a fôlha,  
porque nunca teve flôres.

Quem dissera que o mudável  
teria tal segurança?  
Quem da era, o firme e estável?  
e que fôsse perdurável  
a ruína, e a mudança?

O Álamo se secou  
de velho, ou por dar-lhe o pêco,  
a Hera não se apartou,  
mas vendo o Álamo sêco,  
mais com êle se apertou.

A Hera ia [atrepando]  
quanto o Álamo caindo,  
e assim ficaram: quando  
era ido São Fernando,  
E por Antão era vindo.

Alguns como coisa estranha  
dizem, que isto sucedera,  
quando de Alari castanha  
era esta Hera era.  
Jesus que coisa tamanha!

Outros com mais fundamento  
A César dão o louvor;  
e provam o argumento,  
que é de arrimo, e de sustento,  
a Era dêste Senhor.

Dizem: e dizem verdade;  
que temos nêle um Tesouro  
de Justiça e Caridade.  
Estamos na Era de Ouro,  
que o mesmo é era, que idade.

Eu nunca fui Escolar  
Não me posso meter nisto;

mas não cesso de rogar,  
Deus o queira conservar  
a Era de Jesus Cristo.

Tenho acabado: se alguém  
houver que melhor o faça?  
que o faça muito em bem.  
Deus nos dê da sua graça  
por sempre jamais Amém.

*De Eusébio Peixoto.*

[Assinatura com letra diferente]

A uma Hera sustentando a um Álamo sêco, assunto  
lírico da nossa Academia Brasílica.

### SONÉTO

Amorosa prisão que o Monte enleias,  
e com laços gentis, fôlhas benignas  
em bela confusão cobres ruínas,  
em verde pompa estragos lisonjeias.

Erguer a um tronco sêco não receias,  
e dar-lhe vida nova determinas  
aplicando-lhe em fôrças peregrinas  
no brando suco o líquido das veias.

Logrado herôicamente o teu intento,  
livre o tronco por ti da mortal calma  
na Montanha serás vivo portento.

Pois tens (fazendo de teus Ramos Palma)  
para escalar muralhas muito alento,  
para dar vida aos Álamos muita Alma.

O Acadêmico Vago

*Sebastião da Rocha Pita.*

A uma Hera sustentando um Álamo sêco, assunto  
lírico da nossa Academia Brasílica.

### DÉCIMAS

Parto das Selvas amante,  
verde, e mentido Briareu  
por natureza Pigmeu,  
por ousadia Gigante.

Bem que sejas tão constante  
pondera o teu fraco estado  
de fôlhas débeis formado  
por ruínas sempre postas,  
e não carregues às costas  
um Obelisco do Prado.

Quando ó Hera assim te enlaças  
que só de arrimos te alentas  
como a um Álamo sustentas  
e trazê-lo aos ombros traças?  
Porém como tudo abraças  
por piedade, ou por favor  
nessa carga o teu valor  
ser com glória persuade  
Prodígio da caridade,  
ou é milagre do Amor.

Se por caduco, e prostrado  
queres com impulso ardente  
fazer do fraco valente,  
do morto ressuscitado.  
Serás a vida do Prado  
com fôrças tão compassivas,  
e as outras Plantas esquivas  
hão de ver, que em tais confortos  
não pode haver troncos mortos  
enquanto houver Heras vivas.

O Académico Vago  
*Sebastião da Rocha Pita.*

Ao assunto lírico

## ROMANCE JOCO-SÉRIO

Hoje mais que nunca logro  
o título de discreto  
por não querer nestas coplas  
falar de quem não conheço.  
Se eu não conheço outra Era  
mais que esta de setecentos  
e vinte e quatro, em que estamos,  
é bem que passe em silêncio.  
O Álamo pior ainda  
nem por equívoco o vejo

e menos em sobrenome  
 donde encaixe algum conceito.  
 Se assim como Álamo foi  
 fôra esta árvore Pinheiro,  
 ao Presidente formara  
 meia dúzia de sonetos.  
 E a [fé] que bem merecia  
 e outros muito mais perfeitos  
 pela oração estupenda  
 com que elevou ao Congresso.  
 Porém [tal] Musa, atenção,  
 não te botem nos rejeitos,  
 e já que entraste em Romance  
 falar do assunto é acêrto.  
 Informei-me de um rapaz  
 que mostrou ser do Alentejo,  
 sôbre a Hera, porque eu  
 a ignoro por Brasileiro.  
 Disse que a Hera costuma  
 levantar-se por tal jeito  
 que arrimando-se a algum tronco  
 desafia a qualquer freixo.  
 E se o Álamo do assunto  
 quase caía por sêco  
 a Hera que o sustentava  
 tinha outro arrimo perfeito.  
 Com que eu agora discurso  
 que a Hera nestes extremos  
 hoje se ostenta pomposa  
 por arrimar-se a um Pinheiro.

*José de Oliveira Serpa.*

Ao assunto lírico

### ROMANCE JOCO-SÉRIO

Na Academia passada  
 uma Comédia formei,  
 e por não ter então bailes  
 vai agora um entremez;  
 Uma môça que por Era  
 não passa dos vinte e três  
 sai abraçando a um velho,

que em pé se não pode ter.  
De que ela não tenha juízo  
nas verduras bem se vê,  
pois se não fôra tão verde  
não dera o braço a torcer.  
Admira-me, que esta tal  
que uma ambição dizem ser,  
tanto se enlace a um velho,  
que nem a si próprio tem.  
Já não tem eira nem beira,  
e menos tem ao meu ver  
ramo de Figueira o pobre,  
pois nem de Álamo lho vêem.  
Ser a imagem da mudança  
é de alguns o parecer,  
porém eu afirmar posso  
que êle nunca arredou pé.  
O doutíssimo Congresso  
a esta hora dirá, que  
nenhum dos dois espantalhos  
tem falado a sua vez.  
Mas lembre-se que a Comédia  
Dama muda intitulei;  
e o Entremez seja agora  
também passo de mudez.  
E se êles nunca falaram,  
mal poderei eu fazer  
que falem no teatro à vista  
de tanta gente de bem.  
Basta, sem ser Deucalionte  
o excesso a que me arrojei,  
pois que fiz de troncos homens,  
se êle homens de pedras fêz.  
E se do Entremez não gostas  
não sei que lhe hei de fazer,  
riam-se destas frialdades,  
que também eu me riei.  
Se eu a Mágica aprendera  
fizera hoje aparecer  
um e outro transformado  
da sorte que aqui os pinteí.  
Mas se já parece tempo  
de dar fim ao Entremez,  
aviso ao Congresso todo  
Que ria-se quem quiser.  
O fim é muito diverso



dos mais que se vêm fazer,  
pois não acaba as pancadas,  
mas as foçadas talvez.

*José de Oliveira Serpa.*

Ad Amantissimam haederam, quae iam sine uiribus  
ulmum siccam adhuc bracchiis sustentat.

### EPIGRAMMA

Omnis amat mulier, uires exhaurit amantis  
Donec, at exhaustis, mox inimica fugit  
Lenta haedera haud aliter uires consumpsit amantis  
Ast amor in firmo pectore uiuit adhuc.  
Iure igitur superat reliquas quae praebet amanti  
Bracchia ne pereat, sustinet atque, suo  
Magnus amor! quid enim miror? post funera, solus  
Si nunquam potuit degere uerus amor.

*[Emanuel Nunes de Sousa]*

### ALIUD EIDEM

Vlmus quid tecum? pereant uestigia amoris:  
Ramis haec arbor commoda nulla refert.  
Hoc mihi semper eris monumentum, et pignus  
[amoris;  
Nam decus extinctum nomen amantis erit.  
Mos erat antiquis magnam celare figuram  
Cordis amicorum ne moreretur amor.  
Permanet hic pectus, cor, uita, amor omnis, et unus  
Hic iacet, hic fixum cor retinet meum.

*Emanuel Nunes de Sousa.*

Ad secundum argumentum.

### EPIGRAMMA

Errantes hederae constringunt nexibus alnos,  
Et nimia succos ambitione trahunt.  
Mox exhausta cadit, spoliataque; uiribus alnus,  
Quae fuerat teneris luxuriata comis.  
Si tamen exurgat, postquam cecidisset, adustum  
Iam nec germanum fleret amara suum.  
Quin sibi fatales hederas arderet, iniquos  
Germani potius iam subiisse rogos.

*[Sem indicação de Autor]*

Ad secundum argumentum.

### EPIGRAMMA

Quae nimium fuis gaudet lasciuia corymbis,  
 Et quae thyrsigero grata fit herba Deo.  
 Haec Phaetontes postquam constrinxerat alnos,  
 Presserat et postquam nexibus arcta suis:  
 Absumit uires, succos simul extrahit, atque  
 Emendicata florida crescit ope.  
 Haud secus humanis sese defigit hirudo  
 Artubus, atque hausto plena cruore tumet.  
 Hinc ergo arboribus succos quae exugit, hirudo  
 Creditur haec etiam iure fuisse pari.

[*Sem indicação de Autor*]

Uma Hera sustentando a um Álamo sêco

### SONÊTO

Em braços de esmeraldas se sustenta  
 êsse do tempo Álamo rendido  
 que importa a tanta altura ser subido  
 se no ser do seu ser se não alenta.

A Hera entretecida e nada atenta  
 tem no Álamo sêco o desmentido  
 donde o todo frondoso e florescido  
 o tempo desmentiu que a nada isenta.

O Álamo lhe serve de alta Pira  
 é urna tudo tudo monumento  
 e da Hera o verdor tudo é mentira.

Com fôlhas o epitáfio escreve o vento  
 pois a tanto subir a Hera aspira  
 seja o Álamo exemplo a seu intento.

[*Sem indicação de Autor*]

A uma Hera sustentando um Álamo sêco

### ODE

Parece Álamo sêco,  
 que do estrago fatal de Faetonte  
 Ainda existes eco,

E que nessa ribeira, qual no monte,  
 Tu sòmente entre os mais, se não me engano,  
 Do estrago, que choraste, tens o dano.  
 Mas se do caso triste  
 Os estragos a dor em ti fulmina,  
 Mal teu tronco resiste  
 A que última terás inda ruína,  
 Porque adonde o pesar faz dura guerra,  
 Até os troncos a dor prostra por terra.  
 Se bem cuidos que agora  
 Será menos atroz tua desgraça,  
 Que essa Hera adúladora,  
 Que unida a teu pesar, teu tronco abraça,  
 Em seus braços pretende sustentar-te,  
 Porque não chegue o vento a derribar-te.  
 Senão é que seus braços  
 Lisonjeiam teu dano juntamente,  
 Pois os mesmos abraços,  
 Que fazem que teu tronco se sustente,  
 Mais que a ti, que o vital perdeste alento,  
 Sustentam nêle em pé teu sentimento.  
 A Hera mui pouco deves,  
 Pois se por ti se opõe contra a violência,  
 A que tu não te atreves,  
 Ambição é da sua dependência,  
 Porque por ti subir ao alto espera,  
 Onde por si sòmente não pudera.  
 Mas se os braços acaso  
 Satisfação do muito, que já amaste,  
 Vem a ser neste caso,  
 Ditoso tu! ditoso, pois chegaste  
 Amoroso a colhêr, senão tributo,  
 Nesses braços das lágrimas o fruto.  
 Mas parece que a Hera,  
 Que em afagos agora se desata,  
 Se de Fili aprendera,  
 Proceder não pudera mais ingrata,  
 Pois concede os favores tão escassos,  
 Que a morte vem primeiro, que os seus braços.

[Sem indicação de Autor]





5.a CONFERÊNCIA  
DE 25 DE JUNHO

Oração que leu o Padre Antônio Gonçalves Pereira  
sendo Presidente na Academia dos Esquecidos  
desta Cidade da Bahia em 25 de junho de 1724.

## DISCURSO ACADÊMICO-FILOSÓFICO

Platão, aquêlê, a quem os Sábios antigos engrandeceram com o soberano título de divino, aquêlê, a quem veneramos hoje pelo primeiro Mestre, que ensinou publicamente a Filosofia Metódica, foi o primeiro inventor das Academias. Instituiu a sua escola, em um lugar ameno, e sombrio, delicioso divertimento de Ecadêmio, Príncipe Ateniense, que afeiçoando-se à doutrina de tão grande Filósofo, deu-lhe o mesmo lugar, que possuía, para que servisse de teatro ao seu magistério, do que agradecido Platão quis que a mesma escola se denominasse Academia, e que os seus discípulos tomassem o sobrenome de Acadêmicos, para perpétuamente engrandecer a memória, e eternizar o nome de Ecadêmio: que nunca os sábios deixam de ser engrandecidos.

As circunstâncias desta antigüidade ajustadamente se conformam com o que os nossos olhos estão vendo, e as experiências demonstrando. Vemos a um preclaríssimo César, Príncipe Lusitano, tão propenso e aplicado às Literaturas, que designou o seu mesmo Palácio para o exercício desta nova Academia, protegendo, e honorificando aos literatíssimos, e sapientíssimos Acadêmicos, que a êle concorrem, não como discípulos de Platão, mas cada um dêles como um Platão, que merecia ter muitos discípulos. Reconhecido a tão altos benefícios êste Acadêmico Ateneu levantará para perpétua memória de um tão excelso Herói, Mecenas da Sabedoria, eternos obeliscos, perenes monumentos, nos quais estampada, mais que no bronze, a sua gloriosa fama lhe assegure uma clamorosa posteridade, que apregoe nos anais do tempo os seus imortais aplausos.

Escreve Cícero da Academia de Platão, e dos Acadêmicos, seus discípulos, em quatro Livros, que intitulou **Questões Acadêmicas**, mais como Filósofo, que como Orador; o mesmo escreve no Livro primeiro de **divinatione**, chamando a escola de Platão — **Academiam umbriferam, uirideque Liceum**: claro testemunho de que ainda no seu tempo perseveravam em Filósofos

as Academias. Porém já agora, tudo são humanísticos estilos, orações eloqüentes, poemas elegantes, sonetos conceituosos, engenhosidades plausíveis, erudições esquisitas; e ainda que com muita razão o lustre das Academias passou dos Filósofos para os Humanistas, que na sua mão têm a chave dourada do Palácio de Minerva, contudo compadeço-me de Platão, e dos seus Acadêmicos, já que eles inventaram, e observaram tantos anos o uso das Academias, ao menos nem um dia será seu? Quero resuscitar êsse dia, que parece já morto pelo que tem de esquecido, saindo hoje com um assunto filosófico, que não pode deixar de agradar aos antigos Acadêmicos, vendo restituída a sua primigênia escola:

Vós, Senhor, que no clima Americano  
Protetor sois da nossa Academia,  
Influis à minha tênue Sofia  
A luz do vosso aspecto mais que humano.

Já que às vêzes de um Rei tão soberano  
Substituis aqui nesta Bahia,  
Condenais hoje a minha fantasia,  
Por sair com assunto pouco lhano.

Acomodou-se Apolo ao vosso intento,  
As fontes cabalinas desatando:  
Sofo em vossa atenção com nôvo alento.

Quer, com vênia, propor seu argumento,  
Para que ambos assim vão alternando,  
Ora um, ora outro, o seu invento.

Andava eu perplexo como havia de discorrer sôbre êste meu assunto filosófico, quando acaso encontrei um Filósofo, que assim me pareceu, pela insígnia azul, com que se condecorava; depois de o saudar, perguntei-lhe, quem era, e que doutrina seguia? Respondeu-me, que se chamava Crísipo, (nome de um antigo e famoso Filósofo) e que era muito inclinado a Platão, e aos seus Acadêmicos; porque reconhecia que dêstes manara em grande parte a doutrina Peripatética, que êle aprendera nestas escolas da Bahia. Grandes foram as demonstrações de contentamento, quando lhe ouvi dizer que era inclinado a Platão, e aos seus Acadêmicos; comuniquei-lhe os cuidados com que andava, prometendo que seria o fundamento do meu discurso a sua direção. O que ouvindo, estranhou muito, que eu quisesse tomar nesta ocasião assunto filosófico: agora, dizia êle, que devias indignar-vos contra as tiranias de Cloto, Parca cruel, que se atreveu a cortar os fios de uma vida, que merecia ser imortal, por ser de



uma esclarecida Heroína, que por sua real prosápia, pela excelência do seu título, pelas prendas, e dotes singulares, que supõe a pedagogia, que tinha a seu cargo, era a mais assinalada entre as Deusas humanas, que assistiam no Palácio do maior Monarca: êste havia de ser hoje o vosso assunto, chorar, e lamentar tão dura fatalidade com tristes endechas, com lúgubres elegias, e com fúnebres epicédios, e não ocupar os entendimentos com matérias filosóficas.

Pela mesma razão, lhe respondi eu, que alegais em contrário: não podia tomar melhor assunto; não sabeis, que por êste mesmo motivo se passaram as fontes do Parnaso para os olhos das Musas, e que estas, desgrenhados os cabelos, lançando fora os coturnos, quebrando as cítaras, e os mais instrumentos do seu canto, se recolheram tôdas entre os rochedos do Pindo emudecidas? Não sabeis, que os louros de Apolo se converteram em aciprestes de Libitina, os rios da eloquência humanística, que se despenhavam risonhos sôbre o Museu de Atenas, retrocedendo com a fôrça do sentimento, desampararam o Mediterrâneo, e se retiraram lastimados para o Cáspio? Como à vista de uma pena, e pesar tão penetrante haviam hoje de ser invocadas as tristes Musas? Logo deve nesta ocasião suprir a Filosofia a sua fala; porque hoje mais que nunca tem lugar o meu assunto filosófico. Acomodou-se Crísipo a esta minha razão, e satisfeito me disse, que não podia tomar melhor assunto, do que um caso, que lhe acontecera digno de história, e começando, o expôs nesta forma.

Entreí na Filosofia como se entrara no Labirinto de Creta; porque pasmando com as escuras representações, que me pareciam disformes Minotauros, me vi embaraçado, perdido o tino, e mais horrorosas sombras que as dos Cimérios, sem haver fio algum, que me dirigisse para o acêrto, se a fortuna me não deparasse um grande amigo chamado Empédocles, Filósofo celebérrimo, que servindo de guia, qual outro Teseu, me dilucidou o intrincado de suas dificuldades, que confesso ingênuamente foram estas tais, que se eu as adivinhara, antes havia de escolher ficar bom Gramático, do que sair bom Filósofo. Não bastava ostentar-me lido nas histórias, exercitado na lição dos Poetas, versado nas fábulas, assim dos Gregos, como dos Latinos, noticioso dos costumes, que há em várias terras, e Províncias, assim políticos, como econômicos, para falar com acêrto nas matérias óbvias? Não seria melhor aplicar a memória a êstes estudos, do que matar-me com filosofias?

Atento estêve Empédocles ouvindo êste meu discurso, e proferiu estas palavras: como estais enganado, meu Crísipo; quadra em vós aquêle célebre hemistíquio — *uitrum adamanta uocas:*

chamais vidro ao que é diamante; e chamais diamante ao que é vidro; tanta diferença vai do vidro ao diamante, quanta vai das regras mudáveis, e arbitrarias da Gramática, que apeteceis, ao firme, e sólido da Filosofia. As notícias humanísticas, que com razão aceitais, verdadeiramente enobrecem, e adornam a República Literária, e formam tal consonância, e harmonia com as notícias filosóficas, que umas, e outras são irmãs gêmeas, nascidas de um mesmo parto de um grande entendimento, e de uma avantajada memória. Porém a Filosofia tudo ensina, quanto podeis desejar, por um modo mais elevado: apura, e adelgaça o entendimento; satisfaz à natural apetência, que todo o animal racional tem de saber, e entender; excita as espécies; aviva a reminiscência, esperta as apreensões, amadurece o juízo; e formaliza o discurso. É verdade que nem todos nascem para Filósofos, nem todos têm [ignículo] forte, que os arrebatá a obrar o que diz o Poeta — *causas penitus tentare latentes, et rerum tenebras alta caligine mersas*: nem todos nascem com este gênio; mas o que nasceu com este gênio, nasceu para Retórico, e nasceu para Poeta. Nasceu para Retórico, porque a Retórica, segundo diz Aristóteles, é uma Dialética estendida, e abriu a mão; e a Dialética é uma Retórica abreviada, e fechou a mão. Quem sabe bem Dialética, sabe bem Retórica; os artificios da Retórica são documentos da Dialética; nasceu para Retórico, quem nasceu para Filósofo.

Também nasceu para Poeta; o maior Poeta, que até agora houve no mundo, foi Homero, por quem contenderam sete cidades, sôbre qual delas era sua pátria; este pois tão grande Mestre da Poesia mereceu lugar entre os primeiros, e os mais abalizados inventores da Filosofia: cada fábula, que excogitava, era uma questão filosófica, que decidia; nasceu para Filósofo, não podia deixar de ser enfaixado pelas Musas, e reclinado por Apolo em berço de cristal; que se derreteu depois, e liquidou em fontes do Parnaso. Tudo tendes na Filosofia, meu Crísipo; nela tendes tudo o que é Literatura humanística: se anelais a ganhar o popular aplauso de eloquente, olhai para Platão, de quem se refere, que poucos dias depois de nascido, na sua bôca, melificaram seus favos as abelhas. Estas, como disse Piério Valeriano, nos seus geroglíficos, são emblema mui próprio da Filosofia; por isso o Poeta lhe chamou argumentosa — *sicut apis mordax argumentosa susurra*: mostra a abelha que argumenta; porque a desinquietação do seu sussurro se assemelha ao alvoroço de quem discorre filosofando. Este portento pois significava, que aquêlé tenro infante nascia para Filósofo, e que mais significava? A Igreja o diz na Lenda de Santo Ambrósio em caso semelhante — *uiri eloquentiam demonstrabat*: diz que

êste prodígio prenunciava a sua eloquência: nascer para Filósofo, e ser eloquente, tudo é o mesmo; o tempo depois o veio a mostrar; porque foi Platão tão eloquente, que era provérbio comum, Língua platônica, quem val o mesmo, que eloquente.

Se aspirais as honras, e estimações do mundo, olhai para Alexandre com Aristóteles ao lado, e Diógenes à vista, com um se aconselhava, e dêle aprendia, do outro dizia que seria Diógenes, se não fôsse Alexandre: em tal grau de venerações um bom Filósofo se exalta. Se vos não contentam as lidas, que padecem, e a má vida, que levam, lembrai-vos daquele verso — **non iasset in molli ueneranda scientia lecto.** O Magistrado de Atenas promulgou uma Lei, em que obrigava a todos a tirar o chapéu, e fazer cortesia a quem era Filósofo: aconteceu que encontrando-se um Filósofo com um nobre Ateniense, êste lhe não tirou o chapéu, nem lhe fêz cortesia alguma: acusado, respondeu que vira aquêle Filósofo tão gordo, tão rosado, e tão bem disposto, que se não persuadiu que era Filósofo. Ser Filósofo, e levar boa vida, não se compadece: adverti no que diz Horácio — **Multa tulit, fecit que puer, sudauit, et alsit, qui studet optatam cursu contingere metam.**

Não vêdes a Aristóteles passar as noites insones com o livro em uma mão, e na outra uma bala de ferro sôbre uma bacia, para que, se adormecesse, caindo a bala, espertasse? Não vêdes a Demócrito Abderita, Filósofo de grande nome, que para ficar desimpedido, sem que os objetos corpóreos, e sensíveis lhe perturbassem a contemplação filosófica tirou de si mesmo os seus olhos, e ficou voluntariamente cego? Todos êstes excessos obra quem quer ser bom Filósofo, e a razão de tudo é, porque é tal o gôsto, e recreação, que causa o saber Filosofia, que serve de superabundante recompensa de todos os trabalhos, e moléstias, que se padecem; em cuja comprovação ouvi um caso singular, que aconteceu a Sócrates, aquêle grande Filósofo, Mestre de todos os mais. Saiu um dia de sua casa dando gritos pela rua, dizendo **ebrica, ebrica, ebrica**, que val o mesmo que dizer achei, achei, achei: abalou-se o povo com a novidade, porque Sócrates era Filósofo sisudo, sério, e político, e não havia de sair com aquêle invento tão desentoadado, se não achara algum inestimável tesouro: o caso alvoroçou a cidade, cujos moradores juntos em uma praça lhe perguntaram, que achara; respondeu que achara uma verdade filosófica, que havia muitos anos indagava; e que fôra tão excessivo o gôsto, que teve, quando a descobriu, que não lhe cabendo no coração, brotara naquele excesso. Pois se êste Filósofo, porque achou uma só verdade filosófica, qual Rio caudaloso em tempo de cheia sai fora da madre inundando os campos, porque em si mesmo não cabe, se espraia por um, e outro

lado buscando, espaçoso, e dilatado teatro para o triunfo das suas águas, assim éle se alvorçou de sorte com tão demasiado gôsto e alegria, que não cabendo em si mesmo, saiu a triunfar pelas ruas, e praças de Atenas, que será quando um Filósofo se engolfa no mar da Filosofia, achando, e descobrindo tanto número de verdades filosóficas, quantos são os rumos, pelos quais navega; não há maior gôsto nesta vida. Questão é entre os Filósofos antigos, e modernos, se há nesta vida sumo bem, digo sumo bem, comparados uns bens com outros bens: trata a questão largamente o Padre Léssio em um tomo particular, que intitoulou — **De Summo Bone**. Uns dizem que o sumo bem era a riqueza, outros que a saúde, outros que a descendência, e outros que a honra. Eu sigo a opinião de Anaxágoras, Filósofo antigo, que defendia que o sumo bem, que havia neste mundo, estava reconcentrado na Filosofia; todos os mais bens estão na circunferência, o sumo bem está no centro, e êste centro não é outro, senão a Filosofia. Logo a Filosofia é o centro de todos os bens; esta opinião seguiu também Lucrécio, que disse exclamando mais como Filósofo, que como Poeta — **Felix! qui physicas potuit cognoscere causas, nullus in hac uita misera felicior extat.**

Estive ouvindo, dizia Crisipo, estas razões, que ponderava Empédocles, e me vi tão animado a continuar o estudo da Filosofia, qual soldado guerreiro, e generoso, que intrépido se arroja ao militar conflito, quando o incitam os estrondosos ecos da bélica caixa; só uma coisa me retardava, e era ver a variedade de doutrinas, que a cada passo se me ofereciam: culpava eu aos Filósofos, ou de vários, ou de teimosos, por não concordarem todos na mesma doutrina, de modo que hoje na Filosofia tudo são opiniões. Não vos espanteis, disse Empédocles; porque o entendimento humano é tão inquieto, que não sossega; não há rumo, que não tente; não há caminho, que não busque; não há novidade, que não abrace: eu vos quero encaminhar, declarando-vos quais são as doutrinas, que haveis de evitar, e quais são as que haveis de seguir.

Primeiramente abominai a doutrina de Pitágoras, sendo um Filósofo tão eminente, que os antigos quiseram tributar venerações de divino; degenerou na maior inépcia, que se pode imaginar, ensinando, e persuadindo aos homens do seu tempo a transmigração das almas de um corpo vivente em outro, a que chamou palingenésias, de tal sorte, que chegou a dizer, que a alma de Aquiles depois de morto se passou para Euforbo, pouco antes que êste nascesse, e que assim saiam alternando as almas ora neste, ou naquele corpo; daqui vem, que proibia que ninguém comesse carne, ou peixe; porque dizia que se arriscava o filho a comer a alma de seu pai, que porventura passou

de seu pai para aquêles peixe, ou animal, que comia. Esta doutrina se estabeleceu de sorte desde o tempo de Pitágoras até o presente entre alguns Indiáticos, principalmente Malabares, que ainda hoje como ponto de Religião a observam. Livrai-vos de tão insana doutrina, nem façais caso do arrazoado, com que largamente a defende Ovídio no livro décimo quinto dos seus *Metamorfoses*.

Como também não façais caso, dos cétricos, Filósofos, que defendiam, que tudo quanto havia neste mundo era duvidoso, que nada havia que fôsse certo. Estavam falando, diziam que não era certo o falarem; estavam dormindo, diziam que não era certo o dormirem; estavam comendo, diziam que não era certo o comerem: não se lhes perguntava coisa, que respondessem como certo, mas tudo como duvidoso; por isso lhes chamavam os Irresolutos; porque nada resolviam, tudo deixavam em uma mera suspensão. O que me admira é, que fôsem tais as razões, com que êstes homens provavam, e defendiam a sua tese, que acharam sequazes em grande número. De todos êles se riu Santo Agostinho zombando de tão ridículo assunto, e responde aos seus argumentos em um tratado particular, que escreveu contra êstes Filósofos, que intitulou, *De Verosimili*, donde se mostra que ainda havia esta praga no seu tempo. Acrescenta Gélío no Livro undécimo, que êstes Filósofos também professavam contradizer tudo quanto ouviam, por mais evidente que fôsse a verdade.

Não é menos para desprezar outra doutrina de certos Filósofos chamados Epicureus, que professavam não perdoar à coisa alguma, que fôsse de seu gôsto, que não lograssem; por isso Horácio os tratou como a brutos imundos — *Epicuri de grege porci*. Não faltam muitos Autores antigos, e modernos, que defendem a Epicuro, atribuindo a doutrina Epicurêia a um grande amigo, e companheiro seu chamado Aristipo. Grande foi a infelicidade de Epicuro, que sendo um Filósofo sábio, e prudente, ficou a sua doutrina infeccionada, e aviltada, por ter um mau amigo, e companheiro: veja cada um, por mais bom que seja, com quem trata, e a quem toma por amigo, advertindo que até os vindouros mancharam o bom nome de Epicuro com as infâmias de Aristipo.

Estas são as três principais doutrinas, de que haveis de fugir, a Pitagórica, a Cética, e a Epicurêia; e outras três são as que haveis de abraçar, a Acadêmica de Platão, a Peripatética de Aristóteles, e a Estóica de Sócrates, ou como dizem outros de Zeno. Para o que haveis de supor que Aristóteles, discípulo de Platão, foi o mais insigne Acadêmico daqueles tempos, de tal sorte, que constituindo a sua escola em um lugar chamado

Peripáteton, donde veio chamarem a sua doutrina Peripatética, tal postila ditou aos seus discípulos, que ainda hoje duram, e perseveram seus livros. A doutrina, que ensinou em grande parte, foi a mesma Acadêmica, que aprendeu de Platão; mas êle a fêz sua de tal modo, que não sabemos hoje qual é propriamente a doutrina Acadêmica, qual é a Peripatética; porque uma está embebida na outra; porém sabemos que ambas as doutrinas se uniram em uma, que chamamos Aristotélica.

Destas duas doutrinas mistas, e unidas manou, como Rio da fonte, a doutrina Filosófica, que hoje aprendemos nas escolas. Daqui vem chamarem-se as universidades Academias; porque reconhecemos, que dos Acadêmicos nasceram os axiomas, e primeiros princípios de tôda a literatura. A doutrina Estóica também Aristóteles a ensinou, e a temos hoje em cinco livros, que têm por título — *Ethicorum*: em algumas partes há hoje cadeira desta escola, que chamam de Filosofia Moral; mas comumente não se ocupam com ela os Aristotélicos, deixando-a para os Teólogos no tratado *De Vitiis, et Virtutibus*.

Estas são as doutrinas, ó amigo Crísipo, que haveis de estudar, e aprender, concluiu Empédocles, e também Crísipo o caso, que lhe acontecera, que tomei por assunto dêste meu discurso, segundo a matéria filosófico; e segundo a forma humanístico. Se o meu empenho não produziu aquêle agrado, que pedia a minha obrigação, à vista tenho a desculpa: as mesmas estrêlas do mais alto Firmamento deixam de luzir na presença do Sol; como podia eu, que não chego a ser estrêla, desempenhar-me com algum luzimento diante de um Sol, que iluminou a carreira de um, e outro Trópico com tão soberano esplendor, que empenhando-se as águias de mais aguda inteligência na admiração de seus raios, cegaram; porque não puderam ajustar o muito que veneravam com o pouco que engrandeciam. Elevado Sol, que transcende a quarta esfera; porque girou na terceira, sendo no bélico outro Marte; luziu, e vai luzindo na segunda; sendo no político outro Júpiter; brilha na primeira; porque é mais que Saturno na prudência, na madureza, e na ponderação, com que ventila os negócios do seu governo; porisso logra a felicidade de acertar, porque é mui fundamental, e mui sério no discorrer.

A Bahia agora mudada em Atenas, em agradecimento desta tão grande fortuna, e do nome imortal, que granjeia por benefício desta Academia a influxo do Excelentíssimo Protetor, que a instituiu, se dispõe obsequiosa para erigir estátuas, consagrar memórias, que no Templo da Fama immortalizem o Soberano nome do seu ínclito, e heróico Vice-Rei, pelos estemas adquiridos tão esclarecido, que para ser grande não necessita dos ascen-

dentes; porque são tão relevantes as próprias virtudes, e merecimentos, que lhe sobram para o esplendor os Monarcas, de que descende. Sossobrado em tanta grandeza quero abraçar o documento, que devia tomar o Filósofo Formião calando à vista de um Aníbal, ou o que fêz o Orador Romano emudecendo à vista de um César.

Conferência de 25 de junho

Ao Presidente, que foi o Reverendo Vigário do  
Rosário Antônio Gonçalves Pereira

Admodum Reuerendo et Eruditissimo Praesidi  
Domino Antonio Gonçalves Pereira Parochiae  
Rosarii Vicario Dignissimo dicatur hoc

### EPIGRAMMA

Ingenium dum Sole tuum fulgentius ardet,  
Ignifero eloquio flammiger astra petis.  
Rhetoricae, et sophiae tua dat sapientia fructus;  
Arboris egregia fertilitas propria.  
Tu pirus, atque piros: concordant nomina rebus.  
Fructifer, et fulgens es pirus, atque piros.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao Presidente.

*Do Licenciado João Machado Barcelos*

### DÉCIMA

Tão alta, e divinamente  
orastes na Academia,  
que já tôda esta Bahia  
vos aplaude reverente:  
o mais douto presidente  
dos que ao Museu tem subido,  
e por isto merecido  
só vós tendes a vitória,  
mas nós teremos a glória  
de tão bem terdes saído.

## Ao Presidente

## SONETO

De tal sorte Gonçalves tem lustrado  
 Neste Museu famoso da Bahia,  
 que já tôdas as Musas à porfia  
 Os seus metros lhe têm sacrificado.

Apolo já por êle rejeitado  
 está de todo [Côro] da Poesia  
 confessando que êste a primazia  
 aos Oradores todos há ganhado.

Não pode o Deus negar esta verdade,  
 E assim do Parnaso a Presidência  
 lhe entrega já por tôda a Eternidade:

Das Premissas teve por consequência  
 Tal Presidente ser nova Deidade  
 Aclamada por Deus da Eloquência.

Do Licenciado

*João Machado Barcelos.*

Em louvor do Muito Presidente o Senhor  
 Doutor Antônio Gonçalves Pereira  
 Digníssimo Vigário da Paroquial Igreja de  
 Nossa Senhora do Rosário desta Cidade.

## SONETO

Se de Antônio, é a flor significado,  
 que muito, que êste Antônio uma flor seja!  
 mostrando hoje a flor, por que se veja  
 seu falar elegante, e floreado:

No relevante assunto que há tomado  
 a Sêneca, e Platão, causou inveja,  
 se êste vencimento se festeja,  
 ficará duas vêzes coroadado.

Os primeiros Heróis, que doutamente  
 Se mostraram perfeitos, e cabais,  
 gravassem em letras de ouro seu louvores;



Mas o nosso orador da ação presente  
 (Não tirando o devido aplauso aos mais)  
 é, por Antônio, flor dos oradores.

[*Do Capitão Antônio Ribeiro da Costa*]

Ao mesmo.

Esta Pereira, flôres mui cheirosas  
 ostenta o ano todo florescente,  
 na fragância que exala de ciente,  
 e no fruto que dá, de obras famosas:

Nesta mostrou razões tão engenhosas,  
 que Apolo o reputou por eloqüente,  
 pois quem assim orou tão doutamente  
 aclamações merece gloriosas.

Quem quiser competir com tal Pereira,  
 por certo tenha logo ser vencido  
 inda quando se empenhe com mais veras;

Por ser o seu talento de maneira,  
 que as verdes faz comer de bom partido,  
 e dará com que levem para peras.

*Do Capitão Antônio Ribeiro da Costa.*

**Em** aplauso do Doutíssimo Orador o  
 Reverendíssimo Vigário o Senhor Antônio  
 Gonçalves Pereira

### DÉCIMA

Se as orações que rezais  
 têm de Deus a accitação  
 que teve hoje essa oração,  
 fareis milagres fatais:  
 Se assim fervoroso orais,  
 a veneração devida  
 tereis; e agora aplaudida  
 dever ser oração tal,  
 que se julga por mental  
 pelo que tem de entendida.

*De Hierônimo Roiz de Crasto.*

Reuerendo Admodum Doctori Antonio Gonçalves  
Pereira, Parochiae Rosarii nomine Pastori  
Dignissimo, in hac Academia Praesidi  
Emeritissimo,

### EPIGRAMMA

Dum loqueris, Pereira, refert sapientia fructus,  
Ingeniique tui non minus ardet apex.  
Non tantum credam esse pirum, quam credo  
[pyropum  
Ingenium cernens irradiare tuum.

[*Padre Estêvão Ribeiro Guimarães*]

### ALIUD

Vt flos hic flores, pirus ut cognomine fructus  
Palladis; ut pastor, fundit ab ore rosas.

*O Padre Estêvão Ribeiro Guimarães.*

Ad Clarissimum Reuerendissimumque Domino  
Doctorem Antonium Gonçalves Pereira  
Academicum Meritissimum.

### EPIGRAMMA

Et dios fetus in dias luminis oras,  
Parturis ingenii die nitore sonas.  
Dius dia facis mirum nihil: an nequis umquam  
Dius non dios proferat ore sonos?

Tuus Venerator  
*Emanuel Nunes Leal.*

Ad Clarissimum Reuerendissimumque Domino  
Doctorem Antonium Gonçalves Pereira  
Academicum Meritissimum.

### EPIGRAMMA

Vestra, Pirus, pira non comitis sed Regis amoena,  
Satque piro regnum non opus omne Piro est.

Tuus Venerator  
*Emanuel Nunes Leal.*

Ao Doutor Presidente Antônio Gonçalves Pereira

### DÉCIMA JOCOSA

Pereira alta, alta Pereira,  
se a ciência vos exalta,  
não uma, duas vêzes alta  
sois, e a tôdas sobranceira:  
Se a Rapôsa a trepadeira  
vos investira deveras,  
com sagacidade meras  
lambendo as cerdas luvas  
o mesmo que disse às uvas  
aplicará às vossas peras.

*De Frei Avertano de Santa Maria.*

Ad Reuerendum admodum Patrem Antonius  
Gonçalves Pereira, Dignissimum Vicarium  
Ecclesiae Beatissimae Dominae de Rosário  
nuncupatae.

*Ludouicus Canelo de Noronha.*  
D.C.Q.

### EPIGRAMMA

Arbor es: ergo sapis, dabit arbor quippe saporem;  
Si non ipsa sapit, crede, Pereira, sapis.

Ao Meritíssimo e Mui Reverendo Senhor Padre  
Vigário Antônio Gonçalves Pereira

*De Luís Canelo de Noronha.*

### DÉCIMA

Neste já Parnaso Monte,  
onde presidis sentado,  
estais, Pereira, plantado  
ao pé da mais clara fonte:  
as águas de Monte a monte  
tributo vos vêm render,

e tanto no florescer  
 frutificais e cresceis,  
 que inda que peras não deis  
 dais frutos de bem saber.

Ao Doutor Antônio Gonçalves Pereira  
 Digníssimo Vigário da Paroquial de Nossa  
 Senhora do Rosário, Presidente Emeritíssimo  
 da Conferência Acadêmica de 25 de junho  
 próximo

### DÉCIMA

**Iste Sol erat**, no nome  
 De Aristóteles se lê,  
 E em vós as letras de que  
 Nôvo anagrama êle tome:  
 numericamente some  
 dos dois o talento, a Fama,  
 e achará pois vos aclama  
 luz de Sofia, e farol  
 que sois de um, e outro Sol  
 perfeitíssimo Anagrama.

*Por Anastácio Ayres de Penhafiel.*

Ao Mesmo

### DÉCIMA

### JOCO-SÉRIA

Do Sol fugindo ao rigor  
 No vosso grêmio me meto  
 Já que sois Pastor de Admeto,  
 E não Admeto Pastor:  
 Mereça-vos o favor  
 De me livrar da soalheira  
 Pois não será a vez primeira  
 Que com mui reto cajado

Recolheis do Sol o gado  
A sombra de uma Pereira.

Do Mesmo

[*Anástacio Ayres de Penhafiel*]

In Laudem Reuerendissimi Vicarii Antonii  
Gonçalves Pereira nostrae inclutae Academiae  
V Praesidis acrosticum Decasticum, quod  
retrograde legi potest tum respectu cuiusuis  
distechi, tum respectu totius Epigrammatis  
sumendo ultimam dictionem, et sursum  
caeteras retrograde, et acrostice construendo;  
eius Lemma honorarium:

## ANTOS ID EST FLOS

### EPIGRAMMA

Amplificus, reor, es Musis Flos quintus Apollo,  
Pastor, uel Praeses has regis [Arcitenens,  
Nobilibus tibi, Flos, sertis dant nomina Musae  
Lumina disperges tot mage Nominibus  
Tergeminat tua laus quinto ter nomine, quinque  
Schemata nam Musis das noua Tergeminis.  
Omnigenum caput es. Sex centum milia Florum.  
Nomine sic memoras, flos tuus Orbisonet;  
Siderus quia Flos, cornu iam copia Florum  
Florida Parnasi nunc sico Septuplicis.

Hic retrograde leges

[*Frei Luís Botelho do Rosário*]

Aliud eiusdem ad eundem

Vt Pallas, Parnasi Praeses, quintus Apollo es;  
Quinquatriis ergo nunc modulare choris.

*Frei Luís Botelho do Rosário*  
Carmelita.

## Conferência de 25 de junho

Primeiro assunto celebrar os anos do Príncipe  
Nosso Senhor, que Deus guarde, e fêz 10 em  
6 do corrente

Alude à admirável compreensão, com que o  
Sereníssimo Príncipe Nosso Senhor tem  
recebido doutrinas, e notícias que em outros  
sujeitos não podiam caber na esfera de tão  
pouca idade.

### SONETO

Neste alto, e tenro herói, que é por grandeza  
Em dois lustros credor da eternidade,  
Príncipe do Brasil, que a majestade  
sabe encerrar nas cláusulas da alteza,

Pelas prendas reais, de que se preza,  
e em que ostenta a maior capacidade,  
antecipando os méritos à idade  
pode a arte triunfar da natureza.

Nos dez anos, que conta, se acredita  
serem nosos aplausos diminutos  
Para a, que êle nos dá, glória infinita.

Tão singulares são seus atributos,  
que nesta régia planta a nossa dita  
antes das esperanças, logra os frutos.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Aos felizes anos do Príncipe Nosso Senhor na ocasião  
em que perfaz os dez.

### SONETO

Lustros dez vêzes dez, querido Infante,  
e mais (se pode ser) anela ufana,  
em vós a Monarquia Lusitana,  
prostrada, reverente, humilde, e amante.

Não teme, não, que a Parca vigilante,  
 execute a fatal pensão humana,  
 porque vossa grandeza Soberana,  
 indícios dá de ser divinizante.

Vivei, Senhor, vivei eternamente,  
 glória de Portugal, Príncipe Augusto,  
 consumado prazer da Lusa gente:

Vivei para terror do Mouro adusto,  
 confusão do herege inconfidente,  
 se outros, que calo, assaz receio e susto.

*Do Licenciado Francisco Alvares*  
 boticário da Casa das duas Misericórdias.

Ao mesmo assunto

### SONETO

Príncipe excelso, invicto, e Soberano,  
 digno objeto da grata idolatria,  
 de Portugal, e tóda a Monarquia,  
 que divino vos julga, quando humano.

Delícia sois do povo Lusitano,  
 em quem, se vê, competem a porfia,  
 mais perfeições do que horas tem o dia,  
 mais prendas do que tem dias o ano.

Felizes lustros, e multiplicados,  
 vos conceda a Suprema Majestade  
 muito além do que vos são destinados.

Para que diga a fiel posteridade,  
 que fôstes apesar de adversos fados,  
 o milagre maior da nossa idade.

Do mesmo autor  
 [*Francisco Alvares*]

Ao Assunto heróico

### SONETO

Mistério, Maravilha, Assombro, Espanto  
 nos anos de José, que dez festeja  
 em dia, que devota aplaude a Igreja  
 a oitava segunda do Espírito Santo:

No aplauso dêste dia é próprio o canto  
o Evangelho, em que Cristo diz, que seja  
qualquer o Pastor, que o aprisco reja,  
mas, que entre pela porta, diz contanto:

Se por Áustria José pois no Hemisfério,  
terceiro, entra, morto o Primo, e o segundo,  
num tal dia fêz anos com mistério:

Vê-se já claro pois o enigma fundo  
que, se o Mundo há de ver um só império,  
Senhor José será de todo o Mundo.

*De Francisco Xavier de Araújo.*

Ao Assunto Heróico.

### EPIGRAMMATA

Iam tetigit Princeps noster quinquennia bina,  
Et tanget tempus Nestoris ille diu.  
Augmentum Nomen, cum crescere dicat et ipsum,  
Principis istius uita perennis erit.  
Nascitur Augmentum Regni cum Principe nostro;  
Augmentum Nomen Principis huius ait.  
Lysia iam felix crescit cum crescat et ipse,  
Qui nobis Regni magnus adauctus erit.  
Indiget ille Regis, Phoenix ut uiuat in orbe:  
Viuat ut hic Phoenix nomen abundat opus.  
Crescat ut aeternos Phoenix longaeua per annos,  
Amittit uitam, nascitur inde rogis.  
Sed Princeps noster Phoenix Lusitanus in Orbe  
Nomine concrescit, crescit et absque rogis.

Do Licenciado

*João Machado Barcelos.*

Aos dez anos de idade do Sereníssimo Príncipe Nosso  
Senhor, pelo mesmo Autor.

### SONETO

Quem que a idade de ouro é já passada  
pretende escurecer tôda a Verdade,  
pois só do nosso Príncipe a idade  
se pode com razão chamar dourada:



Há dez anos se vê amplificada  
para nós, a maior felicidade,  
com a qual nosso amor nos persuade  
a palavra de DEUS desempenhada.

Este Supremo Príncipe nascido  
da progênie Real, e sangue herdado  
do Rei primeiro, Afonso esclarecido;

Parece ser o próprio reservado  
para quem o Senhor tem prometido  
seu Império, de nós tão desejado.

[*João Machado Barcelos*]

## Ao assunto heróico

### SONETO

Os anos de José, que dez numera  
dobrando as Quinas com fatal mistério,  
esperança nos dão, que lá do Império  
hão de as Águias voar à nossa Esfera.

Na idade, que não chega a primavera  
tem já tanto Valor, é já tão sério,  
que servindo aos Catões de Vitupério,  
faz Verdades de Alcides a Quimera.

Foi Infante José quando menino,  
mas antes de dez anos, sem Vaidade  
o Principado tem mais peregrino.

Em dobrando José a mesma idade,  
é tão alto, e feliz o seu destino,  
que há de ter a Césaria Majestade.

*De Francisco Pinheiro Barreto*

Vigário da Igreja de São Pedro.

## Em louvor dos felizes anos do Príncipe Nosso Senhor

### CANÇÃO

Canção que escreve o amor dita o respeito  
em tôsco, e humilde estilo modulada,  
em vez de tono altivo, e voz subida,  
louva pois confiada  
os anos dêste altíssimo sujeito  
que admirada serás, serás ouvida.

Ó vós Musa entre as outras preferida  
em dignidade como em rima, e metro,  
minha Lira afinai, movei meu plectro;  
infundi-me o licor claro, e perene  
da abundante Hipocrene,  
que inundando desata,  
em correntes cristais ligeira prata:  
vossa altíssima solfa, e estilo grave  
me dai ó Ninfa, e cantarei suave:  
ficará mais sublime o meu engenho  
sendo o meu desempenho vosso empenho.  
Mais que empenho parece desatino,  
atrever-se entoar meu rude canto,  
o incompreensível de tão raro intento:  
Se não conseguir tanto,  
louvor ainda mereço, pois me afino  
cantando tão sublime nascimento:  
e alentado pois dêste pensamento,  
se bem que sem cadência, entoar posso,  
que nascimento tal, para bem nosso  
a todo Luso exalta,  
porque realçou sem falta  
a nativa grandeza  
que lhe deu por herança a natureza;  
pois ela de [contínuo] como vemos,  
reparte comumente por extremos  
quando mais gratamente se amplifica,  
os dotes que por graça multiplica.  
Multiplica-se pois quanto se apura  
o régio sangue, que em si se acredita,  
de tão alto Solar participante:  
dais-lhe mais lustre, e dita,  
pois cada sua ação mostrar procura  
que aos Reis de quem descende é semelhante:  
estátuas lhe fabrique de diamante  
a fama vaga, e por encargo tome,  
engrandecer o vosso feliz nome  
até donde rodeia  
a carroça Febéia  
com luminosos giros  
pisando de Anfitrite os seus retiros.  
Já pois pontual com cem bôcas a fama,  
ditosamente pelo mundo aclama,  
que erigindo-se aras no seu templo,  
nêle grava o seu nome por exemplo.

Será o exemplo da sublimidade,  
 será na Heroicidade preeminente;  
 pois se publica cá na nossa zona,  
 que antes da adolescente  
 proecta faz a juvenil idade:  
 Ó felice Lisboa que blazona  
 de filho tal, com que tanto se abona,  
 de cujos anos em faustas memórias  
 fabrica timbres, e granjeia glórias:  
 se a gente Lusitana  
 tanto dêle se ufana,  
 cá na nossa Bahia,  
 é bem se aplauda nesta Academia  
 com métricos aplausos soberanos,  
 os gloriosos, e felizes anos  
 do nosso Príncipe, que já acredita  
 ser glória a Portugal, ao Brasil dita.

*de Hierônimo Roiz de Crasto.*

Ao Príncipe Nosso Senhor cumprindo o décimo ano  
 de sua florentíssima Idade.

Primeiro Assunto

### SONETO

Ásia, África, Europa reverentes  
 Cedem hoje ao Brasil a Majestade;  
 que contando dois Lustros de Áurea Idade  
 raios numera em quinas florescentes.

Da Lusa Época cifras refulgentes,  
 com perene, imortal felicidade,  
 vão calculando para a Eternidade  
 reais ações, Virtudes excelentes.

Ó Década feliz! O tempo fausto,  
 neste Decênio, séculos sincopa  
 a tanto sacrificio quase exausto.

No Mundo todo pouca ofrenda topa,  
 e consagra, com férvido holocausto  
 por vítima o Brasil, no Altar de Europa.

D.O.C.

O Acadêmico Nubiloso

*Caetano de Brito Figueiredo.*

Aos dez anos, que faz o Príncipe Nosso Senhor

### SONETO

Para ilustrar feliz a Lusa esfera  
(espaço a tanto Sol inda sucinto)  
Astro primeiro do Planêta Quinto  
o Jove Português Lustrós numera.

Porém se em Lustrós dois já hoje o espera  
de dois mundos um globo tão distinto;  
cresça Zonas o orbe, alargue o cinto,  
quando a Outono passar de primavera.

Quem há de clausular, Príncipe invicto,  
do nome vosso, na maior idade,  
eco, que já da fama excede o grito?

Cala o pasmo, porém diga a verdade,  
que, pois termo não tem o que é infinito,  
digno Império tereis na eternidade.

Do Acadêmico Obsequioso.  
[*Gonçalo Soares da Franca*]

Ao primeiro assunto

### SONETO

Joseph, id est, augmentum.

Em seis do sexto mês, anos aumenta  
de Portugal José, príncipe Augusto;  
José que justamente é hoje o susto,  
que de Agar tanto aos filhos atormenta:

Do braço como as forças acrescenta,  
quando o peito dilata mais robusto;  
que tema é justo o Mauritano injusto,  
vida, que em dano seu, tanto se alenta:

Cursos o Sol aumenta Lusitano;  
Que aumente receia o hemisfério  
Do Luso trono; pálido o Priano;

Com razão teme Agar seu vitupério;  
pois a vida José se aumenta um ano,  
pode a Lísia aumentar mais outro império.

Do Ocupado.  
[*Luís de Siqueira da Gama*]

Aos dez anos, que faz o Príncipe Nosso Senhor

### SONETO

Ao tempo deve a triunfos venerando  
de vossa idade o curso florescente  
um passo mais, que o Luso afeto ardente  
a glórias conta, aplausos numerando;  
Ditosa anima, auspícios renovando  
a Lustras dois, em culto reverente  
feliz anúncio a votos permanente,  
amante obséquio a logros memorando:  
Pois vos repete a pasmos da memória  
em vozes imortais a vossa idade,  
vivas, que admire iguais a sua glória;  
Para que obreis, crescendo a Majestade,  
ações, que recomende a longa história,  
Evo, Memória, Tempo, Eternidade.

*De João de Barbosa e Lima.*

### SONETO

Para gôsto das Lusas Majestades  
Glória de Lísia, Príncipe famoso  
contai (correndo o tempo vagaroso)  
Em floridos Abris, longas idades.  
Respeitem-vos de Clotos as crueldades,  
para que (sempre Augusto, e poderoso)  
Esse prodígio Arábico invejoso  
convosco não compita eternidades.  
Tanto vivais (Ó Príncipe excelente,  
Que o trânsito comum, tenhais por glória,  
Para a do Céu lograr eternamente;  
E excusando os arquivos da memória  
Vossas ações; para a futura gente  
sêde vós de vós mesmo a vossa história.

*[João de Brito e Lima]*

### SONETO

Príncipe excelso, soberano Infante,  
A quem no fausto Horóscopo, igualmente  
Ciências lhe inspirou, o Deus Valente,  
Vitórias lhe influiu o Deus flamante:

Na aritmética conte o tempo errante  
 Por séculos os anos negligente,  
 Para que assim vivendo eternamente,  
 Esta máquina veja trepidante.

Aposte durações c'o raio etéreo,  
 E no Zênite glorioso, e sempre ufano,  
 Jamais do Ocaso sinta o vitupério.

Passando (sempre Augusto e Soberano)  
 De Águia sublime do Alemão Império,  
 A Fênix dêste Império Lusitano.

[Do mesmo Autor]

### SONETO

Como dez anos tendes completado  
 Príncipe Luso, espero, que vencido  
 Fique o Caduco Velho, carcomido,  
 Que tudo a seu império está prostrado.

Viveis quanto de nós sois desejado,  
 senão o mesmo, que antes de nascido,  
 Ficando desta sorte ressarcido  
 pelo futuro tempo, o já passado.

Vossa idade rubrique o Louro amante,  
 Vossos anos numere o transparente  
 Rei do Cerúleo império de diamante.

Sondo seus caracteres mudamente  
 as areias do globo rutilante,  
 as estrélas da tímida corrente.

Do Acadêmico Infeliz  
*João de Brito e Lima.*

Ao Príncipe Nosso Senhor fazendo dez anos a seis  
 de junho, cômputo, que em opinião de São  
 Hierônimo, alegorizando os números sôbre o  
 capítulo quinto de Zacarias, significa  
 felicidades:

*Denarium prospera significat.*

### SONETO

Sabei, Senhor, que a dita me estimula  
 a dar-vos parabéns que tanto monta

o cálculo de dez, que em vós aponta  
os anos, que a Fortuna matricula.

Mas se o número em si ditas vincula,  
ditoso Portugal, que quantos conta  
anos a vossa idade, em boa conta  
felicidades são, com que hoje pula!

Não tema logo o Reino estranhos danos  
que os bens, que nunca viram as idades,  
só por vós lhe seguro mais que humanos.

Ambos pois em ditosas igualdades  
contai sempre, se vós eternos anos,  
Portugal imortais felicidades.

*De André de Figueiredo Mascarenhas.*

Ad Augustissimum Decenium Serenissimi Principis  
Nostri Ex animo offert

*Ludovicus Camelo de Noronha.*

### EPIGRAMMA

Zodiacum semper lustrans Sol clarus ad auras  
Vertitur in gyros, continuatque dies.  
Zodiacum decies lustrans Sol Lusus ab ortu  
Impleuitque annos, continuatque, suos.  
Fecerit ille dies Sol, Sol hic fecerit annos.  
Sol noster maior, Sol minor ille, manet.  
Nam si mille dies Sol ille patrauerit, iste  
Sol patret annorum milia mille decem.

Ao Sereníssimo Príncipe de Portugal o Senhor Dom  
José ajustando dez anos em uma oitava do  
Espírito Santo

### SONETO

Perde Fênix na esfera de um só dia  
o lustre que gozou por tantos anos;  
e começa a gozar de novos anos  
por influxos do Sol no mesmo dia.

Vós qual Fênix, Senhor, neste alto dia  
 não perdeis, mas dobrais lustre nos anos,  
 pois felizes fazeis dois lustros de anos,  
 por influxos da graça neste dia.

Multiplique pois Fênix os seus anos;  
 mas renasça perdendo no seu dia  
 o lustre que gozou por tantos anos:

Mas vós dobrando o lustre neste dia  
 multiplicai qual Fênix vossos anos,  
 Mas vós dobrando o lustre neste dia

*De Antônio de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

### Primeiro Assunto

Ao feliz complemento do décimo ano de idade  
 do Sereníssimo Príncipe Nosso Senhor em 6 de  
 junho de 1724

### SONETO

Príncipe excelso, que na tenra idade,  
 Antecedendo à tarda natureza,  
 Descobres da razão alta viveza,  
 Raro esplendor nos dás da Majestade;

Logrem teus anos tanta imunidade,  
 Robustez tanta, tanta fortaleza,  
 Que vencendo da morte a dura emprêsa,  
 Durações te consagre a eternidade:

Dos anos dez da tua primavera,  
 (Promessas memorando tão divinas) (1)  
 Nada menos, Senhor, hoje se espera;

Pois chegando a dobrar as Sacras Quinas, (2)  
 Se Deus nelas firmou do Luso a esfera,  
 Não tendes que temer do tempo as ruínas.

*De João Álvaro Soares.*

(1) Lê-se ao lado: "nolo in te, et in semine tuo etc."

(2) Lê-se ao lado: "Porque dez são duas quinas".



Ao Sereníssimo Príncipe de Portugal o Senhor Dom José em ocasião de completar dez anos em 6 de junho próximo presente.

### SONETO

Em dois Lustros Abril dez Primaveras  
logra, só para dar flôres a Junho  
que de seis logo tira por rascunho  
em seis letras, o aumento às nossas eras.

Aos seis dias primeiros põem com veras  
não de flôres, de ouro o cetro em punho  
ao florido Monarca, e nêlo o cunho  
com que demarcará do Mundo esferas.

Dêem-se a Abril parabéns se nestas flôres  
dá do Luso em geral contentamento  
aos pequenos, aos Grandes e Senhores.

Logre Junho das flôres o portento  
Pois nos quer aumentar anos melhores  
nas seis letras da Flor que diz aumento.

*Por Anastácio Ayres de Penhajiél.*

Ao Sereníssimo Senhor Príncipe, fazendo anos,  
assunto heróico da nossa Academia Brasílica.

### SONETO

Objeto vivo, Augusta Fantasia,  
de Reais exemplares alta Idéia  
a quem o Trono excelso lisonjeia,  
a quem espera a vasta Monarquia.

De Junho o sexto venturoso dia,  
deixando a Esfera de esplendores cheia,  
nos quis trazer em vós, Astro que enleia  
a esperança, a obediência, a simpatia.

Dez generosos círculos jucundos  
têm feito a vossa vida em passos sérios  
caminhando a imperar Orbes fecundos,

E vos faz, de abranger os Hemisférios  
tão digno, que se houvera muitos Mundos  
contareis pelos anos os Impérios.

O Acadêmico Vago  
*Sebastião da Rocha Pita.*

Ad Serenissimum Lusitaniae Principem Dominum  
Iosephum etc. recurrente anniuersaria  
eiusdem Natalitiorum solemnitate.

### ELOGIUM

Prodigam Natura omnium donorum se prodidit,  
Augustissime Princeps,  
Cum Te, non Procerum modo,  
Sed obscurae quoque plebis expetitum uotis, in  
[lucem edidit,  
Proceram facturum populis umbram,  
Quasi arborem ex regio trunco assurgentem,  
Ad humilium, et miserorum subsidium.  
Iunium sibi sacrum,  
Omniumque adeo lucidissimum mensem,  
Natalem Tibi Lucina constituit.  
Fecit Diua prudens ad aequitatis legem,  
Cum sobolem praeclarissimam,  
Et mere natam ad splendorem paternae domus,  
Maluit uitae sumere a Lucis candore primordium.  
Sub Geminorum astro Mortalium uiam aggredieris.  
Non alio debuit afflari sidere nascentis cuna,  
Quem unum peperit Mater, ante obitum multorum  
[uices obiturum:  
Imo etiam Fratris interitum faustissimae redemp-  
[turum natiuitatis auspicias.  
Ego certe altiora uaticinor.  
Deprecari se nautae procellam existimant Pollucis,  
[et Castoris Numine,  
Cum ex Caelo per quota conciliati periclitantibus  
[affulgent,  
Imminente naufragio.  
Natus ad moderandum Regni clauum,  
Cum regiae dignitatis ardentem purpuram  
[indues,

Ea maxime tempestate optatam rebus serenitatem  
   [induces,  
     Omni prorsus eluso,  
 Siquod Lusiadam sceptro impendeat, naufragandi  
   [periculo.  
 Grandiorem natu sobolem Germanum Fratrem,  
   [immaturo fato mors rapuit,  
     Vt Te solio admouere Fortuna maturaret.  
 Facti Natura paenitens, quod Te loco secundo  
   [genuerit,  
     Artem, ac modum inuenit, quo facile  
   [promoueret ad primum.  
     Lethali Fratris uulnere cruorem elicuit,  
 Quo ad Patris diadema Tibi strauit ascensum  
   [purpureum.  
     Quod illi ostrum e uenis ictus expressit,  
     Faciam imbuit,  
     Non quae mortui plagam obduceret,  
     Sed Tibi cingeret superstiti Caput,  
     In regiae dignitatis insigne.  
     Et plane dissonum foret,  
 Praerepto haereditatis iure, Infantem esse, non  
   [Principem,  
     Qui mutas omnium disertorum linguas aegre  
   [natus,  
     Sane fecit ambitione dicendi, ac multa sui laude,  
   [uocales.  
     Sextam Iunii,  
 Qua die natum nonnulli Alexandrum existimant,  
   [cognomento Magnum,  
     Etiam in ortum tuum prouida Natura destinauit;  
 Vtqui uiuens non potuit Fortunae tecum  
   [aemulatione certare,  
     Etiam mortuus flagraret inuidia.  
     Fleuit ille nouum esse orbem audiens,  
     Nondum a se ueteri triumphato,  
 Et iam pene totis in parte consumptis uiribus labore  
   [uincendi.  
     Tu, dato armis otio, Brasiliae Tibi nouum, quem  
   [uocant, orbem  
     Nascendi sola conditione nancisceris:  
     Maior hoc Magno Macedonis Philippi Filio,  
     Quod ille ferro propagauerit acceptum a Patre  
   [Imperium,  
     Tu aureae Puer indolis in uitae principio,

Regni finibus solo nomine incrementum facis.  
 Susceptum ex lustrali fonte, Iosephum Te Pater  
 [appellauit;

Quo nullum hactenus Lusitanorum Regum  
 Illustri uocabulo nuncupatum legimus.  
 Adeo Te supra caeteros eminere Fortuna uoluit,  
 Vt nequidem nomine parem ferres.  
 Quod ego factum interpretor praesago consilio;  
 Vt neque Maioribus nomen acceptum referas,  
 Satis ipse facturus Tibi maximum,  
 Et quod etiam gignendis a Te liberis  
 Titulo regiae successionis accrescat. (1)

Iure Tibi natalem diem  
 Calculo notat sui nominis Candida, (2)  
 Quasi Te albo fortunatissimorum Regum  
 [adscribendum inaugurans.  
 Fixisti clauo Imperii Fortunae rotam,  
 Extra sortem illorum positus,  
 Quos euehit ad Caeli axem,  
 Lento quidem manus auxilio,  
 Celeri motu pedis datura praecipites.

[*Sem indicação de Autor*]

Nascitur Serenissimus Princeps Domino Iosephus  
 etc. sexta Iunii, qua luce ortu quamplurimi  
 uolunt Alexandrum Macedoniae Regem, et  
 simul Ephesinae Dianae Templum ab  
 Herostrato incensum conflagrasse.

## EPIGRAMMA

Qua Te clara Parens praegnante exclusit ab aluo,  
 Haec et Alexandro lux quoque prima fuit.  
 Sors utrique tamen longe diuersa: fuisti  
 Ordine Tu meriti, temporis ille prior.  
 Illo oriente, ferunt Templum flagrasse Dianae:  
 Vidimus at nato plaudere Templa Tibi.

(1) A margem direita: **Iosephus, I, accrescens.**

(2) A margem direita: **Collitur hac die Diua Candida.**

Illi Tempia flagrant, quia Templo indignus, et ara,  
 Fax erat, aut mundi flamma datura rogam.  
 Ara Tibi puero fuerat iam debita, cuius  
 Per delubra uolans iam modo fama sonat.

[*Sem indicação de Autor*]

Extincto Serenissimo Principe Domino Petro  
 Augustissimi Domini Ioannis Quinti  
 Lusitaniae Regis primogenito Filio, ad regiae  
 purpurae haereditatem, translato in se iure,  
 accitur praestantissimus Dominus Iosephus etc.,  
 secundo loco genitus.

### EPIGRAMMA

Frater obit; Patris in solium, Iosephe, uocaris;  
 Posterior natu cum tamen ipse fores.  
 Sit procul infaustum sceptris Regalibus omen.  
 Auguror Imperio prospera regna tuo.  
 Rite secundarent ut Numina fata, uocandus  
 Filius in sceptrum iure secundus erat.

[*Sem indicação de Autor*]

Serenissimum Principem Dominum Iosephum etc.  
 enicitur Regia Parens sexta Iunii die, quae  
 sacra est Domino Norberto Praemonstratensis  
 Ordinis Conditori.

### EPIGRAMMA

Quae Tibi lacta dies aperit commercia uitae,  
 Norberto, Princeps Maxime, sacra fuit.  
 In florem datus hic tumulto migravit amoenum.  
 Auguror hinc Regnis omnia fausta tuis.  
 Flos ades, e Fratris ueluti prodiret sepulcro  
 Iussus, et in Patris tollere scepra manum.  
 Sera nimis Te fata manent, quem Numen ab ipso  
 Dat tumulto Regni ducere iura sui.

[*Sem indicação de Autor*]

## Conferência de 25 de junho

## Segundo Assunto

Segundo assunto uma dama dando a Fábio  
duas flôres, a saber um amor-perfeito  
metido em um malmequeres.

## DÉCIMAS

Nesta amorosa conquista  
tenho que te agradecer,  
Lisarda, pois vens a ser  
hoje o meu panegirista.  
Por dois contrários à vista  
não é de discurso vário;  
e ajuntar foi necessário  
ao teu ódio o meu amor,  
porque êste lustra melhor  
à vista do seu contrário.

Como em amar-te ninguém  
é ao meu afeto igual.  
Em tu me queres mal  
se funda o querer-te eu bem.  
Isto diz o teu desdém,  
se nêle a discorrer entro,  
pois pusestes o amor dentro  
no tirano malmequeres,  
porque no mal, que me queres  
tem meu amor o seu centro.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

## Ao assunto lírico

## SONETO

Lisarda gentil Dama tanto amava  
A Fábio, que por êle se morria,  
Seu peito que de Amor se consumia  
Em um Etna de fogo se abrasava.

Fábio porém que dêste Amor zombava,  
 Nem sequer as finezas conhecia,  
 Nem da bela Lisarda que vivia  
 Ardendo em labaredas, se lembrava.

Mas Lisarda que prêsa de Cupido  
 Constante tinha a Fábio no seu peito  
 Determina se quer vê-lo rendido.

Como dádivas rendem com bom jeito  
 Té as penhas, a Fábio dá metido  
 Num Malmequeres um Amor-perfeito.

Do Licenciado

*João Machado Barcelos.*

## Assunto

Uma flor chamada amor-perfeito, metida em um malmequeres

## SONETO

No ódio entrar amor é incompatível,  
 Como estar o pesar dentro do gôsto,  
 na pena a glória, alívio no desgôsto,  
 o tormento maior, fazer sofrível;

O medonho por si, ser apazível,  
 à traição mais cruel, mostrar bom rosto,  
 à vista do contrário, causar gôsto,  
 fazer o bronze, e mármore, sensível!

Junto ao lôbo, a ovelha estar metida,  
 ser o maior avaro generoso,  
 mas a agonias grandes, ter prazeres!

Nesta opposição tão conhecida,  
 acho ser inda mais dificultoso  
 estar amor-perfeito em malmequeres.

*[Do Capitão Antônio Ribeiro da Costa]*

Em contraposição do Sonêto acima

### SONETO

Metido amor-perfeito em seu contrário  
se nêle com amor, amor aplica,  
no seu desinterêsse justifica  
ser verdadeiro amor mais do ordinário:

Quem não repara em ódio do adversário,  
amar perfeitamente certifica,  
e a tão valente amor se lhe dedica  
o aplauso maior de extraordinário.

Êste tal, manifesta seus podêres  
quando só de querer forma conceito  
fazendo dos rigores seus prazeres:

Se por amar, a amar se vê sujeito  
metido por seu gôsto em malmequeres  
fica amor-perfeito, mais perfeito.

*Do Capitão Antônio Ribeiro da Costa.*

A uma dama que deu a seu amante duas flôres, a  
saber um amor-perfeito dentro de um  
malmequeres

### SONETO

Êste de opostas flôres laço unido,  
emblema, onde decifra o meu cuidado,  
um amor a teus olhos alentado,  
um desdém a meu peito oferecido.

Se por favor, ó Cloris, mo tens lido,  
eu por disfarce o tenho soletrado,  
pois no fragante néctar de um agrado  
o veneno desmentes de um sentido.

De um malmequeres, de um amor-perfeito,  
quem negará que explicam os primores  
de encontrados afetos um efeito.



Clóris, estas são cópias (não são flôres)  
das que brilham firmezas do meu peito  
dentro das isenções dos teus rigores.

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

A Lisarda dando umas flôres a Fábio a saber, um  
Amor-perfeito metido dentro de um  
Malmequeres.

*De Luís Canelo de Noronha.*

### DÉCIMA

Lisarda, por firme sêres,  
Tendo a Fábio em vosso peito,  
jogais com Amor-perfeito  
Malmequeres, bem me queres.  
Discreta andais em fazeres  
tal honra a vossos amôres,  
pois são êstes os favores  
que jamais causam desonra,  
porque é certo que dão honra  
as Damas, se dão as flôres.

Ao segundo assunto

### DÉCIMA

Fala a Dama  
Essas flôres, que no excesso  
por prenda, Fábio, te intimo,  
uma inculca o que te estimo,  
outra mostra o que padeço;  
no amor perfeito te of'reço  
copiada a minha fineza,  
sendo da tua dureza  
o malmequeres traslado,  
êste cifra do cuidado,  
cópia aquêle da firmeza.

*De João de Barbosa e Lima.*

## SILVA JOCO-SÉRIA

Pus-me uma noite destas passeando  
no Acadêmico assunto discursando,  
que nos deu a discreta Academia  
sem jamais acertar no que devia:  
porque a ruça empinada,  
saltando muito, não corria nada.  
Dizer queria a Musa,  
que empinar-se comigo às vêzes usa.  
E pelo entendimento revelando,  
alguns coices me dá, de quando, em quando;  
o que me não causou (falo verdade)  
por ser mulher nenhuma novidade.  
Levanto-me da sêde, arrojô a pena  
com raiva não pequena;  
tudo me enfada, tudo me molesta,  
quebro tanto o juízo, como a testa.  
De passear a casa me não farto;  
Porém do entendimento estava o parto  
tão duro, que entendia  
algum medonho monstro abortaria.  
Enquanto nisto a imaginar-me punha  
o dedo polegar deixei sem unha;  
e a sentir-me com dentes de outros modos  
sem unhas deixaria os dedos todos.  
Nisto à mesa me assomo,  
donde sei, que comi, mas não sei como,  
e porque não ficasse obtusa a veia  
foi então de Poeta a minha ceia.  
Tanto assim, que da mesa me levanto  
qual se fôsse em vigília de algum sonho,  
sem que a Musa galharda  
quisesse dar por freio ou por albarda.  
É vendo enfim, que dela nada alcanço,  
busco no leito o natural descanso,  
com que êsse ladrão doce nos convida  
roubando a meia vida, a humana vida.  
Já o têrmo da noite dividido  
tinha o ferro no bronze repetido,  
quando pelo, que sonho,  
dormindo me suponho,  
bem que estando acordado  
tudo me pareceu, e não sonhado.  
Porém não julguei que era suposto

porque era sonho meu êste de gôsto.  
 Foi êste pois, que entrava uma donzela  
 pelo meu aposento, rica e bela.  
 Os olhos abro, vejo a linda Dama  
 e como nas ações mostra que me ama (1)  
 que comigo se vem deitar na cama.  
 Assustado lhe digo: que ventura  
 é esta idolatrada formosura!  
 quem vos move a fazer-me honras tão grandes?  
 tanta honra senhora a João Fernandes?  
 e por não perverter o velho dito,  
 não digo tanta honra a João de Brito.  
 Sem dúvida ignorais (pouco discreta)  
 que esta casa em que entraís é de poeta,  
 donde não achareis por sua estrêla  
 senhora um Potosi, nem Índia nela.  
 Apenas achareis em seu desconto  
 cá na América um Prestes João pronto.  
 Quem sois senhora nossa!  
 por que melhor agasalhar-vos possa.  
 Não me conhece (diz) quem tal diria!  
 Não sou senhor a sua fantasia!  
 Já conheço quem sois minha senhora,  
 (Respondo) e pode ser por estar fora  
 da minha companhia,  
 apertado talvez, que me veria,  
 sem com frases poder, velhas, ou novas  
 as consoantes dar, a duas trovas.  
 Onde fôstes, sem ter consentimento  
 do vosso nobre espôso o entendimento?  
 pois nenhuma mulher (inda a mais rasa)  
 sem licença do espôso sai de casa.  
 Como (me respondeu) tão ocupado  
 julguei com êste assunto a seu cuidado,  
 me mandou meu espôso neste dia  
 a ver a discretíssima Poesia,  
 que tem (qual no Parnaso) o seu assento  
 neste Palácio, e douto ajuntamento.  
 De donde trago, em números bastantes  
 uma carga de ricos consoantes;  
 entre os quais dos Seletos, e perfeitos  
 uns poucos de finíssimos conceitos.  
 Pode dêles valer-se nesta obra  
 porque o seu cabedal não é de sobra,

---

Verso intercalado, com letra do secretário.

sem os Zoilos temer, que destas tretas  
se costumam valer pobres poetas.  
Com que pode sem susto  
a silva prosseguir a todo custo.  
Nisto da Aurora os músicos volantes,  
dando as Dêlficas Luzes, seus descantes,  
despertei; porque os párpados abria  
já de Menon a mãe que no Céu ria  
e achando a fantasia no meu casco,  
conheci, que êste sonho fôra chasco.  
E que são para mim sempre supostos  
como sonhos fantásticos, meus gostos.  
Porém tornando a métrica porfia,  
tão benévola achei a fantasia,  
que pegando na pena, de carreira  
a silva comecei desta maneira:  
mas para a prosseguir saber pretendo  
desta Senhora o nome, que estou vendo  
oferecer a Fábio seus amôres,  
(qual se fôra um jardim) diversas flôres.  
Será pois esta Dama que floreia  
roseira de Amaltéia?  
ou será pelo meu vocabulário  
Florência do Rosário?  
E a não ser o conceito mais antigo  
que a perda das Espanhas por Rodrigo,  
(vendo a pagã quando estas flôres dera)  
a batizava pela Primavera.  
Ora seja o que fôr não porfiemos,  
o caso ponderemos  
sucedido com Fábio,  
galã desta Senhora, nobre, e sábio,  
a quem ofereceu (gentil conceito)  
dentro de um malmequer, um amor-perfeito.  
Vejam lá, que perfeito amor dedica,  
quem nesta flor, o mal que quer explica.  
Porém que amor-perfeito, houve em mulheres,  
que não traga consigo o malmequeres.  
Suposto me parece,  
que a môça nestas flôres, que oferece  
com tanta antipatia,  
de Fábio em uma explica a tirania,  
e discreta em outra, quem repara  
a Fábio seu perfeito amor declara.  
Êle reconhecendo êstes favores,

colhêr espera o fruto destas flôres:  
 porque sem tardar muito,  
 é certo donde há flôres haver fruto.  
 Desejando trocar por mais formosas  
 com as rosas das faces, estas rosas,  
 ou por êsse que tem na bôca bela  
 odorífero cravo de Arroxela;  
 cujo alento aromático recreia  
 mais que os aromas da região sabêia.  
 E bem quisera para que os libasse  
 que em Abelha sutil se transformasse,  
 ou fazendo a Cupido um justo agrado  
 em gentil beija-flor daquele cravo.  
 Porém em falta disto, se contente  
 amigo Fábio em se ficar sòmente  
 com a flor malmequer, e amor-perfeito;  
 e quando se não dê por satisfeito  
 com esta silva fique,  
 ou com ela se pique ou se despique  
 bem que também picado por tamanha  
 algum dos circunstantes já me estranha.

Do Acadêmico Infeliz

*João de Brito e Lima.*

## DÉCIMAS

Enigmático parece  
 O favor, que a Fábio dais  
 Lisarda, quando mostrais  
 o quanto vos aborrece.  
 Perfeito amor lhe oferece  
 Vosso afeto nessa flor,  
 que vinculada ao rigor  
 de um tirano malmequer,  
 claro lhe dais a entender,  
 aborrecimento, e amor.  
 Não pode o maior conceito  
 decifrar neste episódio,  
 se em vós é perfeito o ódio,  
 ou se o amor é perfeito.  
 mas claramente suspeito  
 (pelo que dais a entender),  
 mal pode perfeito ser  
 um perfeito amor que vem  
 com mostras de querer bem,  
 coberto de um malmequer.

Se a Fábio mostrar quereis  
quanto Anarda idolatrais;  
se um perfeito amor lhe dais  
um malmequer lhe não deis.  
Mas já vejo e me dizeis,  
que Fábio desvanecido  
poderá (pouco advertido)  
(sem a pena que o maltrata  
de ver esta flor ingrata)  
morrer de favorecido.

Porém Fábio o vosso amor  
tanto a bela Anarda preza,  
que estima a menor fineza  
Não teme o maior rigor.  
Antes por glória maior  
(tomando amantes licenças)  
julga pouco as diferenças  
dos objetos destas flôres,  
aceitando por favores  
de vossa mão, as ofensas.

Dando neste sacrificio  
a que seu peito oferece,  
no pouco, que vos merece,  
de quanto vos ama, indício.  
E pôsto que o precipício  
tema de vosso rigor  
no símbolo dessa flor,  
que será, sempre suspeito  
mais que o vosso amor-perfeito,  
de Fábio perfeito, o amor.

Êle fino, e vós ingrata,  
(nas flôres, que tem na mão)  
uma a vossa ingratidão,  
outra o seu amor retrata.  
Porém tão firme vos trata,  
que se estas sortes o fado  
houvesse entre os dois trocado,  
mais quisera (o bom partido)  
amar sendo aborrecido,  
que aborrecer sendo amado.

Se lhe dais no malmequer  
 mostras de que vos quer mal,  
 não pode ser mais leal  
 quem não pode mais querer.  
 Não chegueis a conceber  
 de Fábio tão mau conceito;  
 pois caíra no defeito  
 de ingrato, e de pouco sábio,  
 se vos não amara Fábio  
 sendo objeto tão perfeito.

Do Acadêmico Infeliz  
*João de Brito e Lima.*

## ROMANCE JOCO-SÉRIO

Senhora Dona Florinda:  
 (como a não vi batizar)  
 êste nome quero pôr-lhe  
 pois vejo que flôres dá.  
 Senhora Dona, outra vez  
 repito, diga, que mal  
 lhe fêz Fábio para que  
 malmequer lhe queira dar?  
 Como quer que Fábio a creia,  
 se quando um favor lhe faz  
 no tirano malmequer  
 lhe mostra que lhe quer mal.  
 Se de Fábio a ingratitude  
 nesta flor lhe quer mostrar,  
 como mostra amor-perfeito  
 a quem supõe desleal?  
 Parece nesta fineza  
 mulher muito singular,  
 porque de desvanecidas  
 pecam geralmente as mais.  
 Tôdas de serem queridas  
 têm o seu flato em geral,  
 ostentando-se cruéis  
 com quem mais as sabe amar.  
 Não introduza êste abuso,  
 que alguma se queixará,  
 de que você chegue aos homens

amor-perfeito a mostrar.  
Olhe, que a terão por feia  
com estas mostras que dá,  
que é propensão da beleza  
ingratidões ostentar.  
Só de mal correspondida  
desconfiar poderá,  
Dama, que a seu pesar topa  
desenganos de cristal.  
Mas se é seu amor-perfeito  
como vendo Fábio está,  
não queira um perfeito amor  
um malmequer deslustrar.  
De perfeito não tem muito  
um amor, que unido vai  
com flor, que é por sua oposta,  
hieroglífico do mal.  
Se intenta que Fábio estime  
sua fineza por mais  
o perfeito amor lhe dê,  
sem o malmequer lhe dar.  
São distintos os efeitos  
de aborrecer, e de amar,  
ou de aborrecer de todo,  
ou querer e nada mais.  
Não val nada um sano amor  
que problemático está.  
Porque [como] hermafrodita  
se ignora de que há de usar.  
Mas entre bela e piedosa  
sabe com extremo igual,  
juntar ao piedoso, o amor  
ao belo o rigor juntar.  
Porém nada Fábio teme,  
que como é môço sagaz,  
com o pé dêste favor  
lhe há de a mão querer tomar.  
Esse malmequer caduco  
(de amor tirano fiscal)  
se converta em bem-me-quer  
não haja malmequer já.

Do Acadêmico Infeliz  
*João de Brito e Lima.*



A um amor-perfeito metido em um malmequeres,  
que a Fábio deu uma Dama.

### SONETO

Umás flôres a Fábio desvalido  
Dá Lisi por favor dos seus rigores,  
Que da Dama em rigor sempre os favores  
Flôres costumam ser para um rendido.

Mais que flôres, ó Fábio, em bom sentido  
Lisi alentos te dá, senão penhores;  
Porque favor, que agora te dá flôres,  
Que inda venha a dar fruto não duvido.

Mas Fábio estas lhe diz flôres, que aceito,  
Lisi, que te agradeça não esperes,  
Que nelas teu favor se faz suspeito.

Pois vejo, que em discretos pareceres,  
Se uma diz, que me tens amor-perfeito:  
Outra diz logo ao pé, que mal me queres.

*Do Padre André de Figueiredo  
Mascarenhas.*

[Assinatura com letra diferente]

A Lisarda, que deu a Fábio duas flôres, a saber, um  
Amor-perfeito metido dentro em um  
Malmequeres.

*De Luís Canelo de Noronha.*

### SONETO

**Malmequeres** a Fábio deu Lisarda,  
E por dentro metido o **Amor-perfeito**:  
Grande enigma de amor oculta o peito!  
Grande Emblema de Zêlo o peito guarda!

Hieroglíficos são com que galharda  
A Ninfa [sedutora] por conceito,  
Explicando nas flôres todo o efeito  
Do Amor que a fere, e Zêlo que a acovarda

Como que se dissera; o ingrato amante,  
 Por sêres tão cruel, por falso sêres,  
 Nestas flôres verás um semelhante;

Eu sou amor-perfeito entre as mulheres,  
**Malmequeres** és tu: mas eu constante  
 Te dou **Amor-perfeito**, ó **Malmequeres**.

Dá Lisarda a Fábio um amor-perfeito metido em um malmequeres.

### DÉCIMA

Lisarda, quando quiseses  
 Dar flôres a algum sujeito,  
 Nunca dê amor-perfeito  
 Rebuçado em malmequeres.  
 Pois se outra vez tal fizeres  
 Pode ser que Fábio então  
 Vos diga: meu coração  
 Não dê tais flôres a mim;  
 Porque dais cartas de Sim  
 Com subscrito de Não.

*De Antonio de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

A Lisarda que dando duas flôres a Fábio [nela habitava] uma Malmequeres e outra amor-perfeito.

### SILVA JOCO-SÉRIA

[Mais fino], ó Parnaso te reputo  
 Do que um galo soberbo, e resoluto,  
 Pois pastando ontem bichos entre a hera  
 Picas [hoje sutil], da Primavera.  
 Nessas flôres o [mimo], em tudo oposto  
 Ao que ontem gostastes e hoje achas gôsto,  
 Cuja [ambição] te incita  
 A segui-las correndo a expor a fita  
 Para que ela hera te não deixem,  
 E do Álamo sêco enfim se queixem.

Mas porque me não tisne  
 O cantar como galo, como Cisne  
 Cantarei, por deixar enquanto falo  
 Esquecer a memória dêste galo.  
 Alviçaras que o Monte ó Musas belas,  
 Tantas flôres o habitam como estrêlas,  
 Que se foram errantes  
 Hoje fixas, e aqui flôres amantes,  
 Pois chegam como flôres que apetezem.  
 Mostrar que de vós outras não se esquecem;  
 E finalmente flôres  
 [Que] para liquïdar certos amôres  
 De mui longe as guarda  
 O cuidado de Fábio, e de Lisarda.  
 Ama Fábio a Lisarda, grande dita  
 Pois me dizem por cá que ela é bonita,  
 Mas como a não retrato  
 De apurar-lhe as feições também não trato,  
 Que se qual outra Diana a ama deveras  
 Seja rã, [que é] monstro entre [essas feras],  
 Mas sòmente um motivo aqui me [obriga]  
 A perguntar, não sei como lhe diga  
 Que ela sai, como é [vinda]  
 Minha Lis, não [se vá que eu tenho] ainda  
 Que saber se me aguarda.  
 Inda que não por mim, por outrem arda;  
 É conselho prudente, diga, ou sábio  
 Dar em flor um amor-perfeito a Fábio,  
 E do amor nos haveres  
 A denominação de malmequeres,  
 Podendo nessa flor fazer alarde  
 Do mundo que lhe quer, e por êle arde,  
 Ofertando-lhe tôda para efeito  
 De mostrar-lhe qual seja o amor perfeito?  
 Pois que diz minha bela, não responde?  
 Mas se aqui lhe sai Fábio não sei donde,  
 Farei pois que o não vejo,  
 Porém não, quero ouvi-lo, já o cortejo.  
 Senhor Fábio, a esta hora  
 Chego ao prado, e nêle acho esta Senhora  
 Como quem tem amôres  
 Entregando os seus ais às mesmas flôres  
 Talvez porque as invoca

Para alívio da pena que a sufoca;  
 Assim que dela inquiria  
 Pois de efeitos diversos flôres tira  
 Para quem é que sêco  
 O raminho, ou a quem é que o ofrece;  
 Porém não, se é de flôres o conceito  
 Eu o explico por ver se tenho jeito  
 Assim como os enxertos são diversos  
 Para também na Silva enxertar versos.  
 Permita a Academia  
 Por esta vez sequer esta avaria  
 Que soluça Lisarda, e só se atreve  
 Por não ser dilatada, a ser mais breve  
 Nesta Décima em que como zelosa  
 Faz perguntas a Fábio mui queixosa.

*Anastácio Ayres de Penhafiel.*

### DÉCIMA

Nestas, Fábio, que te ofreço  
 De amor mal logradas flôres  
 Dois encontrados amôres  
 Nos efeitos reconheço:  
 Repara bem neste excesso,  
 E obra então o que quizeres;  
 Se exemplo sou de mulheres,  
 Se te quero, e te respeito,  
 Sendo o meu amor-perfeito  
 Por que ingrato malmequeres?

*Por Anastácio Ayres de Penhafiel.*

A uma Dama, pondo a Flor do Amor-perfeito, na  
 Flor do Malmequer, Assunto lírico da nossa  
 Academia Brasílica

### SONETO EM AGUDOS

Com têrmo impróprio de corresponder  
 com imperfeita forma de primor,  
 tem pôsto Filis o perfeito Amor  
 no desdém de um grosseiro Malmequer.

Que pode em dois contrários pretender,  
 nesta união de afeto e de rigor,  
 por Enigma juntando flor, a flor,  
 em confusão metendo ser, e ser.

Mas Fílis se alucina em presumir,  
 que dois extremos se hão de conformar,  
 quando juntos não podem existir.

Pois nas ações de aborrecer, e amar  
 se é ódio o Malmequer, se há de extinguir,  
 se o Amor é perfeito, há de durar.

O Acadêmico Vago

*Sebastião da Rocha Pita.*

## Segundo assunto

Uma Dama dando a Fábio duas flôres — a saber um  
 amor-perfeito metido em um malmequeres.

### DÉCIMAS

Nessas flôres que ofertais  
 A Fábio, Flora Divina,  
 Não sei se ostentais de fina,  
 Ou se de falsa ostentais:  
 O amor-perfeito lhe dais  
 No malmequeres metido;  
 Ó como julgo advertido,  
 Que quem de vós é prendado  
 Anda com visos de amado,  
 Mui perto de aborrecido.

Assim o dais a entender,  
 Quando chegais a enxertar,  
 A flor do perfeito amar  
 Em a flor do mal querer;  
 Porque pouco tem que ver,  
 Que em tal idéia escolheres  
 Mostrastes que nas mulheres  
 O amor é enxerto posticho,  
 Que parecendo castiço  
 Vem a dar em malmequeres.

*João Alveres Soares.*

Foi assunto da Academia Nise dando a Fábio um  
amor-perfeito metido em um malmequer

## DÉCIMAS

### 1

Quis Nize bela mostrar  
o muito que a Fábio adora,  
dessas delícias de Flora  
lhe deu um ramo a cheirar;  
cuidou nêle retratar  
o amor, que tinha no peito:  
fêz o ramo com tal jeito,  
que o pode Fábio entender,  
pois dentro de um malmequer  
meteu um amor-perfeito.

### 2

Malmequer, e querer bem  
envolvem contradição:  
amor, e desafeição  
formalmente disconvêm;  
pois logo que chiste tem,  
de Nize esta nova idéia?  
Se já me não falta a veia  
se me não engana a Musa,  
ou Nize de amar se escusa,  
ou de amor Nize tonteia.

### 3

Não tonteia, que entendida  
é Nize, e muito amorosa  
do seu capricho gostosa  
quer querer, sem ser querida;  
não quer ser correspondida,  
antes tem tanto primor,  
que desprezando o favor,  
no malmequer desafia,  
para amar a tirania,  
para amor, o desamor.

Querer a quem só quer bem,  
é capricho, e não fineza:  
Só pode ser gentileza  
ter amor a quem não tem.  
Não se admire, pois, ninguém  
por última conclusão  
da gentil contradição  
em que meteu Nize as flôres,  
que os mais perfeitos amôres  
com os malmequeres se dão.

[*Sem indicação de Autor*]





6.a CONFERÊNCIA  
DE 9 DE JULHO



Oração, que se fêz em Academia da Bahia em 9 de  
julho de 1724 Presidente o Reverendo Padre  
Mestre Frei Raimundo Boim de Santo Antônio  
Religioso de Nossa Senhora do Monte  
do Carmo. (\*)

Sempre a natureza por inclinação inseparável e congênita pretendeu obsequiar o sujeito, de quem recebe benefícios.

Augusto César Lusitano.

*Sempre a natureza por inclinação inseparável, e congênita pretendeu obsequiar o sujeito, de quem recebe benefícios. Observavam esta verdade os políticos em tôda esta máquina do universo. Compõe-se êste de criaturas insensíveis, como a terra. De entidades sensitivas como animais, e de natureza racional como os homens. Tôdas mostram propensão gratificante pelas ações, que obram. Os Persas adoram o Sol, porque dêle recebem a luz. Os Egípcios divinizam a terra, porque nela vivem, e os sustenta. E como mostram as criaturas insensíveis. Os rios retrocedem para o mar, porque dêle recebem o ser; a terra cultivada multiplica os frutos; e não me admira, que em semelhantes criaturas se achem visos de saber, e entender, porqua a natureza quando obra, como inteligente executa como disse Rubio; opus naturae, opus intelligentiae, que a obra da natureza, era a obra de inteligência.*

E se as criaturas insensíveis se mostram agradecidas; não menos os mesmos animais terrestres. Lá diz Villas Boas na sua história natural em o **Cap. 20**, que um animal trouxera uma pedra preciosa em a bôca a Dom Fernando Anes de Lima, filho de João Fernando de Lima generosa raiz dos Ramos da Casa dos

---

(\*) Esta conferência abre o 2.º volume do MM. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Na primeira página lê-se: "Conferências Métricas".

excelentíssimos viscondes de Vila Nova de Cerveira, porque o tinha livrado de uma cobra, que da vida o pretendia privar: Bem claro se vê, que a natureza qualquer, que seja agradece, gratifica, e obsequia, tendo recebido benefícios; receber benefícios é comum em os homens; confessar finezas é visto em poucos.

Se no fluido dos Rios, no sólido da progenitora das divindades, que é a terra, **Mater Deorum**; se na fantasia brutal, e na intelectual natureza dos homens agradecimento conhece o varão político, e discreto, como poderei deixar de tributar obséquios ostensivos de agradecimento, vendo-me hoje presidente nesta real academia, onde com vôos de Águia avultaram, e avultam Mestres, e Acadêmicos eloqüentíssimos, devendo esta estrêla, sorte, ou fortuna a um Príncipe, muitas vêzes Príncipe. Caminhava aquêle famoso Rei ou imperador Artaxerxes pelas terras do seu império, e como era o coração dos seus vassallos, que os príncipes são o Coração da República, comunicava favores, dava privilégios a todos sem exceção de pessoas.

Agradecidos os vassallos [...] tão generoso, [começaram a agradecer] os benefícios. Os Príncipes lhes ofereceram talentos de ouro. Os grandes [inumerável arca], os nobres pedras preciosas, os Ricos notáveis riquezas. E vendo um pobre, ou mendigo estas remuneratórias ações, não tendo com que agradecer; diz Plutarco, que meteu as naus em bravas correntes de um rio, não para as prender, e atar, mas sim para as encher não de pérolas, que em certo [ai] se pescam, sim de cristais daquela fluida corrente, e as lançou aos pés daquele Soberano Monarca, e illustre Rei.

Pasmou o Rei e ficou tão satisfeito, que mais, e em mais estimou esta data, do que tôdas as mais dádivas. Há casos, que se sucedem uma só vez. O Sol só a Josué parou. Há sucessos, que muitas vêzes acontecem. Davi e Sansão matavam Leões. Não deu Plutarco nome a êste rústico; porque as obras se dão ser a um sujeito; porque cada [um é] filho de suas obras; também as obras dão nome porisso São Paulo é chamado o Apóstolo por antonomásia. Os mais todos foram missionários; mas o muito e singular dêste discípulo lhe deu êste nome porisso o chamamos vulgarmente Apóstolo.

O que sucedeu a êste vassallo daquele Rei me aconteceu a mim súdito dêste admirável Príncipe, mendigo eu nas ciências, sem os talentos da Retórica, sem os aforismos de sábio em a celeberrima academia pretêrita; sendo servido o nosso insigne Príncipe protetor desta minerva nomear-me para presidir esta tarde à vista de Mestres de tantos talentos, onde se admiram tantos acadêmicos peritíssimos sendo cada um dêstes na pompa

das ciências, ou como a Rosa entre as flôres de um aprazível jardim, ou como o Sol entre as estrêlas dêsse elevado firmamento; qual dos títulos seja mais próprio, celebrem as musas do Parnaso Americano, e as Ninfas dos frondosos bosques de Diana.

Benefício extraordinário confesso recebi. Agradeço agora como aquêlê rústico mendigo. Vivo no monte Carmelo, monte de Elias; onde a sua fonte rega os amenos prados de Maria; e não tendo com que corresponder, trago em as mãos do meu limitado discurso dessa fonte uns cristais, ou águas cristalinas, e reverentemente as ofereço ao admirável protetor desta nossa Academia não pondo-as (sic) em suas mãos, mas sim prostrando-as aos seus pés.

Quando a divindade suprema fabricou o Campo Elísio para Adão, uma fonte o regava; esta se dividia em quatro Rios. O primeiro regato, ou rio é o Gânges, que com suas influências rega tôda a terra, a que chamam Cuilath. Nesta parte é que viveu o meu grande Elias, e como as fontes nascem dos Rios teve por origem aquela fonte de Elias o dilatado rio Gânges; que nos [...] de Philo, Lib. 1 de Alegorias, e nos encômios dos Poetas afamados teve sempre o vaticínio de significar a prudência: **prudentialiam significat**. Agora digo eu: as águas da fonte de Elias são emprêsas e idéias da prudência.

A vossos pés, ó excelso Vice-Rei prostro, ofereço umas cristalinas águas de prudência. Este é o meu assunto, ou argumento. Ó Acadêmicos engenhosos.

A prudência é a arte das artes, e a ciência das ciências na política como diz Apolônio.

Querendo Aristóteles dizer o que era a prudência, a intituiu uma direção do que se obra; chamando-a racional ditame para o acérto de obras; e com razão, porque como o racional é supremo grau nas criaturas, e a prudência excedia as mais virtudes políticas, porisso a denominou entendimento, ou razão. Conheceram claramente esta preeminência da prudência, Tácito quando disse, que mais se obrava com a prudência, do que se fazia pelejando.

**Maioria summis consiliis, quam telis, et manibus gera.**

Nasceu com tal excesso [...] o elevado do Prudente, que chegou a afirmar, que a prudência era a divindade, e onipotência dos impossíveis.

**Saepe [...] potior prudentia [...].**

E o afamado [...] chegou a dizer, que quando as suas valerosas ações êste prudencial escudo já empunhava [...] a direita os troféus da desejada vitória.

**Si mihi adsubtas, o prudentia uel trecentuent  
Contra hostes concurrere pugna aussim.**

Tudo confirmou Isócrates, quando exclamou que [...] do saber, e a arte militar não eram progenitoras das ações singularizadas [...] se derivavam da imortal fonte diretiva.

**Consulio, et autoritate, et sententia res magnae geruntur.** Vendo-se claramente da eloqüência dêstes entendidos, que a prudência se abaliza de superior não somente de tôdas as coleções das artes, mas da evidência das naturais ciências.

Tôda a grandeza de uma arte, virtude política se abaliza, ou pela origem, donde nasce, ou pela natureza, que a essencializa (sic); e é tão qualificada a Prudência de um, e outro proceder, que não há arte, ou ciência humana, que a exceda, nem com simile se lhe oponha. Quando a fabulosa antigüidade quis mostrar o excesso da divindade de Júpiter, formou um templo; nêle um trono, onde a majestade olímpica residia. Era tão extraordinária a sua grandeza, que no templo só cabia quando em assento descansava; em o circuito daquele império se achavam tôdas as divindades. Netuno Deus do Mar. Plutão divindade do inferno, e os mais todos em pés assentados assistiam, sem que a sua grandeza [enchesse] a máquina daquela fábrica. Só Júpiter era [incompreensível], nenhum dos Deuses tinha semelhança com êle porque a todos [...].

É a Prudência como Júpiter, porque tôdas as artes, e ciências a [reconheçam] com maiorias, que se esta Deidade de Amon nasceu de Saturno; a prudência tem a sua execução na têrra, mas a origem no Céu; como bem conheceu o mais político Monarca do mundo, Salomão, quando disse, que a prudencial execução era Rio cristalino, que não tinha por madre sua a fonte do paraíso terreal, mas sim a bôca do Altíssimo, **ex ore Altissimi**. Tôdas as faculdades políticas são segundas, só a Prudência é a primeira. Saber ter lição de todo o cível (sic) é muito, ser prudente é mais; o saber não resolve no conflito, a prudência no instantâneo, e improvisado modera, e acerta.

Achava-se em a Pérsia Ismenias Tebano embaixador dos Gregos, para falar com o Rei daquele dilatado mundo. Foi advertido, que tôda a pessoa, que ao Rei da Pérsia falava, entrava de joelhos, e de joelhos propunha. Repentino caso, não prevista genuflexão. O embaixador era dotado de tôdas as artes. Matemático insigne, e tôdas as ciências nêle resplandesciam como o seu ofício requeria. O que se lhe oponha era, que o tributar rendimentos tão submissos era ignomínia entre Gregos. Guiou-o a arte de resolver, e acertar; tirou o anel do dedo, que era demonstração de embaixador, e entrando como lhe advertiram

sem menosprêzo do caráter, que tinha, nem desobservou (sic) as leis naturais do território, em que assistia. Tudo compôs, acertou em tudo; no improviso guiado pelas luzes da prudência, que no repentino acerta. A legação não se humilhou, não porque as ciências, e artes em que florescia o dirigissem; porque as ciências não resolvem no conflito, mas tudo a prudência dispõe no improviso.

Não foi só esta vez, que avultou o Conselho da prudência, mas muitas, e inumeráveis vêzes, como dizia Cipião: com prudência pôs em felicidades a esclarecida cidade de Atenas, Temístocles, e não com as mais faculdades que neste minerval geral se ensinavam. Com prudência ilustrou notavelmente Epaminondas a Tebas. Xantipo favoreceu aos cartaginenses. Fábio Máximo socorreu aos Romanos. Tudo foram acertos nestes valentes capitães nascidos da discrição da Prudência, que dela nascem as mais plausíveis glórias.

Foi Páris glorioso príncipe filho daquele monarca Príamo e entendendo por artes, e ciências conseguir a glória de se ver com tesouro da beleza da celebrada Helena, nunca pode conseguir esta glória. Aconteceu, que em o monte de Tesália se celebravam os contratos Himeneus entre Palião e Tétis. Foram assistentes Mercúrio, e Páris. Estiveram presentes aquelas três celebradas Deusas dos Poetas Juno, Palas, Vênus [...], muito a Deusa Érida, de não ser também chamada, e convidada [...], que não devia ser; porque se era divindade da discórdia, as bodas concórdia, e não discórdia pedem. Pretendeu Érida semear discórdias; e tomou um pomo de ouro, e o lançou entre os [...] de Tétis; e como entre Juno, Palas, e Vênus se contendesse, qual delas havia de ter a sorte de possuir aquêle pomo de ouro. O Deus Mercúrio nomeou a Páris por juiz pelas muitas ciências, que o adornavam, e pelas engenhosas artes, que o enobreciam. Começou Juno a requerer, que a ela lhe competia, oferecendo a Páris coroas, para multidão de cetros, e honras inumeráveis [chegou]. A Deusa Palas pretendendo possuir por singular, o singular daquele tesouro, e se obrigava a engrandecer a tão esclarecido príncipe com formosura, e beleza. Não menos se apreciava Vênus por merecedora de tal jóia tão desejada e apetecida de Juno, e de Palas. Prometendo dotá-lo de prudência, e discrição na intentada resolução do senhoril de Helena. Notável contenda entre divindades julgar! O pomo de ouro era indivisível; em presença de Deus Mercúrio é que Páris havia de sentenciar! porque só a uma Deusa havia-se (sic) de entregar? Agora perguntara eu aos curiosos; por que o pomo havia de ser de ouro e não de prata! e me parece que com razão, que como era dádiva de uma Deusa, a divindade ainda

quando fabulosa dá o melhor, e como o ouro entre os metais é o mais singular, e porisso melhor devia ser de ouro o pomo.

Mas ainda tenho, que inquirir, não duvidando, que a dádiva fôsse de ouro; mas sim, que razão haverá para que o ouro na côr se incline mais para o amarelo, do que para o encarnado. O encarnado na rosa denota a púrpura e reinado entre as mais flôres; e porisso lhe deram os naturais a coroa, e cetro de rainha; e se o ouro é o mais precioso entre os metais a sua côr seja encarnada, e não inclinada ao amarelo. E querendo eu saber esta razão, achei um sábio, que dizia, que assim devia ser, e muito mais me pareceu, quando me achava reparando, em que Juno, Palas, Vênus pretendessem o pomo de ouro da afamada Deusa Érida. Reparai me disse o discreto, quando um homem se vê em conflito, onde o pretendem prender, ou cativar muda a côr, faz-se quase como amarelo comumente. E como o ouro é pretendido de todos, querendo os homens cativá-lo, sendo da sua grandeza Senhores, vê-se como assustado; e porisso é que tira a côr dêste metal para a côr, a quem no nosso idioma português chamamos amarela, ou pálida, do que a encarnada, que ainda que seja o príncipe dos metais como o carbúnculo das pedras preciosas, nem porisso é em tudo singular.

Vejamos, agora, a quem foi julgado aquêlo cobiçado pomo, que na verdade se achava em presença de tantas Deusas, que o pretendiam possuir, e entesourar. Considerou Páris a causa, e vendo que Vênus lhe oferecia prudência, e discrição operativa para o conflito mais importante, para a glória mais desejada, deu a Vênus a prenda que ela pretendia; e Páris com prudência e discrição ornado — Conseguiu a possessão de Helena não com as ciências, com que se engrandecia, nem com as artes, com que avultava, mas com o admirável da prudência, que, esta é por antonomásia a discrição donde nascem como eu dizia as mais plausíveis glórias e admiráveis triunfos. Donde vieram os Reis de Macedônia, o afamado Alexandre tantos aplausos encômios tantos, como vemos em os A A, esmerando-se todos já com limitadas retóricas, já com elegantes metros, já com energias eloqüentes perpetuam como em bronze suas gloriosas façanhas? Da prudência, da discrição era príncipe, mas tão divinizado, que era a mesma prudência. Lá disseram os Antigos, e celebra Alciato em o Emblema 8 no Livro 21, que Jano era divino, e, que a sua grandeza, e poder era lembrar-se do pretérito, conhecer o presente, e prever o futuro. A prudência tôda se ocupa nestes tempos para as suas ações serem plausíveis. Olha para o pretérito se foi com acerto para o seguir, considerando o futuro para o evitar. Vê o presente para prudencialmente exe-



cutar, prevendo os fins, ajustando-se à política, alentando o bem comum da república, fugindo da maldade; dirigida pelos futuros, que se [vão] seguir. É divindade do deus Jano, que abre as portas para o honesto, e as fecha para incompetente; e porisso a poética arte, derivou o seu nome da palavra Janua que significa a porta, ou já [...] gramática. E Alexandre tão prudentemente luziu, que antes dissera eu, que era mais filho de Jano, do que gênito de Deus Júpiter. Era uma deidade prudencial, e não divindade de Raios. Raio sim para acumular a sua grandeza glórias plausíveis. A valentia das armas não é para sempre, como sabemos de Aníbal e Tertório. O evidente das ciências nem sempre consegue fortunas. E os instrumentos da Matemática muitas vezes não são aplaudidos. Só a prudência tem Coroas, empunha cetros, recebe obséquios, cativa corações; porque ela é Céu com estrêlas, campo com plantas, jardim com flôres, árvore com frutos; tudo nela grandezas, e nela tudo glórias.

E destas gloriosas fortunas como formaria uma genuína idéia cuidava o meu discurso. E como é a singular das artes, o especial das ciências, perplexo me achei. E como o rosto humano é espelho, onde os cuidados do entendimento se registram e se mostram, encontrei um singular acadêmico, que me perguntou, que cuidava; eu expus o pensamento; e me respondeu, que com o instrumento da pintura podia cabalmente dar a conhecer a virtude, e arte, que na Academia queria gloriosamente encarecer.

Logo fiquei tão satisfeito, que comecei à maneira de pintor delinear um painel das glórias desta virtude. Houve um sábio, que me disse, que o geroglífico (sic) da Prudência era a Águia, que assim como Rainha entre os plumados animais do ar, majestosamente se divinizava, assim a discrição no obrar voava gloriosamente. Mas ouvindo a El-Rei Pirro, não segui êste ditame.

Pelejou êste valoroso Príncipe contra seus inimigos, e vencidos êstes, e triunfantes soldados o intitularam águia. Disse que sim aceitava êste título de águia, mas que as penas com que voara, eram, e foram as armas de seus soldados. Águia, que para ser águia necessitava de plumas alheias. Não é acertada idéia de Prudência, que ela é para tôdas as artes guia ajudando as ciências tôdas, e sem artes, e ciências obra emprêsas, consegue fortunas, sujeita impérios, domina Reinos, como Alexandre; e outros valerosos Príncipes, e monarcas. Mas claramente se manifesta em nossas idades, e tempos em duas excelentíssimas Marquesas, que [na] rara prudência sempre avultaram. Uma na Parca triste libentina nos vôos da fama se publica, outro (sic) no sagrado de um convento se manifesta. Marquesas no título

ambas, mas na virtude da discrição, mais que rainhas. Quando um insigne pintor, como refere Plínio n. 35, cap. 9, quis copiar a Helena, necessitou a cópia de muitas belezas, sem estas não podia avultar a pictória.

Não é assim a prudência, faz avultar as mais artes, e ciências. Mas ela é gloriosamente independente, dependente para dar, mas não para receber. O dar é mais, porisso a prudência dá mais, o receber é menos; porisso menos são as ciências, e artes. O receber para dar é glória, o depender para receber é desar. Mas já vos quero expor a idéia, onde conheçais o singular da empresa, que dizia. Quis um engenhoso, e sutil pintor debuxar as glórias de um príncipe prudente; e debuxou assim.

Tomou na mão o pincel, preparou antes a táboa, temperou antes as tintas, formou idéias; já lança as linhas, debuxa a figura, e a pinta de morte côr. Abre no mais alto duas radiantes Luzes, ou dois luzentes olhos com emulações as estrélas. Estende na vizinhança dêles a testa com suma perfeição. Tira o rosto com beleza, e formosura. Abre a bôca com gala. Molda o pescoço com majestade. Dispõe com igualdade os ombros. Compõe o peito com donaire. Estende os braços com medida. Torneia as mãos com sutileza, e delas com delicadeza os dedos origina. Assenta todo êste artifício sôbre duas colunas com tais perfeições no puro, e com tal beleza no cândido, que no cândido esta beleza a invejas provocava o alabastro, e no puro o cristal desafiava. Parou. Contemplou. E dando novas Luzes, e segunda vez ao quadro segunda mão: adornou de rosas as faces, aformoseou de jasmins cândidos a testa, de rubis o céu da bôca, e os beijos de cravos encarnados. Ficou aperfeiçoado, e completo todo aquêle corpo de neve. Torna com curiosidade a mirar o quadro. Aplica os sentidos, conserta as feições e aviva as côres mortas. Põe patentes as sombras, dos dispostos claros. E enfim aplica a vista, e vê uma pintura bem delineada, formosura assaz pasmosa em todo o artifício, sutileza. E a inscrição dizia esta é a grandeza de um príncipe perfeito, e prudente; que da prudência glórias para a sua grandeza sempre acumulou. Ó glória da prudência. Ó triunfo da majestade da prudência sôbre tôdas as políticas. Bem dizia eu, que a prudência era arte das artes, e ciência das ciências como disse Apolônio. Qual é, podia eu agora dizer, digo perguntar, o prudente que sempre na discrição mais se esmerou conhecendo o magnífico de tão soberana perfeição; se não o nosso admirável César Lusitano, que assim a Índia o publica, com mais razão a Côrte do Brasil o confessa, onde para maior obelisco seu, ergueu esta lustrosa Academia; publicando o meu discurso tão elevada virtude.

Tudo constata. E se em Roma os olhos viram em um quadro de um César a prudência engrandecida. A América de outro César soberano a excessiva prudência já publica.

### SONETO

A prudência, que é luz esclarecida  
E a César ilustrou singularmente  
Em vós, César, Luz resplandescente  
De mais Luz, que esse Sol enriquecida.

Estava a nossos olhos escondida  
Mas agora a Bahia a faz patente  
Por vossa chama heróica refulgente  
Do Luso Campo já antes percebida.

Nessa brilhante virtude ostentosa  
Admiramos de Luz celsos primores  
E do reflexo cópia numerosa

Tomou de seus luzidos resplandores  
Academia firme, e bem lustrosa  
Para que fôsse Luz dos oradores.

Conferência de 9 de julho

Ao Presidente que foi o Reverendo Padre  
Mestre Frei Raimundo de Santo Antônio  
religioso do Carmo.

Ao Reverendo Presidente.

### DÉCIMA

Êste, que douto e discreto  
Bem merece ir em pessoa  
Tirar o cetro, e coroa  
Ao que foi pastor de Admeto,  
Que virá a ser lhe prometo  
Da quarta esfera o farol,  
Pois em seu claro arrebol  
Raimundo, ou do mundo raio  
Por êste lustroso ensaio  
Se habilita para sol.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

## Eloquentissimo Praesidi

## EPIGRAMMA

Raimundus, radius Mundi, explanatur: at iste  
Nequaquam radius; Sol radiatus adest.

*De Francisco Xavier de Araújo.*

Ao Muito Reverendo Padre Mestre Presidente Frei  
Raimundo Boim de Santo Antônio.

## DÉCIMAS

Nome, e saber extremado  
de tão douto Magistério  
não deixa de ser mistério  
ver-se em vós equivocado:  
Muito sois para admirado,  
porque em lance tão subido  
não pouca ventura há sido  
parecer-vos pròpriamente  
a Apolo, meu Presidente  
no saber, e no apelido.

Mas que pois nestes louvores  
me fogem por indizíveis  
nestes vos quero impossíveis  
dar os louvores melhores:  
E se são mui superiores,  
meu Mestre, a sujeitos tais  
para que fôsem iguais  
a cabedais tão pequenos  
havia em vós de haver menos,  
e havia em mim de haver mais.

*De Frei Avertano de Santa Maria.*

Ao Muito Reverendo Padre Mestre Frei Raimundo  
Boim de Santo Antônio Digníssimo Presidente  
da Academia em que se escreve da Morte da  
Excelentíssima Senhora Dona Teresa Moscoso  
Osório; Religioso de Nossa Senhora do Carmo,  
em cujo hábito se vê o prêto sinal de  
sentimento; e o branco propriedade de cisne.

### SONETO

Quando o Cisne prêsente a morte atento,  
Começa a modular tão docemente,  
Que embebido no canto nunca sente  
Da morte mais cruel qualquer tormento.

Vós também, Branco Cisne, nesse assento  
Presidindo falais tão doutamente,  
Que neste assunto fúnebre presente  
Suave antídoto dais ao sentimento.

Logo é justa a eleição, Cisne famoso,  
Que lá dêsse carmelo remontado  
Ao Parnaso vos traz tão prodigioso;

Porque orar pode só no assunto dado  
Quem nas côres de trajo tão glorioso  
É com Águia, e com Cisne equivocado.

*de Antônio de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

Ao Muito Reverendo Padre Mestre Frei Raimundo  
Boim de Santo Antônio Presidente Digníssimo  
desta Conferência Acadêmica.

### DÉCIMA

Tão douto nos presidis  
Que não sei donde o sois mais  
Se no Monte em que habitais

Se neste em que residis:  
 Dêem-se razões mui sutis  
 Que eu em uma hei de dizê-lo,  
 Pois fazendo um paralelo  
 Julgo por vós neste caso  
 Que influis hoje ao Parnaso  
 Tôda a glória do Carmelo.

*Por Anastácio Ayres de Penhafiel.*

Ao Muito Reverendo Padre Mestre Presidente.

### DÉCIMA

Com razão sois vós, Raimundo,  
 No Carmelítico Olimpo  
 Não só raio do Sol limpo  
 Mas também raio do Mundo:  
 A razão em que eu me fundo  
 Se apura em limpo crisol,  
 E se do mundo farol  
 Sois, suspendei os desmaios,  
 Pois que não há Sol sem raios,  
 Nem também mundo sem Sol.

*Por Anastácio Ayres de Penhafiel.*

Conferência de 9 de julho

Primeiro Assunto

Foi o primeiro assunto a morte da  
 Excelentíssima Senhora Marquesa Aia  
 Dona Teresa de Moscoso

Ao primeiro Assunto.

### EPITAFIO

Jaz nesta triste, e majestosa pira  
 O mais nobre troféu da Parca injusta,  
 Em cujas cinzas Atropos se assusta,  
 Porque nelas o fogo inda respira.

Bem que Sol eclipsado se retira.

Pouco no eclipse o dispender lhe custa  
Lustres, de Santa Cruz na casa augusta,  
Glórias, na ilustre casa de Altamira.

Êste Sol, a quem nunca a sombra ofende,  
Entre os mesmos desmaios sempre tírio  
No próprio mausoléu raios acende.

Ó fatal da razão pasmo, e delírio!

Quem tanta luz no túmulo dispende  
Que esplendores terá dentro no Empírio?

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

## Invectiva contra a Morte no falecimento da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz.

### OITAVAS

#### 1.

De ti, Morte cruel, Parca homicida,  
Se queixa minha dor, meu sentimento.  
Pois tão mal pago estou da minha vida,  
Quero dar êste alívio ao meu tormento.  
Sôbre tirana ser fôste atrevida,  
E foi de sorte o teu atrevimento,  
Que o que julgaste ser uma alta emprêsa  
Do teu braço cruel, foi vil baixeza.

#### 2.

Dize, Monstro fatal, que valentia  
Contra um débil sexo executaste,  
Se para acometê-lo em vez do dia,  
O rebuço da noite procuraste?  
Nesse escuro, que a vista te encobria,  
Nem sequer de valor sombra mostraste.  
Foi roubo, e furto foi, o que fizeste;  
E por isso da noite te valeste.

#### 3.

Mas não cuides de todo estar segura,  
Porque fôste observada, e descoberta.

Se de nós te ocultou a noite escura,  
 O Céu já lá de cima estava alerta.  
 Que por ver esta aleive travessura  
 Mil fogos acendeu, foi coisa certa;  
 E em mil astros, com que de luz se ornava,  
 Outros tantos mil olhos applicava.

## 4.

Viu que armaste no breve de uma tarde  
 Aquela nobre vida uma cilada:  
 Viu que foste tão vil, e tão covarde,  
 Que atiraste depois da noite entrada.  
 Dêste infame troféu fazes alarde,  
 Quando deves estar envergonhada?  
 Bem mostras ter escuro nascimento,  
 Pois fazes da traição merecimento.

## 5.

Olha lá, vê que o Céu te está jurando,  
 Da tua aleivosia tão sentido,  
 Que se está todo em chamas abrasando,  
 E entre sombras, de luto está vestido.  
 Quando raios de luz está vibrando,  
 Vê que então está mais para temido:  
 Vê do mal, que te espera, êsses ensaios,  
 Se te não cega a luz dos mesmos raios.

## 6.

Essa ilustre Senhora, essa Marquesa,  
 Que é objeto da tua crueldade,  
 Ciúme honroso foi da Natureza,  
 E fidalgo esplendor da nossa idade.  
 Foi emprêgo, sem par, da mesma Alteza,  
 Desvêlo singular da Majestade,  
 Nobre ramo de um tronco Soberano,  
 Mimo enfim do Monarca Lusitano.

## 7.

Mas oh! que faço mal em condenar-te!  
 Porque tu, que delito cometeste,  
 Se fizeste o que o Céu quis ordenar-te,  
 Se o a que Deus te obrigou tão bem fizeste?  
 Aquela Alma gentil, que em tanta parte  
 Ao mesmo Céu, Senhor, igual quiseste,  
 Como estar só convosco merecia,  
 Entre nós durar muito não podia.



8.

Vós (sic) fôste, o que a levaste em vossos (sic)  
[braços,

Para alívio da vossa (sic) saudade:  
Vós um quarto lhe deste em vossos Paços,  
No qual reine por tôda a eternidade.  
E vos livre também dos embaraços  
Desta vida mortal (felicidade,  
Que, Senhora deveis a vossa morte)  
Lá vereis quanto vai de Côrte a Côrte.

*Salvador Pizarro de Carvalho  
e Albuquerque.*

Ao 1.º assunto

### EPIGRAMMA

Lysia quid ploras? quae tanti causa doloris?  
Heu mihi! Nutricem Nors inimica tulit.  
Vae tibi! uae mihi! Nutricem quoque perdo, Bahiae!  
Sors fuit ambabus, poena duabus erit.

*De Francisco Xavier de  
Araújo.*

Ao primeiro assunto.

### SONETO

Já se cumpre em Teresa a lei precisa,  
Fica sendo geral o sentimento:  
Pois quem leva do Mundo um tal portento,  
Muitas vidas de um golpe tiraniza.

Com prantos tôda Europa soleniza  
De Teresa êste duro apartamento:  
A Bahia saudosa um monumento  
Em seu peito lhe faz, qual Artemisa.

Lastima-se também a Natureza  
Porque foi pensionada à lei tão dura,  
Dar à Morte em tributo tal grandeza:

Mas se a Parca, onde a leva, lhe segura  
Uma vida imortal, morrer Teresa,  
Não foi fatal desgraça, foi ventura.

*De Francisco Xavier de Araújo.*

Ao primeiro Assunto.

### SONETO

A causa dêste grande sentimento  
 é a perda maior da melhor vida,  
 de Teresa Marquesa esclarecida  
 de todo o Portugal grande portento:

A Parca lhe cortou em um momento  
 da Teia os fios pela Irmã tecida,  
 mas logo nesses céus introduzida  
 Júpiter o grão Deus lhe deu assento:

Não tens de que chorar mais esta ausência  
 ainda que esta pena foi tão forte  
 quanto teve a Marquesa de Excelência:

Admira pois o modo com que a morte  
 guiada pela Suma Providência,  
 a levou a gozar da melhor Sorte.

*Do Licenciado João Machado Barcelos.*

Ao primeiro Assunto.

### SONETO

Se de berço a Fênix serve o Monumento,  
 para passar a vida eternizada;  
 esta quando já vai mui dilatada  
 a Cinzas se reduz em um momento:

Morre para cobrar um nôvo alento,  
 quando da idade já se vê cansada;  
 porém logo depois ressuscitada  
 ao Mundo todo serve de portento:

Melhor propriedade nos descobre  
 a Morte da Marquesa esclarecida,  
 do que a vida da Fênix nos encobre:

Porque a Fênix por ser enriquecida  
de mortal vida, morre: e é mais nobre  
o morrer para ter imortal vida.

*Do Licenciado João Machado Barcelos.*

À morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia.

### SONETO

Ao breve ser de um lastimoso nada  
reduzida se vê hoje a grandeza,  
pois cabe de um sepulcro na estreiteza  
quem não coube na Espanha dilatada;

Em muda suspensão transfigurada  
lamenta Portugal triste a Teresa,  
que a discrição também perde a viveza,  
quando fere da morte a dura espada.

Para chorar amor esta impiedade  
com que a morte eterniza a sua história,  
[Napa] há de ser a mais comprida idade;

Se fôr pouco a Teresa inda esta glória,  
dos Padrões generosos da saudade,  
lâminas formará tôda a memória.

*De Francisco Pinheiro Barreto*  
Vigário da Igreja de São Pedro.

### Assunto

A morte tão digna de sentimento da  
Excelentíssima Senhora Marquesa de  
Santa Cruz.

### SONETO

Remontando-se esta Águia generosa  
fitar os olhos foi ao Sol Divino,  
porque a sentir seu trânsito me inclino  
se renovada está mais gloriosa:

Porém se a causa, e dor é tão penosa  
 que a mitigar a pena não atino,  
 chore amor sem cessar como menino  
 o rigor de uma ausência tão saudosa.

Que tenha de Rainha a Águia a Coroa  
 é coisa mui sabida, é bem notória;  
 que fôsse digna de uma, o diz Lisboa:

Se não deixou por morte essa memória,  
 coroada está já sua pessoa  
 para sempre, de méritos na glória.

*Do Capitão Antônio Ribeiro da Costa.*

À morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia.

### SONETO

Esta que se rendeu à morte dura,  
 e transformada está em [sombra] fria,  
 compassivo horror é, sendo algum dia  
 da sorte a glória, o mimo da ventura.

Pode ser escarmento à formosura,  
 funesto exemplo da Soberania;  
 pois tanto era no mundo em que vivia,  
 e hoje tão pouco é na sepultura.

Foi da Espanhola Côte desejada  
 quanto da Lusitana era aplaudida;  
 e é igualmente de ambas lamentada.

Sendo assim em todo o tempo engrandecida,  
 se então na vida, a vida [mais] prezada,  
 na morte agora, a morte mais sentida.

*Hierônimo Roiz de Crasto.*

Sentimentos na Morte da Excelentíssima Senhora  
Marquesa Aia, a Senhora Dona Teresa de  
Moscoso Osório, Marquesa de Santa Cruz.

Primeiro Assunto.

ROMANCE HERÓICO

Que horror, que confusão, que sentimento,  
enchem de luto ao Ar, ao Céu de espanto!  
enternecidas choram as Estrêlas,  
o Sol se eclipsa em fúnebres desmaios.

Com pesares a Côrte se entristece,  
confunde-se com mágoas o Palácio,  
ao Majestoso turba o sensitivo,  
devido obséquio a sentimento tanto.

Choram sem desafôgo as saudades,  
que Amantes em si mesmas soçobrando  
nas lágrimas, que aos mais são refrigério  
encontram tristes o maior naufrágio.

Choram ausente a Luz, o Bem perdido,  
com a perda, o pesar comensurando,  
vendo ser impossível o remédio,  
fica maior a dor no desengano.

A Virtude, o Respeito, a Majestade,  
cedendo aos golpes do infalível dano,  
tantos na admiração merecem cultos,  
quantos na Mágoa se desatam prantos.

De Ilustre vida, Heroína Ilustre  
deixou rasgar o véu, romper os laços,  
não se atrevera a Morte a tanto insulto,  
se não fôsse oblação, o que era estrago.

Cedeu, porque voando ao Empíreo Globo,  
felizmente a virtude eternizando,  
escolheu para a Morte a melhor hora,  
que é fausto o sacrifício em dia fausto.

Não da Morte, do Amor foi o Triunfo  
 alto Mistério foi, não foi acaso;  
 dia, no qual o Amor foi sacramento,  
 seja a Morte também puro Holocausto.

Quis a Fé copiar-se nas finezas  
 na Morte descobriu vivo o retrato;  
 ausentou-se também para que fôsse  
 Símbolo do Mistério o Simulacro.

Amante ardia do Amor Divino  
 aquêlê coração sempre abrasado:  
 e quis dar em devotos rendimentos  
 afetos que parecem mais, que humanos.

Ânsias, Angústias, Dores, Agonias  
 prevenindo com Zêlo antecipado  
 tormentos deu na véspera aos tormentos,  
 o que era leito, pareceu Calvário.

Que muito que tão alto fôsse objeto  
 se altamira o Divino contemplando  
 da Santa Cruz, a que ilustrou na vida  
 desse também na Morte, em si treslado.

Se não foi imitar o adormecido  
 do Discípulo sempre o mais amado,  
 que é a Morte dos Justos leve sono,  
 e Morte tão ilustre foi descanso.

Todos iguala a Morte, não iguala  
 o modo de morrer. Premeditado  
 êste, Morte não é, passa a ser vida  
 na Morte vivem, os que morrem Santos.

Oh! Excelsa Marquesa, ó Heroína  
 na vida exemplo, e na Morte Pasma?  
 na vida Diretora das Virtudes  
 Lustre na Morte dos Celestes Astros.

Magoado se prostra hoje o respeito,  
 com reverentes cultos dedicando  
 nos Mausoléus eternos da Memória  
 Votos às Cinzas, Saudade ao Mármore.

Do Acadêmico Nubiloso.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

Na morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia  
filha dos Excelentíssimos Senhores Condes  
de Altamira.

### EPITÁFIO

A que vês, ó Caminhante,  
(em desenganos da vida)  
fixa Estrêla hoje luzida,  
Luminar ontem errante,  
a golpes dois num instante  
deve a mudança, em que gira;  
ao ponto da morte expira,  
mas tanto sem sobressalto,  
que acertou alvo tão alto,  
porque pôs tão Alta a mira.

Do Acadêmico Obscquioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

Na morte da Excelentíssima Senhora Dona Teresa  
de Moscoso Osório, filha dos Excelentíssimos  
Senhores Dom Gaspar de Moscoso Osório, e  
Dona Inês de Gusmão Espínola, Condes de  
Altamira.

### SONETO

Na Lusa esfera Sol resplandecente,  
pondo metas à luz, têrmos à vida,  
a Fênix de Altamira esclarecida  
de raios não mudou, mudou o oriente.

Sempre gigante, ainda deficiente,  
entre as cinzas de humana comprimida,  
se no ocaso se viu quando luzida,  
hoje sobe ao Zênite desde o ocidente.

Só na beleza, Sol na fidalguia,  
das Luzes, de que a [Parca] a despojava,  
parece que a razão a revestia:

Pois se Fênix nasceu, se Astro girava,  
era bem renascer, pois fenecia,  
era fôrça brilhar, pois se ocultava.

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

Ao primeiro

## ELEGIA

Como assim Tejo, como assim Lisboa,  
como assim Mançanares, como Espanha,  
que dor te afflige, ou pena te magoa?

Que foice infausta, fúnebre gadanha  
açucena cortou, planta fecunda?  
que a minha admiração hoje te estranha:

Claro com extensão e ontem profunda  
corrias Tejo, Espanha te ilustravas,  
com glórias imortais fausta, jocunda;

Às margens ontem das ribeiras davas  
esplendor, louçania, gentileza,  
nos loureiros, nas rosas, que criavas;

À Côrte, à Majestade, e à grandeza,  
encômios tantos influias grave,  
que eras assombro da maior alteza:

Ontem corrias docemente suave  
por cima de alvas conchas, e pedrinhas,  
solfa alternando de sonora clave;

Grato ontem às canoras avezinhas  
davas risonho, exemplo para o canto;  
hoje funesto, e lúgubre caminhas;

Turvo, enlutado, com medonho espanto,  
parece, que da praia vás fugindo,  
soluços expendendo, em triste pranto;

Risos mostrando, o peito descobrindo,  
ontem doce nas vozes de tuas águas  
cânticos faustos ias repetindo:



Triste mas hoje em sentidas frágoas,  
correntes duras horroroso bates;  
infausto emblema de funestas mágoas:

Que dor, que pena, que ânsias, que combates  
lamentas Mançanares, choras Tejo?  
Tempo é já do silêncio a voz desates,

Fala Lisboa; e se Madri sobejo  
nestas, que te pergunto me julgares  
causas, que ignoro, mas saber desejo.

Sabe, receio, e quero em teus pesares  
do Tejo acompanhar a pena triste,  
a dor sentir do turvo Mançanares.

Sabes, dizem, o mal que nos assiste  
o funesto pesar, que nos maltrata,  
privando-nos do bem, com que nos viste?

Sabe, ó tu peregrino! que essa ingrata  
fera cruel, e parca enfurecida,  
que todos a igual pé [concluca], e mata;

Aquela, que de inveja comovida  
abandona igualmente a joça pobre,  
como dos Reis a esfera mais subida;

Esta sem atenção ao excelso, ao nobre  
augusto sangue da maior grandeza,  
com terra leve, tanto bem encobre:

Dura a morte, como hórrida fereza  
igual fio cortou de vida pura,  
que foi das mais virtudes fortaleza;

Da prudência a que tôrre foi segura,  
a da esmola, que foi alcáçar pleno,  
a que foi da beleza a formosura;

A que foi da constância o mais sereno  
ânimo grande, coração augusto,  
amparo do maior, e do pequeno;

A que foi do discreto empenho justo,  
a que foi liberal assombro raro,  
em socorrer ao pobre a todo o custo;

Este branco jasmim, o mais preclaro,  
que nascido nas veigas de Altamira,  
foi alta admiração do berço claro;

Esta, que hoje o universo tanto admira  
soberana, e heróica descendência  
do trono Aragonês, que a produzira;

Esta, que teve a sacra preeminência,  
de servir ao Sol Lísio, digna aurora,  
nos gabinetes da maior decência;

Esta, que foi sublime precursora  
da augusta sereníssima Mariana,  
feliz de Portugal, régia Senhora;

Esta, que foi discreta, e soberana  
de Santa Cruz digníssima Marquesa,  
e excelso timbre da glória Castelhana;

Esta, que Excelentíssima Teresa  
deu ao nome de Osório, e dos Moscosos  
a fama eterna da maior grandeza;

Esta, que em laços sempre decorosos  
a seu culto atraíu o espôso amado,  
que eternizou com filhos majestosos;

Esta, que ao nexo de Himeneu Sagrado,  
amor uniu com tal Soberania,  
que foi de Anteros o maior agrado;

Hoje jaz, reduzida à sombra fria,  
sem alento vital, corpo defunto,  
a que foi luz formosa ontem do dia;

Esta, que ontem do Sol era o transunto  
de Minerva esplendor, do Pindo emprêgo  
hoje só do pesar, é triste assunto;

Medonho o Tejo, rápido o Mondego,  
triste o Enxorrama, turvo o Mançanares  
todos vão, caminhando sem sossêgo;

Se até [quintaias], louros a milhares  
coroavam as fértils (sic) ribeiras  
destas praias, em tudo singulares;

Desde agora só brotam verdadeiras  
lágrimas, do pesar tão expressivas,  
que mostram ser da mágoa companheiras;

As palmas, que ao triunfo sempre altivas  
serviram gratas, hoje quebrantadas  
lutos expressam, não repetem vivas;

Em juncos as boninas transformadas  
símbolos do pesar são rigoroso,  
sêcas as rosas caem desfolhadas;

Cópias de um sentimento lastimoso  
os ciprestes retratam na sombria  
estância, dêste vale tenebroso;

Dos jasmíns, da açucena a galhardia  
marcescível trocou o pesar fero;  
o tirano poder da morte impia?

As brancas rosas, o rigor severo  
em lírios transformou; que a inveja dura  
nem reserva por cândido ao sincero:

Eclipsou-se do Sol a luz mais pura,  
faltou de Lísia sempre eterna a glória,  
o respeito faltou à formosura;

Cale pois, e não diga, não a história  
êste fatal, e lúgubre sucesso;  
que se duplica a perda coa memória;

Êste da Parca truculento excesso  
oculte a campa, mausoléu augusto,  
em que arda pira, fogo sempre aceso:

Esconda pois o monumento adusto,  
caso que uma lamenta, e outra corte,  
não se cause às belezas maior susto;

Sepulte-se na terra de tal sorte  
êste arrôjo da Parca fermentida;  
que nem a morte saiba desta morte:

Não se saiba, faltou ao mundo a vida  
da régia excelentíssima Marquesa,  
que temos nos seus filhos renascida;

Não se saiba, faltou à gentileza  
o respeito devido; à Majestade  
aquêle obséquo da maior fineza;

Encubra êste delíquio da beldade,  
se artificioso, opaco êsse penedo,  
não se cabe o respeito à divindade:

Sirva ao mistério venerado mêdo  
 êste tûmulo grave, e majestoso,  
 sem que os votos se estraguem do segrêdo;

Saiba-se, que é padrão sim generoso,  
 para gravar no templo da lembrança,  
 a morte não; o trânsito forçoso;

Pois Teresa nos céus feliz alcança  
 maior glória, melhor soberania,  
 em que devemos ter mais esperança;

Ali gozando a santa companhia  
 dos Espíritos bem-aventurados,  
 há de rogar a Deus, nossa valia;

Hemos nela de achar dos degradados  
 neste vale de horríssono terreno,  
 a melhor proteção, contra os cuidados;

Nosso amparo há de ser sim, não pequeno  
 por ela hemos de achar o Céu benigno  
 às nossas petições claro, e sereno;  
 repara em tudo bem, ó peregrino!

Seu Criado

*De Luís de Siqueira da Gama.*

Ao sentimento da morte da Excelentíssima Senhora  
 Dona Teresa de Moscoso e Osório,  
 Excelentíssima Senhora Marquesa Aia dos  
 Senhores Infantes.

### SONETO

Fábio; não vês o ar de horror vestido,  
 Arrastar negras sombras enlutado,  
 Melancólico o dia como enfiado,  
 No regaço da noite esmorecido.

Não vês Fábio, que da luz destituído,  
 Deu ao Orbe Terrestre êste cuidado,  
 O cândido jasmim do Luso prado,  
 Da sombra em palidez amortecido.

Não vês no Mausoléu sagrado, obra  
 De fúnebre aparato, infausta sorte,  
 Urna saudosa, que as memórias cobra,

Do estrago fatal do duro corte  
 Não vês que falta o dia, o luto sopra (1)  
 Quem o pode fazer Fábio? A cruel morte...

Humilde Servo  
*Manuel Nunes Leal.*

## Sentimento de pejo na morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz.

### 1.<sup>a</sup>

Era do Inverno o tempo rigoroso,  
 era da noite o quarto mais profundo,  
 quando entre horrores mudo, e pavoroso  
 em negro assombro se enlutava o mundo;  
 o Pólo estava escuro, e tenebroso,  
 e tanto se entregava ao mêdo imundo,  
 que só se ouviam de noturnas aves  
 gemidos tristes, e lamentos graves.

### 2.<sup>a</sup>

Pasmava o Orbe de pavor coberto,  
 tremia o globo de furor vestido,  
 êste do dano, que temia incerto,  
 aquêlê de confuso entorpecido;  
 era da terra o triste desconcôrto  
 tão grande, tão feroz, tão repetido,  
 que tudo parecia em têrmo injusto  
 de Aletto confusão, de Atropos susto.

### 3.<sup>a</sup>

Soprando o vento com furor tremendo  
 nos côncavos penhascos retumbava,  
 e com furioso espanto ao mar correndo  
 no quarto globo as ondas estampava;  
 o estrondo era tão fero, tão horrendo,  
 que os Focas lá no gôlfo amedrontava,  
 e cá na terra com gemidos broncos  
 movia as penhas, abalava os troncos.

---

(1) Verso corrigido sôbre o segulnte verso riscado: "Não vês a gala em luto, e o dia em sombra,"

4.<sup>a</sup>

Tudo era confusão, tudo era espanto,  
 anúncio enfim do grande sentimento  
 com que explicava o mísero quebranto  
 de sua mágoa triste o firmamento;  
 porque quando o rigor da pena é tanto,  
 que excede na grandeza ao seu tormento,  
 bem é que em suspensões de horror profundo  
 gema o ar, trema a terra, e pasme o mundo.

5.<sup>a</sup>

Cortara infausto com furor tirano  
 da Parca horrenda o cego desatino  
 a impulso atroz do golpe mais insano  
 da melhor vida o fio peregrino;  
 rompera enfim do alento soberano  
 a Clori o laço com fatal destino,  
 roubando a terra com violento insulto  
 da melhor ara o mais precioso culto.

6.<sup>a</sup>

Era Clori da noite o melhor Faro,  
 era do dia o Sol mais rutilante,  
 era do mundo o resplendor mais claro,  
 era do Pólo a estrêla mais brilhante;  
 era enfim no valor heróico, e raro  
 da Lusa esfera o Norte mais flamante,  
 mas trocara-lhe em mudo assombro a morte  
 Faro, Sol, resplendor, estrêla, e Norte.

7.<sup>a</sup>

Era no ardor excelso, e generoso  
 de Régio tronco soberana rama,  
 cuja nobreza, e lustre majestoso,  
 por bôcas cem reproduzia a fama;  
 tinha no augusto emprêgo o mais glorioso  
 altivo triunfo, que a grandeza aclama,  
 mas seu brasão cortara injusta a Parca,  
 porque o seu golpe horrendo a tudo abarca.

8.<sup>a</sup>

Faltara já de Clori o doce alento  
 com que da vida os logros animava,  
 por cuja falta em fúnebre lamento  
 gemia a terra, o mundo suspirava;  
 mas quem mais aumentava o sentimento

na mágoa, que o tormento lhe causava,  
eram do Tejo em lúgubres gemidos  
suspiros tristes, míseros bramidos.

9.<sup>a</sup>

Estava tão suspenso, e magoado,  
em seu próprio tormento amortecido,  
que atrás voltava as águas lastimado,  
retrocedendo o curso de sentido;  
pois quando é tanta a dor, tanto o cuidado,  
que excede o têrmo além de encarecido,  
é grande confusão das tristes mágoas,  
os Rios faz parar, suspende as águas.

10.<sup>a</sup>

Ah Parca injusta, e fera! assim dizia  
com rouca voz, com pranto lastimoso:  
ah morte vil! confuso repetia  
em triste acento, em brado temeroso:  
mas logo um pouco a queixa suspendia,  
e sempre bronco, sempre pavoroso,  
de dor, de mágoa, de pesar gemendo,  
rompia os ares c'o lamento horrendo.

11.<sup>a</sup>

Ah morte vil, ah Parca injusta, e fera!  
(Tornava a repetir com rouco acento),  
como a gala roubaste à primavera,  
como de luz privaste o firmamento?  
Como, dizei, de Clori à Lusa esfera  
troncou vossa crueldade o doce alento?  
mas ai, que em vão me canso, ó Parca dura,  
pois sei me hás de dizer que a sepultura.

12.<sup>a</sup>

Bem sei que à sepultura trasladada  
trocaste em mudo assombro a pompa sua,  
mas se era Clori à morte reservada,  
como nela empregaste a fúria crua?  
não viste que foi sempre venerada  
por muito superior à fôrça tua?  
mas, ai, que já penetro, ó morte feia  
que és cheia de traições, de enganos cheia.

13.<sup>a</sup>

Não viste que imortal se presumia,  
porque era singular sua nobreza,

passando além da humana hierarquia  
 a ser quase infinita na grandeza:  
 pois como pode a tua tirania  
 roubar-lhe a luz, troncar-lhe a gentileza?  
 mas ai, que iguais admiro os teus assaltos  
 nas baixas casas, nos Palácios altos!

14.<sup>a</sup>

Levaste, ó morte, a Luz da Majestade  
 para ser cortesão do outro hemisfério,  
 deixando-me cá nesta soledade  
 sem ter em pena tanta refrigério;  
 de dor, de sentimento, e saudade  
 sentido se confunde o Luso Império;  
 mas ai, que eu só padeça o Céu ordena  
 da mágoa o golpe, da saudade a pena!

15.<sup>a</sup>

Eu só com grave, e duro sentimento  
 padeço da saudade o golpe triste,  
 porque era Clori o meu contentamento  
 em quem de minha sorte o bem consiste;  
 mudou-se a sorte, o bem trocou-se em vento,  
 a quem meu largo não resiste,  
 porque faltou-me nela a melhor glória  
 de que inda agora resta a vil memória.

16.<sup>a</sup>

Morreste, ó Clori, e nisto em largo pranto  
 as cláusulas da voz lhe embarga a mágoa,  
 e com funesto horror, com mudo espanto  
 a pena publicava em vozes d'água;  
 mas se era tão sentido o seu quebranto,  
 que a queixa lhe embargou, que a dor lhe frágoa  
 nos olhos lhe deixava bem que atrozes  
 os ecos da ânsia, da tristeza as vozes.

17.<sup>a</sup>

Não pode mais dizer, que a dor esquiva  
 no susto equivocando o sentimento  
 fêz que a rigor da queixa sucessiva  
 nas cláusulas ficasse do tormento;  
 e assim dando à corrente fugitiva  
 lugar que confundisse o seu lamento,  
 deixou que o pasmo em repetido espanto  
 contasse o mais, se a voz não chega a tanto.

*De João de Barbosa e Lima.*



## SONETO

Ao bravo impulso de Atropos irada  
 Jaz com pena cruel, mágoa sentida,  
 De Espanha a flor, em cinzas reduzida,  
 De Europa a pompa, convertida em nada.

Nesta estrêla entre sombras eclipsada,  
 Neste espelho se vê de luz perdida  
 A frágil duração da humana vida,  
 Que do ser, ou não ser, vive enganada.

Exp'rimenta a Marquesa a vulgar sorte  
 Da morte iniquã, no funesto dano,  
 Que iguala o grande ao baixo, o fraco ao forte;

Sirva de desengano, ao nosso engano,  
 E de que a nada isenta a lei da morte  
 Se a isentar-se [não pode] o Soberano.

[*João de Brito e Lima*]

## SONETO

Que obsta Marquesa ilustre, que ultrajada  
 Caduque a pompa em ti majestosa,  
 Se murchando-se a noite como Rosa  
 Te há de dar nôvo alento a madrugada:

E se à sombra flor morres desmaiada,  
 Se estrêla para a luz nasces formosa,  
 Brilha de flor em transitos ditosa,  
 Horóscopos de estrêla eternizada.

Êsse da vida trágico desmaio,  
 Que qual flor delicada te desvela,  
 Foi para melhor vida nôvo ensaio.

Não sintas não da morte a vil cautela  
 Se do caduco ser de um breve Maio  
 Passas a ser do [Céu] brilhante estrêla.

[*João de Brito e Lima*]

## SONETO

De Atropos não sintais a pena fera  
 Se tanto a vossa vida se melhora,  
 Quando do triste Ocaso, a bela Aurora  
 (Qual Fênix imortal) rompeis a esfera.

Porém se algum pesar no Céu se dera  
 Fôra considerares (sic) só Senhora,

Quanto Espanha sentida por vós chora,  
 É triste Portugal se considera.

Que seja igual a glória o Céu ordena  
 Aos méritos de vida transitória,  
 Tanto, quanto a saudade nos condena.

Sendo uma e outra eterna, está notória  
 Que há de tanto durar no mundo a pena,  
 Quanto durar [no Céu] a vossa glória.

[*João de Brito e Lima*]

### SONETO

Se a vida que passou é já perdida,  
 E se inda a que há de vir, não é lograda,  
 Entre u'a e outra vai tão limitada  
 Distância, que a um só nada é reduzida?

Não vos mostreis Senhora tão sentida  
 De que a vida perdestes mais prezada;  
 Porque se a vida se reputa em nada  
 Foi nada o que perdestes nessa vida.

Dita e não perda foi a que tivestes  
 Neste nada da vida, que deixastes  
 Observando a pensão com que nascestes.

E tanto a vossa sorte melhorastes,  
 Que só por êste nada, que perdestes  
 Soberana Majestosa o Céu ganhastes.

Do Acadêmico Infeliz

*João de Brito e Lima.*

À morte da Excelentíssima Senhora Dona Teresa  
 de Moscoso Osório, filha dos Excelentíssimos  
 Senhores Condes de Altamira, espôsa, que foi  
 do Excelentíssimo Senhor Conde de Santa  
 Cruz, e digníssima Marquesa Aia de Sua  
 Majestade, e do Príncipe nosso Senhor.

### CANÇÃO

Ó tu! de cuja falta tão sentida,  
 Não cabendo o pesar só nu'a esfera,  
 A dois Pólos abraça o sentimento,  
 Não duvides, (que muito mais se espera)

Que até depois da morte, como em vida,  
 Tanto consiga o teu merecimento;  
 Pois se a Castela obriga o nascimento,  
 Alcança a Portugal a tua morte.  
 Mas suposto que a uma, e outra côrte  
 Ilustras igualmente,  
 Nesta por ti gloriosa competência  
 Dispôs tua eleição, que a preferência  
 (Bem que Castela a intente)  
 Desta, que entre ambos dita se reparte,  
 Tocasse a Portugal a melhor parte.

Muito mais que a Castela celebrada  
 O nascimento, deixa de Teresa  
 A morte a Portugal acreditado:  
 Em Portugal a morte foi fineza  
 Da eleição, que inda a própria pátria amada,  
 Preferências lhe deu em seu agrado:  
 Parto do acaso foi naquele Estado  
 O nascimento seu, em que não teve  
 De algu'a [sorte] amor nem parte leve.  
 Que bem a primazia  
 (Se da eleição os créditos avança)  
 Portugal com vantagem logo alcança,  
 Pois sempre concília,  
 Como dita a razão em todo o caso  
 A eleição maior glória, que o acaso!

Tu pois ó Portugal, se não a vida,  
 De teus Anais no Evo esclarecido  
 De Teresa conserva eternamente  
 Esta fineza sempre agradecido:  
 Que enquanto a Santa Cruz nunca vencida,  
 Por ti só desde o ocaso até o Oriente  
 Devido conseguir culto entre a gente,  
 Nela verás também, que quando morre,  
 Inda o título seu cá te socorre,  
 Porque, se bem se apura,  
 Das que teve virtudes o complexo,  
 Que por prêmio lhe deu a glória anexo,  
 Fortunas te segura,  
 E as que ditas por si só não pudera,  
 Pela Cruz te promete em tôda a era.

Até o fim só Teresa foi ditosa,  
 Pois no dia maior, que Cristo expende  
 A finezas do amor o Sacramento,  
 Em gostando esta Ambrosia, a Deus se rende,

Sua alma, que com sorte tão gloriosa  
 Até depois de ter no Olimpo assento,  
 Ilustre geração, nôvo ornamento  
 Em cada Astro, que viva a representa,  
 De Portugal as luzes acrescenta.  
 Não tanto o dia claro  
 Deve luzes ao Sol, como à Teresa  
 Raios na sucessão deve à Nobreza,  
 Os quais, se bem reparo,  
 São na esfera maior da Fidalguia  
 Astros, que formam da Nobreza o dia.

Mas quantos no despôjo, que a enriquece  
 (Se é que cabem também ditas nos danos)  
 Sem razão, mais que nunca hoje atrevida,  
 Às maiores grandezas desenganos,  
 Quando não que imitar, a morte of'rece!  
 De tanto preço a nada reduzida  
 Terminam seus estragos uma vida,  
 Que enquanto o Tejo ao mar levar as águas,  
 Será têrmo ao pesar, motivo às mágoas.  
 Menos que eterno pranto  
 A causa, que se chora, não consente.  
 Mas que muito que a luz tão excelente  
 Cruel se atreva a tanto,  
 Se faz agora a morte, quando atira,  
 Que logre o ponto seu tão Alta-mira?

Não contente que o tiro seu conquiste  
 Os Colossos Reais, a que na terra  
 A grandeza talvez traz o desmaio,  
 Contra os Astros empreende dura guerra,  
 Em que por nosso dano tanto insiste,  
 Que na esfera do Sol fazendo o ensaio,  
 Êste lhe prostra tão ilustre raio.  
 Oh! temam os mais Astros detrimento,  
 Pois hoje [com] maior atrevimento,  
 Mais que funesta sombra,  
 A que segunda vês com lealdade  
 Educações deveu à Majestade  
 Fatal eclipse à sombra.  
 Cruel! não deixarias livre uma hora  
 Essa Luz, que a dois Sóis serviu de Aurora.

Mas que importa, que à sempre soberana  
 Teu rigor de Teresa vida estrague,  
 Se não podes fazê-la transitória?

Pois, por mais que o teu sôpro a luz lhe apague,  
 Té das pensões, que paga como humana,  
 Consegue nos aplausos a Vitória,  
 Que a Fama, que lhe tece larga história,  
 Das virtudes, e ações suas, que admira,  
 Com as asas, que bate, acende a pira,  
 Onde as cinzas lhe alenta,  
 Porque (bem que tão [alta]) como errante  
 Se cair pode ao golpe penetrante,  
 Dos teus tiros isenta  
 Entre fixas estrélas sem limite  
 Fênix pelas virtudes ressuscite.

Canção, se o meu discurso  
 Apenas entre sombras se derrama,  
 Cessa, que humilde curso  
 Não deve competir vôos da Fama,  
 E donde a Luz renasce com tal graça,  
 Que muito cesse a sombra, e se desfaça?

*De André de Figueiredo Mascarenhas.*

À morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de  
 Santa Cruz.

### SONETO

Que choras Portugal? choro a Teresa:  
 Pois por que? porque o pede o meu tormento:  
 Que sentes? um profundo sentimento:  
 De que? de se ausentar uma beleza.

Para onde foi? subiu à suma alteza:  
 E que foi lá buscar? contentamento:  
 E que nos deixou cá? grande lamento:  
 E que sentes, amor? pura tristeza.

Pois, amor, não deploras tal partida,  
 Nem presumas que foi fatalidade  
 Em Teresa, tão nobre despedida;

Que como Fênix, não cedendo a idade,  
 Quis ao tempo usurpar a sua vida  
 Para dela fazer a Eternidade.

*Luís Canelo de Noronha.*

À morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de  
Santa Cruz.

SONETO SAUDOSO

Destemperada Citara, e quebrada,  
Rouca Voz, grave som, triste instrumento,  
Suspende o canto para o pensamento,  
Que a mente chora, e o silêncio brada!

Tôda a solfa será desafinada  
Se a Teresa só canta o sentimento,  
Que êste canta chorando o seu lamento,  
E tu choras cantando, ó Musa amada.

Mas ai que delirante o teu cuidado,  
Sem sentido ou conceito em tanta mágoa,  
Já de puro sentir não sente o fado!

Pois se é mar a Saudade, e o peito frágua,  
Brota assim já o afeto equivocado  
Em dilúvios de fogo, incêndios de água.

*Luís Canelo de Noronha.*

À morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de  
Santa Cruz.

SILVA FUNERAL

Oh! Do Monte que Apolo excelso habita  
Ó da lúgubre estância,  
Não há quem me responda? circunstância  
Podê haver, pois silêncio tão profundo  
Deve ser observado, em todo o mundo.

Que confusão é esta!

Triste caos, para mim tarde funesta,  
Dar-se-á acaso a que Febo ardente  
Me cegassem os raios de repente!

Por ventura serás, Fábio, Cupido  
Pois de amor chegas cego, e enternecido?  
Porém de que te assombras

Se está o Sol enlutado, e o mundo em sombras?

Ó quem investigara

Do Parnaso segrêdo, e se abrasara  
A incêndios de um dilúvio  
Entre as chamas sulfúreas do Vesúvio

Sem mais outra razão, sem mais desígnio  
 Que o de saber o que lá soube Plínio;  
 Pois vivo irresoluto  
 Sem poder distinguir em tanto luto,  
 Se é que Apolo (sic) do monte as flôres belas  
 Transformou em catástrofe de estrêlas,  
 Ou se os Céus nessas luzes que diviso  
 Aforismos nos dão de infausto aviso;  
 Pois olhando do monte a qualquer parte  
 Diviso um Mausoléu feito com arte,  
 Cuja fábrica excede em sua altura  
 A Romana, e a Grega Arquitetura.

Mas já [a causa] pergunto  
 De tão nôvo aparato, e triste assunto,  
 Que Melpômene posta ao Monumento  
 Com lastimosa voz, triste lamento,  
 Encostada a um Cipreste canta, e tanto  
 Que ao excelso coturno acorda [aparando] o  
 canto.

Amada Musa minha, se essas queixas  
 Que apurais entre fúnebres endechas,  
 Alternando em funestas melodias  
 Tristes ais [de sentidas] elegias;  
 São capazes de alívio, de consôlo  
 Pois padeceis o mal deveis propô-lo,  
 Porque sendo-me a mim comunicado  
 Ficarâ o vosso mal remediado,  
 E o meu mal que o excede  
 Por ser mal de ignorância, alívio pede.  
 Pois não há mal maior, nê semelhante  
 Que comparar-se possa ao do ignorante,  
 E se eu sou o primeiro que o confesso  
 Explicai-me o que ignoro, e em vão conheço.

Triste informe me pedes,  
 Mas se as Leis da razão curioso excedes,  
 (Diz a Musa) eu te informo da verdade:  
 Essa ó Fábio, que vês alta Deidade  
 Reduzida a funesta, e ardente Pira  
 É por quem Portugal hoje suspira,  
 E a quem a Lusa gente  
 Holocaustos tributa reverente;  
 Pois teve prendas tais que só por elas  
 Mereceu colocar-se entre as estrêlas  
 Donde vive, já do mundo Leis deixando

Para Príncipes saírem educando,  
 Pois debaixo das Leis dos teus preceitos  
 Se educaram só Príncipes perfeitos.  
 Perderam nela grandes, e pequenos,  
 Mas nem aquêles mais, nem êstes menos,  
 Porque aos grandes valia,  
 E aos pequenos também favorecia.  
 Para o mundo acabou, não para a Fama,  
 Porque como a aclama  
 Sôbre as mais virtudes Heroínas,  
 Aclamações mais dignas  
 Terá sempre apesar da Atropos forte  
 Para ser memorada em tôda a Côrte,  
 E no mundo em que eterno sempre brade  
 O penetrante golpe da Saudade.  
 Senhor Excelentíssimo, o meu pranto  
 Inundação será por donde o canto  
 Sumergido (sic) se entregue  
 Das Sereias ao mar em que navegue  
 Quase sempre cantando  
 Quando o vão sempre as águas soçobrando.  
 Por duas urnas a vista aqui espalhada  
 Vê em sombras envolta, e sepultada  
 Aquela Deidade esclarecida  
 Que passou pela morte à melhor vida  
 Pois só pode da Parca o fero corte  
 Tirar-lhe a vida si[m], não dar-lhe a morte.  
 Desafinada a voz, suspensa a Lira  
 Sôbre os altos cimentos dessa Pira  
 Para vos consolar invoco Apolo.  
 (Se é capaz vossa pena de consôlo)  
 Que eu não tenho valor, nem tenho arte  
 Para o fazer, Senhor, pois se me parte  
 O coração que em viva, e ardente frágua  
 Não faz mais que pedir aos olhos água.  
 Mas se para a exclusão do sentimento  
 Consultais vosso claro entendimento  
 Achareis nas razões que eu posso dar-vos  
 O motivo, Senhor, de consolar-vos  
 Sendo o mais eficaz, e mais urgente,  
 O de quem com Deus vive eternamente.  
 Onde de estado, e vida se melhora  
 Por escolher de um dia a melhor hora



Em que quase da vida na incerteza  
 Até da mesma morte fêz fineza  
 • Para que fôsse em tudo desta sorte  
 Não acaso, mistério a sua morte.

*Por Anastácio Ayres de Penhafiel.*

À sentidíssima morte da Excelentíssima Senhora  
 Marquesa de Santa Cruz, que Deus levou à  
 melhor vida.

### SONETO

Qual a Fênix que quando já pesada  
 para os vôos, se sente enfraquecida,  
 desejando passar à melhor vida,  
 morre, e vive de nôvo renovada.

Tal esta real Fênix abrasada,  
 em desmaios de amor amortecida,  
 quando expira, respira renascida,  
 a gozar de outra vida mais amada.

À vista pois de tão ditosa sorte,  
 deixai, César, deixai o sentimento,  
 parabéns recebei constante e forte,  
 Pois passar a lograr melhor assento,  
 tão fora está de que possa ser morte,  
 que se vida, é glória e é contentamento.

*Do Licenciado Gervásio de Pilares.*

Ao mesmo Assunto.

### SONETO

Fatal Parca, tirana, inexorável,  
 Cruel, fera faminta, e fomentida,  
 que no corte da rosa mais florida  
 à Côrte destes golpe o mais notável.

A tua tirania lamentável,  
 quando as luzes desfaz da melhor vida,  
 a geral sentimento nos convida,  
 a uma saudade inconsolável.

Mas quem propriedades tem de rosa,  
 que padeça desmaios sôbre a tarde,  
 mais que infalível, é razão forçosa:

Se não é que lá nesse Empírio arde,  
 como luzente tocha gloriosa,  
 de luzir, e de arder, fazendo alardê.

Do mesmo autor.

[*Gervásio de Pilares*]

## Ao Túmulo.

### SONETO

Ó triste Mausoléu! Ó Urna fria!  
 funesto monumento, sombra escura,  
 depósito fatal da formosura,  
 horroroso despôjo da alegria.

Permite que te façam companhia,  
 as lágrimas que verto com ternura,  
 e sirva tanto mar de sepultura,  
 em que se oculte o Sol do melhor dia.

Mas se não tens da pedra a natureza,  
 quando pranto que é tão multiplicado,  
 não consegue abrandar tanta dureza!

Deixa que nesta pira arda abrasado,  
 êste meu coração logrando a emprêsa,  
 de ser em holocausto consagrado.

Do mesmo autor.

[*Gervásio de Pilares*]

## Na morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia; primeiro Assunto da presente Academia.

### SONETO

Essa por tantos méritos Marquesa,  
 que logrou na maior glória profana,  
 a vida pelo emprêgo soberana,  
 o sangue superior pela nobreza,

Muitos Sóis lhe lustraram a grandeza  
 parecendo Deidade em forma humana,  
 filha do Sol na Origem Castelhana,  
 Aia do Sol na Esfera Portuguêsa.

Perdeu a vida, não o luzimento,  
 de mais Raios, está possuidora,  
 e as cinzas só deixou no Monumento.

Em mais luzes é justo brilhe agora,  
passando a ser Estrêla ao Firmamento,  
quem de tantos Planêtas foi Aurora.

O Acadêmico Vago

*Sebastião da Rocha Pita.*

Ao mesmo Assunto.

### SONETO

Jaz sepultada nessa ilustre Pira  
Troféu da Morte em fúnebre campanha,  
quem colheu o Esplendor de tôda a Espanha,  
no elevado Oriente de Altamira.

Passou a Portugal, nêle se admira  
Deidade natural, nascendo estranha,  
inda de luz no Ocaso se acompanha,  
Educações Reais inda respira.

Em Paço Augusto, Côrte suntuosa,  
Aia do Português Príncipe amado  
a doutrina lhe deu mais generosa.

Ambos se competiram no cuidado,  
êle fazendo a educação gloriosa,  
ela deixando o emprêgo bem logrado.

O Acadêmico Vago

*Sebastião da Rocha Pita.*

A sentida morte da Ilustríssima Marquesa de Santa  
Cruz.

### SONETO

Nunca mais cruel, Parca, e rigorosa  
Vos mostrastes soberba, e desumana,  
do que quando cortais como tirana,  
do jardim lusitano a melhor rosa:

Lamenta Portugal, com voz chorosa,  
a perda de uma vida soberana,  
também sente a Bahia, e não se engana,  
[nas] lágrimas, que verte maviosa:

Porém cesse Europa já o seu gemido,  
América desterre o sentimento,  
mitigando o seu pranto tão dorido;

E Vós César, cobrais melhor alento,  
 não queirais ter o peito mais ferido  
 por quem reina na glória sem tormento.

*Por Inácio Pires da Silva.*

Primeiro Assunto.

À morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia,  
 a Senhora Dona Teresa de Moscoso Osório.

Deve a consideração do prêmio das suas  
 virtudes, no Palácio do Céu, mitigar a pena da  
 falta da sua presença no Palácio da terra.

### SONETO ESPAÑOL

Difunta en el Palacio de la tierra,  
 Y viva en la mansión de las estrellas,  
 Lo que a la vista es causa de querellas  
 En el discurso júbilos encierra.

Ycrra el dolor, el sentimiento yerra  
 Si muerta te lamentan, cuando zellas,  
 En Palacio mejor, en luces bellas  
 Segura dicha, que al dolor destierra:

Si la pena de verte ahora yerta  
 A lágrimas provoca compasiva,  
 A placeres tu gloria nos despierta;

Pues al Cielo agradable, al suelo esquiva,  
 Si acá en el suelo te miramos muerta,  
 Allá en el Cielo te admiramos viva.

*João Alvares Soares.*

In obitum Excelentissimae Dominae Theresiae de  
 Moscoso Osório

### EPIGRAMMA

Vt uisa est miseris Theresia linquere terras,  
 Haec pia sidereo dixit ab orbe Themis.  
 Quis rogos, aut tanto quae digna cadauere tellus?  
 Tantaque Mygdonius quis teget ossa lapis?  
 Vestris, Lusiadae, Mareoticus inuidet urnis;  
 Et suis hoc mallet corpus obumbret apex.  
 Vos tamen in Phario nutantia pondera saxo  
 Spernite, quae cineri dat ruitura labor.

Sperrite Mausoli pendentés aëre moles,  
 Quas laude immodica cares in astra ferunt.  
 Quantumuis sit namque leuis, de pignore tanto  
 Plus Mausoleis uestra tumebit humus.

[*Sem indicação de Autor*]

In funere Excellentissimae Dominae Marchionissa  
 a Sancta Cruce

### ELOGIUM SEPULCRALE

Paucis te, uiator, hic uolo.  
 Da moram hanc moribus Principio Feminae.  
 Gemitus hoc marmor exigit;  
 ubi Lysiae recentem leges,  
 nisi forte totius orbis, tragoediam.  
 Iacet hoc Marchionissa tumulo,  
 sortita tutulum de Crucis nomine,  
 ex qua mundi pependit felicitas.  
 Datura longi fletus argumentum,  
 ad uitae breuem conclusionem  
 spatium uesperae unius umpendit,  
 praemissis ad mortem,  
 non quae tantum spectant ad speciem,  
 Verum etiam ad necessarium uirtutis exercitium.  
 Auspicatura Aeternitatis uiam,  
 roboratur in tempore  
 Dominici corporis pabulo,  
 post sumptum Paenitentiae Sacramentum;  
 Ad nos etiam pertingente doloris materia.  
 Tribuendum mortui Dei Hominis cultui  
 unaquaque anni hebdomade  
 ueneris diem consecrauit:  
 quasi crederet fore se nesciam,  
 nisi necem amarissimam Christi lugeat,  
 qua luce Diua mari nata  
 in solum enatauit ex salo.  
 Obscura nocte occubuit  
 uirtutis merito Femina,  
 et sanguinis splendore clarissima:  
 uigente Sole discessum,  
 quod spectaculi funestissimi nequeat spectatorem  
 [agere,  
 ex concepta uicini funeris impatientia.

Quod poneret dolori non potuit,  
 iugalibus fraenum soluit,  
 praecipitem agens in mare currum,  
 acsi tantae Feminae deploraturus mortem,  
 in Lacrimas totum sollicitaret Oceanum.  
 Caelo etiam, quo nihil est a tellure remotius,  
 dolendi proximam necessitatem imposuit  
 desideratissimae uitae iactura:  
 nam et illud, proscripta Luce, tenebras induit,  
 tracturum pullatam uestem in luctus ostentationem.  
 Defuncti corporis animae paratum iusta persolvere  
 tot faces accendit, quot Sidera:  
 nisi forte tot adhibuit Lumina,  
 ploraturum decedentis interitum.  
 Adde tuas, Uiator, huic Lacrimas.  
 Quae frigidos seruat iam cineres  
 non flammas Vrna,  
 certe aquas efflagitat.

[*Sem indicação de Autor*]

Excellentissimae Dominae Theresiae de Moscoso  
 Osorio, Piissimae Sanctae Crucis Marchionissae,  
 eiusdem Sanctae Crucis Marchioni felici  
 connubio adiunctae, Comitum de Alta Mira  
 filiae, Aragonensium Regum Nepti, sepulti  
 Domini, et angustiarum Virginis deuotissimae,  
 denique feria quinta Dominica cenae, totius  
 Vlyssippionis desiderio, feliciter occubanti

### EPITAPHIUM

Quae Christo indoluit furiali caede perempto,  
 Et feretro lacrimas officiosa dedit,  
 Theresia occubuit Lysiae dolor urbis, eodem,  
 Quo Dominus colitur per pia busta, die.  
 Quo iaceat tumulo fuge quaerere; namque  
 [sepulcrum  
 Quod uita coluit, nunc quoque morte colit.

[*Sem indicação de Autor*]

Excellentissimae Dominae Theresiae de Moscoso  
 Osorio, piissimae Sanctae Crucis Marchionissae  
 eiusdem Sanctae Crucis Marchioni felici  
 connubio adiunctae, comitum de Alta Mira  
 filiae, Aragonesium Regum Nepti, Sepulti  
 Domini, et angustiarum Virginis deuotissimae,  
 denique Feria Quinta Domenicae caenae, totius  
 Vlyssipionis desiderio, feliciter occubanti

### PHALEUCIUM

Illustris soboles Osoriorum,  
 Regum nobilium necessitudo,  
 Altorum comitum, Ducumque proles,  
 Magnum Dulichiam decus per orbem,  
 Matrum gloria tota Lysiarum,  
 Heroina grauis, pudica morum,  
 Christi continuis dolor sepulti,  
 Matrisque unica cura uulneratae,  
 Fatis occubuit, diemque clausit  
 Hac Theresia, qua die sepultus  
 Christus cernitur ad pias lucernas.  
 Qui fles talia nil fleas, uiator;  
 Christi per meditata namque mortem,  
 Ad Christi tumulum sepulta dormit.

[*Sem indicação de Autor*]

Excellentissima Domina Marchionissa a Sancta  
 Cruce post illustrissimi, ade dil [ecti] ssimi  
 coniugis obitum, emortui Dei-Hominis effigiem  
 impense colit; ac tanquam uxorio amore deperit.

### EPIGRAMMA

A Cruce Vir tituli decus impetrauerat, olim  
 Quem Tibi sponsali compede iunxit Amor.  
 Hunc simul e uiuis mors saeua migrare coegit,  
 Numinis extinctae Prolis amore flagras.  
 Elatique loco Numen sortita Mariti es;  
 Accipis inque uicem coniugis ipsa Deum.

Fecerat hunc Regem, comitem Crux, fecerat illum.  
 Ac minor hic titulus, grandior ille fuit.  
 Flere caue: comitem si sponsum perdere damnum  
 [est;  
 Sidereo Regi nubere, nonne lucrum?  
 [*Sem indicação de Autor*]

Ad primum argumentum

Excellentissima Domina Theresia Moscoso Osorio  
 ad templum se conferens sacra munitur synaxi,  
 et in domum reuersa occubuit.

### EPIGRAMMA

Qualis odoratum Nabathaeo munere Fanum  
 Iunoni Sacrum scandit Elisa Deae,  
 Scandit Olympiaci Theresia Numinis aedes,  
 Scandit adoranda sic fruitura dape.  
 Ast ubi sacratae tetigit Libamina Mensae,  
 Visa salutiferam sustinuisse necem.  
 Hoc ades hospitio Numen sibi gaudet, ut ipsam  
 Gratus in hospitium transferat ipse suum.

[*Sem indicação de Autor*]

Ad primum argumentum

Excellentissima Domina Theresia Moscoso Osorio,  
 non multum post susceptum Eucharistiae  
 Sacramentum, oppetiit.

### EPIGRAMMA

Qualis odoriferum uolucris Phoebea sepulcrum  
 Condit, et e tumulo pulchrior ire solet;  
 Sic radios inter sacros Theresia Solis  
 Candenti, e uiuis, nube latentis, abit.  
 Exitus at toties illi exoptatus; ut igne  
 Caelesti caderet uictima grata Deo.  
 Nec tamen incastum cecidit: probat exitus acta,  
 Actaque promeritum par sibi cuncta probant:  
 Auguror hinc igitur mortem oppetiisse per aeuum  
 Degat ut accepto consociata Deo.

[*Sem indicação de Autor*]



In obitum Excellentissimae Theresiae  
de Moscoso Osorio

EPICEDIUM

Praesica conducto non personet arida cantu:  
Vrbs et Vlyssippo det gemebunda sonos.  
Lusiadum occubuit Theresia gloria Matrum:  
Atropos heu quantum nunc fuit ausa nefas!  
Occidit heu qualis pietas, cultusque deorum!  
Abstulit heu quantum lurida Parca decus!  
Illa uel Euboici transcendere pulueris annos  
Debuerat: nigros heu cito iunxit equos!  
Flere licet; Tagicis currat modo flatus in oris,  
Et resonet tostam planctus ad Americam;  
Caesar ubi iubeat modulentur lugubre Musae  
Carmen, et in lacrimas Pegasis unda fluat.

[*Sem indicação de Autor*]

Nocte obit Excellentissima Domina Marchionissa  
a Sancta Cruce

EPIGRAMMA

Occidis, at Lysium postquam nox obruit orbem,  
Fatugeraeque cadis uictima facta Deae.  
Anne negata dies, uitae quia luce potiri  
Sors uetat, et claudi lumina fata iubent?  
Non reor: incussit tantae reuerentia uitae  
Ipsi uel Morti, Femina clara, metum.  
Te quibus interimit, cogitque perire, fuere  
Insidiatrici uulnera facta manu.  
Quae tegeret tuto insidias, fraudesque iuaret,  
Non quaerenda dies, noctis at umbra fuit.

[*Sem indicação de Autor*]

Expressão reverente de um magoado sentimento  
na Morte da Excelentíssima Senhora Marquesa  
de Santa Cruz sucedida no dia de quinta-feira  
Maior.

### SONETO

Pois trate ó Fábio, que esta Urna fria  
é Altar dedicado à Saudade.  
Neste Marmor se esconde a Majestade,  
a Virtude, o Respeito, a Fidalguia.

Quem junto ao Sol, igual resplandecia,  
deixa ao Zênite, que ardendo em caridade  
os laços rompe da Mortalidade,  
na hora mais feliz, no Maior Dia.

Escolheu esta Sorte como sua  
que Imagem pia [da] Divina Idéia  
na semelhança os méritos gradua.

Já no Céu se divisa nova Astrêia  
decretando que a Parca não destrua  
as Glórias de Altamira, e de Gouveia.

*D.O.C.*

*O mais Fiel, e Humilde Criado.*

Conferência de 9 de julho

Segundo Assunto

Foi o segundo assunto [a] Excelentíssima  
Senhora Marquesa de Gouveia Dona Inácia  
Rosa, que deixando o mundo se recolheu  
em um convento.

### ROMANCE HERÓICO

Marquesa augusta, inclita heroína,  
Astro brilhante neste Céu da Europa,  
Que sendo a mais famosa por ilustre,  
os méritos vos fazem mais famosa.

Na floresta do mundo altos respeitos  
Lograste, Excelentíssima Senhora;  
Mas agora subir à Majestade,  
Pois no jardim do Céu vós sois a rosa.

Agora mais que nunca reverente  
Todo o império odorífero de Flora  
Em culto obsequioso vos consagra  
Da bela primavera a ilustre pompa.

As do mundo abatidas não deixaste;  
Porque em pisá-las vossa planta heróica  
Sobem por êsse ultraje a mor altura,  
Ganham nesse desprezo a maior honra.

Já por virtude dêste exemplo raro  
A vaidade morreu, que o mundo adora.  
Vós no templo sabeis do desengano  
Fazer exéquias à vaidade morta.

Fôste para o contrário, mais altivo  
A mais nobre, e belígera Amazona  
Pois do vosso triunfo em tudo grande  
É despôjo fatal, humana glória.

Hoje que na pobreza mais humilde  
O mais soberbo fausto assim se troca,  
É para vós o abatimento obséquio,  
Qualquer grandeza é para vós afronta.

Se a veneração nossa ontem vos dava  
Fumos de incenso em aras da lisonja,  
Hoje a humildade, que dos fumos foge,  
Sôbre altares mais dignos vos coloca.

Fôstes da discrição, e da beleza  
Igualmente dotada; mas agora  
Um dos dois atributos só se ostenta,  
Pois cede ao de entendida, o de formosa.

Essa nuvem, que o rosto vos esconde,  
Parece véu e tem de espelho a forma,  
Pois se do corpo encobre a formosura,  
Mas a beleza d'alma então nos mostra.

O desatar-vos de Himeneu os laços  
Foi de alta providência ação mui própria,  
Que a espírito tão grande só convinha  
Ser de espôso imortal condigna espôsa.

Este vínculo sim, que é insolúvel,  
 Pois com êle o inimigo quebra as fôrças  
 Nem do tempo voraz, o curso o gasta,  
 Nem da Parca cruel, o golpe o corta.

Este feliz, e eterno desposório  
 Da flor que sois, o título vos dobra,  
 Pois nos Campos Elísios perdurável  
 Ficais sendo perpétua, sendo rosa.

Não sei se tendes vós glória mais alta,  
 Se o defunto marquês, que em paz repousa;  
 Porque se melhoraes no espôso egrégio,  
 Êle no substituto se melhora.

Êle na glória está, vós na clausura,  
 Que do mundo inferior é o Céu e a glória,  
 Onde vos dá (com méritos sem conto)  
 Cada merecimento uma coroa.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao 2.º Assunto.

### SONETO

Da Graça mais gentil, da breve idade  
 Inácia a leve vida não confia:  
 Porque vê quanto a Morte a espada afia  
 Contra a flor da Beleza, e Mocidade.

Deixa a mundana pompa, e a vaidade  
 Quem de vanglória o Mundo revestia:  
 (Perdendo aquêle então tôda a valia  
 Numa jóia de tal preciosidade.)

Discreta a Deus se entrega, que amoroso  
 Lhe promete, em final de afeiçoado,  
 Um jugo na clausura deleitoso.

De vida muda pois, mas não de estado;  
 Que se avara lhe rouba a Parca o Espôso,  
 Outro o Céu liberal lhe há destinado.

*De Francisco Xavier de Araújo.*

## Ao Segundo Assunto.

## SONETO

Quem do mundo deixar a vaidade  
 Seus enganos, e pompas desprezando  
 A ser muito do Céu já vai cheirando  
 Chegado já se mostra à Santidade;

Mostra pois conhecer a brevidade  
 Desta vida que à morte vai chegando,  
 Tanto mais, quanto a vida vai durando  
 Mais chegada se vê da eternidade.

Se a Marquesa pois tanto assim despreza  
 Do mundo a pompa vã, e na clausura  
 Se mete, que diremos desta emprêsa?

Diremos que já sendo em vida pura  
 Terá de Santidade tal grandeza,  
 Quanta teve no mundo formosura.

*Do Licenciado João Machado Barcelos.*

## Ao Segundo Assunto.

## SONETO

Depois que a morte com cruel espada  
 De Gouveia ao Marquês tirou a vida,  
 Sua Espôsa a Marquesa esclarecida  
 O mundo, e pompas tudo estima em nada:

Das riquezas da terra despojada  
 De virtudes do Céu enriquecida,  
 A Cristo em bodas nupciais convida  
 Ser pretende com êle desposada:

E logo executando esta vontade  
 Retirada do mundo em um convento  
 À clausura dedica a liberdade:

Com aplauso, e geral contentamento  
 A Cristo já por tôda a eternidade  
 Guardar promete o santo juramento.

*Do Licenciado João Machado Barcelos.*

Recolhendo-se a um Convento a Excelentíssima  
Senhora Dona Inácia de Távora pela morte  
de seu Espôso o Excelentíssimo Senhor  
Marquês de Gouveia.

### SONETO

Cândida flor, que em flor fôste eclipsada,  
de teus anos no agrão escurecida,  
por formosa na terra desluzida,  
na esfera por felice (sic) transplantada.

Se nasce a rosa para enfim ser nada,  
tu para nada ser fôste nascida,  
que vida pois melhor, que não ter vida,  
para na morte ser eternizada.

Não receis, ó flor, logo a mudança  
de ver caduca tôda a tua verdura,  
se vês lograda tôda a tua esperança.

Antes se cá não há dita segura,  
perderias de eterna a segurança,  
o que frágil lograsses de ventura.

*De Francisco Pereira do Lago Barreto.*

À Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia,  
trocando as caducas pompas do Mundo pelas  
seguras asperezas da Religião.

### DÉCIMAS

1.

Da bela Inácia nos braços  
acaba o claro consorte,  
cortando a foice da morte  
os mais apertados laços;  
livre já dos embaraços  
desta gostosa afeição  
dando Inácia ao mais de mão,  
porque é tudo vaidade,  
tôda a sua liberdade  
sujeita à Religião.

## 2.

Presume a louca vaidade  
do Mundo, sempre enganado,  
que o mais venturoso Estado  
é ter solta a liberdade;  
viver à lei da vontade  
é tão brutal sem razão,  
que a mesma luz da razão  
com mudas vozes ensina,  
que ao mal o homem se inclina  
por natural propensão.

## 3.

É logo grande loucura,  
é desatino fatal,  
que um homem, que é racional  
se sujeite à lei tão dura;  
a balança em que se apura  
o bem, e o mal, é a razão,  
e se dita a perdição  
a cega lei da vontade,  
Inácia segue a verdade,  
pois vai contra a inclinação.

## 4.

Persuade o bem a razão,  
inculca o mal a vontade,  
para ambos há liberdade,  
para o mal, mais afeição;  
romper esta propensão  
da natureza, que inclina  
ao mal, é tão peregrina  
ação, que no meu conceito,  
só é racional perfeito  
quem vendo o mal, o declina.

## 5.

O Mundo é cheio de enganoso,  
o Céu mil gostos segura,  
querer o engano, é loucura,  
acerto amar desenganos;  
se pois no melhor dos anos,  
em que mais lustra a beleza,  
discreta a nossa Marquesa  
abraça a Religião  
c'os ditames da razão  
foge ao mal da Natureza.

## 6.

A vida é transitória,  
o Mundo muito inconstante,  
são os gostos um instante,  
eterna a pena, ou a glória;  
com esta dura memória  
quem há, que possa viver,  
conhecendo que há de ter  
fim certo esta triste vida,  
e que a glória é prometida  
sòmente a quem bem morrer.

## 7.

A morte é da côr da vida,  
o principio iguala ao fim,  
quem teve vida ruim,  
acha a morte desabrida;  
é logo muito entendida  
Inácia a meu parecer,  
pois quis ao Mundo morrer  
antes da vida acabar,  
para a vida se ajustar  
à morte quando vier.

*De Francisco Pinheiro Barreto*

Vigário da Igreja de São Pedro.

Ao segundo Assunto; em que se descreve ser a  
Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia,  
nova maravilha do nosso Século, na resolução,  
que tomou de ser religiosa, depois da morte  
do Excelentíssimo Senhor Marquês de Gouveia,  
seu amado Consorte, excedendo à mesma  
Senhora nesta, tão Santa, pia, e religiosa ação,  
tôdas as sete maravilhas do Mundo celebradas.

## SILVA

Se acaso, Minha Musa,  
efeito inútil da razão confusa,  
delírio vacilante;



que no discurso enfêrmo de ignorante,  
agora não receia,  
ferir-me o gênio, e picar-me a veia?  
Merece, o Excelentíssimo Soberano  
augusto Sol do Olimpo Lusitano,  
em rústicos acentos,  
cantar aplausos, e dizer portentos  
da mínima fineza,  
da menor circunstância da grandeza,  
com que ditoso brilha  
seu Régio Nome, Nova Maravilha?  
Ou talvez, no inconsulto,  
tôsko retrato dêste engenho inculto,  
debuxar u'a sombra  
das Luzes belas, com que o mundo assombra  
teu majestoso exemplo,  
Ara do afeto, da virtude Templo?  
Lá da luzida Esfera  
descende Sólido, donde agora impera  
o respeito eminente  
de teus altos brasões, benignamente,  
a meus ecos atende,  
devoto obséquio, que a teus pés se rende,  
da triunfal oferta, floresta  
que de teu timbre, a glória manifesta,  
nessa ação tão devota,  
que o Mundo admira, prodigiosa nota  
que és Nova Maravilha  
do Mundo, porque à fama agora humilha  
a teus pés venturosos,  
quantos milagres celebrou famosos,  
por estas partes tôdas,  
que o Sol discorre, com ligeiras rodas  
em ti se vêem cifradas  
do Mundo as maravilhas mais louvadas;  
porque as glórias luzidas,  
que nas outras, se aplaudem repartidas,  
como, em rico tesouro  
unidas sempre, sem se achar desdouro,  
por influência bela,  
em ti, se admiram com ditosa estrêla:  
porquanto no perfeito (sic)  
das prendas Soberanas, que o respeito  
universal venera,  
com venturas de mais subida Esfera?

Os prodígios da Fama,  
que nos Milagres Sete o Mundo aclama,  
excedidos se mostram;  
pois já vencidos a teus pés se prostram?  
Primeiramente altiva  
excedes, com vanglória sucessiva,  
de Babilônia os muros,  
que da injúria dos tempos mal seguros,  
em Cinzas tresladaram  
os altos cumes, com que os Céus tocaram?  
Porquanto ter cercada  
da muralha da fé mais reforçada;  
e logrando as firmezas  
das Virtudes por altas fortalezas;  
parece teu desvêlo  
de tóda a devoção Real Castelo,  
contra quem não peleja  
a guerra astuta da infernal Inveja?  
Porquanto suspendida,  
mais que Babel te encontra guarnecida  
dos muros peregrinos  
dos auxílios que o Céu te dá divinos?  
Essa Tórre eminente  
de Faro que aos teus pés, jaz reverente,  
com notórios desmaios  
abate as Luzes, e submete os raios;  
porque conhece agora,  
que mais do que farol és bela Aurora,  
que nos Lusos, produzes  
brilhantes raios, Soberanas Luzes?  
O Sepulcro erigido  
de Artemisa também deixas vencido,  
e à tua vista, que importa  
que dos aplausos seja glória morta?  
Se com Sorte excessiva,  
és dos nossos assombros glória viva:  
porque ninguém ignora  
viver a cópia, que o teu peito adora?  
Êsse pasmo admirado,  
que Roma celebrou, no fabricado,  
Soberbo Anfiteatro,  
tão repetido desde o Tejo ao Bactro;  
esqueça agora a fama;  
porquanto no teu zêlo, o mundo aclama,  
um devoto exercício,

donde os acertos, com ditoso auspício,  
concorrem Soberanos:  
e se a bárbara luta dos Romanos,  
com brutos se fazia,  
tu te ocupas melhor porque de dia,  
e de noite contendes,  
com devoções, que a Deus contínua rendes?  
O Templo de Diana  
também deixas vencido, porque ufana,  
com conhecido exemplo,  
és da Virtude reformado Templo?  
De Rodes o Colosso,  
que já fica vencido afirmar posso:  
pois quando a Deus invocas  
à glória chegas, os influxos tocas  
Celestes? Se erigido  
por Estátua já foi do Sol luzido;  
tu só fôste o portento,  
que adora um Sol do Luso Firmanento?  
Se no Ocaso escondido,  
no teu peito, se vê sempre nascido?  
De Jove o Simulacro  
também venceste por destino Sacro:  
porque se êste os progressos  
prognosticava dos mortais sucessos?  
Tu, na glória, que alcanças,  
és principio de Santas Esperanças,  
à tanta Fidalguia,  
para lustre de nossa Monarquia?  
As Pirâmides belas  
excedeste do Egipto, porque anelas,  
com prendas relevantes,  
com dotes, e auspícios triunfantes,  
a lograr mais fortunas,  
que de Mênfis as bárbaras Colunas?  
Enfim por vários modos,  
do Mundo excedes os Milagres todos?  
Porque usurpas ditosa  
o Nome à Maravilha mais gloriosa,  
que no aplauso, que encerra,  
divulga a fama, hiperboliza a terra?  
Cuja glória tamanha  
Maravilha será também de Espanha;  
da Portuguêsa Côrte  
refrigério feliz, ditosa Sorte,

galardo excelso Muro,  
 que o desejo, nos deixa, mais seguro,  
 Farol reverberante,  
 que a luz nos comunica mais triunfante,  
 Mausoléu, que a Memória  
 dos Lusos erigiu, para mais glória;  
 supremo Anfiteatro,  
 das ditas tôdas; singular Teatro,  
 Venerada Diana,  
 no templo da afeição mais Soberana:  
 Colosso peregrino,  
 que o Céu penetra, com melhor destino;  
 Simulacro extremoso  
 de um Jove Português, Martin famoso:  
 Pirâmide mais bela,  
 que ao Céu se sobe, para ser Estrêla  
 de tôda (sic) a Fidalguia,  
 delícia singular, doce alegria,  
 Aurora que adoramos,  
 Estrêla, que seguimos, Sol, que amamos?  
 Tu só, com suma glória,  
 com fausto auspício, com melhor vanglória,  
 serás em tôda a Era,  
 nôvo prodígio dessa Lusa Esfera.

*Manuel F. de Carvalho*

A recolher-se a Excelentíssima Senhora Marquesa  
 de Gouveia em um Convento, na morte de  
 seu espôso o Excelentíssimo Senhor  
 Marquês de Gouveia.

### SONETO

Marquesa ilustre, altíssima consorte  
 do mais sublime, mais excelso espôso,  
 que em palácios de Luzes glorioso,  
 na eterna vida, já triunfou da morte.

Discreta Heroína sois, mulher mais forte,  
 porque deixando o mundo vanglorioso,  
 do espôso vosso o espírito ditoso  
 sentindo a ausência, o imitais na sorte.

Outro algum desprezais, coo (sic) desengano,  
 de que quem perde espôso que é tão digno,  
 só pretende um que fôr mais soberano.

E assim vosso discurso peregrino,  
 não achando outro igual em quanto humano  
 por querer um melhor, buscou o divino.

*Hierônimo Roiz de Crasto.*

À Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia,  
 que por Morte do Excelentíssimo Senhor  
 Marquês seu espôso se recolheu, e tomou o  
 hábito de Religiosa no Convento da  
 Concepção de Carnide.

### SONETO

Se Cloto impia, com ação tirana,  
 Cortou Régio Himineu; esta Memória,  
 Vos aqueriu (sic) do Mundo alta Vitória,  
 Vos remontou à Esfera Soberana.

Que importa o fausto, e Majestade humana,  
 Se é frágil, se é caduca, e transitória  
 Realça o Timbre, immortaliza a Glória  
 Quem só prevendo o fim se desengana.

Ó Excelsa Marquesa, eleição digna  
 Da Virtude, da Fé, do Entendimento,  
 A tal resolução VOS determina.

Da pureza ilustraís o Firmamento,  
 Que humana já com Luzes de Divina  
 Foi Palma o Voto, foi Triunfo o Invento.

Do Acadêmico Nubiloso.

*[Caetano de Brito Figueiredo]*

Recolhendo-se a um Convento a Excelentíssima  
 Senhora Dona Inácia Rosa de Távora pela  
 morte de seu Espôso o Excelentíssimo  
 Senhor Marquês de Gouveia.

### DÉCIMAS

Se da rosa a louçania,  
 fragrante breve arrebol,  
 a febre expira de um Sol,

ao mal acaba de um dia;  
com discreta antipatia  
a melhor Rosa, a meu ver,  
deixa ao mundo de viver;  
pois quando o mundo a não goza,  
que importa não seja rosa,  
se perpétua passa a ser.

No jardim da religião,  
deixando o jardim do mundo,  
não teme clima infecundo,  
não teme oposta estação;  
oh que madura eleição!  
colhêr em floridos anos  
prevenção de tantos danos;  
que a u'a flor menos segura  
o espinho da formosura,  
que a punção dos desenganos.

Para lhe dar sempre alento,  
lhe emprestar sempre arrebol,  
ali terá sempre um Sol,  
terá sempre um firmamento;  
é breve esfera um Convento;  
que luzes esmaltam belas,  
ó infalíveis seqüelas  
de um sempre Maio frondoso,  
porque onde é Sol o Espôso,  
são as Espôsas estrêlas.

Cobra pois, ditosa flor,  
de teus acertos o fruto,  
que do Céu êsse é o tributo,  
o mundo tributador;  
mas quando ao belo esplendor  
dessa humana divindade  
enlute a voracidade  
do tempo, que a tudo abrasa,  
cada cinza será um' asa,  
que te eleve à eternidade.

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

Deixando o Século, e recolhendo-se a um Convento  
a Excelentíssima Senhora Dona Inácia Rosa  
de Távora Marquesa de Gouveia por  
falecimento de seu Espôso o Excelentíssimo  
Senhor Marquês Dom Martinho Mascarenhas.

### SONETO

No sagrado vapor de uma clausura,  
que condensou da morte a tirania,  
o maior luminar da fidalguia  
todo um Céu escondeu de formosura.

Vendo que desatava a sepultura  
o laço, que Himeneu prendido havia,  
os decorós conserva ao que perdia,  
nos afetos, que vota ao que procura.

Despreze com razão pois todo o humano,  
que se Espôso admitira menos digno,  
igual fôra na ofensa que no engano;

Ó discreta eleição, mais que amor fino,  
quando faz de um objeto soberano  
substituto imortal, o que é divino.

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

Ao 2.<sup>o</sup> assunto.

### SONETO

Bela a rosa, hoje em Clície transformada  
lições de amor ensina à formosura;  
a que de Vênus era rica usura,  
já morta em vida, vive sepultada:

Nos lutos de um véu negro amortalhada,  
a tôda a pressa, busca a sepultura,  
semiviva na cova da clausura  
quer defunta ocupar breve morada:

Era na Côrte singular Senhora,  
soube Espôso o Marquês fino querê-la;  
e dura lhe roubou parca traidora.

Morreu de Inácia o Sol; e Clicie bela,  
 não podendo deixar de ser Aurora,  
 entrou a ser na luz formosa estrêla.

Seu Criado  
 Do Ocupado.

[*Luis de Siqueira da Gama*]

Segundo assunto.

### SONETO

Feliz Senhora foi esta mudança  
 (Bem que de Lusitânia tão sentida)  
 Sendo a lembrança de uma cara vida  
 A que serviu à vida de lembrança.

Deixou-vos de Lachequecis a esquivança  
 Da esperança maior destituída;  
 Porém nessa esperança já perdida  
 Lograstes a melhor hoje esperança:

Conhecendo da vida o falso engano  
 Com peito varonil, c'ânimo forte  
 As pompas desprezais do ser humano.

Ditosa considero a vossa sorte,  
 Que se a morte é da vida o desengano  
 Antecipais o desengano à morte.

*João de Brito e Lima.*

### SONETO

Esta, que por agravos da ventura  
 Separada se vê da melhor boda  
 Segura o cravo da inconstante roda  
 Cobrindo de um saial a formosura.

Se o Mundo encheu de luz, sua luz pura,  
 Se sua pompa encheu a terra tôda,  
 Hoje desenganada se acomoda,  
 Na pequena escassez de uma clausura.

Como entendida abusa da vaidade,  
 Tendo só por melhor, e certo auspício  
 Aspirar a imortal felicidade.

Do seu amor deu na vontade indício,  
 Por ser o Sacrifício da Vontade  
 A vítima maior do sacrifício.

Do Acadêmico Infeliz  
*João de Brito e Lima.*



## DÉCIMAS

Deixa o Século enganoso  
a Soberana Marquesa  
compelida de tristeza  
da falta do digno Espôso.  
Mas nesse excesso amoroso  
de sentimento tão digno  
quis que fôsse (a seu destino)  
substituto Soberano  
do melhor Espôso humano  
um Espôso o mais divino.

Neste objeto idolatrado  
acha (como superior)  
que empregando o seu amor  
será mais bem empregado.  
Deve esta mudança ao Fado  
no bem, que tirar lhe quis;  
porém já se não maldiz,  
vendo, que a Sorte oportuna  
da mais infeliz fortuna  
a passou a mais feliz.

Se do que foi esquecida,  
já do que há de ser lembrada  
deixa de u'a vida o nada  
pelo todo de u'a vida.  
Para não sair vencida  
nesta mundana batalha,  
por vencer-se a si trabalha,  
trocando (com suscito espácio) (sic)  
por u'a Cova, um Palácio  
as galas, pela mortalha.

Nesta enganosa vaidade  
como ao Mundo conheceu  
a flor, aspirando ao Céu  
o deixou na flor da idade.  
E com maior suavidade  
que a do cândido jasmim,  
flor (mas sem funesto fim)  
disposta se considera,  
da terrestre Primavera  
para o Celeste jardim.

Flor que as mais flôres humilha,  
que é dêste jardim suspeito,  
um divino amor-perfeito,  
ou Sagrada maravilha.  
Mas vejo pelo que brilha  
tão alegre, e tão formosa:  
da clausura rigorosa  
entre os ásperos espinhos  
sem os pomposos alinhos  
se ostenta fragrante Rosa.

Com rara fortuna agora  
a contemplo neste caso  
Rosa, do fúnebre Ocaso  
passando à melhor Aurora.  
Bem que tanto se enamora  
do Soberano arrebol  
do Sol que deu Luz ao Sol,  
que sem temer os desmaios  
se pôs a seguir seus raios  
como amante girassol.

Tendo as certezas do dano,  
e as incertezas da morte,  
a que foi mimo da Sorte,  
é da Sorte desengano.  
Ao caduco ser humano  
que falsas glórias procura  
desmente nesta clausura,  
esta que foi na beleza  
milagre da natureza  
maravilha da Ventura.

Discretamente sentida  
na falta do seu Consorte,  
leu pelo Livro da morte  
a lição de imortal vida.  
Deixou a pompa luzida  
da magnífica grandeza  
que lhe deu a Natureza,  
e pondo a beleza em calma  
mais preza a beleza da alma  
do que a corporal beleza.

Do Acadêmico Infeliz

[*João de Brito e Lima*]

À Excelentíssima Senhora Dona Inácia Rosa de Távora digníssima espôsa do Excelentíssimo Senhor Marquês de Gouveia, Conde de Santa Cruz, que por morte do dito Excelentíssimo Senhor se recolheu a um convento. Alude-se ao preceito de Cristo: *si quis uult post me uenire, abneget semetipsum, et tollat crucem suam. Etc. Math., 16.*

### SONETO

Tanto do espôso a morte toma a peito,  
Que a si própria se nega, e lá se enconde  
Em sagrado retiro Inácia, adonde  
Toma a Cruz, segue a Cristo, e ao seu preceito.

Mas se espôso perdestes tão perfeito  
De Gouveia Marquês, e da Cruz Conde,  
Espôso Rei da Cruz vos corresponde,  
Que ao título une vosso mais respeito.

Se a melhora alcançais, que aqui registo, (sic)  
Rainha, e não condessa transitória,  
Que sois de Santa Cruz fica bem visto;

Pois tendes nesta troca tal vitória,  
Que a Cruz, com que seguís agora a Cristo,  
As honras vos segura de mais glória.

*De André de Figueiredo Mascarenhas.*

Ad Excellentissimam Dominam Marchionissam  
de Gouvea, muliebri relicto mundo,  
religionem ingredientem

### EPIGRAMMA

Illustri illustris regnat sub pectore splendor,  
Splendorem quando concomitatus honor:  
Concomitatus honor nomen, si gloria certa est,  
Gloria certa est, si nuntia fama uenit:  
Fama uenit, si grande decus superauerit illam  
Ignatia interea uicerit omne decus:  
Vicerit Ignatiam Deus: ergo huic dantur ab illo  
Splendor, honor, nomen, gloria, fama, decus.

*Luis Canelo de Noronha.*

À Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia  
que renunciando às pompas do Século se  
sujeitou aos rigores de uma clausura.

### SONETO

Maduros frutos de pomposas flôres  
Produz Planta feliz para a Memória,  
E no claro esplendor da sua glória  
Alenta aromas produzindo olores.

Apurem-se os engenhos superiores  
Em fazer aos vindouros mais notória  
Esta resolução digna de história,  
Este exemplo maior entre os maiores.

Descrevam Plínios gloriosamente  
A alta Planta de eterna Luz vestida  
Transplantada do Ocaso ao Oriente.

Digam que desta Sarça a Deus unida  
Nos está convidando o fogo ardente  
A seguir-lhe a chama, e a imitar-lhe a vida.

*Por Anastácio Ayres de Penhafiel.*

À Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia  
retirando-se a viver em um Convento.

### SONETO

É prolóquio de todos recebido,  
sem contradição, dúvida, ou falência,  
que só no natural há existência,  
e fora dêle a nada é permitido.

O que suposto; fica concluído,  
quão penosa, e com quanta violência,  
neste mundo teria persistência,  
quem por centro o Céu tinha merecido.

Era a nossa Marquesa uma alma amante  
de excelentes virtudes adornada;  
Céu, é tôda a clausura, o mais brilhante:

É logo sem questão, que violentada,  
no Século existiu, té que triunfante,  
ao Centro passou, em que jaz colocada.

*Do Licenciado Gervásio de Pilares.*

À Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia,  
tomando o estado de Religiosa: segundo  
Assunto da presente Academia.

### SONETO

Atropelando os faustos da vaidade,  
as honras demitindo da grandeza,  
rompendo as uniões da Natureza,  
desprezando os rigores da saudade.

De Gouveia a Marquesa alta Deidade  
outro culto não quis, que o da pobreza,  
a brandura trocou pela aspereza,  
e deu pela clausura a liberdade.

Que efeitos não verá dignos de história?  
pois do sangue que tem, vive esquecida,  
pois do muito que foi perde a memória.

Ó Marquesa, hoje mais engrandecida,  
se podes em ser nada a maior glória,  
nesse deixar de ser tendes mais vida.

O Acadêmico Vago

*Sebastião da Rocha Pita.*

Ao mesmo Assunto.

### ROMANCE

De Távora a luz flamante,  
de Gouveia o Esplendor  
para brilhar como Estréla  
a um Céu de Estrélas passou.

Tem desprezado na Côte  
ser Planêta entre outros Sóis,  
despindo Raios humanos,  
vestindo divino ardor.

Deixa o profano Hemisfério,  
e na emprêsa que dispôs  
busca de um Mosteiro a Esfera,  
que é tôda constelações.

Do seu Brasão os Delfins  
nadando em ondas deixou,  
e Salamandra celeste  
se abrasa a incêndios de Amor.

Na união do sangue rompe  
os mais apertados nós,  
por que as ausências triunfem  
à custa dos Corações.

Em tão cruel despedida  
nenhum suspiro soltou,  
que quando resiste a Alma,  
também emudece a voz.

Da Natureza, e Fortuna  
tanto Estado, e tantos dons  
pela humildade que preza,  
tôda a pompa desprezou.

Despe os faustos da grandeza,  
de um hábito se compõe,  
e anelando o que há de ser,  
nem se lembra do que foi.

Trocou os mimos em cruces,  
tôda aos martírios se expôs  
entregando a vida às penas,  
a liberdade às prisões.

Não a obrigaram os anos  
a tão grande extremo pois,  
na Primavera da idade  
tem louçanias de flor.

Em alguns lustros que conta  
inda estão com atenções  
em seus quilates o Garbo,  
a beleza em seu primor.

Mas tudo cobre de um saco,  
ó desengano, ó temor,  
faça penitência a terra,  
pois veste cilício o Sol.

O Acadêmico Vago

*Sebastião da Rocha Pita.*

## Segundo Assunto.

À Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia a Senhora Dona Inácia Rosa de Távora que falecido o Excelentíssimo Senhor Marquês, ferida do sentimento, e do desengano, sendo môça, e formosa renunciou às pompas do mundo, e se dedicou a Deus em um convento.

## SONETO ESPAÑOL

Hirió, Señora, el hado más esquivo  
 Tu heroico pecho con su hilo agudo,  
 Que a no ser tu Deidad tan fuerte escudo,  
 Más allá se ostentara vengativo:

Pero si pudo su rigor activo  
 Dividir el más fuerte, y dulce nudo;  
 También su desengaño darte pudo  
 Para nudo mejor el incitivo

A Dios consagra heroica tu cordura  
 El lustre, la hidalguía, y la belleza,  
 ; O discreta elección! ; Rara ventura!

Pues supiste elegir en alta empresa,  
 El Adonis mejor a tu hermosura,  
 El Monarca mayor [a] tu grandeza.

[*João Alv'res Soares*]

Excellentissima Domina Marchionissa de Gouvea  
 post soluta defuncto coniugi parentalia,  
 in Sanctimonialium Claustra se recipit,  
 religiosam disciplinam sectatura etc.

## EPIGRAMMA

Cessit ubi fatis, fueras cui nupta, Maritus,  
 Deseris actutum pignora uiua Parens.  
 Tecta recedentem sacra excepere, Tonantis  
 Vulgus ubi Matri fundere uota solet.  
 Quid petis obscurum, Clarissima Femina, tectum,  
 Vilet ubi propriae gloria tota domus?  
 Hic nihil offendes, nisi quod commune sepulcro est.  
 An ne tibi tumuli pectora nuda metu?





Excellentissima Domina Marchionissa de Gouvea,  
post Illustrissimi Viri sui obitum, in  
Sanctimonialium Monasterio Deo se consecrat.

### EPIGRAMMA

Nobilis ingenuo se Coniuge sensit ut orbam  
Faemina, Caelitibus Clastra dicata subit.  
Hic sua, seque Deo uouet ambitiosa placendi;  
Iurat et huic summa religione torum.  
Non erat humano rursus sponsanda marito,  
Quae fuerat soli nubere digna Deo.  
Hunc amat, huic cordis se uictima sacrat in ara:  
Pectora sidereus sub face uersat Amor.  
Sacro taeda Crucis de stipite facta iugalis;  
Et pro flammeolo Caelica flamma fuit.

[*Sem indicação de Autor*]

Excellentissimae Dominae Ignatiae Rosae de Tavora  
Se Monialium Syllabo adscribenti

### EPIGRAMMA

Quae Rosa plantatur modo religionis in horto,  
Lysiacae pignus nobilitatis erat.  
Diues opum, regum de sanguine maxima proles,  
Ceraque, qua regnum non meliore tumet.  
Transtulit ad totum decus hoc ad clastra silentum;  
Sed laus sub tacita non manet inde Rosa.

[*Sem indicação de Autor*]

Excellentissima Domina Marchionissa de Gouvea,  
post mortem Illustrissimi, ac Dilectissimi sui  
Coniugis, calcata Saeculi pompa, religiosis  
Claustris se mancipat in Monasterio de  
conceptae Deiparentis nomine appellato.

### EPIGRAMMA

Mors simul illustrem tibi, Faemina; clara, Maritum  
Extulit, ad sacros confugis ipsa lares.

Non fuga te rapuit domui muliebris auitae;  
Mascula sed uirtus, uotaque digna Deo.  
Perge bonis auibus, Caeloque, Deoque Sacranda:  
Partheniae felix incole tecta Domus.  
Quod tamen obducis circum tibi tempora, uelum.  
Non teget, at mores prodet ubique tuos.  
Et tibi quaesitae famae hoc in quolibet orbis  
Longe etiam dabitur uelificare plagas.

[*Sem indicação de Autor*]

7.a CONFERÊNCIA  
DE 23 DE JULHO



Oração Acadêmica, que em presença do  
Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de  
Meneses Vice-Rei do Estado do Brasil disse  
o muito Reverendo Padre Mestre Rafael Machado  
da Companhia de IESU Reitor do  
Colégio da Bahia.

Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César  
de Meneses Vice-Rei, que foi da Índia, e Vice-Rei  
atual do Brasil, Alferes-Mor do Reino Da Ordem de  
Cristo, Comendador de São João do Rio Frio, e São  
Pedro de Lomar, Do Conselho de Sua Majestade.

Obrigado, Senhor, não da ocasião nunca por mim imaginada ;  
mas sim da veneração, e afeto, de que os Religiosos da Compa-  
nhia, e eu particularmente sou devedor à Preclaríssima Casa de  
Vossa Excelência, saí a público com êsses períodos extemporâ-  
neos, e mal limados. Não era a minha tenção, que êles apare-  
cessem por papel; porque não confio tanto da minha pena pri-  
vada tantos anos do exercício Literário, que pudesse sair a pú-  
blico com discurso, que pretendesse, não digo eu, só merecer  
aceitação, mas ainda evitar alguma rigorosa censura. Conheço  
que tôdas as artes, e ciências não exercitadas sempre produzem  
partos imperfeitos; pelo que certo de que êle não terá a devida  
perfeição, justamente me defenderei dizendo, que não quero ou-  
tro aplauso mais que o de obedecer a Vossa Excelência, a cuja  
proteção o ofereço, quando por tantos títulos o fêz seu. Colégio  
da Bahia 20 de setembro de 1724.

*Rafael Machado.*

## ARGUMENTO DA ORAÇÃO

Mostra-se, que o descobrimento, que os Argonautas Lusitanos fizeram do Brasil, verdadeiramente foi descobrimento nôvo, ainda que essas terras nos séculos passados fôsem descobertas por outras [nações].

Se foi sentença do maior Sábio, que debaixo do Sol, e com as Luzes do mesmo Sol nada se pode descobrir de nôvo; êrro se poderá julgar, ser matéria do meu discurso o sucesso de um nôvo descobrimento. (1) Mas ao tempo, que vacilam as Luzes do mesmo Sol, seguro vai, Excelentíssimo Senhor, o meu discurso; quando no Céu desta mais lustrosa Academia eu, ou como estrêla errante, se o meu discurso incorrer esta censura; ou como estrêla fixa na obediência de seguir o impulso supremo de tão poderosa mão, me vejo arrebatado, e obrigado hoje a ostentar luzes. Não julgo, que estas sejam alheias das escuras sombras, de que me visto; mas caso que erradamente, e fora de merecimento. Jesuítico assim se julgasse; a minha confiança particular nesta ocasião justamente se defendia, dizendo que até uma escura nuvem animada com a atividade de um Sol, rasgando de noite com sonoras vozes as cortinas de sua clausura, tem licença para luzir. É o argumento desta em tudo esclarecida Academia dar a conhecer ao mundo com mais brilhante luz as ações Portuguezas pertencentes a esta nova Lusitânia. Pelo que desculpado ficará quem interessado nas glórias Portuguezas, não tendo tempo, nem lugar para a eleição, movido de Superior impulso, para não errar seguiu (ainda que de longe) o farol dos Argonautas Lusitanos, e a Luz dos Sapientísimos Acadêmicos, que o guiavam. Nem o farol se pode apagar; nem a luz se pode escurecer, sigamo-la.

Quis a Antiguidade elogiar o singular e nunca previsto engenho de um Dédalo, e admirando o estupendo de sua ousadia, quis lhe levantar estátua, não nas Pirâmides ou nos bronzes; porque esta glória era já ordinária a outros heróis de singular fama; mas para o distinguir dos mais, formou-lhe elogio no mesmo Céu escrito com as mesmas penas, com que rompeira os ares:

*Daedalus, ut fama est, fugiens Minoia regna.*

*Præpetibus pennis ausus se credere caelo. (2)*

Não se diminuiu a glória, ou fama dêste Príncipe com a notícia, que corria entre os mortais, de que um Mercúrio tinha por

(1) *Nihil sub Sole nouum, nec ualet qui quam dicere: ecce hoc recens est; iam enlm praecessit in saeculis quae fuerunt ante nos. Eccles. C. 1, v. 10.*

(2) *VERG., Eneid., VI.*

exercício ordinário armar-se todo de asas para discorrer o Céu, e penetrar as estrélas. Não só nos ares, aonde beberam os ventos; não só nas estrélas, com cujos novos aspectos não se intimidaram; mas nas mesmas inchadas ondas se lê a maior glória dos Portuguezes, de que com ousadia nunca vista discorreram por mares nunca dantes navegados. (3) Mas se Mercúrio não diminuiu a glória de um Dédalo, nem lhe pleiteou os aumentos de sua fama; não palpítara o coração Português, no receio, de que com divinos impulsos já nos séculos, e primeiras idades do mundo houvesse, quem levantasse suas bandeiras nos mesmos mares, e quisesse esculpir seu nome nas mesmas ondas, a que elles escrevem o **Nunca dantes navegadas**. Defender esta glória da nossa pátria, e amada nação é hoje o térmo da minha já atenuada pena, a quem a falta de exercício fêz pesada e desprezada para remontados vôos. Será a decisão da presente controvérsia prelúdio a uma especulação de maior empenho, em que intento examinar os fins, por que a providência divina dilatou para o Século dos nossos Argonautas o descobrimento da vastíssima, e nobre parte do mundo, que habitamos. Já manifestei, que a eleição da matéria não foi minha; os Sapientíssimos, e Eruditíssimos Senhores Acadêmicos com as correntes de ouro de sua eloquência, como melhores Hércules, não das antigas Gálias, mas da nova Lusitânia, me arrebataram, não só a vontade, mas também o entendimento para seguir seus passos, para de longe os adorar, não metendo a mão em seara alheia, (4) nem interrompendo o fio da parte, que cada um segue com inimitável estilo. É o meu intento participar luzes, e nem por sombra interpor sombras.

A maior dificuldade, com que encontra a glória Portuguêsa, ponto fixo do meu discurso, é a Sentença de Salomão, que logo no princípio me deu de repente com o Sol nos mesmos olhos, e me quis cegar o entendimento com a enchente, e atividade de tantas luzes. Mas ainda que em mim a defesa da Causa Portuguêsa seja própria, nesta ocasião não ficarei cego; mas sim irado, e inflamado do calor Português usarei dos mesmos raios para a peleja, e retorquerei contra Salomão, como granada flamante, o mesmo Sol. — Argumento assim — Quando Salomão olhou desde a altura do Sol para o baixo, e superfície da terra, podia também lançar os olhos, como perfeito Matemático, desde o Sol para o mais alto dos orbes celestes; e veria, que nesse dilatadíssimo teatro tinham aparecido, como figuras de singular ostentação, novas estrélas muito depois da criação das

(3) CAMÕES, Cant. 1.º.

(4) *Longe sequere, et uestigia semper adora. Statio Th. 12.*

primeiras; e se Salomão, por escusar tubos óticos, quisesse lançar os olhos para perto do mesmo Sol, veria, que a estrêla de Vênus (5) sem detrimento de sua formosura, com novidade notória a todo o mundo, mudou a grandeza, forma, e o compasso de seu passeio, no ano da criação do mundo de 2318. Logo se acima do mesmo Sol podem acontecer novidades, por que não acontecerão também estas debaixo do mesmo Sol? Por que não será êste influxivo também dêste nôvo gênero de produções? Logo podia a nação Portuguêsa obrar ações novas, e muito luzidas debaixo do Sol, e tão luzidas, como a luz do mesmo Sol.

Mas já estou vendo, que a esta minha paridade sem perturbação da majestade se arma Salomão da agulha náutica, e pensando com o astrolábio o mesmo Sol, com que o acometi, me diz que a prova do seu principio é o testemunho de todo o mundo; e que por ser Rei tão pacífico, não quer armar guerra ao nome, e glória dos Portuguesees; mas conservando com êles a mais política correspondência, sem ciúmes de guerra inundará com frotas os seus mares para conduzir no seu regresso, ou para mostrar aos Portuguesees os tesouros, que nas futuras idades hão de gozar. Vêde, Portuguesees, (diz Salomão) como as minhas frotas gemendo com o péso do ouro e da prata, receando ser soçobradas das vossas ondas, e dos vossos mares buscam as colunas de Hércules para por aquêl estreito buscar o pôrto de Joppe, e Ascalom povoados na Palestina antes do universal dilúvio. (6) Vêde as preciosas madeiras, que já fazem ricos os incultos matos, e que por hora basta, que sirvam ao templo do mesmo Deus, e à estupenda magnificência do meu trono, e palácio, e algum dia serão desprezo, e andarão por debaixo das plantas Portugueseas. Vêde, que também as mesmas frotas vêm conduzindo aquêles animais, na figura mais semelhantes aos mesmos homens, e tão ridículos no gesto, que não são bastantes as pesadas correntes, para lhe introduzir a mínima sombra de tristeza, ou sentimento. Vêde nas aves conduzidas retratada a figura do Celeste Iris, cujo galanteio será algum dia publicar em estudado idioma, que vão **Para Portugal**; se não credes (diz Salomão) o que vos mostro aos olhos, algum dia lereis escrito nas histórias Portugueseas, que já meu Pai Davi anhelando levantar a Deus um magnífico templo, lançara na mesma derrota suas armadas, sendo de uma delas General Ioab, um dos maiores Heróis; que mais feliz fôra, se por meus justos decretos, sem lhe

---

(5) **BEROSO** citado por **MÁSCULO**.

(6) **Non sunt allata huluscemodi ligna thylna, neque uisa usque in praesentem diem. III Reg., 10, v. 12.**



valer a imunidade, (7) não morrera rubricando com seu sangue a espada da justiça no mesmo templo. (8) Este Ioab, consta que junto às colunas do mesmo Hércules para riscar o **Non plus ultra**, (9) exarou nos nativos mármoreos caracteres, que nas vindouras idades publicassem, que por ali passara e para mostrar ao primeiro Conquistador, que não era ali o fim do mundo; e que **Plus ultra** se podia escrever por história do presente, a profecia do Feliz e Maior Carlos. Os tesouros, que meu Pai Davi ajuntou para as despesas do templo; os que em seu Mausoléu sepultaram os Hebreus, (10) e ao depois se descobriram com admiração do mundo todo, foram primícias, que ao mesmo Céu ofertou o Brasil, reservando o principal para em inumeráveis frotas de dilatados séculos perpetuar os tesouros dos Monarcas Lusitanos, representando-se em meu Pai Davi a piedade de um Pedro Segundo, a quem succederam para retratar a majestade das minhas ações, e o empenho do Divino culto um Monarca, que com o nome Augusto de João o Quinto poderá servir de coroa às felicidades de seus gloriosos ascendentes. Se os olhos Portuguezes, ou cegos de paixão, ou alucinados com as felicidades, que lhe predisse, quizerem duvidar do que lhe estou representando, só por conservarem a glória de muitos descobridores, poderei convencê-los com autores tantos, que o alegá-los seria levantar uma tormenta em os mares Portuguezes, e não bastariam as mesmas frotas Lusitanas para carregar tão lustrosos, e eruditos caracteres. Mandarei, que em lugar de todos seja no vindouro tempo lido o eruditíssimo Jesuíta Pineda, no qual, e na citação dêsses autores se julga, que o mundo achado pelos Portuguezes, era o mesmo, que foi penetrado pelos habitadores da Palestina. (11) Não havendo dificuldade, em que êstes ou saíssem do pôrto de Suez pelo Mar Vermelho, e passando o Etiópico Oriental, dobrassem o cabo, aonde os Portuguezes contra os terrores das adversidades, dos Céus, e dos elementos levantarão feliz padrão de suas esperanças.

Dêste promontório buscaram as minhas frotas os portos, que algum dia serão ilustrados com o nome do Salvador na parte Oriental do Brasil: outras frotas dobrando a parte mais Austral da mesma terra, passarão ao mar, que por ser Pací-

---

(7) Vide EMAN. [MANUEL] FARIA E SOUSA.

(8) III Reg., c. 2.

(9) ALCIDES — *non plus ultra in suis metis inscriptit: Carolus V easdem metas inscripto — non plus ultra gestabat.*

(10) Vide PADRE POMEY.

(11) PINEDA, fôlhas 214 e 215.

fico (12) pareceu protestar o meu domínio, e o meu nome; e até na palavra **Peru** se lerá a Língua Hebraica **Peruaim**: e no nome Brasil trocado pela felicidade da Cruz se conhecerá, que êsse vocábulo não significa alguma celebrada madeira; mas é puramente da língua Hebraica **Brezilium**, como se verá no mesmo Pineda no lugar citado.

Outras frotas saíram dos portos do mar Mediterrâneo fazendo a mesma navegação, e saindo do Oceano Ocidental passando a vista das Fortunatas formaram prognóstico às fortunas dos Portuguezes, que das Hespéridas levaram os dourados pomos por tôdas as suas Conquistas. E para prova de que esta ciência náutica durou por dilatados Séculos, meus netos Iosapha, e Ochosias, a tornarão a empreender, pôsto que com infeliz fortuna. Também não faltará autor que diga, que para se fabricar a Arca do testamento na forma que diz o texto — **Arcam de lignis setim compingite** (13). Servirão as madeiras daquelas terras; o que melhor conhecerão nos vindouros tempos os Jesuítas por seu instituto versados na Língua Brasilica; porque lendo-se no Sagrado texto — **de lignis setim compingite** —, o idioma Brasilico com quase nenhuma diferença de **Ybirápenim**; porque a palavra **Ybyra** significa **lignis**, **openim** só com duas letras diferente do **setim** significa **pintado**; porque são tão miúdas, multiplicadas, e vivas côres do tal pau, freqüente nas partes Setentrionais do Brasil, que parecem não feitas pela natureza, mas artificio da pintura; e porisso digníssimo o tal pau da primeira estimação. O que mais se declara com o verbo **compingite**, que neste lugar é expresso comento da palavra **penim** dizendo Deus a Moisés naquele texto, que lhe fizesse Arca de pau pintado, não porque fôsse pintado, mas porque as côres preciosas, e os embutidos o faziam parecer pintado. Donde se vê não ser maravilha, que o mesmo Deus escolhesse o precioso das madeiras Brasilicas para a construção da Arca, em que na terra pôs o trono de sua glória. Nem se impugna esta intelligência, dizendo, que **setim** era certa parte da terra de Moab conquistada pelos Hebreus; porque bem podiam as nações, que faziam as entradas do Brasil, por serem versadas na Língua Hebraica, pôr os mesmos nomes às terras que descobriam, do modo que praticarão algum dia Castelhanos, e Portuguezes. Nem podia haver dificuldade em que estas madeiras séculos antes das minhas frotas (continua Salomão) fôsem conduzidas pelos Tírios e Sidônios dominadores de todos os mares, e que para reparo de suas armadas tinham levantado as Colônias de Cartago, e Cádiz no meio da

---

(12) SALOMON, *id est*, PACIFICUS.

(13) **Exod.**, 25, v. 10.

carreira de sua navegação; com as quais Colônias conservaram seu grande comércio por tôda a Bética, e Turdetânia, em que já florescia a famosa Évora, cujas águas algum dia de prata convertendo em história a fábula de Alfeu, romperão o Oceano Atlântico para fertilizar com caudalosos rios de eloquência as terras, que hoje se lamentam Bárbaras, e incultas.

Também é certo, que aos Romanos algum dia o tempo mostrará a facilidade, com que dos mares da Ásia navegarão os piratas de Silícia a inquietar todo o mundo; e para os castigar, os cercará o Grande Pompeu (como referirá o melhor historiador Latino Lúcio Floro) (14) impedindo-lhe no estreito de Cádiz o fugirem êsses piratas para o Oceano Ocidental. Nem os instrumentos da agulha, e astrolábio foram ignorados às minhas frotas; assim como nunca os ignoraram os povos Orientais da China, e outras nações; nem faltarão estas notícias nas Matemáticas de Ptolomeu, (15) e destas nações se restituirão estas ciências na Europa, que as perderá com outras muitas artes, por causa do furor da guerra, e inundação das bárbaras nações. Logo de todo êste discurso com Luz mais evidente, que o mesmo Sol se conclui, que nada há de nôvo debaixo do Sol, e que a glória Portuguêsa não foi singular, e que não foi nôvo o seu descobrimento.

Assim expendeu o maior Sábio as suas razões; as quais são tão evidentes, que mostram que foram expostas, quando estava em o maior vigor de sua glória, e de seus acertos; muito antes que os anos, e a cegueira o fizessem caducar, e tropeçar arrastado dos animados ídolos, que lhe dominaram o coração. Mas não obstante a fôrça destas razões, ficará firme a verdade, e glória Portuguêsa; nem temo que esta se possa escurecer, quando com Luzeŝ somos acometidos. Foi casado El-Rei Salomão com a Princesa do Egipto filha de El-Rei Faraó; a esta Princesa darei por testemunha do meu argumento; se Salomão não se render à verdade, render-se-á ao afeto, e autoridade de sua espôsa. Sabe esta muito bem, que na sua pátria costumava em certos tempos na Cidade de Eliopoli no templo dedicado ao Sol aparecer aquella celebrada ave, que chamaram Fênix, a quem as mais aves vinham aplaudir, em parabém (sic) de seu repetido nascimento; o que elegantemente descreve Claudiano:

**Sic ubi faecunda reparauit morte iuuent [am],  
Et patrios idem cineres, collectaque portat  
In quibus ossa piis, Nilique ad litora tendens  
Vnicus extremo Phoenix procedit ab Euro.**

(14) Vide LUC. FLORO.

(15) Vide PINEDAS.

Conueniunt aquilae, cunctaeque ex orbe uolucres;  
 Vt Solis mirentur auem: procul ignea lucet  
 Ales, adorati redolent cui cinnama busti.(16)

O que pôsto, argumento nesta forma — A Fênix foi formada por Deus, quando formou as primeiras aves; e não obstante esta antiqüíssima antigüidade, não é antiga; porque sempre é nova, e bastam as cinzas do Sepulcro, e os fumos daquela pira para sepultar em esquecimento a antigüidade. Tão ativas são as novas chamas para dar lustre, e novas côres àquelas penas, e fazer que perfeitamente seja sempre nova: Logo também ainda que tantos anos antes existisse a navegação dos Tírios, e dos Vassallos de Salomão, estando esta totalmente sepultada nas cinzas, e tristes sombras do esquecimento, ficará a navegação Portuguesa sendo em todo o rigor coisa nova, e muito nova debaixo do Sol. Do contrário se diria, que também a navegação de Salomão no tempo do mesmo Salomão era já coisa muito antiga; porque muitos anos antes por espaço de humano tinha Noé naquela tormenta, em que naufragou todo o mundo, navegado sem ver Sol, nem estrêlas, sem velas, nem remos, sem marinheiros, e pilotos, a descobrir terra para encalhar, e perder sua nau, não nas praias, mas nos altos montes de Armênia; (17) sendo desta sorte o último prosador do mundo velho, e o primeiro descobridor, e povoador do mundo nôvo. E como as aves foram as que ensinaram aos homens a navegar, podia se dizer, que aquela pomba, que depois do dilúvio mostrou terra, já antes desta viagem, e já desde o princípio do mundo quando andava sôbre as águas, mostrava os rumos, os altos, os baixos para a navegação. E também se poderá dizer sem o devido fundamento, que o primeiro descobrimento de terras foi o que Deus como causa particular fêz no princípio do mundo, quando mandou separar as águas, e que apparecesse a terra — **Appareat arida.** (18)

O segundo argumento que faço contra Salomão, é que para uma coisa ser nova, e chamar-se em todo o rigor nova, basta que esteja totalmente depois de sua primeira existência esquecida. Vê-se isto claramente nas modas do vestir; e a melhor prova são os Portuguezes. O trajar dêste tempo, sendo moda nova, já algum dia foi deixado por velho. As baixelas, os manjares, e seus nomes também são novos; porque até nos gostos faz a imaginação novidade. Nas palavras, quem a poderá negar? Já antigamente o confessou o Mestre da Poesia: (19) **Multa**

(16) CLAUD., *Carm.*, 22.

(17) *Genes.*, C.8, v.4.

(18) *Genes.*, C.I, v.9.

(19) HORAC., *Arte Poet.*

renascentur, quae iam cecidere, cadentque. E na nossa Língua Portuguesa vemos, que o que algum dia se significava com a palavra Extravagante, hoje é Acróstico, o que algum dia era favor, ou benefício, hoje se chama Galantaria. E galantemente se pôs a Língua Portuguesa em estado, que se ressuscitasse o Padre Bento Pereira, não usaria da sua Prosódia; mas pegaria do Lexicon para entender os seus Portuguezes, julgando que são Gregos: ou assustado se lamentaria cuidando, que os Arabes tinham segunda vez bebido todo o Tejo, e o pátrio Guadiana todo. Eu não reproveo estas novidades, mas consolo-me com Agésilau Rei de Lacedemônia, o qual sendo já velho, ouvindo a um zeloso queixar-se da corrupção, e modas novas dos costumes pátrios respondeu, que já seu Pai sendo velho, lhe fizera a mesma queixa, e que também lhe afirmara, que a mesma tinha ouvido a seu Avô, em tempo que êste pelo dilatado dos anos se conheceu dispensado na brevidade dos períodos de sua Pátria. Pelo que sendo êste mundo teatro de novidades, sendo não plano, como antigamente cuidou Lactâncio Firmino, (20) e hoje erradamente cuidam os Brâmenes Malabaricos; mas esférico, necessariamente não se demover as coisas em uma perpétua roda, e volubilidade, e o que em outro tempo foi já velho, necessariamente torna em todo o rigor a ser nôvo. Só o Sábio, que com a vista compreende tudo (em êste sentido concorda comigo Salomão) está livre de julgar as coisas por velhas, ou por novas; porque tôdas têm ao mesmo tempo presentes — **nouitas namque omnia, quae sint, quae fuerint, quae mox uentura trahantur.** (21)

O mais perfeito Ieroglífico de um sábio foi Jano, não aquêle fingido com duas frentes, mas o que outros mais advertidos fingiram com quatro; porque não basta ver para a cautela o inimigo pela frente, e pela retaguarda; quando êle pode acometer pelos lados. Não quero todavia, que o meu Jano tendo quatro faces, tenha quatro entendimentos, e quatro línguas; há de ter um só entendimento, e uma só língua; para que não fale para o pólo Ártico umas palavras tôdas frias coleando-se como víbora enregelada; outras para o Antártico exalantes de fogo, que excitam incêndios: umas para o Nascente tôdas claras, tôdas luzes; outras para o Ocidente tôdas trevas, e origem de confusões.

É também Jano Ieroglífico do Sol, que ao mesmo tempo incansável ilustra todo o mundo, e de um perfeito, e ciente Príncipe, a quem não há sucesso, que se possa ocultar. E para que não mendiguemos exemplos nas nações estrangeiras, sabemos

---

(20) Lib 3.º, Divin. instit. c 23.

(21) VERG., Georg. 4.º

que aquêlê grande Rei (porque reinava só) Dom João o Segundo advertindo de certo descuido a um dos Cavaleiros, que em Palácio lhe assistiam, e corando êste o seu êrro dizendo, que não julgava pudesse ser visto do seu Rei naquela ocasião; êste lhe respondeu — que os Reis não tinham avêssô, nem direito; para tôdas as partes eram Argos, para tôdas Sol despedindo Luzes, para tôdas Janos, não só de duas, mas de quatro faces.

Para prova pois do meu intento ponhamos ao nosso Príncipe, ao nosso Sábio, ao nosso Jano na Linha Equinocial, lançando os olhos para tôdas as quatro partes do mundo; e como está na linha, não será novidade, que em alguma ocasião se veja totalmente cego, vendo-se cercado com espêssas nuvens, e fulminado dos raios, combatentes ordinários daquele clima. Aos poucos todavia se vão desfazendo as nuvens de uma parte, e lá descobre Jano todo o Oriente; apartam-se da outra parte, e já descobre todo o Ocidente, e por fim pelos últimos dois lados apartou-se tôda a tempestade, e triste noite. Nesta suposição assim como o conhecimento das regiões não foi mais nôvo, nem mais antigo, senão conforme a dilação, que houve em se desfazer o escuro daquela triste nuvem; assim também para um Sábio nada há de nôvo, senão em se apartar a nuvem do esquecimento. Que importa ter acontecido esta, ou aquela navegação? Se o esquecimento já a sepultou? o renovar-se é acontecer totalmente de nôvo, e existir como se nunca tivera existido. Neste sentido nada há de nôvo debaixo do Sol. Há guerras, sempre as houve; há terremotos, sempre os houve; há calamidades, sempre as houve; mas não obstante o terem já acontecido, nem porisso deixam as calamidades, os terremotos, as guerras de ser rigorosamente novas, e esta novidade não negará Salomão à navegação dos Portuguezes, e a seus descobrimentos. Não ficarão êstes antiquados no entendimento de Salomão, e dos Janos, ou dos Sábios, que como Salomão a nada do que passou, passa, ou há de passar, admitem sombra, ou nuvem, com que se haja de esconder — **nouit namque omnia, quae sint, quae fuerint, quae mox, uentura trahantur.**

Finalmente o último fundamento, por onde o descobrimento do Brasil é unicamente Português, e glória singular dos Portuguezes, é porque o Brasil ainda que antigamente fôsse pôrto das naus de Salomão, no princípio, e progresso das nossas Conquistas pôrto das armadas Portuguezas, não foi ainda perfeitamente descoberto; ainda há muito que mostrar nêle de nôvo ao Sol, contra o acêrto de Salomão. Ó que projeto é êste para os vindouros! que anúncio para os Monarcas de Portugal! O nosso descobrimento, o nosso entrar, o nosso possuir não é outra coisa, senão guardar as portas, e chaves dos tesouros, que os

vindouros hão de possuir. E nisto mesmo está a maior grandeza do nosso Brasil. Assim como a presença diminui a fama do que sendo ausente se descobre, — *minuit praesentia famam*; assim os bens humanos conservam a grandeza, e estimação em quantos se consideram futuros. É sentença expressa do melhor Lívio Jesuíta, Estrada: — *humana omnia reperiuntur plerumque minor, dum possidentur, quam dum optata finguntur.* (22) Ainda lá nos Campos Elísios seguindo Vergílio a Filosofia de Pitágoras, vendo as almas de certos Heróis, as considerou de mais lustre, e mais dilatada, e excessiva esfera, enquanto as considerou futuras — *ingentes animas, nostrum que in nomen ituras* (23) —. Conheceu que no tempo futuro havia de haver um César, que não cabendo com vitórias em todo o mundo, havia de ser tão humano, que na ordinária estatura não excedesse as medidas perfeitíssimas da natureza, e aborrecesse os monstros, que por agigantados eram horror da mesma vista. Mas em que Vergílio considerou essa alma de César futura, como futura, ainda a julgou maior, que o mesmo mundo, e capaz de animar, e ilustrar muitos mundos, e porisso proporcionada só ao corpo, e coração de um César: —

*Ingentes animas, nostrum que in nomen ituras.*

Tal é a grandeza, tal a felicidade dos bens, que se consideram futuros, e por esta razão sempre maiores, que os bens que se consideram presentes. Que criatura houve mais feliz, e mais dotada de bens, que aquela que dizia — *Ascendamsin caelum, super astra Dei exaltabo solium meu, se debo in Lateribus Aquilonis, similis ero Altissimo!* (24) De ponto sobe agora o meu argumento, pois vai contra quem foi mais sábio que Salomão. Demônio infeliz, não estás tu já sôbre as estrêlas? não as tens debaixo das tuas plantas? não habitas já no mesmo Céu? não tens já um altíssimo trono? não és perfeita imagem de teu Criador? quem o duvida? pois como dizes, que tudo isso hás de ter, como quem ainda o não tem? *Ascendam, exaltabo, sedebo, similis ero?* A desgraça estêve, em que o bem possuído atualmente ninguém o conhece, só o futuro parece grande. Cegou-se o Demônio com a sua felicidade presente, e já possuída; não conheceu o seu bem; viu-se naquela altura; padeceu tal vertigem no entendimento, que não se podendo ter, precipitado se despegnou: sendo o primeiro cometa caudato, que despegado do Céu, como matéria corrupta, arrastou trêmulas tão grande parte de

(22) ESTRADA, *De Bello Belgico*.

(23) VERGIL., *Eneid.* VI.

(24) ISAIAS, c. 14., v. 13.

estrêlas verdadeiramente errantes, para no centro escuro da terra as sepultar em luto, e tristes sombras. Mas, o que mais é para sentir, que achando-se na terra, fôsse o primeiro heresiarca, que enganou aos primeiros habitantes do Paraíso, prometendo divindades também futuras — *eritir sicut Dii*, (25) para que perdesse tôdas as felicidades presentes com o mesmo Paraíso. Podendo dizer-se de um, e outro — *cum in honore esset, non intellexit*. (26) Tanto apetezem os homens o futuro, tanto desprezam o presente! Não é o presente do Brasil possuído para desprezar; gloriam-se as nações inimigas, ainda infiéis, de que logram os nossos tesouros por nós desprezados, e de que são os Portuguezes jamais conhecidos por todo o mundo pela cruz da moeda, que pela cruz da espada. Já o nosso néctar é desprezado; porque a cólera Portuguêsa não tempera o fel, com que os inimigos da fé se entisicassem, e, perdidas as fôrças, fôssem levados mais suavemente à sepultura.

Mas alegrando o discurso, não me contentando com o descobrimento passado em tudo nôvo, digo contra Salomão, que ainda há de vir outro mais nôvo: o meu Jano assim o descobre; já promete diamantes, rubis, e esmeraldas, para que não se perdendo os tesouros antigos, se vejam os novos reduzidos a compêndio. Então se descobrirá a felicidade do Paraíso terrestre, que a doutíssima pena do Padre Simão de Vasconcelos antigamente habitador das paredes, em que moro, em tratado particular provou que estava no nosso Brasil, e por desgraça não viu a luz do prelo. Ó se então se descobrião os frutos daquela ditosa árvore, com os quais achou o grande Padre Antônio Vieira confusas notícias no Grão Pará Rei das águas, que umas nações renovavam as fôrças, e afugentavam a velhice! Tal é êste paraíso, e de tantas felicidades, que em todo o rigor hão de ser novas debaixo do Sol, hão de perpetuar, e dar nôvo descobrimento aos Portuguezes. Mas quando considero no nosso Brasil o paraíso, consolo-me, que tem Querubim, que com a espada de fogo de sua justiça, inteireza, e retidão o defende, e o guarda por império de seu supremo Monarca. A ninguém virá ao pensamento pelejar contra a espada de fogo dêste Querubim; seguros estão os muros do nosso paraíso.

Porém ao tempo que vejo os muros do nosso paraíso livres do cuidado, de que possam ser acometidos; parece-me, que pode haver quem meneie a espada contra êste meu discurso, e diga que empenhando-me eu em defender a glória dos Portuguezes,

---

(25) **Genes**, 1.º v. 5.

(26) **Salm.**, 48, v. 21.



me esqueci da própria; e que por mais que me quis armar com o Sol, na realidade tôdas as Luzes, com que saí, ou são diminutas, ou ao menos são uns rejectos, que por não terem a devida estimação foram coisas deixadas pelos Sapientíssimos Acadêmicos na formação dos seus discursos; e que por esta razão mal posso eu ostentar luzes neste teatro da Sabedoria aparecendo com o que pelo menos precioso foi deixado, e desprezado. Ao que respondo, que logo no princípio do meu discurso protestei que vinha a participar luzes, e não a comunicá-las. Além de que como usei contra Salomão do mesmo Sol, êste mesmo me servirá para defender o acêrto do meu discurso. Que coisa é o Sol, senão um agregado de muitas luzes? Estas luzes eram aquelas, que antecedentemente andavam espalhadas, e como desprezadas pelos ares; mas essas espalhadas, e desprezadas, agora juntas, ordenadas, e compostas fazem um Sol, fonte e origem de tôdas as luzes; sem que haja quem contra êsse Sol possa despedir setas, sem que incorra a censura de demência.

**Stulte, quid in caelu toto inania spicula iactas;  
Namque meum Solem nulla sagitta ferit.**

Fôssem embora os argumentos, com que se ordenou êste meu discurso, reliquias desprezadas, e deixadas pela erudição dos Sapientíssimos Senhores, a quem sumamente venero; glória sua, e minha será também, que o Sol, que me deu o argumento, fôsse formado de tais luzes. Nem será maravilha, que fora dêsse Sol fiquem pelo Céu ainda espalhados alguns corpos, ou estrêlas luminosas, que juntas possam formar outros corpos iguais na grandeza, e na Luz ao mesmo Sol.

Mas já é tempo, de que o Sol de Salomão recolha as suas luzes, confessando a novidade do meu, e do nosso descobrimento. E porque é mais difícil algumas vêzes colhêr as velas, do que soltá-las, o meu intento (suposto o que tenho dito) era examinar as razões naturais, políticas, e ascéticas, porque a Providência divina dilatou tantos anos o nosso descobrimento. Não me foi possível chegar a êste lugar; porque é mais fácil às vêzes dizer muito, do que dizer pouco, e talvez as notícias, que algum dia tinha juntas nas fôlhas dos livros andem espalhadas nas fôlhas dos matos — *Rapidis ludibria uentis*. (27) Nestes matos, e montes remontados do Parnaso não só entre Faunos, e Silvestres Sátiros, mas entre Tigres mais ferozes que os de Hircânia me desconhecia; pelo que se alguém julgar o estilo digno do Parnaso desta Academia, saiba que foi elevação do Soberano impulso, que da sepultura, em que estava, milagrosamente o resuscitou.

Conferência de 23 de julho

Ao Presidente

Foi Presidente o Reverendo Padre Salvador da Mata Jesuíta; e por não poder vir, o substituiu o Reitor do Colégio o Reverendo Padre Rafael Machado.

In laudem Praesidis sapientissimi.

### EPIGRAMMA

Alloquitur Academia ad Praesidem

Defecit Praeses, quo deficiente fuisti

Praesidis auxilium, praesidiumque meum.

Quam bene defectus hos supples, atque mederis!

Non esses Raphael, ni medicina fores.

Tu Saluator ades mihi certo, Macte triumphans,

Et Saluatori certo redemptor ades.

Secretário.

*[José da Cunha Cardoso]*

Ao Engenhosíssimo, e Religiosíssimo Presidente da presente Academia o muito Reverendo Padre Rafael Machado da Companhia de IESU Reitor do Colégio da Bahia.

### EPIGRAMA

Não errou, douto Prelado,

antes discreto acertou,

quem em pôr-vos atinou

sobrenome de Machado.

De vós não; do nosso fado

devemos todos queixar-nos;

pois para mais deslustrar-nos,

do mesmo lustre quis q'esse

vosso Machado viesse

tôda a esperança cortar-nos.

*Salvador Piza de Carvalho e  
Albuquerque.*

Ao muito Sábio, e Religioso Presidente o  
 Reverendíssimo Padre Rafael Machado da  
 Companhia de IESU Reitor do  
 Colégio da Bahia.

### EPIGRAMA

Êsse engenhoso argumento,  
 que aqui hoje discursastes,  
 foi prisão com que arrastastes  
 todo sábio entendimento.  
 E tanto a nosso contento,  
 mui reverendo Prelado  
 se esgrimiu êsse Machado,  
 que duvido alguém se achasse,  
 que por êle não ficasse  
 de pura inveja rachado.

*Salvador Piza de Carvalho e  
 Albuquerque.*

Ao Facundíssimo, e Religiosíssimo Presidente  
 o muito Reverendo Padre Rafael Machado  
 Reitor do Colégio da Bahia.

### EPIGRAMA

Representar só podia  
 (sem fazer aos mais afronta)  
 Oração de tanta conta  
 sujeito da Companhia.  
 Quando eu soube, que a fazia  
 o muito sábio Reitor  
 temos, disse, hoje Orador,  
 de quem a nosso pesar,  
 ser devemos confessar  
 entre os mais superior.

*Salvador Piza de Carvalho e  
 Albuquerque.*

Ao Sapientíssimo, e Religiosíssimo Presidente  
o muito Reverendo Padre Rafael Machado  
da Companhia de IESU Reitor do Colégio  
da Bahia.

### EPIGRAMA

Nessa engenhosa Oração  
tudo se achou: sutileza  
arte, discurso, clareza  
frase, estilo, erudição.  
Chamaram-vos com razão,  
Rafael, douto Prelado;  
pois hoje assaz tem mostrado,  
com quanto merecimento  
é o vosso entendimento  
por de um Anjo reputado.

*Salvador Piza de Carvalho e  
Albuquerque.*

Ao Argutíssimo, e Religiosíssimo Presidente  
o muito Reverendo Padre Rafael Machado  
da Companhia de IESU; Reitor do Colégio  
da Bahia.

### EPIGRAMA

Hoje acabei de entender,  
que, se bem feito ao machado  
pode ser mui delicado  
qualquer discurso a meu ver.  
O vosso assim veio a ser,  
Sábio Prelado. Apostou  
mostrar, como já mostrou  
ser vosso Machado agudo:  
quis levar ao cabo de tudo  
de uma só vez, elevou.

*Salvador Piza de Carvalho e  
Albuquerque.*

## RAPHAEL, IDEST, MEDICINA DEI. DISTICHON

Caesar Apollineo, te inuento, gaudet honore.  
Quid mirum Raphael? si es Medicina Dei.

*De Francisco Xavier de Araújo.*

Reuerendo admodum Patri Raphaeli Machado,  
Collegii Bahiensis Meritissimo Rectori,  
Brasilicanae Academiae electo Praesidi, ad  
omnium uotum, ac Spem in eadem  
Academia peroranti.

### EPIGRAMMA

Esse quid hoc dicam, Vates (1) quod habere  
[Patronum (1)  
Plurimus, o Raphael, (1) te modo quaeret (1)  
[ouans?  
Quodque nouem plectris chorus (2) undique  
[Nomen (2) anhelat, (2)  
Cognomen (3) quod amat (3) Castalis (3)  
[unda (3) tuum?  
Praeside sub tanto Vates, (1) Chorus, (2) Vnda, (3)  
[Patronum, (1)  
Nomen, (2) Cognomen, (3) quaerit, (1)  
[anhelat, (2) amat, (3)

*Carlos de Azevedo.*

Reuerendo Patri Raphaeli Machado Academiae  
Praesidi.

### EPIGRAMMA

Ergo quid in causa est, tanto quod Apolline  
[gaudent  
Castaliusque liquor, Castalidumque chorus?

- 
- (1) alludit ad Tobiam Vatem, cuius dux, ac patronus Angelus Raphael.  
(2) alludit ad Choros Angelorum, quorum nomen uni Raphael.  
(3) alludit ad prouerbium natum ab Apologo Aesopico — Non semper fluuius fert secures.

Praeside quod tanto, quod Praeside denique tanto,  
 Plurimus altiloquo personat ore Maro?  
 Castaliis et aquis, et acumine Nominis alti  
 Et Chorus, et Vates exacuendus erat.

*Carolus de Azevedo.*

Reuerendo Patri Raphaeli Machado Academiae  
 Praesidi.

### EPIGRAMMA

CEDITI ROMANI, ORATORES CEDITE  
 [GRAECI;

Ingenii maior nam modo surgit Apex.  
 Scilicet eloquio Raphaelius intonat alto,  
 Quanto non potuit Tullius ore loqui;  
 Dona Cerebrigenae non inficianda Mineruae  
 Doctus, et ingenuas pandere mentis opes;  
 Quo, uelut annoso Tritonia Nestore sedem,  
 Mallet et ad cumas cuius habere caput.

*Carlos de Azevedo.*

Reuerendo Patri Raphaeli Machado Academiae  
 Praesidi.

### EPIGRAMMA

Duxit Idumaeum deserta per auia uatem  
 Aligerum Raphael gloria magna fori.  
 Duxit Americos uates per tesqua diserta  
 Aonidum Raphael laus bene nota choro.  
 Caetera conueniunt: dispar sed munus utrique;  
 Alter Mercurius, noster Apollo fuit.

*Carlos de Azevedo.*

Em louvor do muito Reverendo Padre Reitor  
 Rafael Machado Presidente da Academia.

### SONÊTO

Um rio de eloquência vai correndo  
 Pelos agudos fios de Machado,  
 Que no Filosofar pedra aguçado  
 Os fios ao discurso vem tecendo,

As riquezas de Palas revolvendo  
 No Sábio calhau sempre encantado.  
 Que agora descoberto, e agora achado  
 As vêzes de rebôlo está fazendo.

Digno Machado só de cortar Louro,  
 E só frondentes ramos de Oliveira,  
 Para verdes coroas da cabeça:

A quem Apolo só dê fios de ouro  
 E a textrice (sic) Irmã com mão ligeira  
 Ao redor das fontes lhe enterteça (sic).

*Carlos de Azevedo.*

Ad Reuerendissimum Patrem Magistrum, et  
 colendissimum Dominum, Raphaelem  
 Machado, collegii societatis IESV Rectorem  
 Emeritissimum, suum olim comilitonem  
 in Dissertationibus Philosophicis, nouiterque  
 Socium in Magisterio praeclarissimae  
 nostrae Academiae.

### EPIGRAMMA

Te mihi pugna dedit Sophiae primaeva sodalem  
 Tempus disiunxit Corpora, non animas.  
 Nunc te iterum in Socium reuocat sapientia:  
 [quondam  
 Sors mihi tota fuit, nunc tibi totus honor.  
 Nam dum substituis Cathedram, quam pertinent  
 [alter,  
 Rectoris Cathedram nostra Palaestra dabit.

*Do Padre Francisco Pinheiro Barreto*

Vigário da Igreja de São Pedro.

Ao Sapientíssimo e Reverendíssimo Presidente  
o muito Reverendo Padre o Sênhor Rafael  
Machado Digníssimo Reitor do Colégio  
da Companhia com alusão ao primeiro  
Assunto de haver um raio feito em pó a  
uma estátua de Apolo.

### SONETO

Que importa que hoje a Apolo parta um Raio,  
que importa que essa Estátua se desfaça  
se com mais Energia, e maior Graça  
brilhais hoje das Ciências nesse ensaio.

Com douto alento, sem nenhum desmaio  
o que casual foi, pareceu traça  
luzes regendo encheis do Sol a praça  
fazeis luzir o Céu, florescer Maio.

As Musas admiradas vos adoram,  
as Graças nunca em si tantas tiveram,  
u'as, c'outras (sic) vosso auspício imploram

Nesse Dêlfico Sólío apareceram  
o estrago da Estátua já não choram  
por Sacro, Nôvo Apolo vos veneram.

Do Acadêmico Nubiloso.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

Religiosissimo Sapientissimoque; Magistro  
Raphaeli Machado Societatis IESV  
Rectori Eximio.

### ENCOMIUM

Tantae molis opus quod tentas docte Magister,  
Miratur Pallas, Pieridumque, chorus.  
Quid tibi carmen ego, quid uersus scribere coner?  
Vix Maro uix Naso carmina digna canent.  
Facunda eloquii dum fundis flumina, gentes  
Aurea pellectis mentibus unda rapit.  
Dum Musas dignis praestantes laudibus ornas,  
Ad famam duro marmore non opus est.  
Sunt tua Musarum collegia dedita paci,



His insunt charitum corpora nuda trium:  
 Obtegit unanimes sacra proxima laurus oliuae;  
 Insita doctrinis foedera laude uirent.  
 Nulla tibi fructus expers praeter itet Hora!  
 Omnibus Euphronae sint bona nota tuae.  
 Gloria te typicis monumentis parta perennet,  
 Ars alat Irenen, sed tua uitet Erin,  
 Ergo o Pierides caelo monstrate Magistrum,  
 Carmine et astrifero concelebrate choro.  
 Ne tua fama nouo nunquam feriat ab aeuo,  
 Sustine, Praeceptor, Pieridum astra poli.

Tuus uenerator,  
*Emanuel Nunes Leal.*

Ad Reuerendo Admodum huius Academiae  
 Praesidentem

### EPIGRAMMA

Praeses, Rector eris rectus, Prouinquecialis,  
 Praefectusque simul tu generalis eris.  
 Papaque summus eris, quia mens tua cuncta  
 [patrauit,  
 Fama nec in Terris deseret ulla tibi.  
 Postea Caelicolas inter numeraberis aequae,  
 In Caelis etiam gloria parta tibi.  
 Nescio quidquid eris posthac, non amplius ullum  
 [est;  
 Denique quidquid erit tu quoque Solus eris.

*Luis Canelo de Noronha*

Ao Reverendíssimo Padre Rafael Machado  
 da Companhia de IESU, meritíssimo Reitor  
 do Colégio da Bahia e Presidente desta  
 Academia.

### DÉCIMA

Com notável suspensão  
 a todos nos admirais,  
 quando assim tão bem cortais  
 pelo fio da Oração;  
 Se não é nova invenção  
 que sutil trazeis, e armado,

pois no fio equivocado,  
 com que discorreis prudente,  
 mostrais quão agudamente  
 trazeis bom fio, Machado.

*Luís Canelo de Noronha.*

In laudem Reuerendissimi Patris Sapientissimique  
 Magistri Raphaelis Machado Societatis IESV  
 Rectoris Dignissimi, necnon huius nostrae  
 Academiae Praesidis Emeritissimi.

### PARALLELUS ELOGIACUS

Mens tua sublimis scandit per sidera Rector;  
 Ingenio doctos uincis, et ore tuo.  
 Orbita quot cursus peragit solaris in anno  
 Tot rotat ingenii splendida sphaera tui.  
 Illa sed in paribus semper uaga motibus exit;  
 Haec tibi constanti fertur ubique gradum.  
 Illa sub Aurorae uix noctem eliminat ortus;  
 Auroram in multum protrahit ista diem.  
 Sol quoties oritur toties tua uerba triumphant  
 Sic sine laude tui non erit ulla dies.

D.V.C.

*Anastacius Ayres de Penhafiel.*

Em louvor do Muito Reverendo Padre Rafael  
 Machado da Sagrada Companhia de JESUS  
 Digníssimo Reitor do Colégio da Bahia  
 Presidindo nesta mui Augusta e Real Academia.

### DÉCIMA

Senhor, da vossa assistência  
 vimos nós hoje atirar  
 o seres vós titular:  
 mas em que? há competência:  
 que no dar-vos Reverência  
 pouco faz a Academia.  
 Em nome desta Bahia  
 só por vós isto direi  
 que um Reitor é quase um Rei,  
 se êste fôr da Companhia.

*De Pedro de Sá Vasconcelos.*

Ao Reverendíssimo Padre Reitor.

## IDÍLIOS TRIPLICADOS

Por sábio, douto, sincero,  
 esmêro.  
 Vos louva êste Côro ilustre,  
 seu lustre,  
 vos ama com culto pio,  
 seu elogio:  
 Bem vejo quando porfio  
 em louvar o que venero,  
 sois pio, ilustre, sincero,  
 esmêro, lustre, elogio.

Elogio dêste Côro  
 sois sonoro,  
 lustre dêste Museu claro  
 sois preclaro,  
 esmêro dêste conclave  
 sois grave;  
 Êste sois Machado suave,  
 e como tal vos imploro,  
 no conclave, e claro Côro,  
 sonoro, preclaro, grave.

Grave sois em tôda a parte  
 a arte,  
 preclaro no douto empenho  
 ao engenho,  
 sonoro na melodia  
 à energia;  
 com razão hoje Talia  
 a vosso saber reparte  
 melodia empenho parte,  
 com arte, engenho, inargia. (sic)

Na inargia dêste estilo  
 o Nilo,  
 no engenho dêsse tesouro  
 o Douro,  
 dessa arte, mais que a de Apolo  
 o Pactolo;  
 suspenso, um e outro pólo  
 vos pretendem por asilo  
 Apolo, tesouro estilo,  
 o Nilo, o Douro, o Pactolo.

O Pactolo tece a rama  
 à fama,  
 o Douro dá à memória  
 a glória,  
 o Nilo tributa à ciência  
 a excelência;  
 Muito estimara a eloquência,  
 louvar-vos, quanto vos ama  
 da ciência, a memória, a rama  
 da fama a glória a excelência.

Sois na excelência do estudo  
 escudo,  
 na glória pera o conceito  
 preceito,  
 na fama da eterna história  
 a glória;  
 quem discrição tão notória  
 louvar pode? Se ela em tudo  
 à história, ao conceito, ao estudo  
 é escudo, é preceito, é glória.

Glória sois, e imortal rama  
 da fama,  
 preceito, e claro [esplendor]  
 do louvor.  
 Escudo sois, e patrono  
 do abôno;  
 Apesar do eterno sono  
 por singular vos aclama  
 patrono, esplendor, e rama  
 a fama, o louvor, o abôno:

Abôno, escudo, e excelência  
 da ciência,  
 louvor, preceito, e vitória  
 da história,  
 fama, assombro, timbre, pólo  
 do Pactolo;  
 Vos venera o mesmo Apolo,  
 e aplaudem vossa eloquência,  
 o pólo, a glória, a excelência,  
 a ciência, a história, o Pactolo.

*De um seu muito venerador.*



## Conferência de 23 de julho

## Primeiro Assunto

Foi o primeiro assunto uma estátua de Apolo  
ferida e desfeita por um raio

Ao primeiro assunto.

## SONETO

Da ciência na imagem mais divina,  
Do Sacro Apolo simulacro augusto,  
Emprega as iras com furor injusto  
Raio fatal, que Júpiter fulmina.

Acautelado Jove a crer se inclina,  
Que o saber só lhe pode causar susto;  
Pois com razão, e fundamento justo  
Sobre os astros o sábio só domina.

Pela origem, que traz do eterno lume,  
Com o poder de Deus, que os orbes move,  
Só a ciência competir presume.

Por isso sobre a estátua o fogo chove,  
Em vingança do susto, e do ciúme  
De ir tirar à ciência o cetro a Jove.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao Assunto Heróico.

## SONETO

De Febo a Estátua tanto venerava  
a idólatra, e gentil antigüidade,  
que como se ela fôra Divindade  
rendidas oblações lhe tributava.

Ao culto do supremo Deus faltava  
sem adorar a sua Majestade,  
antes idolatrando a falsidade  
com que Asmodeu cruel os enganava:

Vendo pois o Senhor do alto Império  
ao mundo em miséria tal caído,  
não pode mais sofrer o impropério:

E como a causa disto tinha sido  
a Estátua, manda lá dêste Hemisfério  
com raios abrasar o Deus fingido.

Do Licenciado

*João Machado Barcelos.*

Fazendo Trovões caiu um Raio, e fêz em pedaços  
a uma estátua de Apolo. Segundo assunto.

### SONETO

Valha-me o Deus Apolo, será chasco,  
vendo Raios cair, falar burlesco!  
Sou por ventura algum *Monsieur* tudesco,  
que dizendo *non forsa vasa* o frasco!

Um Raio frindo (sic) fogo quebra o Casco,  
do mesmo Apolo quando estava em fresco  
mais frio do que o Marmol! Pedantesco  
vai-te esconder à sombra de um Carrasco:

Loureiro quis dizer, mas quando busco  
em asco o consoante, vejo em cisco  
ao Louro Apolo feito negro e fusco;

Ó Vates atenção a tal petisco  
se o mesmo Apolo já cheira a chamusco  
para quem menos é basta um Corisco.

*Do Hermita Frei de Santo  
Antônio da Barra.*

Ao Assunto Heróico.

### SONETO

Do Deus Apolo a estátua mais decente  
A cinzas se vê hoje reduzida;  
Que é pensão lastimosa desta vida  
Não haver nela glória permanente.

Um bastardo vapor, um raio ardente,  
Parto da terra sempre envilecida,  
A oblação do amor mais merecida  
Desfêz em pó, em sombra irreverente.

Desperte pois, mortal, tua memória,  
Com que a sorte te avisa neste ensaio,  
Que pôde ser tragédia a tua história:

Adverte cauteloso, que êste raio,  
Que a nada reduziu tamanha glória,  
Pôde ser o trovão do teu desmaio.

*De Francisco Pinheiro Barreto.*

Ao Primeiro Assunto.

### SONETO

De horroroso Trovão, Raio violento  
a Cinzas reduziu de Apolo o vulto.  
A Estátua usurpava todo o culto,  
e Júpter vingou o atrevimento.

Tremor da Esfera, escândalo do Vento:  
Castigo foi, e pareceu insulto  
se ao Celeste se quebra o Sacro indulto,  
seguro não está o Firmamento.

Mas castigo não foi, não foi ultraje,  
sim Espírito ardente, que do Pólo  
veio roubar a Majestosa Imagem.

Vulcano ocupa os âmbitos de Eolo,  
o Marmor cede; e com maior vantagem  
coroadado de Raios brilha Apolo.

Do Acadêmico Nubiloso.

*[Caetano de Brito Figueiredo]*

A uma estátua de Apolo abrasada de um raio.

### SONETO

Dêsse que confirmou Pastor amante,  
inda mais que Deidade refulgente,  
nos desdêns de u'a Ninfa irreverente  
os incêndios de um Etna crepitante,

Simulacro gentil, hoje flamante  
aos ardores de Júpter potente,  
se apostou durações c'o permanente,  
já confessa nas Cinzas o inconstante.



Mas não blasone o raio de alentado,  
que se busca triunfos resistido,  
não faz oposições o desgraçado:

Prostrado Apolo está, mas não vencido,  
pois se foi a esquivanças desprezado,  
a despojos estava reduzido.

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares de Franca*]

Ao 1.º

### SONETO

Horroroso trovão, que despedido  
de irado impulso por supremo Nume,  
do monte abrasa agigantado o cume,  
do vale humilde isenta o escondido:

Pobre a cabana, fero ao estalido  
não treme tanto de estrondoso lume,  
quanto o teme palácio, que presume  
competências do Céu no esclarecido:

Sempre vive sujeito o levantado  
de furibundos raios à inclemência,  
sem que o sublime valha de sagrado;

Reconheceu o raio da irascência,  
que o ponto do saber era elevado;  
porisso a Estátua, abrasou da ciência.

Seu Criado.

Do Ocupado.

[*Luís de Siqueira da Gama*]

Ao primeiro assunto.

### SONETO

Esta de Apolo imagem rutilante,  
que era da idade culto permanente,  
a quem do bronze o pasmo reverente  
formara eterna a sustos de arrogante;

Hoje ao furor do braço fulminante,  
que a Jove anima impulso onipotente,  
prostrada, informa em misero acidente  
fatal estrago a ruínas vacilante;

Infausta inculca no mortal desmaio  
 não ser de Febo simulacro altivo,  
 ser sim da Sorte bárbaro destrôço;

Sois contra o golpe, que executa um raio,  
 nem livre escapa um Bronze por esquivo  
 nem por soberbo enfim livra um Colosso.

*De João de Barbosa e Lima.*

Ao primeiro assunto.

### SONÊTO

Se essa é de Apolo a Estátua soberana  
 (Fábrica de Colaces peregrina)  
 Como da voraz chama a fúria indigna  
 Brava destrói, sacrílega profana?

Ignorante sem dúvida se engana  
 Não ofendia ao Sacro nesta ruína,  
 Quando só por ofensa se imagina  
 A imaginada ofensa em coisa humana.

Com justa causa Apolo se maltrata  
 Dêste das chamas horroroso insulto,  
 Que com línguas de fogo se relata:

Porque com matérias de sagrado Culto,  
 Se deve a divindade, que retrata  
 Adorações tão grandes, como ao vento.

*[João de Brito e Lima]*

### SONÊTO

Nesta estátua em que Apolo se retrata,  
 Que de ígnio raio a chama precipita,  
 Tanto vingar-se Dafne solicita,  
 Que o que já fêz, fazer agora trata.

Como a chama assistindo a não maltrata;  
 Vingança não achou mais esquisita  
 Para a pena, que tem por infinita,  
 Que (qual de Apolo) retirar-se ingrata.

Sente a Estátua do raio o mortal dolo  
 Construindo-lhe a Luz em que se inflama  
 De Cinzas um funesto Mausoléu.

Causou tudo o rigor da esquivada rama  
 Que só para não ver Cópias de Apolo  
 Deixou esta abrasar da ativa chama.

Do Acadêmico Infeliz  
*João de Brito e Lima.*

Ao primeiro assunto.

### SONETO

De ignífero vapor, chama severa  
 O Colosso magnífico devora  
 Do gentil primogênito da Aurora,  
 Absoluto senhor da Quarta Esfera.  
 Tão símile, e perfeito em tudo era,  
 Que qual certa, o original se ignora,  
 É como adoração delito fôra,  
 Sacrilégio não foi a pena fera.  
 Claudique a impulsos pois da ardente Pira,  
 Se com o Sacro em dórica escultura  
 A semelhança o caduco aspira:  
 Não exista do Sol outra figura;  
 Porque no nome e raios que respira  
 Ser só, e mais flamante o Sol procura.

*[João de Brito e Lima]*

### SONETO

Vibora ardente em Cinzas reduzida  
 Deixa a Estátua de Apolo venerada;  
 Se de Apolíneas luzes ilustrada  
 A que por Prometeu foi erigida.  
 Sentiu os Vitupérios de abatida  
 Aquela, sem indultos de elevada;  
 Esta os méritos teve de animada  
 Inspirando-lhe um raio nova vida.  
 Foi vida de u'a Estátua, um raio ardente,  
 Foi de outra desalento, outro flamante,  
 Na Sorte ambas com Sorte diferente:  
 Quem da Fortuna há de fiar errante,  
 Quando bem sensível os efeitos sente  
 De vária ao mesmo tempo, e de inconstante.

Do Acadêmico Infeliz  
*João de Brito e Lima.*

## À Estátua de Apolo ferida de um raio.

### SONETO

Êste extásico Apolo que está tísico  
De aturar o noturno, e diurno cântico  
Por que não vai banhar-se ao mar Atlântico  
Sendo como Esculápio tão bom físico?

Tanto sobe que passa a metafísico  
Donde pôsto também anigromântico  
Só reforça o corpóico farfântico  
Com o ofusco licor do Lago Estígico.

Mas se contra Tonante que é belígero  
Dêste raio não fica todo pálido  
Acolhendo-se a Marte que é armígero:

Ficará quando ignífero tão válido  
Que transformado em Pan porque é cornígero  
Sairá por Europa touro cáldido.

*De Frei Avertano de Santa Maria.*

## A uma estátua de Apolo ferida, e arruinada por um raio.

### SONETO

Dos que forja Vulcano desde a esfera  
Um raio ouvi, que Jove desentranha,  
Que assolando veloz tôda a campanha,  
U'a estátua de Apolo desfizera.

É possível, que Jove, que pudera,  
De seu filho alentar sem luz estranha  
A estátua, seja tal a sua entranha,  
Que a destrua com chama tão severa?

Quem de um pai sem razão tanta imagina,  
Que à estátua, que do filho em seu desmaio  
Só devera alentar, cause a ruína!

Mas o caso não é já nôvo ensaio  
A experiência mil vêzes nos ensina,  
Que donde o bem se espera, vem o raio.

*[André de Figueiredo Mascarenhas]*

Ao mesmo assunto.

### SONETO

A violências de um raio, que fulmina,  
Indignado faz Júpiter tal dano,  
Que deixa por exemplo ao soberano  
U'a estátua de Apolo, que arruina.

Mas se Apolo seu filho se imagina,  
E um filho é do pai, se não me engano,  
Imagem, veja bem que desumano  
Na estátua contra si próprio se indigna.

Mas, ó vós, que a Fortuna vos concede  
Ser imagens do Rei, sempre vos doa  
O castigo, que à estátua agora mede.

Porque quando um Monarca o seu, que atroa,  
Se não fúria infernal, raio despede,  
À sua própria imagem não perdoa.

*De André de Figueiredo Mascarenhas.*

A uma Estátua de Apolo ferida por um raio.

### SONETO

Arma Vulcânia Jove altissonante  
A u'a Estátua Apolónia vibra e move,  
Para que ser Colosso não inove  
Se presume ser Sol onde há Tonante;

Resistente ao impulso fulminante  
Persistiu, para que seu rigor prove,  
Faetonte ficando ao Sumo Jove  
Que a feriu por cuidar que era Gigante:

Mas se Sol essa Estátua representa,  
Significando luz sem ter desmaio,  
Se Sol é, de ter raio não se isenta:

Jove pois em que a prostre neste ensaio  
Ser mais Sol a ilumina, pois lhe aumenta  
Sol a Sol, Luz a Luz, e Raio a Raio.

*Luís Canelo de Noronha.*

## Fere um Raio uma estátua de Apolo.

## SONETO

Esta estátua de Apolo refulgente  
 Em que tem delinqüido, alto Tonante?  
 (1)  
 Algum monte arrancou como Gigante  
 Pera o Cetro tirar-te onipotente?  
 (2) (3)  
 É de Ajax ou Salmoneu rei potente  
 Esta estátua que feres arrogante?  
 (4)  
 De Esculápio será Deus medicante  
 (5)  
 Ou Faetonte, a quem mata um raio ardente?  
 Pois porque com tal raio os teus rigores  
 Se exercitam em um Deus tão luminoso  
 Que benigno depende mil fulgores?  
 Jove diz, que não fôra rigoroso;  
 Mas que o raio cegando aos resplendores  
 Desta estátua, lhe dera duvidoso.

*De Antônio de Oliveira.*

## À Estátua de Apolo ferida de um raio.

## SONETO

Suspende o golpe, ó Júpiter, suspende  
 Se contra Apolo teu furor conspiras,  
 Pois serem vil despôjo as tuas iras  
 Dêsse que ultraja teu rigor, e ofende.  
 Se o não guarda o sagrado, e o não defende  
 O respeitoso culto que lhe tiras  
 Toma exemplo fatal no que hoje admiras,  
 E em teu próprio furor também aprende.

- 
- (1) Os Gigantes foram mortos com raios, por quererem conquistar o Céu.  
 (2) Ajax Olileu foi morto com um raio por desonestar a Cassandra.  
 (3) Salmoneu foi morto com um raio por querer lançar raios como Júpiter.  
 (4) Esculápio foi morto com um Raio por ressuscitar a Hipólito contra vontade de Júpiter.  
 (5) Faetone foi morto com um raio por não saber governar o carro do Sol.

Mas com que raio podes castigá-lo  
 Quando o fulminas para descompô-lo  
 Que não concorra para venerá-lo:  
 Pois será visto dêsse ardente Pólo  
 Raio que vibres não para abrasá-lo,  
 Raio que mandes saudar a Apolo.

*Por Anastácio Ayres de Penhafiel.*

Caindo um Raio sôbre a Estátua de Apolo,  
 Assunto heróico da presente Academia.

### SONÊTO

Fulmina irado Júpiter tonante  
 Sôbre a Estátua de Apolo um Raio ardente,  
 Fatal impulso, ação incompetente  
 De um amoroso Pai a um filho amante.

Que mistério, que causa relevante?  
 Teve tão memorável acidente  
 Espedaçar o Raio irreverente  
 Da luz ao Simulacro radiante.

Se os destroços de Imagens tanto dignas  
 Das próprias Divindades são castigos,  
 Com pasmo das Esferas cristalinas,

Quem pode ter constantes os abrigos?  
 Quando ao Sol não perdoam as ruínas,  
 Quando até nas Deidades há perigos.

O Acadêmico Vago

*Sebastião da Rocha Pita.*

A uma estátua de Apolo ferida, e arruinada  
 por um raio.

### SONÊTO

De quem a estátua é que fulminada  
 Jaz de um raio veloz que bem pudera  
 Até ao mesmo Sol na sua esfera  
 Chamuscar-lhe a gadelha, quando nada?

Deve ser de Esculápio, que abrasada  
 Sua vida de um raio foi noutra era,  
 Que de Apolo não é, pois que severa  
 Lhe queima a chama as barbas de encalhada.

E Apolo, a quem o buço não aponta,  
 Não pode ter nas barbas um atilho,  
 Pois de barba não tem nem inda ponta.

Que sua possa ser me maravilho,  
 Mas se dêle é porém, como se conta,  
 Sinta agora a desgraça do seu filho.

*Do Capitão Antônio de Araújo e Silva.*

Conferência de 23 de julho

Segundo Assunto

Foi o segundo assunto uma dama que  
 revolvendo na bôca umas pérolas, quebrou  
 alguns dentes

#### EPIGRAMMA

Margarita tuo si exoptant ore moueri,  
 Et dentes rumpunt inuidiosa tuos,  
 Ex margaritis proprios componere dentes,  
 Niza, potes; nam sunt omnia homogenea.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao Assunto Lírico.

#### ROMANCE

Cloris aquela cachopa  
 tanto mordaz, como guapa,  
 de todos era alfaiate,  
 a todos vestir cortava.

Como tal cacoete tinha  
 estava mal costumada  
 que já sem temor, nem pejo  
 sempre lhes cortava a capa.

Dava de vestir a todos  
 porque cortava mui larga,  
 mas nunca ficou vestido  
 aquêle a quem roupa dava.

Porque como lhe fazia  
 da Pele ao vestido gala,  
 sempre os deixava sem pele,  
 nunca vestidos ficavam.



De Cloris era tesoura  
a língua com que cortava,  
que muitas vêzes as línguas,  
cortam mais do que as espadas.

Cortava, e também mordía  
Cloris a tôdas as Damas,  
porque só ela queria  
ter mais que tôdas a graça.

E como até aqui ninguém  
lhe pôs na boca mordança  
não deixava de morder  
por ser tão mal costumada.

Ouvindo Cloris um dia  
aplaudir a certas Damas  
as pérolas, que em extremo  
eram de todo galhardas:

E que estas sendo do Céu  
lágrimas, no mar geradas  
na sua grã gentileza  
venciam tôdas as Damas;

E que nascendo nas conchas,  
quando das conchas saltavam  
já tôda a mais formosura,  
nas conchas se ocultava.

Invejosa pois de ouvir  
das pérolas alabança,  
logo se pôs a roê-las  
pela costumada traça.

Mas vendo que quanto à pele  
nunca podia rasgar-lha,  
logo deixa de mordê-las,  
principiando a cortá-las.

E como em vão se cansava  
pois nunca bem as cortava  
remeteu o fato aos dentes  
para querer mastigá-las.

Mas foi tão mal sucedida  
a pobre Cloris coitada  
que quando cuidou morder,  
então ficou desdentada.

Do Licenciado

*João Machado Barcelos.*

A uma Dama, tendo uma pérola na bôca se lhe  
quebrou um Dente.

### DÉCIMAS

U'as pérolas luzentes,  
tendes Filis nessa bôca  
mas quem essa bôca toca  
vê que são pérolas dentes;  
êles e elas competentes  
elas a êles invejaram,  
e tanto que elas quebraram  
os vossos dentes senhora,  
infiro que em vós agora,  
outras melhores ficaram.

Outra.

Menina venho a entender  
que em êsse vosso brincar  
não julgastes a ganhar,  
apostastes a perder;  
a vossa perda hei de crer  
por mais que vós não digais;  
pois nos dentes que quebrais,  
nas pérolas que escondeis  
aljôfares recolheis,  
diamantes esperdiçais.

*De Francisco Pereira do Lago Barreto.*

Ao Assunto Lírico.

### ROMANCE

Vá de romance esta vez,  
e queira a Musa ajudar-me,  
que tratar com raparigas  
não é coisa para Padres.

Direi com muita cautela  
as prendas, e habilidades  
desta môça, mas de longe;  
que é Sol, e pode abrasar-me.

A senhora Dona Nise  
moçuela de lindo talhe  
destas, que agora tropeçam  
por donaire e mil desaires.

Um fio de ricas pérolas  
lhe deu por prenda um amante,  
que as sabe a Môça pescar,  
inda sem meter-se aos mares.

Turbou-se um pouco a Menina,  
faltou-lhe tôda a coragem,  
temendo, que de enfiadas  
as pérolas desmaiassem.

Meteu-as logo na bôca  
eu cuidei que era piedade;  
porém dizem, que foi traça  
de dar às Pérolas mate.

Porque os dentes da Menina  
mais claros, que o fino jaspe,  
envergonhado o marfim  
só com a prata liga fazem.

Vendo-se lá entre dentes  
ficaram muito à vontade;  
porque metidas nas conchas  
da melhor pérola madre.

Só não puderam os dentes  
com elas bem mastigar-se;  
que então reina mais a inveja,  
se as prendas são semelhantes.

Que são mais claros, os dentes  
com grande fôrça combatem:  
quiseram julgar de côres,  
e ficaram sendo partes.

Fazem-se os dentes pedaços  
de cólera: há tal desastre!  
que permita a Natureza  
cortar o vidro diamantes!

Mandou Nise a bom partido,  
para acabar-se o debate,  
que as pérolas substituam  
aonde os dentes faltarem.

Tenho feito doze coplas,  
que a lei permite aos romances:  
não se acabam os conceitos:  
falar muito é contra a Arte.

*De Francisco Pinheiro Barreto.*

Ao Segundo Assunto.

### SONETO

Quando, ó Lisarda, nessa breve bôca  
vi que tão lindas pérolas estavam,  
nesse Céu entendi que se geravam,  
ou c'os dentes que queriam fazer troca.

Claros Diamantes com diferença pouca,  
ou pareciam, ou se avantajavam  
às Pérolas; mas nelas se quebravam;  
tão grande excesso a admiração provoca!

Mastigadas as Pérolas perdiam  
a formosura que logravam antes  
com tirano rigor golpes sentiam.

Os Dentes procederam como Amantes,  
se as Pérolas a ofensa padeciam,  
razão foi que estalasses os Diamantes.

Do Acadêmico Nubiloso.

*[Caetano de Brito Figueiredo]*

Ao Segundo Assunto.

### ROMANCE

Cíntia, se levais à bôca  
as pérolas, é sinal,  
que pois as pedras se encontram,  
algu'as se hão de quebrar.

Quebraram-se os vossos dentes  
por mais finos, e mostrar  
se as pérolas valem muito,  
que êles sempre custam mais.

Se com os dentes quisestes  
as pérolas comparar,  
vêde ser grande a diferença  
dos Diamantes ao cristal.

Diamantes os vossos dentes  
alvos, luzentes, iguais  
quando pérolas comeis  
mui mal as podem tragar.

Ouço que mal se mastigam  
pela tradição que faz  
sempre das pérolas dentes  
o que lhos parece mal.

Quebram, porque Soberanos,  
não querem dissimular  
que as pérolas estimeis,  
quando tais dentes lograis.

Quebram, ou pelo que sentem,  
ou para darem lugar  
que as pérolas se melhorem  
nessa concha celestial.

Caem logo que se quebram,  
porque é muito natural  
na frase dos infelizes,  
o cair, e o quebrar.

Comer pérolas, foi gôsto  
que não posso decifrar  
foi preciosa gulodice,  
foi apetite fatal.

Das Lágrimas serem filhas  
as pérolas é vulgar,  
Vós, Lágrimas engolis  
se pérolas mastigais.

Assim, sois mui generosa  
a Cleópatra imitais  
lá, foi do amor desperdício  
cá, não sei o que será?

Será ira, será raiva,  
será cólera, que é tal  
a vossa paixão, que ainda  
nas pérolas vos vingais.

Responderéis que foi brinco,  
 seja embora! mas notai,  
 que brinco que os dentes custa  
 faz mui caro o seu brincar.

Já que as pérolas comestes,  
 agora os dentes guardar;  
 que por brincos nas orelhas  
 os podereis pendurar.

Espero não façais outra  
 mas quando não, vêde lá,  
 que não tereis com que rir  
 só tereis com que chorar.

Do Acadêmico Nubiloso.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

A uma Dama que brincando com umas pérolas  
 na bôca, quebrou uns dentes.

### SONETO

Brincava Francisquinha, e bem se via  
 que era menina, pois assim brincava,  
 entre o miúdo aljôfar, que mostrava,  
 c'uma pérola neta, que escondia.

Todos viam quebrar; ninguém sabia  
 qual dos dois existia, ou qual faltava:  
 parecia que o dente não quebrava,  
 porque a pérola então aparecia.

Mas amor, que com vista ali mais alta  
 de Francisquinha penetrou o desdouro,  
 no mesmo suplemento a perda exalta.

Ai, que importa (Ihe diz) meu brinco de ouro,  
 que uma pérola cobre cada falta,  
 se em cada dente teu perco um tesouro.

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

Ao segundo assunto.

### DÉCIMA

As pérolas, que escondeis,  
 quando, Nise, as estragais,

se umas nos dentes quebrais,  
 outras na bôca achareis;  
 neste caso bem podeis  
 supor com muita razão,  
 quando em vossa bôca estão  
 os acasos contingentes,  
 se são pérolas os dentes,  
 que as pérolas dentes são.

*De João de Barbosa e Lima.*

Ao segundo assunto.

### SONETO

Das lágrimas, que a Aurora rindo chora,  
 De pérolas encheu o erário Anarda,  
 E pelas exceder na luz galharda  
 Das suas lança duas ou três fora.

Vendo-as Cupido tanto se enamora,  
 Que para as recolher não se acovarda,  
 Antes por serem (como entende) as guarda  
 Desperdícios gentis, de nova Aurora.

Mais, que as que a [Mãe] de Febo tem chorado,  
 Há de chorar, no mar, e na espessura,  
 Tem estas no valor avantajado.

De sorte, que acha Amor por mais ventura,  
 De que quantos despojos há logrado  
 Ter tais despojos desta formosura.

Do Acadêmico Infeliz

*João de Brito e Lima.*

Ao segundo assunto.

### DÉCIMAS

Filena deixai a troca,  
 que das pérolas fazeis  
 coas, que na bôca meteis  
 pelas, que tirais da bôca.  
 E quem a verdade toca  
 dirá, vendo as transparentes  
 pérolas, menos luzentes,  
 que tratando-as com refolhos  
 por lhe quebrares (sic) os olhos  
 quebraram-vos alguns dentes.

Observando-se a Luz pura  
destas pérolas tão belas,  
ficaram perdendo aquelas  
seu valor, e formosura.  
E certo fôra loucura,  
que pérolas tão indignas  
se ostentassem peregrinas,  
quando nenhuma realça  
(por mais tôsca, ou mais falsa)  
à vista destas tão finas.

Até aqui desvanecidas  
estas pérolas andaram,  
mais agora desejaram  
ver-se nas conchas metidas.  
Se obrassem como entendidas  
vendo que as avantajais  
coas que da bôca lançaís;  
era melhor se meterem  
nas conchas em que nasceram  
antes que vós as matais.

Se nas faces, com primores,  
se nos olhos, sem desmaios,  
sois Flora, vibrando raios,  
sois Sol, animando flôres.  
Com razões muito melhores  
Filena, pondero agora  
que não só sois Sol, e Flora,  
Luz, e flôres ostentando,  
como pérolas lançando  
outra mais gentil Aurora.

Pôsto que vendo Filena  
tais pérolas, é preciso  
que as derramou com riso  
agora chore com pena.  
E na inveja que condena  
a sentimentos a Aurora  
vossa dita se melhora;  
porque rindo-vos, mostrais,  
estas valem muito mais  
do que quantas ela chora.

Por estas, que haveis lançado  
pérolas, se considera,  
que de Menon a Mãe dera



tôdas quantas tem chorado.  
E inda fôra limitado  
preço, apurado arrebol  
delas, em melhor Crisol,  
e sei que vos tornaria,  
quantos colocando cria  
Primogênitos do Sol.

Estas pérolas luzidas  
que na bôca vos entrâram,  
nunca mais conchas ficaram,  
que nessa concha metidas.  
Com razão desvanecidas  
não devem caber em si,  
quando entre a neve, e o carmim  
lhe troca a sorte com medras,  
por u'as conchas de pedras  
u'a concha de rubi.

Das pérolas a fineza  
se a falta vos sobressalta,  
nada pode fazer falta  
donde há sobra de beleza.  
Não queirais dar na tristeza  
à Aurora gostos agora  
pois nada Filena ignora  
(antes há certos indícios)  
que dos vossos desperdícios  
quisera valer-se a Aurora.

Do Acadêmico Infeliz  
*João de Brito e Lima.*

## SILVA JOCO-SÉRIA

Até agora entendi meus companheiros,  
que lá por êsses Dêlficos outeiros  
donde a par do Menon dizem que mora  
sua mãe assistia a bela Aurora;  
mas, já desenganado,  
como homem confesso andei errado,  
afirmando-me alguns por muito certo  
se tem mudado cá para mais perto;  
e que era esta Senhora, que serviria  
hoje de assunto a nossa Academia.

Porque se assim não fôra é coisa clara,  
que pérolas tão finas não lançara.  
É até no que chorou, (quando as viu fora)  
semelhanças mostrou de que era Aurora.  
Mas das faces suposto as flôres molho,  
se umas pérolas lança, outras recolho;  
e revolvendo as suas com aquelas,  
pela glória, que teve de vencê-las,  
por serem mais, que as ou transparentes, (sic)  
não lhe caiu um só, senão mais dentes.  
Desta sorte corridas  
as pérolas se deram por vencidas;  
porque sem lhe valerem tais cautelas  
as de Clore venceram por mais belas.  
Só me falta saber a casta destas,  
que suspeito das fôrças manifestas  
com que de marfim rompem o presidio  
as fêz o poderoso estalicídio,  
e quando as vejo obrar tais maravilhas  
do estalicídio, e não de Aurora filhas  
melhor as reconheço  
pois de Cloris o mal também padeço.  
Ou Saturno as gerou dos seus escarros,  
que é Planêta influente de catarros.  
Mas por Mercúrio cuida são formadas,  
que apartar sabe os dentes das queixadas.  
Ó se eu daquelas pérolas achara  
a semente, que bem me aproveitara,  
e enriquecendo por estranho modo  
aos Barbeiros tirava o ganho todo.  
Era Clori sem dúvida invejosa,  
e as pérolas mordendo de raivosa,  
elas por despicar-se desta fúria  
lhe fizeram na bôca aquêla injúria.  
E parece lhe estão dizendo agora,  
esta manha Menina, e os dentes fora.  
Se vingar-se queria como louca,  
no ventre as recolhesse, e não na bôca,  
porque a primeira Dama não seria  
que as pérolas guiasse em iguaria.  
Pois se é verdade tudo o que anda escrito  
isto já sucedeu lá pelo Egipto.  
E inda que tenham na dureza as medras  
muito mais que elas são duras as pedras,  
mais qual se foram de ovos brandas gemas,

homem [cresce] com bucho como de emas,  
 que os seixos digerindo que tragava  
 em miúdas arcias os lançava.  
 Enfim porque alguns dentes lhes quebraram  
 muito conchas as pérolas ficaram,  
 servindo-lhes de conchas mais prezadas  
 os fundos cemitérios das queixadas.  
 Suposto, que me dizem  
 que as de Cloris as outras contradizem;  
 inda que os maldizentes  
 quiçá pelo trazer Clori entre os dentes,  
 às pérolas querendo dar desculpa  
 lançam ao doce, que comia a culpa;  
 e que mostrava às pérolas ter tosse  
 dando-lhe a culpa do que fêz o doce.  
 Também outros me dizem que doentes  
 tinha do franco humor Cloris os dentes,  
 e se podres por esta causa os tinha  
 mais que tê-los, tirá-los lhes convinha.  
 Que nas Damas de jeito  
 não pode haver mais péssimo defcito.  
 Onde por mais disfarce, ou mais recato,  
 padece ofensas o vizinho olfato.  
 E mais que de âmbar quatro libras coma  
 por entre o cheiro fétido se assoma.  
 Ou esta seja a causa ou seja aquela  
 muito pouco a desvela.  
 Só Cloris sentirá, que alguns manganos  
 a culpa ponham desta falta aos anos.  
 Que não fica uma Dama tão absorta  
 por lhe chamarem desdentada ou torta,  
 calva, desde a cabeça à sombrancelha  
 quanto se ofende em lhe chamando velha.

Do Acadêmico Infeliz  
*João de Brito e Lima.*

A uma Dama que tomando várias pérolas na bôca,  
 e revolvendo-as quebrou alguns dentes.

### DÉCIMAS JOCOSAS

Responda, que gôsto acha  
 nessas pérolas, Cachopa,  
 já que as introduz de tropa  
 na boquinha em que as agacha?

Porque a não desempacha  
 fale se é que bôca tem,  
 diga por amor de quem  
 se ao mar das pérolas sai  
 metendo pérolas vai  
 na bôca de Sacavém.

Na bôca de Sacavém  
 com ser perigosa a barra  
 sei eu que fiado à amarra  
 qualquer baixel se sustém:  
 mas na sua onde ninguém  
 achou segura a bonança,  
 diga-me que confiança  
 podem fazer dela as gentes  
 se até nela inda os seus dentes  
 não acharam segurança?

*Por Frei Avertano de Santa Maria.*

A uma dama, que revolvendo umas pérolas na bôca,  
 quebrou com elas alguns dentes.

## OITAVAS

### 1

Esperai, que da vossa, Lise agora  
 Formosura no mar, de Vênus digna,  
 Novas pérolas busco, que melhora  
 A concha tôsca não, mas peregrina;  
 E apesar das que nela inveja a Aurora,  
 A pequeno mergulho determina  
 Convosco meu cuidado neste dia  
 Fazer inda uma grande pescaria.

### 2

Ora a Deus, e a ventura, que a ver entro  
 Em mar de Tiro a concha, que sufoca  
 Pérolas, mais que as suas, hoje dentro,  
 Pelas quais fazer Lise não quer troca.  
 Estão contudo ali tanto em seu centro,  
 Que afirma quem lhas viu meter na bôca,  
 Que quando as vão por ela revolvendo,  
 Parece, que lhe estão dentro nascendo.

## 3

Tão próprias nela estão, que com certeza  
De pérolas aos dentes não absolve  
A vista, que confusa na beleza,  
Se são dentes, se pérolas não resolve;  
Pois vendo que umas têm dentro firmeza,  
Quando outras a bôca em si revolve,  
Lhe parecem da bôca entre os afagos,  
Que as per'las firmes são, os dentes vagos.

## 4

Mas ao dar-lhe uma volta embaraçadas  
Entre as suas de sorte Lise as deixa,  
Que umas, e outras fizeram tais meadas,  
Que não sabe de quais Lise se queixa.  
Mas pôsto que as melhores tem quebradas  
Não tem razão nenhuma a sua queixa,  
Pois devera saber, que na verdade  
Não se dá entre per'las igualdade.

## 5

Mas eu dera-vos Lise de conselho,  
Que dissesse, ainda entre os prudentes,  
(Que eu a dizer o mesmo me aparelho)  
Que as pérolas quebrastes, não os dentes:  
E vede-os, se quizeres, nesse espelho,  
Porque tão belos são, tão transparentes,  
Que até quebrando os dentes se suspeita,  
Que só per'las quebrastes desta feita.

## 6

Mas se aquelas das vossas ao fracasso  
Valer mais hoje esperam lá consigo,  
Enganadas estão, que a breve espaço  
O contrário verão por seu castigo:  
Pois dessas, que quebrais, qualquer pedaço  
Val mais que tôdas elas; mas que digo?  
Podeis estar seguro, e muito concha,  
Que inda mais que tais per'las val a concha.

## 7

Se bem que, não obstante a preferência,  
 Eu cuido que coas outras de picadas  
 (Porque sempre estimula a competência)  
 As vossas estão mal, estão quebradas;  
 E deixando lugar, em sua ausência  
 O ocupam mais que sôltas, de enfiadas  
 As que, se a bôca vossa se atreveram,  
 Nela como concha se meteram.

*De André de Figueiredo Mascarenhas.*

Ad Phyllidem

## EPIGRAMMA

Bucca tenet baccas, baccae uoluuntur in illa;  
 Et dentes fracti Phyllidis ore cadunt.  
 Quid luges, Phyllis? Lacrimari desine: mittant  
 Non oculi baccas, quas tua bucca uomit.  
 Nam tua bucca uomit dentes, ut cernere possis  
 Munere te baccis nobiliore frui.

*Antonius de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

A uma Dama que metendo várias pérolas na bôca,  
 e revolvendo-as quebrou alguns dentes.

## SILVA JOCO-SÉRIA

Já que é vosso êste assunto  
 Vá de aljôfres, e pérolas, Floralva,  
 Pois as cria hoje o Sol, e as produz a Alva  
 No mesmo instante e hora  
 Por fazer-vos qualquer dos dois Senhora  
 Com notável porfia  
 De quanto o Sol produz, e a Alva cria,  
 Porque aljôfres, e pérolas nos dentes  
 Revolveis sendo muito diferentes  
 Das que aí já qualquer dos dentes toca,  
 E desmente com quantos tem na bôca.  
 Mas que muito se é tal vossa beleza  
 Que pecando nas mais a natureza  
 Só em vós pois sois linda como um ouro  
 Descobre um mineral, acha um tesouro.

Porém; valha-me [Deus], Floralva minha,  
 Permitti-me o dizer esta gracinha,  
 E explicaí-me o que ignoro, e não entendo;  
 Como pérolas várias revolvendo  
 Quebrastes alguns dentes,  
 Tendo-os tão insolentes  
 Que publica esta terra, edis avaros  
 Que [milagre] quebraram três mil nozes  
 É também de avelãs, valha a verdade  
 Se não mais, outra tanta quantidade?  
 Se as gostais, reduzidas  
 A um licor as tomaí, porque de lidas  
 Deu lá pérolas ricas diz Ausônio,  
 O amor de Cleópatra e Marco Antônio.  
 Inda assim foi desgraça  
 Não obstante o fícares com mais graça,  
 Pois no mar dessas pérolas a enchentes  
 Vos vem a graça à bôca pelos dentes;  
 Se não foi de os tirar traça suprema  
 Sem boticão, barbeiro ou alçaprema,  
 E do amor travessura  
 Para aumentar a graça à formosura.  
 Mas já a causa deixando  
 Como as pérolas ides enfiando  
 Entre corais, e aljôfres que num fio  
 Põem dois mares, Floralva, em desafio  
 Sem me eu dar aconselho  
 Se o mar da Pérsia é, se o mar Vermelho,  
 E não sei se conselho foi, se inércia  
 Meter no mar Vermelho o mar da Pérsia.  
 Mas por que tudo diga  
 Já que sois tão travêssa rapariga,  
 Julgo que pelos ares  
 Sois capaz de alterar êstes dois mares  
 Donde com boa cotréia  
 Dominando-os formosa Galatéia,  
 Acheis pois que com âmbar se equivocava  
 Com que acudir as faltas dessa bôca  
 E eu porque logo as minhas também cale  
 Bem é que tape a Bôca, e mais não fale  
 Para que neste assunto sendo vosso  
 Suspenda a Lira que afinar não posso,  
 Pois quero por atento, e por sisudo  
 Dessa bôca ao silêncio ficar mudo.

*Por Anastácio Ayres de Penhafil.*

A uma Dama que metendo na bôca algumas pérolas,  
e revolvendo-as quebrou alguns dentes.

### DÉCIMA

Numa concha cristalina  
donde aljôfres bebe a Aurora  
introduz pérolas Flora  
travêssa como menina:  
porém como as destina  
a terem jazigo igual  
revolvendo-se mui mal  
a concha tanto pervertem  
que logo em coral convertem  
o que era aljôfre, e cristal.

*Por Anastácio Ayres de Penhafiel.*

Tomando uma Dama na bôca umas Pérolas, se lhe  
quebraram alguns dentes. Assunto lírico  
da presente Academia.

### SONETO

Quando Filis as lágrimas bebia,  
Em um fio de Pérolas brilhante  
Da matutina luz, bela, e flamante  
Precursora do Sol, e Mãe do Dia,

Uns dentes se lhe partem à porfia  
Para a união das Pérolas amante,  
Que sendo a qualidade semelhante  
Os quis conglutinar a simpatia.

Bem que ao beber as Pérolas luzentes  
Se lhe quebrem os dentes, julga, e toca  
Não serem as matérias diferentes.

Pois sem se conhecer mudança, ou troca  
Enfiados por Pérolas os dentes  
Tem por dentes as Pérolas na bôca.

O Acadêmico Vago  
*Sebastião da Rocha Pita.*



## Ao Assunto Lírico.

## SILVA

Seja muito bem-vinda  
 A Senhora Natércia, que é mui linda.  
 Mas não é esta a que por desdentada  
 Ou se fazia muda, ou amuada?  
 A que por encobrir o seu defeito  
 Falava por aceno, ou por trejeito?  
 A mesma julgo ser, e não se queixe,  
 Que pela bôca morre sem ser peixe,  
 Pois a falta dos dentes  
 Dá sinais certos se os não dá patentes.  
 Valha-me Apolo sacro! Isto é porfia  
 Tomar esta Cachopa a Academia.  
 Mas não é, que Natércia por discreta  
 Satisfazer pretende a algum Poeta  
 Que punindo por ela mui bizarro  
 Uma sátira fêz contra o catarro,  
 Cuidando ser o estrago de seus dentes  
 Algum fluxo de estilicídios quentes;  
 E se o Assunto nisto estêve mudo  
 P, A, pá me contou Natércia tudo.  
 Um seu amante Indiático valente  
 Lhe fêz de algumas pérolas presente,  
 Porque se ela era um ouro em bizzarria  
 Pérolas engastar nela queria,  
 E ensinando aos tonantes mais farçolas  
 Pérolas dava por não dar parolas.  
 Coas pérolas nas mãos Natércia estava  
 Quando outro seu amante ali chegava  
 E querendo escondê-las  
 Por não ter outro cofre onde metê-las  
 Deu com elas na bôca  
 Sendo a pérolas tantas concha pouca;  
 Ou da bôca fazia  
 Mar de Ceilão, que mil pérolas cria.  
 Nova Cleópatra temos com ventura  
 Que desfazer mais pérolas procura  
 Com invenção altiva  
 De que em vinagre não, mas em saliva.  
 Aqui brindis (sic) famoso  
 Se prepara ao amante mais ditoso  
 Que logra na potagem patrimônio  
 Para que chegue a ser um Marco Antônio.

Eis que o amante fala,  
E como a Rapariga a tudo cala,  
Cuido que por sisuda  
Aqui teve princípios de ser muda.  
Insta êle mais, e cuida que zelosa  
Mais do que melindrosa  
A Dama está no amor com que a venera,  
E assim satisfazê-la fino espera.

Neste caso uma tosse a mais maligna  
Sobrevém à Menina,  
E batendo-lhe as pérolas nos dentes  
Cuspiu dentes e pérolas a enchentes.

Ó Natércia famosa, e quem pensara  
Ser cada escarro teu coisa tão rara!  
Se quando escarras pérolas arrojias;  
Com me encheres de cuspes não me arrojias;  
E para que mais Índia que um escarro  
Que pérolas arroja por catarro?

Mas ó mágoa fatal, sorte mofina!  
Passar Natércia a velha de menina!  
Sem graça, sem donaire é pobre e feia  
Quem riquezas logrou a bôca cheia,  
Que pobríssima até sem dentes fica  
A bôca que de pérolas foi rica.

Dêste caso Natércia ressentida  
Vota não ser cheirada nem ouvida  
Até que lhe renasçam outros dentes  
Mais que as pérolas alvos, e excelentes.

Não diz mais o Assunto o que fizera  
Seu amante inda que eu saber quisera;  
Mas prometo dizer noutra Poesia  
Quando tornar Natércia à Academia.

*Joseph de Oliveira Serpa.*

8.a CONFERÊNCIA  
DE 6 DE AGÔSTO



Oração que disse na Academia o Reverendo Cô-  
nego Antônio Roiz Lima Desembargador da  
Relação Eclesiástica na conferência de  
6 de agosto de 1724.

Quando na conferência passada, me nomearam para êste estimável emprêgo, ocorreu-me uma verdade, supus indubitável uma obediência, e entrei em a maior confusão: Lembrou-me logo o que lá disse o Poeta

**Ante tubae sonitum, iam iam tremor occupat artus.**

Agora (disse comigo mesmo) que ainda não passa de nomeação, são já tantas as confusões, que será chegada a hora do desempenho; e bem assim, porque isto de orar até a um São Basílio fêz tremer.

**Horreo, et tremo diem illum cogitans,  
in quo sermonem meum iudicaturus es. (1)**

Disse êste grande Santo, consultando o parecer de Sibânio seu Mestre em as flôres áticas de uma Oração que lhe remetia; e se esta luz da Igreja, ainda quando a sua Oração não chegava mais que a passar pelos olhos de Sibânio seu Mestre, tanto receava, e tremia — **Horreo, et tremo** — que direi eu orando à vista de tantos Mestres, e falando diante de tantas luzes.

Certamente lograra eu hoje os desempenhos, se sempre correspondessem os efeitos aos reparos: porém espero que ao menos dos Prudentes e Sábios ouvintes, me não faltem os afetos; aceitando por paga da dívida, o que é rendimento obsequioso, porque o mais é fortuna.

Devo muito a quem me elevou a êste lugar, e pôsto que se enganou com a minha capacidade, previu certamente a minha obediência; porque sempre na minha veneração foram primeiro as submissões ao preceito, que as atenções ao aplauso: primeiro que o meu receio está o gôsto de quem dá alma a esta emprêsa; primeiro o seu mandato, que o meu risco.

---

(1) S. PETR., **Dam.**, lb. 4, Ep. 11

Um grande motivo (*preaugustissime Cesar*) fêz necessidade, o que parece eleição, e me obrigou a chegar a vossa presença com esta mal limada oração; êste mesmo me podia retirar, e persuadir o não fazê-la; e é (sic) as muitas imperfeições de que ela se compõe; e quanto é mais pobre, e imperfeita, tanto necessita da proteção mais sublime, e só sendo ilustrada com o vosso amparo, pode ter a estimação que desejo.

Do Aspalato afirmam os naturais, que se o Arco Celeste o chega a tocar com alguma das suas pontas, espalha nêle suavíssimo cheiro, com que o que era áspero, e desabrido se faz suave, cheiroso, e apetecido; e por esta aventurosa assistência, grangeia a estimação que dantes não tinha, e lhe negou a natureza.

**Tradunt in quocumque frutice  
curuertur Arcus Caelestis  
eandem, quae sit Aspalatho,  
suauitatem odoris exire, sed  
in Aspalatho inenarrabilem quemdam. (2)**

É o Aspalato uma planta muito pobre, áspera, e espinhosa; e porisso um símbolo expresso desta minha oração formada com tantas rudezas, e incultos discursos. É o Arco Celeste um retrato vosso; e só vendo-se com a vossa proteção acreditada, e recebida no vosso amparo, grangeará o agrado que lhe falta.

Informe, e cheio de horrores, se via o mundo no primeiro dia.

**Terra autem erat inanis et uacua,  
et tenebrae erant super faciem abyssi. (3)**

O remédio de que Deus usou para que esta obra ficasse vistosa, e com gala, foi o criar a luz. E em se vendo o mundo da luz amparado, logo teve a formosura, que lhe faltava. É a luz, Senhor, também uma vossa semelhança, e a primeira que nesta alma Acadêmica resplandece, porque sois a luz das ciências, e dos Sábios. Nenhuma Oração necessita mais da vossa luz soberana, do que esta, porque por tôdas as partes é um Caos de sombras da ignorância; mas com a proteção, e amparo de luz tão soberana ficará muito vistosa. Pelo que concluo que quanto é maior a desconfiança, que tenho de que esta oração olhada per si seja bem aceita, tanto é maior a confiança de que será de todos recebida sendo com a luz dos nossos raios ilustrada, e assim digo com o Idiota

(2) *PLIN.*, lb. 12, 24.

(3) *Gen.* 1, n.º 2.

**Nihil de me confido  
multum de tua benignitate spero. (4)**

A maior confusão em que entrei, foi logo no Assunto em que havia de falar, e ainda que do Instituto, desta ilustre Academia, seja livre a eleição; das muitas que quizeram ter o primeiro lugar, nasceu a minha perplexidade.

Lembrou-me logo o Assunto Heróico da conferência presente, que é certamente por todos os títulos Heróico

César chorando a morte  
de seu inimigo Pompeu.

E assentei comigo não buscar outro: bem sei que para lustre da Oração bastava a sublimidade do Herói; sei também que o Majestoso do Assunto enobrece no Orador a humildade do dizer; contudo não sei se a minha resolução perdendo o tino na eminência da emprêsa me levará ao precipício; mas valer-me-á o mesmo Assunto.

Chorou César? Testemunha-o assim a história? Foram por ventura essas lágrimas nascidas da sua clemência, e compaixão? Não pode duvidar-se. São as lágrimas, segundo as definiu Nicolau Caussino; um humor, que conservando-se no cérebro, se destila pelos olhos.

**Est enim lacrima proprie humor  
ex calefactione humidí, ac teneri  
cerebri, distillans, per oculos.**

E entretanto o mesmo Douto Padre a averiguar a causa delas; diz que nascendo de vários motivos, quais são o amor, desejo, pejo, e alegria, é o principal a compaixão.

**Sed maxime ab affectionibus excutiuntur,  
quales sunt amor, desiderium, pudor, laetitia,  
et ea, quae híc principem locum obtinet**

[miseratio. (5)]

Logo foram sem dúvida as lágrimas de César nascidas da sua piedade, clemência, e compaixão. Não podia negar-se a César esta virtude, porque ela o sublimou ao mais elevado sólio, que o mundo viu.

**Clementia Caesarum, Deum facit. (6)**

Nem pareça maravilha chorarem os Príncipes, porque como as lágrimas (como está mostrado) são nascidas de clemência, e com-

(4) **IDIOT., in suis Contempl.**

(5) **NICOL. CAUSS., de mister. et lacrim., cap. 40.**

(6) **Atheneo, lb. 8.**

paixão; nêles mais, que em outra alguma pessoa deve reluzir esta virtude.

**Nullum clementia magis,  
quam Regem decet. (7)**

Disse-o elegantemente Sêneca, e Claudiano sentiu o mesmo.

**Nam inter uirtutes; quae Principem  
maxime decet, clementia est. (8)**

E na Escritura Sagrada, se descobre também esta virtude.

**Reges domus Israel, clementes sunt. (9)**

Ó como me parece diria César compassivo, vendo a cabeça de seu inimigo Pompeu, aquilo mesmo, que na morte de Sátiro, disse Santo Ambrósio

**An ego possum, aut non cogitare de te,  
an unquam sine lacrimis cogitare?**

Lancemos agora o pensamento a todos os Heróis, que houve nas idades passadas, para ver se floresceu algum, que em ação de tão singular piedade, pudesse competir com o nosso César: como nas letras humanas se não ache, recorreria alguém para as Divinas, e alegaria o exemplo de um Davi, chorando a morte de um Saul; mas ainda que eu concedesse a paridade assaz divinizada, ficava a ação de um César tendo por exemplar a um homem, retrato perfeito de um Deus humanado; e assaz encarcerada ficava a fineza do meu objeto; dizendo que Davi era um César entre os Hebreus, e César um Davi entre os Romanos.

Mas eu não me contento com êste pensamento, porque acho na ação de César um singular excesso; porque Davi na ocasião referida não chorou só por Saul inimigo, porque sabemos que também na mesma ocasião chorou por Jônatas, um tal amigo, que lhe roubou a alma.

**Conglutinata est anima Ionathae animae Daud.**

Chorou por outros Soldados, e Generais com quem tinha sociedade nas campanhas, os quais todos via mortos à espada dos Filisteus: chorou porque via tôda a República dos Hebreus em perigo de ser conquistada pelos inimigos: chorou finalmente porque via a seus companheiros chorar em tão lamentável estrago.

**Omnesque uiri, qui cum eo erant  
et plauerunt; et fleuerunt (10)**

(7) SEN., De Clem.

(8) CLAUD.

(9) Reg., Cap. 20.

(10) Reg. Ib. 2. Cap. I.



E todos êstes motivos eram de sobejo para fazer lançar copiosas lágrimas, não só a um coração tão benigno, como o de Davi, mas ainda às Feras da Hircânia, ou Leões da Palestina: porém o nosso César não teve nenhum desses motivos; chorou por Pompeu copiosamente vendo morto não a um amigo (como Jônatas era de Davi) mas ao seu maior inimigo; e isto mesmo é ser César, ter por motivo de suas lágrimas a sua mesma bondade, assim como o prêmio dessas lágrimas não havia de ser alguns bens da fortuna obediente a César, mas à sua mesma virtude.

*Ipsa quidem uirtus, pretium sibi, solaque laudis  
Fortuna secura nitet. (11)*

Logo bem podemos justamente dizer, que nem ainda a piedade de Davi na morte de Saul, pode competir com a clemência de César na morte de Pompeu; ou que César na clemência, não chega a ter igual. Ó que grande virtude por certo.

*O maxima rerum  
Et merito pietas, homini tutissima uirtus. (12)*

Com a clemência se aprisionam os afetos, e rendem com doce violência as vontades, diga o Cícero. Com a clemência conserva o Rei o cetro, e fortalece o trono, confesse o Salomão

*Misericordia, et ueritas custodiunt Regem,  
et roboratur clementia thronus eius. (13)*

Com clemência chegaram a aparecer Deuses na terra muitos Príncipes, confirme-o Sêneca

*Principis pietate, ac clementia Dii sunt. (14)*

Com a clemência se fizeram os Imperadores Romanos entre as nações as mais amáveis, testemunhe-o Vulcácio

*Nihil esse, quod Imperatores  
melius commendet gentibus,  
quam clementia. (15)*

Marco Aurélio foi mais glorioso por seus compassivos agradados, que célebre por seus triunfos. Sucedeu (segundo o estilo dos mais Imperadores em as festas que consagravam ao Deus Jano em o primeiro dia de Janeiro) vestir-se de Toga Imperial,

(11) CLAUD.

(12) CIC., *De Off.* 1.

(13) PROV., 20.

(14) SENEC., *Ib.* 8.

(15) VULCAT., in *Auld.*, cap. 11.

para acompanhar aos Senadores na procissão, que também dedicavam a êste falso Ídolo. Compunha-se esta de tôda a sorte de vizinhos Officiais, Matronas, Embaixadores, Senadores, e ainda dos Cativos, presos, e facinorosos, pôsto que divididos e apartados dos demais tinham êstes o privilégio de ficarem de todo perdoados, se chegavam a tocar a Toga Imperial: passavam a vistas do compassivo Príncipe, que levado da sua natural clemência, deixando aos Senadores, se foi meter no grêmio dêles; de sorte que puderam com facilidade tocar-lhe, e gozar da imunidade, e privilégio; ficando desta maneira perdoados todos; e porque ainda das ações heróicas sempre há quem se atreva a sentir mal delas, houve quem perguntasse ao Imperador assim: Aurélio por que te dás a todos: ao que respondeu o Imperador agudo, e pronto — por que se dêem todos a mim. De Alexandre Magno refere Rodigino que vendo em uma batalha ferido ao grande Capitão Lisímaco fôra tal a sua piedade, e clemência, que não tendo pela ocasião pronto o remédio, tirava da cabeça o Diadema, que era a maneira de turbante Turquesco para tomar-lhe o sangue, e apertar-lhe a ferida.

José Rei do Egipto vendo a seus Irmãos perecer à fome, êle lhes ministrava o pão; sendo mais poderosa a sua piedade, e clemência para o remédio, que a lembrança de o haverem vendido para a vingança; e ganha tanto aos corações esta virtude, que de Espúrio Mélio escreve Quintiliano haver grande suspeita de querer levantar-se com o Império, só por verem o quanto se fazia amado do Povo, pela sua piedade, e gênio compassivo.

Ao mais natural domínio, faz a crueldade tirana; e pelo contrário ao Império mais tirano, faz a clemência natural. A severidade não conserva a autoridade; a comiserção, e a clemência sim a aumenta: e que bem o entendeu assim Claudiano, porisso aconselhava sempre ao Imperador Honório, fôsse clemente, e compassivo.

*Si pius imprimis, nam cum uincamur im omni  
Munere, sola Deos aequat clementia nobis. (16)*

E Sêneca a Nero, dizia o mesmo

*Pulchrum eminere est inter illustres uiros  
Consulere patriae, parere afflictis, fera  
Caede abstinere, tempus atque irae dare,  
Orbi quietem, saeculo pacem suo,  
Haec summa uirtus, petitur hac Caelum uia? (17)*

(16) CLAUD., in Consul. Hon.

(17) SENEC., in Octau.

Por compassivos foram celebrados no mundo os Césares, os Otavianos, os Trajanos, os Antoninos, e os Aurélios, e por tiranos foram aborrecidos os Calígulas, os Nervas, os Cômodos, os Neros, e os Domicianos.

Moisés porisso reinou tanto; porque temperou com a clemência o poder; e nisto consiste certamente a arte de reinar. Esta foi em o mundo a primeira política: assim o deu a entender a Filosofia antiga, fingindo que Orfeu com a sua lira atraía a si até os animais e que as pedras com que Anfião edificou os muros da Cidade de Tebas, corriam ao som da sua harpa; para significar que a doçura, e clemência daqueles illustres varões foi bastante para reduzir aos homens mais feros que as mesmas feras; e com menos razão que as pedras a harmonia das leis, e companhia civil.

Siluestres homines sacer interpresque Deorum  
 Caedibus et uictu foedo deterruit Orpheus,  
 Dictus ab hoc lenire tigres, rapidosque leones;  
 Dictus et Amphion Thebanæ conditor urbis,  
 Saxa mouere sono testudinis, et prece blanda  
 Ducere quo uellet. (18)

O certo é, que por mais que um Povo seja uma Serpente, e um Dragão; se há um suavíssimo Moisés, que chegue a tocar-lhe com a mão (rendida tôda aquela braveza) fará de uma Serpente uma vara que o defenda, e converterá a um Dragão em báculo que o sustente; porque dêstes milagres, sabe fazer a brandura, e dêstes prodígios a clemência em quem manda.

A espada na mão do Rei, quando mais embainhada mais rende. Quando Davi quis derribar aquêl terror das gentes, o Golias, é verdade que primeiro se valeu do rigor das pedras, porém suavizado com a doçura, porque as meteu no alforje pastoril, ou odre de leite, como no original se lê

Misit lapides in peram pastorem  
 in utrem lactis (19)

E como não havia de vencer um rigor, armado de suavidade. Nas leis se vê bem esta verdade, porque duram mais aquelas, que a clemência íntima: Tôdas foram leis de Deus; mas o certo é que as que Deus promulgou com raios, e trovões no

---

(18) HOR., in *Ars Poet.*

(19) Reg. 1, cap. 17, n.º 40.

Monte Sinai, logo ao pé do mesmo Monte se quebraram e pelo contrário, as que sem êsses espantos escreveu Moisés se conservam.

**Scriptura quoque Dei erat sculpta  
in tabulis; proiecit de manu tabulas,  
et confregit eos ad radicem montis. (20)**

Até o perigoso, e duro da guerra se faz suave ao que obedece com a brandura de quem manda: porisso Germânico para ter obedientes as Legiões de Alemanha, e mais dispostas para a batalha costumava visitar aos Soldados feridos, e louvar as suas façanhas; e a uns com a esperança, a outros com a glória, e a todos com as suas doces palavras, grangeava os triunfos para si, e animava-os para a batalha.

As víboras que vivem junto aos bálsamos da Arábia, ainda que ferem, não matam; porque a brandura do bálsamo apaga o ardor do veneno.

**Praestantissimi enim faticis odore  
Veneni acerbitas mitescit. (21)**

Não há nenhum rio que corra mais sossegado, que o Nilo, e nenhum há tão útil como êle.

**Lene fluít Nilus, sed cunctis amnibus extat  
Utilior, nullas confessus murmure uires. (22)**

Pouco fertiliza os campos um furioso aguaceiro; uma chuva branda, e sossegada, é a que rende a dureza da terra, e a obriga a pagar ao Céu em frutos, o que lhe destilou em rocios.

Seja pois a conclusão de todo êste discurso; que, a Majestade vive mais segura à fôrça da mansidão, e clemência, que a faz amada, que do mesmo rigor, e poder, que a faz temida. Seja o Príncipe não um Domiciano no rigor, sim um Ciro na brandura; não um Saul na condição, sim um César na clemência.

Disse.

Do Cônego Antônio Roiz Lima.

---

(20) **Ex.**, cap. 32 [Obs.: a expressão só aparece em **Iudic.**, 4, 19; há certamente uma citação truncada].

(21) **PAUSAN.**

(22) **CLAUD.**, in **Cons.**

Conferência de 6 de agosto

Ao Presidente

Foi nesta conferência Presidente o muito  
Reverendo Cônego Antônio Roiz Lima  
Desembargador da Relação Eclesiástica

Ao muito Reverendo Senhor Presidente.

### DÉCIMA JOCO-SÉRIA

Se Horácio a dizer se anima  
(E no-lo dá por receita)  
que a coisa para perfeita  
há de ir dez vêzes à Lima,  
disto, que êle nos intima,  
êle mesmo hoje se afasta,  
e de o ter dito se agasta;  
pois se estas as Limas são,  
para adquirir perfeição  
ir à Lima uma vez basta.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao Reverendo Doutor Antônio Roiz Lima  
Presidente da presente Academia.

### DÉCIMA

Nessa Cadeira sentado  
vos vi Presidente orando,  
douto, e ciente ostentando  
o saber mais sublimado;  
canta em vós equivocado  
Apolo tão doce solo,  
que de um Pólo, a outro Pólo,  
quem julgar mais doutamente,  
verá Apolo Presidente,  
e a vós Presidente Apolo.

*Francisco Pereira do Lago Barreto.*

Ao Muito Reverendo Doutor Antônio Roiz Lima.  
Oferecem êste louvor as habitadoras do Pindo  
com o título de

### CHORUS SIUE MUSICA MUSARUM

Cum tua Pieridum uel turba Oratio nota,  
Et laus nulla hominum tanto te digna fuisset;  
Conuenero omnis Parnasi culmine Musae,  
Et secum statuere chorum formare canentes.  
Ad pulsum plectrum mox aptum reddit Apollo,  
Cumque ordiretur melicos proferre sonores  
Calliope primo modulans hoc distichon edit:  
    Viue diu doctor mirus, cui dotus Apollo  
    Seque, suamque lyram subiicit ante pedes.  
Tunc Erato sequitur non inferiora canendo:  
    Viue diu doctor, melior sapientia mundi,  
    Cedere cui tantum docta Minerua placet.  
Aera Melpomene prorumpit uoce uibrissans:  
    Viue diu, aetatis nostrae Ciceronica lingua,  
    Quam tua (nec mirum) lingua loquendo  
    [praeit.  
Grata Thalia sonans, comites sociatur easdem:  
    Viue diu, haud dubio, Scriptorum maximus  
    [Atlas,  
    Cui Sophiae soli pergraue pondus inest.  
Concinit et Clio dulces imitando sorores:  
    Viue diu, cunctos qui mentis acumine praestas  
    Rethoricos doctos, Historicosque uiros.  
Haud secus inflexo Vranie modulamine cantat:  
    Viue diu sapiens, omni memorabilis aeuo,  
    Et tua posteritas scripta futura sciat.  
Dulciter Euterpe profert has uoce loquelas:  
    Viue diu memorande Pater per saecula cuncta,  
    Cuius in aeternum fama perennis erit.  
Terpsichore carmen citharae componit ad ictum:  
    Viue diu, sed uiue Deo uenerande Sacerdos;  
    Omni sic celebris tempore uiuus eris.  
Denique cantillans uersum Polyhymnia fatur:  
    Viue diu, decor oh! Lysiae mirabilis usque,  
    Nominis et numen uiuat in orbe tui.

*Escreveu o Amanuense Cornélio Bruto.*

Ao muito Reverendo Doutor Antônio Rodrigues  
Lima, na presente Oração

### EPIGRAMMA

Roma suos taceat celebratos magna per orbem,  
Insimul atque suos Graecia docta uiros.  
Brasila te tellus solum canat usque peritum;  
Nec pereat tanti rumor in orbe uiri.  
Dumque tuo ingenio tam mire Antonius oras,  
Fama aeterna aras tollit in astra tibi.

*Escreveu o Amanuense Cornélio Bruto.*

Ad Sapientissimum Praesidem Eximium  
Canonicum, Ecclesiasticum, Senatorem  
Meretissimum, Antonium Rodericum Lima.

### ACROSTICHIS, SEU ENCOMIASTICE

Quod si longa dies, et aeuiterna,  
Exoptanda homini; uelim aeuiternam  
Prodesse, eloquio diu, stiloque,  
Vt possim, egregie, locutus inde,  
Vir doctus adest, Antonius, in quo,  
Tanto, Bahia gloriari alumno,  
Potest, ut facit, hia, age, hic fuisse  
Te laetare diu, diu futurum, et  
Auguror, neque tam diu fuisse,  
Quam stilo, eloquioque profuisse;  
Nec solum eloquio, et stilo, sed, et quod,  
Maius, utiliusque, iudicatis  
Rebus, quotidieque iudicandis,  
Ecclesiastico teste Senatu  
Aula, et nunc Apollinea, pereruditus?  
Quem fas uaticinari perennem,  
Plus uno fore [Saeculo] per orbem?  
Antonius, nomen est ante, et omnes?  
Rodericus rhodae, ingenii rosetum,  
Ricus, ut ricca tunica Sacerdos?  
Lima riuulus facundiae perennis?

Mali Lethe (1), leuamen in se, reuersus?  
 Hinc ad astra tuum nomen Superiorum  
 Vehatur, ingenium pariter peritum?  
 Vt dicaris per doctus, omni ab aeuo.

*Emmanuelis Ferreira de Carvalho.*

Em louvor do Reverendo Cônego o Senhor Doutor  
 Antônio Roiz Lima.

### DÉCIMAS

Se uma cabeça ultrajada  
 motivo foi de lamentos,  
 causará contentamentos  
 a vossa por exaltada:  
 se a de Pompeu foi chorada  
 pelo grã César Romano,  
 vós podeis ficar ufano,  
 porque a vossa em lustres tantos,  
 causa júbilos, não prantos  
 hoje ao César Lusitano.

Isto é por vossa oração,  
 que coerente, e erudita,  
 ao raro do assunto imita  
 a sublime locução:  
 à vossa cabeça dão  
 aplausos por mil razões,  
 pois se a de Jove em ficções  
 gerou a Deusa das ciências,  
 gera a vossa em evidências  
 a Deusa das Orações.

*De Yerônimo Roiz de Crasto.*

---

(1) Ao lado esquerdo, entre os versos "Lima riulus..." e "Mali Lethe...", lê-se: "Anagramma".



Em louvor do Muito Reverendo Presidente  
o Senhor Doutor Antônio Roiz Lima, Cônego  
Prebendado na Santa Sé da Bahia,  
e Desembargador da Relação Eclesiástica.

### SONETO

Não é para admirar a erudição  
do nosso Presidente em seu orar,  
que quem é na ciência singular,  
o contrário seria admiração:

Aristóteles, Sêneca, e Platão,  
emudecidos fiquem sem falar,  
que o Lima, há de como Lima limar,  
e pôr o mais limado em confusão.

É de partes um todo, que contém  
em si, uma vantagem superior,  
que passa de grandeza muito além.

No direito canônico, é Doutor,  
Ministro da justiça, assim também  
da Misericórdia digno Provedor.

*De Antônio Ribeiro da Costa.*

Ad Reuerendissimo admodum Canonicum,  
Doctoremque Antonium Rodericum musarum  
Apollinem in hac nobili Academia

### EPIGRAMMA

Hactenus accepit doctos Academia quantos,  
Doctior exsuperas, floridiorque canis.  
Quid mirum! reliquos resonas dum talia uincas,  
Quam reliqui melius si quoque nomen habes.  
Egregium nomen floris Antonius offert  
Illi quisque libens indere nomen auet:  
Dum canit Antonius porro modulamine tanto  
Quam flores nobis nil nisi iure refert.

*[Iosephus Fernandis]*

ALIUD EIDEM  
EPIGRAMMA

Cum sibi flos campi sponsum desideret unum,  
Nesciuit teneram nemo dicere rosam?  
Nunc etenim uultus possunt abscondere flores,  
Huius odor penetrat dulcis adusque polum.

*Iosephus Fernandis.*

Em louvor do Sapiientíssimo Presidente o  
Reverendo Cônego e Doutor o Senhor  
Antônio Roiz Lima.

DÉCIMA

Presidente, doutamente  
as Lágrimas ilustrais  
de César, e vos mostrais,  
mais que Cícero, eloqüente.  
Sois Discreto, sois ciente,  
pois na eleição, que fazeis,  
inculcais o que sabeis;  
de nova Idéia transunto,  
dais à admiração assunto  
no Assunto que escolheis.

Do Acadêmico Nubiloso.

*[Caetano de Brito Figueiredo]*

Ao Presidente.

SONETO

Com tanto acêrto, illustre presidente,  
orais discreto, e discorreis profundo,  
que sois no grave, altivo, e no facundo  
à voz do pasmo assunto reverente;

Publique pois da fama o grito ingente  
 que sois na sutileza sem segundo,  
 a quem venera em justo aplauso o mundo,  
 douto sem vício a logros de eloqüente;

Pois nesse das Camenas alto assento  
 tão sábio presidis, que Apolo intima  
 ceder a vosso ardor seu luzimento;

Mas que muito: se vossa ciência anima  
 para os acertos generoso alento,  
 para os discursos relevante Lima.

*De João de Barbosa e Lima.*

Ao Doutor Presidente o Reverendo Cônego Antônio  
 Roiz Lima em ocasião de suceder na presidência  
 ao Padre Reitor Rafael Machado.

### DÉCIMA

Uma Lima? bom achado,  
 A um machado? grande enigma,  
 A um machado uma Lima,  
 E uma lima a um machado?  
 E um seja, e outro louvado  
 pois que os vejo equivocados;  
 que a mim só por meus pecados  
 cá por secretos enigmas  
 falte o [sutil] para as limas  
 e o fio para os machados?

*De Frei Avertano de Santa Maria.*

Ao Senhor Doutor Antônio Roiz Lima Cônego  
Prebendado da Santa Sé da Cidade da Bahia,  
e Desembargador da Relação Eclesiástica.

### DÉCIMA

É o Lima doce torrente,  
o Lima é fruto abundante,  
inda é mais, que é penetrante  
Lima, o Lima Presidente;  
aguda mente ciente  
tanto o seu saber intima,  
que se aplica a Lima prima  
para Limados empenhos,  
inda aos mais sutis engenhos  
Antônio Rodrigues Lima.

*Luís Canelo de Noronha.*

Sapientissimo Praesidi Domino Doctori Antonio  
Roiz de Lima

### EPIGRAMMA

Quam dulcis, Facunde, tibi facundia! mellis  
Defluit o quantum dulcis ab ore fauus.  
Vt mellis dulcedo placet, dulcedine nobis  
Plena fauos stillans sic tua lima placet.  
Ergo fructus eris Musarum, Limaque Phoebii,  
Nam, te orante, suum carmen Apollo polit.

Offert

*Antonius de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

Ao Reverendíssimo Cônego Senhor Padre Antônio  
Roiz Lima, Digníssimo Presidente  
da Academia.

### SONETO

Neste ameno jardim da Academia  
Do jardineiro Apolo cultivado,  
Pelas Irmãs Castáldas regado  
Com correntes de Douta melodia.

Vos ouvimos com pasmo, e bizzarria  
 Ó douto Antônio (flor interpretada)  
 Presidir eloqüente, e celebrado  
 Com fragrância, e sutil sabedoria.

Mas que flor sereis vós, que Apolo estima  
 Tanto, que porque a vê bem cultivada  
 Nesta planta o Diadema põe de louro?

Certamente que sois a flor de Lima;  
 Porque em fôlhas de prata bem limada  
 Recitastes, Senhor, bocados de ouro.

*De Antônio de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

Em louvor do Reverendíssimo Presidente o Cônego  
 e Doutor Antônio Rodrigues Lima.

### SONETO

Ilustre, Sacro, e douto Presidente,  
 dêste Céu literário, astro brilhante,  
 dêste Museu Celeste, heróico Atlante,  
 raro assombro do século presente.

Desempenho cabal, e competente,  
 do conceito que em todos foi constante,  
 de que vossa oração tão relevante,  
 aplaudida seria eternamente.

Dai lugar para que minha humildade,  
 possa congratular vossa vitória,  
 elogiar possa tal felicidade.

E no Templo immortal da eterna história,  
 êste troféu da mais grata amizade,  
 feliz despôjo seja a tanta glória.

Pelo Licenciado

*Jorge da Silva Pires.*

Em louvor do Reverendíssimo Presidente, o  
Cônego o Doutor Antônio Roiz Lima.

### DÉCIMA

Heróico Assunto seguiste,  
Quando por modo divino,  
Nos mostrais quanto é benigno,  
O César que nos assiste.  
Nêle a clemência consiste,  
Em grau muito sublimado,  
Sendo pois o figurado,  
Do que o outro foi figura:  
Aquêle lá foi pintura,  
Êste o seu significado.

Do Licenciado

*Jorge da Silva Pires.*

Ao Ilustríssimo Senhor Doutor Antônio Roiz Lima  
Cônego da Santa Sé, e Presidente da Academia.

### SONETO

Ó Cadeira sublime, e apetecida,  
dize-me, que contigo falo agora,  
quando fostes mais rica, e mais Senhora,  
excelsa, soberana, esclarecida?

Bem conheço, que sempre engrandecida  
te conservas soberba em qualquer hora,  
porém nesta tens uma tal melhora,  
que só nela te vejo mais subida:

Alegra-te, ó Cadeira, sempre honrosa  
pois por ti se acha outra desprezada,  
que se te não iguala é mais rendosa;

Ela por teu respeito está deixada,  
e tu com o contacto majestosa  
dêste eloqüente Apolo sublimada.

*Por Inácio Pires da Silva.*

Ao Reverendíssimo Senhor Doutor o Cônego  
Antônio Roiz Lima Presidente da Academia.

### SONETO

Ó Melifluo Doutor quer que observemos, (1)  
para tudo falarmos acertado,  
limar bem as palavras com cuidado  
duas vêzes primeiro que as falemos:

Isto mesmo em vós todos admiremos,  
pois orastes sutil, e tão limado,  
que com razão nos tendes bem mostrado,  
que sois Lima mais doce, e nós o vemos;

Ó Língua Claraval mais excelente,  
que já hoje vos vemos imitada  
dêste Douto, afamado Presidente;

E tu nobre Cadeira sempre honrada,  
que servistes de coche ao Sol luzente,  
pela dita que tens és invejada.

*Por Inácio Pires da Silva.*

Ao Senhor Reverendíssimo Doutor o Cônego  
Antônio Roiz Lima Presidente da Academia.

### DÉCIMA

Só vós Douto Presidente,  
de pólo a pólo luzis,  
com conceitos tão sutis,  
que assombrais ao eminente;  
como tocha mais luzente,  
e claríssimo luzeiro,  
só vós fostes o primeiro,  
que servindo de farol,  
presidistes como Sol  
as flôres dêste canteiro.

*Por Inácio Pires da Silva.*

---

(1) Lê-se ao lado:

Ex. D. Bern. Bis ad Limam quam semel ad Linguam.

Ao Senhor Reverendíssimo Doutor o Cônego  
Antônio Roiz Lima Presidente da Academia.

### DÉCIMA

O Planêta mais luzido,  
em flamante carro armado,  
alenta as flôres do prado,  
de ardentes raios vestido;  
Vós como Sol entendido,  
da mesma sorte influente,  
como Planêta luzente,  
presidistes tão benigno  
ao assunto de um Menino,  
mordido de uma Serpente.

*Por Inácio Pires da Silva.*

Reuerendo admodum Canonico ac  
Domino Maximo Antonio Roderici huius  
Academiae Praesidi Emeritissimo

### EPIGRAMMA

Ingenio resonas, Praeses doctissime, tanto  
Omnis ut superes eloquio ipse tuo.  
Se quid ego miror! reliquos quod uincere possis,  
Si reliquis uolitas altior ipse st[i]lo.  
Aurea certa tibi liceant, non florea tantum,  
Nam. tali solum digno ualore canis.

*[Emanuel Nunes de Sousa]*

Aliud eidem in illud: Antonius, id est "flos"

### EPIGRAMMA

Hinc excede uenus? florem lauream producere  
[nescis,  
Sanguine non tinctus flos uiret iste tuo.  
An similis paestana rosas producere gleba,  
Idaliumue nemus, Chariacumue solet?  
Qui marcent glacie, flores producis in hortis,  
[L]aeditur et spinis carpere quisquis auet.  
Flos sine sente manet (credas) Antonius ipse  
Iure tuas superat dum uiret ergo rosas.

*Emanuel Nunes de Sousa.*



Em louvor do Reverendíssimo Presidente: por um  
seu amantíssimo.

### DÉCIMAS

Se Platão vos escutara,  
Se Minerva vos ouvira,  
Aquêlê, absorto servira,  
Esta, confusa pasmara.  
A mesma Atenas temblara,  
Se por ciente se estima,  
E a musa, que assaz se anima  
A dizer, brada fiel,  
Que na prata do papel  
Muito corta a vossa Lima.

Achei ser desnecessário  
Nesta Douta Academia  
O ouvir-se se saberia  
O Padre-nosso o Vigário.  
Se é conceito adversário,  
Disso pesar não tendeis,  
Pois prontamente mostrais  
O claro com que o dizeis,  
E porque bem o sabeis,  
Por isso também orais.

Existe em mim a porfia,  
Onde brilhais mais subido,  
Se na cadeira, e no cabido,  
Ou se nesta Academia.  
Mas já com grave energia  
Sigo o mais claro farol,  
Pois no [que o] subido arrebol  
Lustrais com tanta melhora,  
Que se lá brilhais Aurora,  
Cá ilustrais, como Sol.

Não sei quem possa louvar-vos,  
Lima, que atine ao melhor,  
Quando em tão curto louvor  
Não deixo de aniquilar-vos.  
O meu afeto explicar-vos  
Não pôde as razões urgentes,  
Mas porque ao mundo patentes  
Direi com saber profundo,  
Que ninguém inda achou fundo  
Lima, nas vossas correntes.

Não sei, Douto, Presidente  
 Como acerte a engrandecer-vos,  
 Quando louvar é abater-vos  
 Lá nesse sólio eminente.  
 Atendei que fielmente  
 Vos cheguei gostoso a ouvir,  
 Tanto assim, que discernir  
 Não posso, em matérias tais,  
 Se há quem possa dizer mais,  
 Ou se há melhor presidir.

Em Musa, que é tão pequena  
 Não cabe grande louvor  
 Aceitais o meu fervor,  
 Se a ignorância me condena.  
 Abate já o vôo a pena,  
 De louvor não trata mais,  
 Desistindo em têrmos tais,  
 E afirmando a infindos gritos,  
 Que com a dos vossos escritos  
 Por todo mundo voais.

[*Sem indicação de Autor*]

Em louvor do Reverendíssimo Presidente o Doutor  
 Antônio Roiz Lima, Cônego da Santa Sé sendo  
 Provedor da Misericórdia.

### SONETO

Das lágrimas do César, que clemente,  
 na morte de Pompeu chorou sentido,  
 inferiste com engenho nunca ouvido,  
 o heróico de um Príncipe excelente.

Incentivo eficaz, e equivalente,  
 vos moveu ao emprêgo deduzido,  
 quando tal atributo em grau subido,  
 resplandece no Príncipe presente.

E se por tal princípio foi forçoso  
 este assunto seguir, de equidade,  
 outro vos move não menos glorioso:

Querer que se conheça em tôda idade,  
 que quando Provedor sois caprichoso,  
 sempre vos inclinais à piedade.

*De um afetuoso amigo.*

## Em louvor da Oração do Senhor Reverendo Cônego Antônio Roiz Lima.

### DÉCIMA

Vossa oração se sublima,  
 porque com admiração,  
 para inteira perfeição  
 em vós mesmo teve a lima:  
 a glória que mais se estima,  
 tereis por razão notória  
 para perpétua memória,  
 com motivo mui cabal,  
 que a boa oração mental,  
 costuma alcançar a glória.

*Por um Anônimo.*

Conferência de 6 de agosto

Primeiro Assunto

Foi o primeiro assunto desta conferência César  
 que tendo notícia da morte de seu inimigo  
 chorou

Ao primeiro assunto.

### SONETO

Aquêlê excelso herói, que no eminente  
 Coroado valor triunfou da morte,  
 César invicto, assombro de Mavorte,  
 Com quem êste aprendia a ser valente,

Aquêlê, que com ânimo excelente  
 Reputou sempre emulações por sorte,  
 E nos destroços de um contrário forte  
 Fundava as causas, de viver contente,

Hoje sente ambicioso da vã glória  
 Em grande coração dor não pequena,  
 Faltando-lhe os objetos da vitória.

Com justa causa ao pranto se condena;  
 Pois se o ter a quem vença, é nêle glória,  
 Não ter de quem triunfe, há de ser pena.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

## Ao assunto heróico

### EPIGRAMMA

Vivum, inimicum, odit Caesar, lacrimatur amicum,  
 Pompeium, dum Mors, saeva homicida, tulit:  
 Quis pius? haud aliquis generosior extitit unquam;  
 Ni foret innatum, Caesari abesset adhuc.

*De Francisco Xavier de Araújo.*

## Ao assunto heróico.

### SONETO

Júlio aquêlê César sempre Augusto,  
 porque brando na paz, duro na guerra,  
 vendo morto a Pompeu, a quem a terra  
 olhava com tremor, via com susto.

O antigo rancor, o ódio justo  
 sepulta em pranto, em lágrimas enterra,  
 e mostrando primor, que o peito encerra,  
 quisera dar-lhe a vida a todo custo.

Se César ao nascer, César não fôra,  
 seu valor lhe não dera esta nobreza,  
 começara a ser César logo agora;

Pois trocada em piedade a dureza,  
 se faz digno do timbre, que decora  
 de tanto illustre César a grandeza.

*De Francisco Pinheiro Barreto*  
 Vigário da Igreja de São Pedro.

## A César compadecido de seu inimigo Pompeio

### EPIGRAMMA

Quid te maius erit, Caesar? Quid in orbe putandum  
 Principe tam magno grandius esse? Nihil.

Ergo si clemens, quae par clementia? Nulla:  
 Atque tua maius quid pietate? Nihil.  
 Tu mitis flesti lacrimisque misertus obortis  
 Hostis es, illius plurima morte gemens.  
 Laudibus hac causa te dignum, teque benignum  
 Fama canet semper, fama per astra feret.

*Do Licenciado Cornélio Bruto.*

À piedade, e clemência de César na morte de seu inimigo Pompeu.

### SONETO

Monarca Augusto, Senhor imperioso,  
 Que lugar tendo na immortalidade,  
 Só pela vossa grã benignidade  
 Mais que tudo sereis sempre glorioso:

Vós que ao vosso inimigo furioso  
 Vendo morto com tal penalidade  
 Quiseste não obstante a inimizade  
 Compassivo mostrar-vos e choroso:

Quem César esta ação vos não aclama  
 É de quem deixareis de ser louvado  
 Ou quem pai da clemência vos não chama;

Sereis sempre aplaudido, e celebrado,  
 Que se as outras ações foram de fama,  
 Por esta ficareis mais afamado.

*Do Licenciado Cornélio Bruto.*

Assunto.

César vendo a cabeça de seu Inimigo chorou.

### SONETO

Parece temos César já prostrado,  
 rendida aquela grande fortaleza,  
 a soberba humilhada, sem grandeza,  
 c'o valeroso ânimo trocado:

Mas é falso, que o ter César chorado,  
 não é demonstrativo de fraqueza,  
 que em ser compadecida a natureza  
 é realce do ânimo alentado:

Quis César ao contrário dar castigo  
por de todo acabar sua memória;  
nesta ação foi obrar como inimigo;

Mas depois que alcançou dêle vitória,  
sua morte chorou como de amigo  
descontando com pena aquela glória.

*De Antônio Ribeiro da Costa.*

A chorar César quando lhe trouxeram a cabeça de  
Pompeu.

### SONETO

De Pompeu, que abalando a Esfera imensa  
contra César, em ódio seu se cansa,  
trazem, fazendo a sorte cruel mudança,  
a cortada cabeça a sua presença.

E como maquinava em ira intensa  
a ruína dêle com perseverança,  
queriam fôsse o objeto da vingança,  
cabeça que oficina era da ofensa.

Porém César que na benignidade  
ilustrar pretendia as suas vitórias,  
chorou de compaixão, ou de piedade.

Assim perpetuou altas memórias,  
pois tais lágrimas são na eternidade  
exéquias a Pompeu, a César glórias.

*De Yerônimo Roiz de Crasto.*

Ao primeiro assunto.

### SONETO

César Invicto, as lágrimas, que choras,  
a teu heróico alento significam  
caracteres magnânimos publicam  
a tantas Palmas já triunfadoras.

Se do Egito as máquinas traidoras  
Pompeu a teu obséquio sacrificam,  
enganam-se: que as lágrimas explicam  
Clemências, com que os créditos melhora.

Foi vítima Pompeu da crueldade;  
mas nesse Augusto pranto, nôvo alento  
lhe dás, e acquires (sic) para a eternidade.

A Clemência ilustrou o vencimento;  
que é filha do valor a piedade,  
e Palma do triunfo o sentimento.

Do Acadêmico Nubiloso.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

Ao primeiro.

### SONETO

A impulsos do valor, não de piedade,  
pesar inculca, generoso chora  
ver César, que atrevida mão traidora  
vitórias lhe roubou à Majestade:

Do vencido a suprema autoridade,  
com mais glória, os triunfos condecora,  
e se vivo Pompeu mais tempo fôra,  
César fôra imortal à eternidade:

Morto vendo Pompeu, seria injusto  
mostrar triunfante afetos de alegria,  
como se respirasse de algum susto;

E assim para expressar o que perdia,  
genoroso chorou, César Augusto,  
não de piedade, sim de valentia.

Do Ocupado.

[*Luís de Siqueira da Gama*]

Ao primeiro assunto.

### SONETO

*Fala César com Pompeu.*

Pode, ó Pompeu, com golpe caviloso  
a impulsos da perfídia executado  
violento insulto ao passo que obstinado  
triunfar de vossa vida cauteloso;

Mas sabe a tanto estrago generoso  
a vozes da piedade arrebatado  
meu peito hoje ofr'cer-vos lastimado  
a sustos do rancor pranto forçoso;

Pois se a despiques ontem da vaidade  
 nos viu já disputar sôbre a grandeza  
 a riscos do destino arbítrio infausto;  
 Bem é que agora a votos da saudade  
 na mágoa vos tribute a natureza  
 pranto, que informe à dor pio holocausto.

*De João de Barbosa e Lima.*

### SONETO

Chora César de ver Pompeu rendido  
 Ao bélico furor de Marte irado;  
 Mas tanto não chorou de lastimado,  
 Como de ver tal émulo abatido.  
 Na opposição de seu valor subido  
 Se acreditava César de alentado,  
 E nunca se julgou menos ganhado  
 Do que quando de todo, o viu perdido.  
 Pouco importa de César a vitória,  
 Fenecendo na bélica peleja  
 Quem eterno o fazia na memória.  
 Dar a vida a Pompeu César deseja;  
 Porque com sua vida, sua glória  
 Dava assuntos a Fama, assombro a inveja.

*[João de Brito e Lima]*

### SONETO

De Aquiles vendo o Magno a sepultura  
 A corrente verteu dos olhos clara.  
 César chorando, quanto lhe pesara  
 A morte de Pompeu, mostrar procura.  
 Alexandre na lástima, que apura  
 Inveja mais, que compaixão declara.  
 Dá César a entender no que chorara,  
 Controverte[r] em desgraça esta ventura.  
 Ao [cado] de Megera suspira  
 O Macedônio, vendo, que decora  
 Do Grego a fama, a mais sonora lira:  
 Como César discreto não ignora,  
 Que com Pompeu a sua fama expira  
 Vendo morto a Pompeu, com razão chora.

*[Do mesmo Autor]*



## SONETO

De Pompeu a cabeça foi motivo  
 De César derramar pranto copioso,  
 Querendo por valente, e por piedoso  
 Antes, que morto, ter a Pompeu vivo.

Vendo-o prostrado às Leis do fado esquivo  
 Pio se quis mostrar, não rigoroso,  
 E nunca César foi mais valeroso,  
 Que quando se ostentou mais compassivo.

Era César prudente, e conhecia,  
 Que quanto honrasse a seu contrário forte  
 Seu valor igualmente engrandecia.

Lastima-se de vê-lo desta sorte;  
 Porque não é valor é covardia  
 A paixão que transcende além da morte.

[*Do mesmo Autor*]

## SONETO

Se César de Pompeu vendo o escarmento  
 Na cabeça, que ao mundo encheu de espanto,  
 Dos olhos não lançara um mar de pranto,  
 Descrédito daria ao entendimento.

Requintou na piedade o seu talento  
 (Digna ação de louvar-se em melhor canto)  
 Mas não tivera César valor tanto,  
 Se não mostrara tanto sentimento.

De valeroso, e de [sentido] alcança  
 César, nos atributos a igualdade,  
 Que o fazem ser eterno na lembrança.

Mas vendo de Pompeu adversidade,  
 Não usou do valor, para a vingança,  
 Do entendimento usou, para a piedade.

Do Acadêmico Infeliz  
*João de Brito e Lima.*

A César, que depois da vitória de Farsália chorou  
vendo a cabeça de Pompeu.

### SONETO

Os aplausos não deixa, que apeteça  
A César o contrário, que lhe falta,  
Que o coração em lágrimas lhe salta  
Aos olhos, de Pompeu vendo a cabeça.

Chora; porque na mágoa se conheça,  
Que o valor, que as ações suas esmalta,  
Do triunfo, que ao despôjo tanto exalta,  
Nas lágrimas a glória faz que cresça.

Pois da ilustre cabeça, em que memória  
Imortal lhe segura tôda a idade,  
As lágrimas lhe dão também vitória.

Fazendo com gentil desigualdade,  
Que os triunfos aumente a sua glória,  
Uma vez o valor, outra a piedade.

*De André de Figueiredo Mascarenhas.*

César chorando à vista da cabeça de Pompeu.

### SONETO

Sôbre a cabeça de Pompeu, que adverte  
Despojos do troféu, que segue ovante,  
De César o valor sempre constante  
Em muda suspensão, lágrimas verte.

A ordem do triunfo ali perverte,  
E por fazer, que fique ao mesmo instante  
Igualmente o vencido triunfante,  
Os aplausos em lágrimas converte.

Porque o Mundo de seu valor conheça  
Que ao vencido resulta tanta glória,  
Que a ser não menos vencedor começa.

Triunfam ambos com razão notória,  
Pois ao passo que César da cabeça,  
Das lágrimas Pompeu tem a vitória.

*De João de Figueiredo Mascarenhas.*

Ad Caesarem, truncato Magni Pompei capite,  
deplorantem

### EPIGRAMMA

Hostem urget Caesar, tumidasque exarsit in iras,  
Truncatumque caput dum uidet, ipse gemit.  
Quo quisque est maior, magis est placabilis irae,  
Nec ualet irasci, mens generosa diu:  
Imo capit facilis motus; sic Caesaris iram  
Non uis, sed pictas uincere sola potest.

*Luís Canelo de Noronha.*

A César, que vendo a cabeça de seu inimigo, chorou.

### SONETO

Vence César por armas todo o Mundo,  
E mais Mundos o seu valor vencera,  
Se mais Mundos então no Mundo houvera,  
Em que ocupe o seu braço sem segundo.  
Não achando o impulso furibundo  
Mais vitórias que alcance considera  
Que vencer ao valor na Suma Esfera  
É o esforço maior, e mais profundo.  
A si mesmo pois vence, e faz sujeito,  
Chorando do inimigo a atrocidade,  
Em que o fado o tem pôsto a seu respeito.  
Ilustre vencimento da crueldade!  
Que a um magnânimo, e sempre augusto peito  
Não o vence o valor, vence a piedade.

*Luís Canelo de Noronha.*

Chora César tendo da morte de seu inimigo  
Pompeu notícias.

### SONETO

Chora César de ver o engrandecido  
Alexandre em estátua eternizado:  
Mas não vê que há de ser mais celebrado,  
Por ser Príncipe mais compadecido.

Qualquer dêstes chorou, que um seu vencido  
 Fôsse morto por mãos de um seu soldado;  
 Mas chora um por Dario de indignado,  
 Por Pompeu chora outro enternecido.

Logo mais que ao Rei Magno a eternidade  
 Levante estátuas régias, e eminentes  
 A tão Máximo César em piedade;

Que a Pompeu César mostra, que as potentes  
 Prisões, em que o poria, e crueldade  
 Eram só de seus olhos as correntes.

*De Antônio de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

A Júlio César por haver chorado na Morte de um  
 seu inimigo.

### SONETO

Qual o Cervo que ao rio despenhado  
 Quando foge ao que intenta perseguido  
 Busca Pompeu de Ptolomeu o Asilo  
 Sendo do César com rigor buscado.

Viu-se o efeito no rio equivocado  
 Pois supondo-o Pompeu Letis, foi Nilo,  
 Onde foi Ptolomeu o crocodilo  
 Que aleivoso lhe deu fim desgraçado.

Chora o César, não sei se a inclemência  
 Do tirano que o golpe executara  
 Ou se o fim de Pompeu com evidência.

Porém sei que se vivo aqui se achara  
 Se salvara no rio da clemência  
 Quando aos olhos do César o buscara.

*Por Anastácio Ayres de Penhafiel.*

Ao Assunto heróico das lágrimas de César na morte  
 de Pompeu.

### SONETO

César aquêle Herói que em outra idade,  
 do varão mais benigno, e compassivo,  
 protótipo, e retrato foi ao vivo,  
 exemplo foi da mais rara piedade.

Aquêlê que seguindo a adversidade,  
de Pompeu que lhe ia fugitivo,  
beber-lhe o sangue quer por lenitivo,  
do furor que a vingança o persuade.

Tão extremoso sente a cruel morte,  
com que acaba êste tão grande soldado,  
no valor descendente de Mavorte:

Que igualmente choroso, e lastimado,  
não estima mais ser um César forte,  
quanto um César quer ser comiserado.

Pelo Licenciado

*Jorge da Silva Pires.*

Foi César tão generoso, que chorou a morte de seu inimigo Pompeu. Assunto heróico da presente Academia.

### SONETO

De Pompeu chora César com verdade  
A morte, ação por rara peregrina,  
No próprio peito que o furor domina  
Achar a compaixão tal liberdade.

Porém nesta maior fatalidade,  
Nesta grandeza de um Herói mais digna,  
Tão injusta em Pompeu foi a ruína,  
Como em César inútil a piedade.

Dos contrários um morre, e logo atento,  
Outro a morte lhe chora raro espanto!  
Sem remédio no golpe o sentimento.

Mas num correndo o sangue, noutro o pranto  
Muito foi em Pompeu perder o alento,  
E César tudo fêz em sentir tanto.

O Acadêmico Vago

*Sebastião da Rocha Pita.*

Ao mesmo Assunto heróico.

### SONETO

César entregue à mágoa tão notória,  
Lamentar, de Pompeu na sorte dura,  
A morte que o Império lhe assegura,  
Benemérita ação foi da memória.

Superar a paixão lhe aumenta a glória,  
 O valor na clemência se lhe apura,  
 Que vencer ao contrário foi ventura,  
 É vencer-se a si próprio foi vitória.

Do sucesso na dúvida, ou certeza  
 Consistia o triunfo, ou o castigo,  
 E teve a mágoa então mais de fineza.

Pois em chorar a morte do Inimigo  
 Entre os receios da maior empresa  
 Soubes antepor a lástima ao perigo.

O Acadêmico Vago  
*Sebastião da Rocha Pita.*

Primeiro Assunto. César, que tendo notícia da  
 morte do seu maior contrário, chorou.  
 Argumento moral sôbre o assunto.

### SONETO

Esse que vês em César soberano  
 Lamento triste, pranto compassivo,  
 Mais é de seu valor alento ativo,  
 Que do ser natural tributo humano:

Não chora do inimigo o triste dano:  
 Chora que a morte, com rigor ativo,  
 No contrário lhe usurpe o incentivo,  
 Que a seu nome faria mais ufano;

Mas não sei se é valor, ou se ignorância  
 Dêsse trocado afeto a novidade:  
 Fatal metamorfose da jactância!

Pois é tanta nos homens a vaidade,  
 Que os prantos são arrojões da arrogância,  
 Devendo ser indícios da piedade.

*João Alveres Soares*

Caesari Augusto, qui ad se nuntiis translatis de  
 inimici Pompeii acerbissima morte in lacrimas  
 dissoluitur,

### EPIGRAMMA

Extinctum Caesar cernens sic condolet hostem,  
 Vt sumat quando gaudia magna licet.

O res mira! hostes alii deperdere gaudent:  
 Prosequitur tali Caesar amore suos!  
 Quid mirum! Caesar tanto sit mitis in hoste,  
 Sic solum Caesar Caesare digna facit.

[*Emanuel Nunes de Sousa*]

ALIUD EIDEM  
 EPIGRAMMA

Cur doleat Caesar — (quaeris) — dum conspicit  
[hostem  
 Extinctum; ut pareas te dolet ille tuis.  
 Nam iure egregius solum iactabitur Heros,  
 Dignum aliquid tantae qui pietatis agit.

*Emanuel Nunes de Sousa.*

Ad primum argumentum

EPIGRAMMA

Audiit ut Stygias hostem cecidisse sub umbras  
 Caesar [...] his lumina ditat aquis.  
 Non conclamat io uictor, non tempora lauro  
 Ambit, at illacrimans fata inimica dolet.  
 Elicit ex oculis lacrimarum flumina; certe  
 Vt foret haec meritis addita palma suis.  
 Hostibus hoc igitur dum caesis imbre parentat,  
 Crescat ut et lacrimis palma rigata, facit.

[S. I. A.]

Ad Ium argumentum

EPIGRAMMA

Dum noua Niliaci memoratur gloria belli,  
 Et profligato miles ab hoste redit;  
 Non assueta tuam pertentant gaudia mentem,  
 Ac potius? Caesar, condoluisse ferunt.  
 Haec adscripta (sic) tuas inter uictoria laudes  
 Debuerat sera posteritate legi  
 At non milenos quod debellaueris hostes,  
 Miror in aduersos sit tibi quantus amor!  
 Non equidem ut pereant, superent uult Caesar ut

[hostes:

Tot bene quos olim uincere possit, habet.

[S. I. A.]

Ao mesmo assunto.

### SONETO

Soberano Monarca, excelso Jove,  
 Por quem do pólo a pólo, ativo gira  
 O alento que Marte assaz respira,  
 Ou o valor com que verdugos move.

Em vosso Invicto braço o alento chove,  
 Em vosso ardente peito existe a pira,  
 E quanto mais o Orbe se admira,  
 A mais impulso, o brio vos promove.

César Íncrito sois, a quem por sorte  
 A Excelência maior foi concedida  
 Para crédito, enfim, de um peito forte.

Pois sem dúvida é ação subida  
 Como humano chorar a infausta morte  
 Do que vos foi contrário em tôda a vida.

[*Sem indicação de Autor*]

A César, que sabendo da morte de seu inimigo,  
 chorou.

### SONETO

Ilustre peito, de valor armado,  
 E de dotes melhores revestido,  
 Se no sangue, por dita, esclarecido,  
 Nas proezas, por timbre avantajado.

Hoje mais do que dantes sois lembrado,  
 Se bem nunca no século esquecido,  
 De nenhum varão nobre preferido,  
 Antes a todos, sempre antecipado.

Mil Padrões erigis, César Augusto  
 Ao vosso nome, coa sinistra sorte  
 Daquele que vos foi contrário adusto.

Pois sabendo o cercou da parca o corte,  
 Desprezando os encômios de robusto,  
 Com ternura choraste a sua morte.

[*Sem indicação de Autor*]



## Conferência de 6 de agosto

## Segundo Assunto

Foi o segundo assunto dessa conferência um  
menino de gentil presença que colhendo  
rosas em um jardim, o mordeu um áspide,  
de que logo morreu

## Ao segundo assunto

## EPIGRAMMA

Te puer, ut comitem ueneratur turba rosarum,  
Dum flos ante rosas pulchrior ipse nites  
Floribus una dies confert ortum, atque sepulcrum,  
Qua cunas cernunt, et monumenta uident.  
Ergo te merito nunc caedit uipera, namque  
Flos hodie uiuens, flos hodie moritur.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

## Ao Assunto lírico

## EPIGRAMMA

Sicut poma Draco Hesperidum, uiridaria Florae  
Protegit Aspis; quae non timet ire puer.  
Carpit odoriferos flores; tamen Aspide captus,  
Confestim perit; haec dum rabiosa ferit.  
Nunc igitur mortem si floribus inuenit iste,  
En nostrae aetati uerus Adonis adest.

*De Francisco Xavier de Araújo.*

A um Menino, que colhendo flôres lhe mordeu um  
Áspide, e morreu.

## DÉCIMA

Um Menino, ou um Cupido  
que acaso no prado andava,

quando flôres apanhava  
 foi de um Áspide mordido;  
 Ó que caso tão sentido,  
 Ó que tirana impiedade  
 que Amor com tanta crueldade,  
 executando rigores  
 quis lhe dar morte de flôres  
 por cortar-lhe a flor da idade.

*De Francisco Pereira do Lago Barreto.*

Ao assunto da Academia, do Menino que colhendo  
 flôres morreu mordido de um áspide.

### EPIGRAMMA

Alba ligustra, rosas uaccinia quae alta legebat  
 Praestanti quidam corpore forte puer.  
 Cum coluber morsu latitans sub frondibus illum  
 Percutit ex templo, membraque uirus habet  
 Ecce puellus obit; nec et est mirabile quidquam;  
 Pro thalamo, et tumulo si tenet iste rosas.

*Do Licenciado Cornélio Bruto.*

Ao lindo menino, que colhendo flôres, morreu  
 mordido de um Áspide.

### DÉCIMA

Um Narciso gracioso,  
 Um Cupido disfarçado,  
 Colhia por desenfado  
 Flôres num jardim viçoso;  
 Quando logo um venenoso  
 Bichinho agreste o mordeu,  
 Eis que improviso morreu  
 Esta gentil galhardia;  
 E assim se flôres colhia  
 Entre flôres se acolheu.

*Do Licenciado Cornélio Bruto.*

Assunto. Um menino galhardo, que colhendo  
flôres, foi mordido por um Áspide, de que  
morreu.

### SONÊTO

Um menino na flor de sua idade  
que era a mesma flor pela beleza,  
exp'rimenta entre as flôres a fereza  
de um Áspide, e sua crueldade:

Colhe a flor, e do Áspide a crueldade,  
a qual sempre observou por natureza  
fazendo entre as flôres sua emprêsa  
donde oculta a maior sagacidade.

O menino era flor no delicado,  
e no tenro era flor como se via,  
na duração foi flor em flor cortado;

Como em tudo com flor se parecia,  
Vendo-se como flor estar tocado,  
acabou como flor dentro em um dia.

[*De Antônio Ribeiro da Costa*]

Ao mesmo Assunto.

### SONÊTO

Tirano Áspide, Serpente venenosa,  
que a vida de uma linda criatura  
cortas cruel, tiranamente dura,  
ingrata acabas, pouco piedosa:

Nunca podes estar vangloriosa  
pois de fraca te escondes na cultura,  
para matar valente a formosura,  
quando por flor, a flor da vida goza.

Ao que se chega a ti matar pretendes  
contra a Lei da Política observada  
que não usas, não sabes, nem entendes:

És de natureza tão malvada,  
que quando tens veneno, então ofendes,  
sem veneno não prestas para nada.

*De Antônio Ribeiro da Costa.*

Ao menino que pegando em uma rosa mordeu um  
Áspide.

### DÉCIMAS

Meu menino, essa do prado  
corada estrêla flamante,  
que é da vista imã fragrante,  
que vos atrai enganado:  
O veneno disfarçado  
tem na sua pompa frondosa;  
não lhe toqueis, que furiosa  
ferirá vosso dedinho,  
pois cruel efeito de espinho,  
tem na presença de rosa.

E da sorte que a sereia,  
em harmonias desfeita,  
para naufrágios deleita,  
para perigos enleia:  
vos atrai a rosa, e enleia  
coa beleza meu menino,  
para que o Áspide ferino  
com tanta crueldade ande,  
que dê picada tão grande,  
em quem é tão pequenino.

Na rosa tanto rigor  
a deslustres a condena,  
por ser tal que não tem pena  
do menino ter tal dor:  
foi a crueldade maior,  
o mais horroroso agravo,  
a um bichinho que é tão bravo,  
tiranamente aleivosa,  
o encobri-lo uma rosa,  
a fim de ofender a um cravo.

*De Yerônimo Roiz de Crasto.*

Ad puerum flores legentem, quem aspis inter illos  
adiacens interimit.

### EPIGRAMMA

Hunc puerum, resecas florem, dum comprimis,  
[aspis,  
Cur? flores inter si recubare soles.

Flos erat ille quidem toto peregrinior orbe:  
 Linque ergo flores dum legit ille suas.  
 Quid mirum est! pueri reseces quod stamina uitae:  
 Sic meritis hortis redditur ille puer.

[*Iosephus Fernandes*]

### ALIUD EIDEM EPIGRAMMA

Parca ferox, pueri torques cur stamina uitae,  
 In pratis Florae dum legit ille rosas.  
 Infans clauus erat pulcher praeclarus in hortis,  
 Vt pereat, flores dum legit ergo, licet.  
 Qui reliquis mortem gaudens contingere, caedi  
 Hi debent: merito caeditur ipse puer.

*Iosephus Fernandes.*

Ao segundo.

### SONETO

Foge Menino, aparta-te do dano,  
 vê, que as flôres ocultam mais perigo;  
 e se não acreditas o que digo,  
 mui cedo chorarás o desengano:

Entre as boninas, com rigor tirano,  
 traidor se esconde o áspide, inimigo  
 da gentileza; e temo, que contigo,  
 usar queira também de algum engano:

Entre as flôres repara, que escondida  
 a traição se disfarça de tal sorte,  
 que é só pelos efeitos conhecida.

Menino foge de Atropos ao corte,  
 não queiras; pois estás na flor da vida,  
 entre as flôres choram tão cedo a morte.

Do Ocupado.

[*Luís de Siqueira da Gama*]

### ROMANCE

Em um florido lençol  
 prodígio de Maio, adonde  
 por aquedutos de neve

Se precipita uma fonte;  
Donde são por transparentes  
seus cristais murmura dores  
com molduras de esmeralda  
diáfano espelho das flôres;  
Adonde de Primavera  
permite a estação, que corte  
Flora, odoríferas galas  
de matizes, pelas côres;  
Donde entre a florida chusma  
campeando a rosa, sempre  
dos seus verdes gabinetes  
de esmeralda o rico broche;  
Donde fragrâncias exala  
O Zéfiro, quando move  
nas Rosas, uma Pancaia,  
uma sidônia nas flôres.  
Aqui donde finalmente  
em consonâncias acordes  
O Sol infante festejam  
Os voláteis cantores;  
Entrou por curiosidade  
Fileno, galhardo Jovem,  
que para ser infeliz  
de galhardo basta o nome.  
A república de Abril  
como elevado discorre,  
e entre as flôres mais gentis  
as mais gentis flôres colhe.  
Ricas, porque guarnecidas  
as achou Fileno entonces  
das pérolas, que sôbre elas  
chorou a Aurora de noite.  
Uma rosa, que fragrante  
gala de púrpura rompe,  
querendo colhêr incauto,  
um Áspide astuto o morde.  
Entre a púrpura real  
se oculta, porque se note  
que à sombra das Majestades  
se fazem casos atrozes.  
Traidoramente ofendida  
se viu a inocência dócil,  
que nem de uma traição vil  
Livrar-se a ignorância pode.  
De ser mordido se queixa

O menino; mas quem hoje  
Se livra de ser mordido  
de outros Áspides piores.  
Como era o Menino linda  
flor, na flor da idade morre,  
e do oriente da vida  
as sombras pisou da morte.  
Sendo o menino tão belo,  
não é muito se mal logre,  
que aos méritos, e à beleza  
sempre foi oposta a sorte.  
Por gentil morreu Fileno  
quem viu caso tão disforme!  
que morresse por gentil  
quem não era gentil-homem!  
Entre as flôres não me admira  
o perigo que esta corre,  
porque sempre a formosura  
correu perigo entre as flôres.  
Testemunha esta verdade  
o belo, e infeliz Adônis,  
que por belo, da Fortuna  
padeceu os duros golpes.  
Esta flor desanimada  
caiu, qual se rosa fôsse,  
Que nos desmaios da tarde  
Sente os Dêlficos ardores.  
Qual o Cândido Jasmim,  
A quem o Noto sacode,  
e do trono de esmeraldas  
desce a tapête do bosque.  
Lângüidas as flôres vendo,  
que esta flor entre ela[s] morre,  
lhe constrói a Primavera  
Urna cheirosa de flôres.  
E se Adônis não tivera  
a outra flor dado o seu nome,  
melhor o dêste Menino  
se estimara, que o de Adônis.  
Mas como a sua memória  
ficar no Jardim não pode,  
Qual Gêminis se traslada  
por constelação nos Orbes.

Do Acadêmico Infeliz  
*João de Brito e Lima.*

A um Menino que sendo mordido de um Áspide ao tempo em que colhia umas rosas, morreu.

### MADRIGAL HAMBURGUÊS BURLESCO

Mal sabes tu cachopo  
O que eu desejo à bicha quando a topo,  
Pois lhe tenho tal gana  
Que o coração me diz: esgana, esgana  
Essa fera que quase se compara  
A que Hércules dizem que esganara.  
Mal sabes tu meu belo  
Que te meteu a bicha num xixelo  
Porque quer o meu rico companheiro  
Dar-te hoje o jazigo derradeiro  
Por escusares ter co'o (sic) mundo pratos  
Dentro num, dentro num dos meus sapatos.  
Mal sabes que o que eu digo  
É Irmão, companheiro, e mais que amigo  
Pois sem sermos do século de Otávio  
Êle é o meu Névio, e eu sou seu Bávio.  
Deus lhe dê da Aganipe a fonte cheia  
Pois reparte comigo a sua veia.  
Mal sabes tu meu Anjo  
Que indo tu fico eu cá feito um marmanjo,  
Feliz pois, porque como já não comes  
Que tens que haja fartura, ou que haja fomes,  
Mas no caso que lá comas, e bebas,  
Pêsames desta morte não recebas.  
Mal sabes tu meu neno  
Que esta forte sicuta, e êsse veneno  
Foi o que se me não engana o olho  
O braço e mão te pôs como um trambolho  
Pois do àspidezinho a mordedura  
T'o pôs grosso como eu pela cintura.  
Mal sabes tu meu morto  
Que antes eu fôra vêsgo do que torto  
Que porque de mim nunca te apartara  
Com a vista mui bem te atravessara,  
Pois fôras do meus olhos com excesso  
Menino atravessado, e não travêso.  
Mal sabes tu, mal sabes  
No esquife em que vás que tu mal cabes



Porque depois do teu triste fracasso  
 Te engordou meu menino a mão, e braço  
 Tanto que podre, e feito de pau brósio  
 Leva a mão inda ao pé do Pai Ambrósio.  
 Ora a Deus, meu menino,  
 Se passares de Gêminis o signo,  
 E brigarem os dois por genipapos  
 Dá-lhe três, dá-lhe quatro mil sopapos  
 Porque fique um, e outro advertido  
 Que como vais picado és atrevido.

*De Frei Avertano de Santa Maria.*

A um menino gentil, que colhendo flôres o picou  
 um Áspide, de que morreu.

### EPIGRAMMA

Te, puer egregius, flores dum colligis, una  
 Quae latet in foliis uipera parua necat.  
 Morsu assueta breui pulchros circumdare flores  
 Quas pungit, flores aestimat, illa manus.  
 Heu! manuum ipse decor mortem tibi contulit, ipse,  
 In manibusque tuis mors tua sola fuit.

*De André de Figueiredo Mascarenhas.*

Um menino gentil, que entrando em um jardim a  
 colhêr umas flôres, o picou um Áspide, de que  
 morreu.

### SONÊTO

Num jardim, que de flôres mil se arreja,  
 A gentil inocência de um menino,  
 Adulando fragrâncias, perde o tino  
 Maripôsa entre as flôres, que vadeia.

Estas rondando, aquelas galanteia,  
 Porém quando uma colhe, repentino  
 Lhe traz no mimo o último destino  
 Um Áspide, que oculto a flor rodeia.

Os espíritos rende ao brando corte,  
 Que entre as flôres, que colhe, a desventura  
 Lhe destina de flor a breve sorte.

Mas se é flor a beleza no que dura,  
 Entre flôres que muito tope a morte,  
 Se qual flor sempre acaba a formosura!

*De João de Figueiredo Mascarenhas.*

A um Menino, que estando colhendo flôres picou  
 um Áspide, e morreu.

### SONETO JOCO-SÉRIO

Para que colhe flôres meu meni —  
 Neste Campo, ou jardim, ou neste pra —  
 Se lhe há de suceder uma desgra —  
 De morder-lhe na mão um cruel bi — ?

Se você é um Menino pequeni —  
 Não lhe estava melhor o papar pa — ?  
 Se quer flôres, não basta a sua gra — ?  
 Para graça não sobra o ser boni — ?

Mais se pois é pensão a desventu —  
 De quem nasce gentil, que quer ago — ?  
 Pague à morte, meu belo, o seu tribu — ;

Neste canto porém enquanto cho —  
 Namorada assim minha triste Mu —  
 As exéquias lhe faz por êste mo —

Meu Menino, e meu Amor,  
 pois eras qual Deus vendado,  
 fôstes nas flôres picado  
 não picando inda na flor;  
 emulativo rigor  
 foi dêsse Deus dos amôres,  
 que vendo êsses esplendores  
 picantes a ser Deidade,  
 pica-vos na flor da idade  
 por dar-vos morte de flôres.

*Luís Canelo de Noronha.*

Andava um Menino colhendo rosas, e mordendo-o  
um Áspide, morreu.

### SONETO

Se não há Paraíso sem serpente  
Se entre espinhos a rosa está no prado  
Como entrastes aqui tão descuidado  
Lindo Infante a colhêr rosas contente?

Meu Menino fugi; que em tão florente  
Prado um Áspide ali dorme enroscado.  
Mas que mágoa! que o Áspide já acordado  
Arma o colo, e vos mata de repente.

Fero espinho vivente, e venenoso  
Porque usaste hoje aqui dos teus rigores,  
Neste Pomo do prado o mais formoso?

Porque como (o Áspide diz) guardo os primores  
De Flora a tantos anos cuidadoso,  
Quis o fruto colhêr de tantas flôres.

*De Antônio de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

Colhe um Menino rosas, e mata-o um Áspide.

### DÉCIMA

Numa palestra frondosa  
Andava um lindo Cupido,  
Ou Narciso divertido  
Para colhêr uma rosa.  
Sai Eco, e Vênus formosa,  
E vendo-o ser tão galante,  
Qualquer o quer por amante.  
Um cruel Áspide então  
Só por compor tal questão  
Corta em flor o belo Infante.

*De Antônio de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

A um menino especioso que colhendo em um  
jardim umas rosas foi mordido de um Áspide  
do que morreu.

### SILVA JOCOSA

Sinto, Senhora Vênus, quanto posso  
Se dizer posso o quanto estou sentido  
De ver o seu menino, o seu Cupido  
Morto enfim, se a dizer-lho aqui me arrisco,  
Morto de um Áspide, sendo um Basalisco:  
Inda que foi mistério, e não pequeno  
O empecer a um veneno outro veneno,  
Sendo que paradoxo ou patarata  
Jamais foi dizer que um ao outro mata;  
Donde pois se presume  
Que era amor, e picado de um ciúme  
Quis morrer entre as rosas  
Para dar a entender às mais formosas  
Que há sem mais resistência, e mais despique  
Quem mais que o mesmo amor muito mais pique,  
Porque é o ciúme um Áspide tão forte  
Que quem consigo o traz, traz sempre a morte.

Por seu Cupido o trato  
Porque era do amor vivo retrato,  
Menino em tudo falto de experiência  
Pois não soube advertir que a inocência  
Quando cuida que está livre do dano  
De um traidor se não livra, e de um engano.

Mas ai belo menino que a desgraça  
É mais minha que vossa, porque a graça  
Com que eu sempre vos via  
Na floresta da nossa Academia  
Colhêr rosas, das flôres do juízo  
Feito um belo Narciso  
Que da Aganipe pôsto às afluências  
Tanto vos namoravas das ciências  
Que porque as amavas  
De vós mesmo também vos namoravas;  
E assim de quando em quando  
Da Liríope o curso equivocando  
Querias desta com total desprezo

Nas correntes daquela ficar prêso;  
 Mas se tudo me falta por agora  
 Ser seu meu coração, minha alma o chora.

Lindo eras por certo  
 Tão vivinho, em extremo tão esperto,  
 [Pois por] vossa esperteza tão discreta  
 Dizem se perde em vós um bom Poeta;  
 Mas Poeta picado?  
 Se vivera ó que mal intencionado  
 Fôra; assim que menino, morrei antes,  
 Porque dêsses já temos cá bastantes, (sic)  
 E escusareis de ser por amor disso  
 Maribondo, Urtiga, Cardo, e Ouriço.

Porém reparo em que, se bem reparo  
 Estejais pôsto em tanto desamparo  
 Que sendo morto vós há quinze dias  
 Não tivesses sequer um Jeremias  
 Que êste caso convosco lamentasse  
 Compassivo, e ao depois vos enterrasse  
 Dando-vos por carneiro  
 De Pélope o jazigo derradeiro  
 Donde fôras sem seres  
 Pasto imundo, e cruel da Deusa Ceres.  
 De Tântalo chorado, e com bem mágoas  
 Ajuntando u'as águas a outras águas.

Eu vos quero valer meu belo anjinho,  
 Como estais frio todo! coitadinho,  
 Se é que a Mãe vos enjeita  
 Já vos quero ser bom, pois desta feita  
 Ela que aqui de vós tanto se afasta  
 Não é vossa Mãe não, vossa madrastra,  
 Porque quer se presume  
 Que sois filho das ervas, não da [espuma]

Heis de ser nesta Silva amortalhado  
 Em asas de papel ao Céu levado,  
 E se morreis picado, [não] de urtigas  
 Não de rosas também nem de bexigas;  
 Não sintais que na Silva [hoje] amortalhe,  
 Dêsse belo corpinho o belo talhe.

Do meu bom companheiro hoje as sapatas  
 Levareis vós também por alparcatas,  
 Pois buscando-lhe o fundo, o vão, e o centro  
 O esquite excusais se lhe ides dentro,

Êle já de chorar-vos está rouco  
 E assim fará mui pouco  
 Em me dar de sapatos as mãos cheias  
 Quando eu nos meus versos lhe dou meias.

Não ireis sem Capela nem palmito  
 Que eu tenho uma, e um muito bonito  
 Sem ser daquelas rosas  
 Tiranas, e aleivasas  
 Que o aspídio veneno ocultaram,  
 E a tão mísero estado vos chegaram.

O que suposto, evito por agora  
 Esperai-me que dentro em meia hora  
 Porque vades com tôda a bizzarria  
 Vos trarei de São Pedro a Clerezia,  
 Pois não farei daqui como presumo  
 A viagem que dizem .fêz o fumo.

*Por Anastácio Ayres de Penhafiel.*

Ao Segundo Assunto do menino gentil que colhendo  
 flôres o picou um Áspide, de que morreu.

## SILVA

Graças a Deus, que já chegou o dia  
 De silvarmos também na Academia,  
 Se isto foi tentação, caí sem susto,  
 Que sete vêzes caí no dia um justo,  
 Mas como êste pecado,  
 Nunca foi reservado,  
 Entendo, quanto a mim, se não me engano,  
 Que me absolverão lá no fim do ano.

Foi o caso, eu o digo,  
 Porque nada se encobre a um amigo,  
 Um desastre que o nosso secretário,  
 Em Palácio contou, Sagrado Erário,  
 Do César mais benigno, e mais clemente,  
 De Césares protótipo excelente;  
 Por desastre eu então quis ser Poeta,  
 Entre os outros à cara descoberta.

Diz que um lindo menino  
Tão bonito, que o rosto era divino,  
Tão divino que enfim julgou que era,  
Filho dêsse Senhor da quarta esfera,  
E segundo o pintou o douto Cunha,  
De humano não tinha uma só unha:  
Porém logo o sucesso,  
Mostrou no seu progresso  
Tinha sido hiperbólica a pintura,  
Sendo uma bem fanada criatura,  
Malfadada, pois logo em breve instante,  
Morreu como um Anjinho o belo infante,  
De morte a mais cruel e mais tirana  
Nos dentes de uma fera caninana.  
Mas vamos mais de espaço  
Pois há que ponderar ainda no passo.  
Diz que o Infante era muito buliçoso,  
Que por travêso nunca estava ocioso,  
Em tal forma que em tudo quanto via,  
Se podia bulir, logo o fazia;  
E por isso trepara um forte muro  
Que de certo Jardim era o seguro,  
Para haver de colhêr cheirosas flôres,  
Da fresca primavera altos primores,  
Onde achou para lhe tirar a vida,  
Entre as flôres um áspide puericida:  
Mas quem dissera que por guarda estava,  
Um mortífero bicho que exalava,  
Em cada hálito imundo  
Veneno para dar a todo o Mundo.

Sei que lá no ameno Paraíso,  
Em que tudo era glória, gôsto, e riso,  
Uma sagaz serpente,  
Com pretexto decente,  
Não só não defendeu o pomo vedado,  
Mas fêz que se engulisse de um bocado:  
E quanto da flor vai ao fruto vejo,  
Quanto aquêle lá a esta foi sobejo.

Enfim veio a morrer o Cachopito,  
Da morte de Cleópatra do Egito.

Mas logo que sabido,  
Foi o caso, igualmente foi sentido,

Sendo em todos geral o sentimento,  
 De ver amortecido, e sem alento,  
 Aquêles em quem pintou a natureza,  
 O mais fiel retrato da beleza,  
 Sendo emprêgo fatal da Parca dura,  
 Trasladado do berço à sepultura.

Acabou-se Senhores,  
 A história das flôres,  
 Eu com ela também a Silva findo,  
 Que não sei se alguém me está caindo,  
 Mas se tal se acha em tão honrada gente  
 De Silvas me despeço eternamente,  
 Não da que faz ao nome companhia,  
 Que o Pároco da Sé, me pôs na pia.

Do Licenciado

*Jorge da Silva Pires.*

Ao mesmo Assunto lírico falando com o Áspide.

### SONETO

Triste Gusano, escândalo de Flora  
 Que nos Jardins profanas aleivoso  
 Tanto vulgo de flôres precioso,  
 Regado com as lágrimas da Aurora.

Inimigo cruel, que a vista ignora  
 Quanto menos soberbo, mais danoso  
 Que deste em golpe humilde, e lastimoso  
 A uma vida pueril, morte traidora.

Um menino de idade apenas viva  
 Em buscar belo, no Jardim candores  
 Que culpa cometeu tão excessiva.

Conjuração parecem tais rigores,  
 Sendo tirana morte intempestiva  
 Ciúme teu, emulação das flôres.

O Acadêmico Vago

*Sebastião da Rocha Pita.*



Um belo menino brincando em um Jardim com as  
flôres o mordeu um Áspide, e logo morreu.  
Assunto lírico da presente Academia.  
Falando com o menino.

### SONÊTO

Tenro infante composto de Alma, e Neve  
Que em Teatro de flôres, flor mais pura  
Um Áspide te estragou a formosura  
Com veneno fatal, e golpe breve.

Mais feroz que o Dragão, quando se atreve  
A peregrino incauto na espessura,  
O Gusano em campanhas de candura  
Para tirar-te a vida alentos teve.

Deu-te a morte privando-te violento  
De uma estância florida, porém dela  
Subiste a possuir melhor assento.

Foi venturosa a sorte, a troca bela,  
Pois do Jardim passando ao Firmamento,  
Deixaste de ser flor, por ser Estrêla.

O Acadêmico Vago  
*Sebastião da Rocha Pita.*

Um belo menino brincando em um Jardim com as  
flôres, o mordeu um Áspide, e logo morreu.  
Assunto lírico da presente Academia.

### ENDEIXAS

Seja o verso pequeno,  
E breve o estilo,  
Pois o lírico Assunto  
É de um menino.

Bem que belo não fôra  
Será preciso,  
Que o poder do toante  
O faça lindo.

De Nácar, e Neve  
Composto vivo,  
Era cristal com alma,  
Flor com sentidos.

Dera em um Jardim  
Pasma aos Jacintos,  
Às Angélicas xaque,  
Mate aos Narcisos.

Ao brincar com todos  
Foi de improviso,  
Não de abelha picado,  
De Áspide mordido.

Cai logo coberto  
De um suor túbio,  
Que por ser de Aljófár  
Era Rocio.

A morte recebeu  
Em um delíquio,  
Sem que a vida lhe deva  
Um só suspiro.

Mas ser morto de certo  
Eu não o afirmo,  
Porque a todos parece  
Que está dormindo.

Matar por êste modo,  
Fraco inimigo  
Sendo fatalidade,  
Parece brinco.

Em um quadro de flôres  
Tal paroxismo,  
Morte foi de Jasmim,  
Ou é delírio.

Ser Campo o Jardim  
Dêste homicídio,  
Faz tão feio o lugar  
Como o delito.

Das mais formosas flôres  
O labirinto,  
Lamentando o caso  
Se pôs marchito.

Um Jardim foi a Vênus  
 No parto, abrigo,  
 Porque sôbre as flôres  
 Nasceu Cupido.

Sendo vária a Estância  
 Aos dois Meninos,  
 Um encontrou afagos,  
 Outro castigos.

Lá na Quinta dos Padres  
 Foi o conflito,  
 Do qual tirou devassa  
 Padre Ministro.

Desterrou ao Áspide  
 Do seu distrito,  
 E ao menino morto  
 Lhe deu jazigo.

O Acadêmico Vago  
*Sebastião da Rocha Pita.*

Puero flores legenti, qui ex aspidis morsu factus est  
 alius

### EPIGRAMMA

Dum uiridi flores infans sic carpit in horto  
 Cur pereat, serpens, dic mihi: scire uelim.  
 Morsos si solitus custos seruare rosarum,  
 Nulla manet puero pulchrior orbe rosa.  
 Quid uero miror! potuit quis carpere flores,  
 Illorum laetus quin cadat ipse rubis.

[*Emanuel Nunes de Sousa*]

### ALIUD EIDEM

### EPIGRAMMA

Qui carpit flores prato, puer ictus acerbo  
 Cur pereat morsu num tibi scire lubet?  
 Crede mihi: uacuas animam dum reddit in auras  
 Exemplum casu dedocet ille suo.  
 Vt noscant homines, adamant qui dulcia, mortem  
 Delicias inter nempe latere suas.

*Emanuel Nunes de Sousa.*

## Ad secundum argumentum

## EPIGRAMMA

Carperet ut flores, Iuuenis cum tendat in hortum.  
 Ex improuiso caesus ab angue fuit.  
 Heu miser! incautus cur credis floribus infans?  
 Mobilius quid enim floribus esse solet?  
 Splendidius nil sole; tamen sub luce teguntur  
 Fulmina; sic pulchris floribus hydra latet.

[*Sem indicação de Autor*]

## Ad secundum argumentum

## EPIGRAMMA

Paruus Hylas teneros dum flores carperet horto,  
 Messuit hunc celeri mors peracerba manu.  
 Scilicet umbroso latitans in gramine serpens  
 Membra uenenato blandula dente premit.  
 Ausa nefas tantum hoc fertur modo Flora; decorum  
 Hunc pratis iuuenem dum uidet ire suis.  
 Occisum reliquis Dea floribus inferit: hortos  
 Vt flos exornet pulchrior iste suos.

[*Sem indicação de Autor*]

## Ad secundum argumentum

## EPIGRAMMA

Delicias Florae depraedaturus, amoenum  
 Plus Puer Idalio sanguine natus adit.  
 Hic tenero flores dum lectos pollice carpit,  
 Occubuit Phario pressus ab angue puer.  
 At caue cerbereum dammes, Narcisse, draconem:  
 Consuluit formae prouidus ille tuae.  
 Niliaca huic uoluit Regina occumbere morti;  
 Non alia Reges morte perire decet.  
 At tibi iam melior sors adblanditur, in agro  
 Dum moreris: factus sic Hyacinthus eris.

[*Sem indicação de Autor*]

Ad secundum argumentum

EPIGRAMMA

Tendit in Hesperidum iuuenis pulcherrimus hortos,  
 Ruris ut halantes depopuletur opes.  
 Hunc ubi Gorgoneus praedantem aspexerit Hydrus,  
 Assilit, et morsu membra premente necat.  
 Suetus odoratis depasci floribus anguis,  
 Demctit, in puero quas uidet esse, rosas.

[*Sem indicação de Autor*]

Ad secundum argumentum

EPIGRAMMA

Vt puer halantes possit decerpere flores,  
 Quaerit odoratos ingeniosus agros.  
 Dumque moras flores inter spatiatu apricos  
 Nectit, Lernaeco saucius ore iacet.  
 Non erit, at Dryadum fuerit dolus ille, ueremur,  
 Ore diu liceat quo sibi posse frui.

[*Sem indicação de Autor*]

Ad secundum argumentum

EPIGRAMMA

Laetus Hamadryadum iuuenis spectabilis hortos  
 Ingressus, ruris pollice carpit opes.  
 Dum tamen exultans depicto ludit in agro,  
 Aspidis infesto uulnere Caesus obit.  
 Quis te, belle puer, florum de gente negabit,  
 Cui licuit medio tam cito rure mori?

[*Sem indicação de Autor*]

Ad secundum argumentum

ELOGIUM

Soluta iam hyeme,  
 floriferos etiam sinus Flora dissoluerat.  
 Ad hortum flosculis inspersum  
 immaturae aetatis infans,

per acerbo tamen destinatus fato  
    contendit.  
Hic ruris opes studiosus dum colligit,  
    oculos ad se Nympharum trahit,  
    atque inuidiam.  
Adonidem quippe crediderant,  
aut Narcissum iterum cum floribus agere.  
    Inuidiae pedissequus amor  
    Deas inuaserat;  
Puerum itaque ut penes se teneant,  
    Letho detinere meditatae,  
    Auctorem sceleris serpentem immittunt;  
ut ne ab ipsis pereat, quem maxime deperibant.  
    Ipse amoris consors,  
In lacteos infantis artus assiliens,  
    diu tenet;  
et formam impune: depraedatus  
    immani uulnere deformauit.  
Ille tamen floris more emarcescit:  
    damno quidem suo iam doctus,  
Nihil non esse pulchritudini damnosum;  
    cum et inter flores mors lateat.

[*Sem indicação de Autor*]

9.a CONFERÊNCIA  
DE 27 DE AGÔSTO





Oração, que disse em 27 de agosto de 1724  
o Presidente que foi o Reverendo Deão  
Sebastião do Vale Pontes

Não busquei não a honra, que consigo traz esta cadeira, tanto por saber mui bem, que não podia enchê-la (1); e que não são para apetecidas as presidências: (2) que por não ser lícita a pretensão de cadeira tão honrosa (3); mas se poder soberano se dignou fazer-me esta honra; muito ajustada vem neste Mês e nesta Dominga.

Neste Mês, digo, porque se por resolução do Senado de Roma se chama Agosto, ou Augusto, em memória de seu grande Imperador Augusto César que neste Mês, chamado até então sexel como sexto do ano, que naquele tempo principiava em Março conseguiu aquêlê grande Monarca muitas, e grandes felicidades; sendo êste mesmo mês o das minhas maiores ditas, recebendo a 7 de agosto de 1689: aquela tonsura: e quatro graus de Ordens Menores; a 20: a Ordem de Subdiácono: a 24 a de Diácono: e na última Dominga, correspondente a esta de hoje, a de Presbítero, tôdas me conferiu o terceiro e sempre memorável Arcebispo da Bahia o Ilustríssimo Senhor Dom Francisco Manoel da Ressurreição: que com a imposição de suas prateadas, e grandes mãos, não só me pôs na cabeça a coroa de Presbítero, mas também a de seu quando ministro (4) que movendo-me nos cargos de juiz dos casamentos: das dispensações: das justificações de Gênese: dos Residentos, de Vigário Geral e de Provisor em todo êste Arcebispado: com muita congruência se dispôs, que tivesse eu a felicíssima honra desta presidência, não só neste mês, mas nesta para mim fausta Dominga, sendo a meu respeito, especial providência, a mudança da Dominga antecipada, quando a muitos pareceria acaso (5).

---

(1) *Sedes hic inutili pondus.*

(2) *Id praettes apelas, sed prodesse Fert. [Deac.] ad Reg.*

(3) *Noli quaerere a Domino nequi a Rega Cathedram honoris, Eccles., 74.*

(4) *Olim iudices coronati sedebant ad iudicandum, Alap. et. Demost ab eo citat.*

(5) de 20 de agosto se transferiu a conferência para 27 ex causa.

Nem pareça não assenta bem orar em Dominga em que o Eclesiástico encomenda silêncio (6), mandando pôr a mão na bôca, de que é boa figura a estátua de Arpócrates: porque o que se proíbe são indiscrições (7) que falar com o acêrto prudente e sabedoria digna da atenção de tão douto como Ilustre, e Esclarecido Congresso: tanto o não proíbe o mesmo sábio, que antes o introduz, não só como lícito, mas também como decoroso (8).

O que é mais para temer é o silêncio causado do temor, em que incorreram vários, e eminentes oradores em semelhantes funções.

Orador e grande Orador era Herodes Ático; e contudo, porque uma vez entrava a orar diante de Marco Antônio, emudeceu, em forma, que a poder falar, dissera: **uox fauibus haebit.**

Orador e grande Orador era Bartolomeu Sonsino; e contudo estando para orar diante de Alexandre VI, não pôde articular uma só palavra.

Orador, e grande Orador era Eráclito Lício: e contudo havendo de orar diante do Imperador Severo, emudeceu.

Orador e grande Orador era o Príncipe dos Oradores gregos Demóstenes, e contudo querendo orar em Macedônia, ficou mudo.

Orador e grande Orador era o síndico de um Senado, e contudo, havendo de orar diante de Carlos V, se lhe tolheu a fala.

Finalmente por dizer tudo de uma vez, e mais ajustado à ocasião presente: Orador e grande Orador era Teofrasto, mas querendo orar no Areópago, em presença de doze Senadores Atenienses, uma só palavra não pôde proferir: sem que estivesse nas mãos de Oradores tão eloquentes pôr, ou tirar a mão da bôca (9).

E se destituído das partes, que constituem, não digo, um orador consumado, e perfeito, mais inda medíocre; me acho com a obrigação de orar em presença do muito Excelente protetor desta douda Academia, e Congresso perfeitamente composto de muitos mais, que doze senadores; quem me assegura não incorrer por temor, por receio, e por acidente, no silêncio, a que me obriga hoje o sábio, por discrição, por estudo, e por indústria (10).

(6) **Sit manus tua super os tuum Offit. Lect 3.<sup>a</sup> Id est claude os tuum, et sile Alap.**

(7) **Inuento indisciplinato, Eccles., ibid.**

(8) **honor et gloria, in ore sensato., Eccles., ibi.**

(9) **Sit manus tua suplex [ad] os tuum. Sile Eccles., 5, 14.**

(10) **Honor et gloria, in sermone sensati. Eccles. ib.**

Senhor: se o delfim assunto lírico desta Conferência que presente a tormenta, se chega, e ampara das Rochas a que se pega até passar a tempestade: justo parece que à vista do perigo em que naufragaram, tanto, e tão eloqüentes, quantos oradores, tantos se perderam: quando se ficaram mudos, e quedos: me valha do Diamante firme, e constante de Vossa Excelência. E se apelar Paulo para Nero como César apello **Caesarem** (11), na versão Sêneca tanto foi como dizer, que invocava a proteção de César **protectionem Caesario inuoco**: Sendo Vossa Excelência César, não com o rigor de Nero, mas com a benignidade de Tito: e com a clemência de Teodósio, que é bem que eu faça, e diga, quando sou mandado vir a sua afável presença **ad Caesarem ibis**, senão, o mesmo, que fez e disse Paulo assim o faço **apello Caesarem**; assim o digo **protectionem Caesaris inuoco**.

É o Assunto Heróico desta áurea Conferência (12): Agripina querendo que Nero seu goze o Império: inda que impiamente lhe mande tirar a vida (13): **occidat dum regnet**, o fundamento desta resolução é muito duvidoso: um de seus historiadores parece quer desculpar o arrôjo desta varonil Matrona, com o repente: porque inda que os repentinos das mulheres sejam comumente os mais acertados, contudo, nesta ocasião e caso nôvo, e repentino resolveu mal, porque não teve tempo para o considerar bem. Como aconselha hoje Crisóstomo (14) outros dirão, que preocupada esta infeliz mãe do gôsto que lhe causou a felicidade prognosticada ao filho, não se assombrou com a morte ameaçada a ela.

Também, no sentir de outros, desaforaria Agripina com êste bem assombrado discurso: os prognósticos ordinariamente são falíveis; porque sôbre a influência dos astros, está o poder de Deus, que os rege: bem pode logo fazer Deus, que Nero reine, e me não mate.

Finalmente diria consigo Agripina tal pode ser a Criação, que eu lhe dê: tal o mestre que o ensine, e tal a virtude, que tenha, que vem da fôrça do natural como se viu em Sócrates (15).

Se alguma destas, ou outras semelhantes razões não podem corar a resolução de Agripina não fica mais lugar, que para considerá-la, cega do amor-próprio, e ambiciosa da honra imperial, que lhe não tocava.

(11) **Act. Apostol. 25.11.**

(12) **Quid Astrologus duo simul praedixit eum regnaturum esse, et matrem necaturum. SUET.**

(13) **Subito exclamare caepit occidat dum regneret. SUET.**

(14) **Cogita bene Chrisost. Homil. 22, in 2 Corint. 10, in Moral. Lect. 5 Domini S. August.**

(15) **Sum enim natura talis; sed me contineo.**

Correram os anos, e em tudo se cumpriu o fatal prognóstico, (16) porque reinou Nero, e mandou matar a Agripina: fatal desgraça: horrenda fatalidade mas chegada já a infeliz hora em que se principiava a execução de tão ímpio, tirano, cruel e desumano decreto, que fêz, e que disse esta infelicíssima Mãe? o que fêz foi: mostrar seu ventre ao algoz (17): o que disse foi atravessa com êsse ferro êste ventre que gerou tal monstro.

Já agora se conhecerá melhor a muita razão com que [São] Paulo trata por Leão a Nero (18); pois já vemos que sua mesma mãe, o trata por fera.

Ah Agripina, para isto mataste com veneno ao Imperador Cláudio, a fim de que morto, e excluído injustamente o legítimo herdeiro da Coroa, viesse a dar nas mãos de Nero, e consequentemente a ti na cabeça com pena capital!

Não sabes que por onde cada um peca por ali paga! (19) Se não há vida como a honra, que se havia de esperar de quem por ti havia de privar e despir de tôda a honra (20); senão que depois te tirasse sem decôro a vida? Sei eu que a rainha Dona Branca antes elegia ver a Luís seu querido filho, sem vida, sem coroa, e sem o Cetro de França que por direito lhe tocava, que vê-lo pecar mortalmente: e tu a trôco de Nero gozar a Coroa atéia, não te dá de que peque mortalmente, usurpe a Coroa, e te dê a morte? estás já desenganada de que nem todo o talento de todo um Sêneca, bastou para vencer animal e ruim inclinação de teu filho. Sabes já que te paga a criação e sangue branco que lhe destes a beber: com o leite vermelho, que te faz deramar? finalmente estás já bem persuadida, que foi monstruosidade da Natureza, o que a ti te parecia mimo da ventura: e pois o Algoz quer concluir a execução: por despedida dêste mundo, para desengano das Mães, que amam desordenadamente seus filhos, dize o que o nosso Poeta Lusitano disse em parte de um sonêto (21).

Que poderia do mundo já querer  
que naquilo em que pus tão grande amor,  
não vi senão desgôsto desamor,  
e morte enfim, que mais não pode ser.

(16) Presagio uotoque respondit euentiis, SUET.

(17) Ventrem ostendem; dicit hunc percute: hic et ferro fordiendos, qui portentum ilus gemit. SUET.

(18) Liberatus sum de oris Leonis. 2 Ad Thim. 4,17. Chrisost. Theod., Theophil. Euseb. D. Tome per Leonem intellegunt Neronem qui crudelis erat ut Leo, apud Alap.

(19) per quae quis peccat per haec et loquetur.

(20) Matrem omni honore spoliât, SUET.

(21) Sonêto 92.

Com êste último parecer de Agripina, avaliando por ímpio, e desumano a Nero, já se não escandalizará ninguém de me ouvir hoje clamar a Nero mau imperador: e muito mais, ou muito menos, se refletir em que o sábio só permite orar discreta, sábia e prudentemente; e mal poderia esta oração ter estas boas qualidades, se de um Monarca tão mau, disséramos que foi bom (22).

Não nego, que entrando Nero a reinar de 18 anos: e durando o seu principado 13, e sete meses: nos primeiros cinco anos, em forma, que dêle se podia com mais verdade do que Jesebel a El-rei Acab seu marido; *bene regis*: e uma vez, e foi a primeira, que como Monarca havia de assinar uma sentença de morte: se mostrou tão clemente, que antes de pegar da pena exclamou dizendo: oh! quem não soubera escrever (23); mas nos 8 para 9 anos, que lhe restaram, governou tão mal, que com tôda a verdade se pode dizer dêle que foi Imperador péssimo (24): e para que se veja esta sua grande maldade ponderaremos uma só falta sua: mas tal, e tão gravíssima, que assaz justifica o dizer-se, que reinou mal.

Depois do santo temor de Deus, que muito contribuiu para obrarmos bem como diz hoje o *Eclesiástico* (25) a primeira e principal excelência, que há de ter o Príncipe para reinar bem: é tratar promover, e adiantar, quando em si fôr, o bem comum há de ser como a Terra, que para todos frutifica: como o Rio que para todos corre: como o Ar, que a todos refresca: como o fogo que a todos aquece, e finalmente como o Sol, que para todos nasce: nesta máxima estava o Imperador Adriano, que dizia: não vivo para mim, mas para o Povo (26): na mesma estava o Imperador Vespasiano, apartando-se até do precioso descanço do leito, quando lhe faltava a saúde (27): na mesma a Rainha Ester, solicitando o bem do Povo (28): o mesmo praticava a nossa Rainha Santa Isabel: e é o em que muito deve cuidar, e esmerar-se o Rei: como ao primeiro do Egito Ptolomeu aconselharam os 70 Intérpretes:

E como se houve em seu govêrno aquêle que apenas nascido, quando a boa luz, e raios do Sol, Monarca prognosticado tão mal, que não podia haver-se pior. Não só foi ímpio para com os homens, mas também sem piedade, sem culto, e sem religião

(22) *Uae qui dicitis malum bonum ISAX. Si qui dicunt malo bonus est. ALAP. ibi.*

(23) *Oh si nuissem Literas!*

(24) *Quinquenio primo optimus: post pessimus.*

(25) *qui timet Deum faciet bona. Eccles. 15.1.*

(26) *Non mihi sed populo.*

(27) *Imperatorem deceet [Stantem] mori.*

(28) *quaerens bona populo. STER. 10.9.*

para com Deus (29), e tanto que êle foi o primeiro perseguidor dos Cristãos, o que se não vira em nenhum de seus predecesores: em tal forma, que fêz, constituiu, praticou, e estabeleceu lei, que todo aquêle que confessasse ser Cristão, logo e já fôsse havido por Réu convencido de inimigo do Gênero humano, e sem que se lhe admitisse outra alguma defesa, morresse morte natural (30).

Já dêste pouco, ou dêste muito, que dissemos, se deixa entender bem, quanto Nero governou mal: e para que êste fôsse em crescimento; não só, não solicitava o bem comum, mas positivamente procurava por vários, e extraordinários caminhos a sua ruína e destruição.

Teve por recreação ver arder, a Roma (31) o mais honorífico e público Teatro de suas glórias: horríveis luminárias, que tanto escuressem o esplendor da Coroa Imperial; e muito mais quando proibiu que se apagassem (32). Tanto como isto se opunha ao bem comum, quão infamava, perseguia, e castigava aos Cristãos por públicos, e notórios inimigos do Universo. Não se contentava com ter ódio capital ao Senado: mas a todo o gênero humano tinha intensíssima aversão, e desejava destruir (33).

Sendo assim que todo o discípulo bem nascido se preza de se mostrar agradecido a seu Mestre como se mostraram Augusto César a Apolodoro: Tibério a Teodoro: Trajano a Plutarco: Cômodo a Oressicrates: Teodósio a Anatólio: Acádio a Arsênio: Alexandre a Aristóteles, e finalmente Carlos V ao Deão Antuerpente: que depois foi Sumo Pontífice: sôbre a estupenda aventura, que pelo casual magistério, conseguiu o nosso Eminentíssimo Cardeal Alpedra: por estarem certos, que a Deus, aos pais, e aos mestres nunca se satisfaz cabalmente (34); foi tão perverso Nero, que ao seu grande Mestre Sêneca, mandou acabar a vida: e por que Senhores? por traidor? por inconfidente? por crime de Lesa-Majestade? não: por vingança de uma justa correção quando Nero era menino (35): que é o mesmo que agradecer benefícios com agravos.

Em vez de dar a vida por defender sua Pátria como os Marcos, os Cúrsios, os Horácios, os Cadros e os Calitões: a mandou consumir com fogo. E o que faz mais abominável esta cruel-

(29) *non sibi, sed Deo et omnium mortalium comodis uiuebat. Offit.*

(30) *eris Rex gloriosissimus, si alii intellegant te multi [per] ditari in populorum comoda. 70.*

(31) *Urbem Roman incendit.*

(32) *restingui uetat.*

(33) *Senatum capitaliter oderat: ALAP. Orbis interitum optat.*

(34) *Diis parentibus et magistris nunquam satis.*

(35) *Praeceptorem Senecam ob correctionem in pueritia necat.*

dade é o gôzo, o prazer, e o contentamento, com que alegria viu arder e consumir por espaço de seis dias: **patriam laetus incendio sex dierum abssumit** em que o venceu quem disse:

Vereis da Pátria amor, mas não movido  
de prêmio vil mais alto, quase eterno:  
que não é prêmio vil ser conhecido  
por um pregão do ninho meu Paterno. (36)

E não satisfeito Nero com tôda esta crueldade executada, com os Pais, com os Mestres, e com a Pátria: a todo um Senado: a tôda Roma, e a todo o Gênero humano quisera com um só pescoço, para mais suavemente o degolar de um golpe: sem reparar que devia defender a República como a si mesmo (37); já que não tinha valor para morrer pelo bem comum: e porisso indigno de reinar (38): e se talvez bom para vassalo, mal para príncipe: **inter principes pessimus**: e porque êle mesmo confessou seu mau procedimento quando desesperado fugia a meter-se em uma cova **dedecorose uixi, turpiter percam**, (39) não me acho com valor para desdorar esta oração dizendo do mau que é bom: isso só se diz de quem zela o bem comum; no que se mostra que governa bem (40): em contraposição de Nero, que imperou mal, e tão mal que não lhe escapou nem Agripina, que antepusera o seu Império à sua vida **occidat dum regnet**.

Do que temos dito se infere que do Excelentíssimo César, que como Vice-Rei nos governa, se pode dizer à bôca cheia: **bene regis**: bom e excelentemente governa sua Excelência: e a razão de seus acertos é: porque sôbre ser tão pio, e tão amante da religião cristã, que em contraposição de Nero é insigne benfeitor dos que se convertem a nossa Santa Fé Católica, dando-lhe adjutório competente, e vestindo-os de ricas galas nos dias em que despindo-se do homem velho com a estola da graça se vestem de Jesus Cristo: e com grande ventura de um recém-convertido, e batizado tresanteontem: já vimos se dignou ser tanto seu Patrono como padrinho, recebendo-o da fonte batismal: e com mais lustre que Alexandre: porque se dêste se conta que a um soldado, que tendo o seu nome, tinha viciosos costumes, lhe disse: que uma de duas: ou mudasse os costumes, ou o nome: por parecer àquele Príncipe que era disforme indecência, ter o seu bom nome, quem tivesse, má vida; mais fêz Sua Ex-

(36) Canto 10.

(37) **dilige rempublicam [sicut] te ipsum**. FERN., Dial.

(38) **Regno dignus, nisi regnasset**.

(39) SEVER. SULP. Lib. 2, Histor.

(40) **Reges in ipsos, imperium est Iouis**. HORAT. lib. 3.º, ode 1.

celência em reverência, abono, estimação, aprêço, e crédito da Religião Cristã: porque, como viu que aquêlê infiel, inda que até ali havia vivido tão mal, como todos que estão fora do grêmio da Santa Igreja, contudo, já Catecúmeno, estava resoluto a melhorar de vida, e fazer-se cristão: o achou Sua Excelência digno de seus cognomes: e porisso lhe deu boa parte dêles: ordenando-lhe, que se chamasse, como desde seu batismo, se chama Fernando de Meneses: e quando parecia diminuir Sua Excelência o seu nome, então o engrandeceu tanto que se fêz digníssimo de dizermos dêle:

**Mensuram nominis imple** (41)

e o nôvo convertido com tanta dita se habilitou para dêle se dizer: feliz homem: venturoso peregrino: cujo contratempo lhe granjeou tanta bonança: e cuja arribada se encaminhou à cidade da Bahia, e a salvamento por vocação de São Salvador: logrando não só o pôsto da Bahia, mas a boa estréia: ou estrêla que o guia ao pôrto de salvação: conseguindo já desde agora por prendas todos os mais bens que consigo trouxe aquêlê grande bem da sua felicíssima conversão (42).

E além outrossim da prudência, piedade, clemência, e mais virtudes áurea, douta, e sãbiamente ponderadas, pelos senhores Oradores nas conferências precedentes: e nas seguintes terão sem dúvida seu lugar, pois, sempre vem à bôca o que abunda no coração: quem não vê que dotou Deus a Sua Excelência, de muitas e muitas louváveis prerrogativas bem contrárias aos erros, defeitos, vícios abomináveis, e insolências que assaz mancharam a púrpura de Nero!

Agora havia eu de principiar a oração pois não é fácil calar o que com edificação se vê, e ouve (43): e não tem aqui lugar o pôr mão na bôca: mas já que o tempo não permite falar em cada uma das suas muitas excelências em particular; falarei só no bem que governa; procurando grandemente o bem comum: e o farei sem sair da Academia.

Interpelou Sua Excelência César esta autorizada e nobilíssima Academia, e consultando a emprêsa, tenho por sem dúvida que cada um dos consultores, fazendo juízo das muitas, e lustras utilidades conducentes ao bem comum que resultam das juntas, e congressos de varões sábios, percorrendo doutamente sôbre vários e altos assuntos: em muitas, e diferentes matérias responderia com discreta, e bem merecida aprovação: **bona res**

(41) OVID.

(42) **Venerunt aut mihi omnia bona pariter cum illa.**

(43) **Quae uidimus et audiuimus non possumus non loqui.**



est quam uis facere (44) alto pensamento: discreta, boa e importantíssima emprêsa: digo isto, porque com o meu fraco entender, me tem parecido bem uisum est mihi bonum (45): e com efeito conseguiu Sua Excelência, que nesta áurea sala dêste Régio Palácio, a que estão contíguos os Tribunais Inferiores, e Superiores se congregassem como em Atenas os Platões, e os Aristóteles, ou como Sete Colunas da Casa da Sabedoria: ou como os Sete Sábios da Grécia, que tanto a esclareceram. E ficou vendo a Bahia que se um Vice-Rei é viva, e expressa Imagem do seu Soberano: pois que Sua Majestade, que Deus Guarde foi servido criar a sua Real Academia; pedia a razão, que a sua Imagem se conformasse com o Exemplar **ego os Regis obseruo** (46): e que a imitação daquela Academia, houvesse esta em tudo subordinada àquela: nem pareça arroga a si Sua Excelência o poder erigir, e criar Academias, regalia dos Príncipes Soberanos, a fim de se não introduzirem erros e doutrinas opostas aos dogmas de nossa santa fé Católica; porque bem se deixa ver a diferença que vai das Academias particulares, às gerais, e porisso chamados Universidades a de Coimbra, e Évora e Goa.

E que outra utilidade moveu a [Sua] Excelência na introdução desta sua Academia, senão a pública! E com razão: porque, se bem se adverte, não para só em lícito, e honesto divertimento, e entretenimento suave, mas passa a utilidade universal.

São os Príncipes as bases em que estribam as utilidades públicas (47) dos Príncipes zelosos do bem comum é muito própria a lição dos anais, e principados antecedentes inda nas horas do descanso, se lhes falta o sono (48), como sabemos de Asuero: e a essa conta se animam os vassallos a empreender e efetuar ações, e emprêsas heróicas, na consideração de que, como hão de ficar escritas, alguma vez as passará o seu Monarca pelos olhos, ou lhe entrarão pelos ouvidos; e se moverão a premiar os serviços feitos a Coroa, como apesar de Amão honrou rêgiamente Asuero a Mardoqueu. Enfim que o Príncipe para obrar prudencialmente em benefício, e utilidade pública, há de procurar pelos anais ter notícia do passado: para resolução dos casos ocorrentes, com

---

(44) Deut. 1. 15

(45) Eccles. 5. 17

(46) Eccles. 8. 2

(47) Princeps est basis Reipublicae.

(48) Noctem illam duxit Rex in somnem, iussetque sibi afferri historias et annales prior temporum. Ester, 6º quae cum illo presente uentum est ad illum [Leum], sibi scriptum erat quomodo nunciasset Mardocheus insideas — Ster — quid pro hac fide honoris ac praemii Mardocheus consecutus est? STER.

cautela para o futuro, e é o que muito recomendava Isócrates, como refere Estobeu (49). E desta lembrança, além de se animarem os súditos com a bem fundada esperança de galardão, que apontamos: uma das resultâncias utilíssimas aos sucessores, é: não passarem êstes os têrmos postos por seus antecessores, quando governavam (50) recomendação que se acha no cap. 22 dos **Provérbios**: chamando aos antigos antecessores Pais: **Patres tui**: e tomando agora as palavras: **Patres tui**, com menos largueza, antes no sentido mais apertado e rigoroso: e ajuntando-lhe a Antífona das primeiras vésperas desta Dominga, ao Cântico do **Magnificat**: **obserua fili praecepta patris tuis**, assaz tem o nosso atual César que imitar naquele sempre memorável César, seu meritíssimo antepassado, e Esclarecido Pai, o Senhor Luís César de Meneses, em quem, tanto em seus felicíssimos governos do Rio de Janeiro, Angola, e Bahia, como fora dêles, sem dúvida resplandeceram com o grande zêlo do bem comum, a inata mansidão, a clemência: a benignidade, a liberalidade, a severidade a gravidade, a constância, a lealdade, a prudência, o esforço, e a religião; mostrando querer competir (melhor dissera exceder) na Religião, com Numa; no esforço com Cipião: na prudência com S. Fábio; na lealdade com Régulo: na constância, com Fábio; na gravidade, com Catão: na severidade com Torquato: na liberalidade, com Alexandre: na benignidade, com Tito: na clemência, com Teodoro: e na mansidão finalmente, ou com Moisés (51), ou com Davi (52), e porisso digníssimo de ser imitado dos sucessores; dos estranhos, como meritíssimo antepassado; e de Sua Excelência, como Esclarecido Pai: dizendo o Brasil de cada um dos dois: do Pai e do filho, que confundindo o govêrno de Nero: governou, e governa bem.

E que melhor meio para terem os príncipes, e os que governam estas tão importantes notícias, e utilíssimas memórias (53), que muito contribuem para o bem comum, que o exercício louvável desta Esclarecida Academia, e sua diligentíssima história, tomada, a maior e principal parte, ou na fonte, ou mais perto dela; que promoveu seu digníssimo Protetor; benemérito por êste arbitrio, e egrégio intento, da fama, e glória, que parece se lhe adjudicou pelo nosso Poeta Lusitano (54).

---

(49) *Isocrates dicebat: uirum frugi ac prudentem, debere praeteritorum meminisses agere praesentia, futura Cauere* ТНОВ. Serm. 1.

(50) *Metrans grediaris terminos, quos possuerunt patres [...]* Prov. 22.

(51) *Moises uir mitissimus.*

(52) *Memento Domine Dauid, et omnis mansuetudinis es?* SaIm. 131,1.

(53) *Scies magnorum uirorum memoriam, non minus quam praesentiam, esse utilem* S [...], Epis. 103.

(54) *Elegia prim.<sup>a</sup>.*

Bem merecia [César] fama, e glória  
 quem dava rigor contra o esquecimento  
 que enterra, em si qualquer antiga história.

E se rende tanta glória, ao Protetor que mande escrever; que glória não resultará aos Senhores Mestres Acadêmicos que a escrevem? Digo que, se não fôr igual à do Protetor, de que falou o mesmo Poeta (55).

Pois se a trôco de Carlos Rei de França ou de César que-reis igual memória não pode deixar de ser grande e muito grande: como o é o trabalho da escritura. Bem sabemos que a história se não continua: sem muito grande trabalho: mas que obra grande não custou muito trabalho a seus Autores! Não se sabe muito bem que o homem que é homem nasceu para trabalhar (56). Os trabalhos (57) não foram sempre inseparáveis companheiros das Letras (57-A)?

Não disse o Mestre de Nero, que a maior e melhor parte da idade se devia empregar em utilidade da República (58)? pois; alto aquela glória, que se segue: e esta obrigação, que nos empenhe sejam os maiores estímulos para a diligentíssima continuação da história, cujo principio está prometendo gloriosíssimo fim: nem haja remora que retardar possa tão ligeiras como agudas penas (59): não o receio de que alguma parte da história ache contradição: porque a bastar êste encontro: não haveria pena que se não embotasse: porque no sentir de São Clemente Alexandrino (60) não há escritura tão feliz, e tão venturosa que não ache contradição: e dita a prudência que se não haja de recear, o que a todos costuma acontecer. O que importa muito é, que nestes encontros quando sucedam, se pratiquem a doutrina de São Paulo n'in contentione porque o que mais que tudo se deseja é a paz tão amada dos Romanos e Atenienses, que a tinham por Deusa: e nós ainda que sabemos, que o não é: não ignoramos ser tão poderosa, que por meio da concórdia, pode unir coisas contrárias, e consequentemente conciliar tão bem as opiniões, que de duas faça uma: *ipse est pax nostra qui facit utraque unum* disse o mesmo Apóstolo falando do Príncipe da

(55) Can. 13.

(56) *Homo nascitur ad laborem, Iob.*

(57) *Qui adit scientiam aditet laborem. Eccl. 1,18.*

(57-A) *Labores sunt sapientiae comites. Nisi.*

(58) *Maior pars aetatis, [...], reipublica data sit, SENECA, De Breuitate uitae, Cap. 18.*

(59) *Lingua mea calamus scribae uelociter scribentis. Salm.*

(60) *Nulam existimo lucubrationem, seu scriptionem adeo feliciter, et fortunate procedere, ut nulus ei contradicat. S. Clem. Alex.º.*

paz: e não vi eu coisa mais oposta à paz, do que a porfia, debate, ou contenda **pacis inimica contentio**.

Bem podem dois entendimentos grandes sentir diversamente da mesma matéria (61); e contudo haverem-se tão bem, que ambos fiquem bem, e muito bem (62). Já se há uma ponta de espírito como havia em eminente grau, em Crisóstomo: em Epifânio, em Jerônimo, e em Augusto, tudo se conclua em bela paz. Vejamo-lo em Augusto, a quem a Santa Igreja começou a festejar esta tarde: (e por seus escritos o hei de louvar amanhã) se para a glória de Deus, e honra do santo, também para nossa doutrina, e exemplo. Costumava êste Doutor exímio enviar a S. Jerônimo cada um dos livros, que acabava de compor, pedindo-lhe sincera, e ingênuamente lhe descobrisse os erros, que nêles achasse: acrescentando, que se daria por prejudicado, se achando erros, lhos não descobrisse (63).

De maneira, que o dano, e prejuízo não estava em descobrir Jerônimo a Augusto o seu erro: estava sim em que no caso em que houvesse erro da parte de Augusto, lho não descobrisse Jerônimo.

Hajam-se pois assim os nosso Sapientíssimos Mestres, e diligentíssimos historiadores: se outra coisa não ditar a prudência pelas circunstâncias do lugar, tempo, e ocasião, descubram-se uns aos outros os erros que ponderados com muita circunspeção (sic), a tôdas as luzes forem intoleráveis erros: pois o que se pretende é a verdade dos sucessos quando fôr possível: mas o que com muita reverência peço em louvor do Doutor Egrégio, que tinha por beneficio não se calarem os erros, achados nos seus escritos, é: que o modo dêstes descobrimentos seja mais doce que o mel (64). De São Bernardo lemos que teve boa mão para compor controvérsias (65): não duvido que lhe dê Deus esta graça por sua muita virtude; mas bem pudera ser que lha concedesse por ser o seu modo brando, amoroso, suave, e melífluo (66).

Êste o melhor jeito de advertirem erros os historiadores ao seu colega: e nada menos suave deve ser a aceitação do advertido: se quer tranqüilizar o seu ânimo; estime mais o ser sábio.

(61) **Unus quisque suo sensu abundet.**

(62) **Nec uolo uiuitur uno.**

(63) **Laedes me si mihi tacueris errorem meum, quem forte in ueneris in factis in dictis meis.** Ag. ad HYER. 12 et 15.

(64) **Mel et lac sub lingua eius.**

(65) **Decor componendis controuertiis.** Lect. 6, Offit.

(66) **quidquid cum mori temperat [...] salubre es [...] HYER.**

que parecê-lo: e lembre-se, que os verdadeiros sábios, não se dedignam de ouvir, e aprender dos sábios (67).

E concluindo êste ponto para a consolação dos escritores: digo que o historiador, que narra o caso, conformando-se com o que referem muitos Autores, sobrado fundamento tem para haver por bom, e acertado o que disse: pois isso mesmo disseram, e aprovaram muitos: e o escritor que afirma o que disseram poucos. Haja por apologia oferecida desde agora em sua defesa o que disseram Justiniano, e Pio Segundo: os quais afirmam que não poucas vêzes que a sabedoria de um, inda de inferior nota é melhor, que o parecer de muitos e desta sorte se poderá dizer de cada um dos Escritores, o que do Angélico Doutor um dos Patronos Celestiais desta Academia se diz: **bene scripsesti** assim como de Sua Excelência que mandou escrever dizemos para confusão de Nero que governa bem (68).

Passando dos Senhores Historiadores, aos Senhores Presidentes futuros, me parece dizer, que não pode ter lugar escusa alguma sua, que não fôr de enfermidade: não a de insuficiência alegando falta de talento (69): porque inda que tôda a suficiência seja mais de Deus, e não fruto da nossa diligência como se fêz hoje público na epístola desta Dominga (70). Contudo estou certo, que não será aceito, o que por testemunho da fama não estiver reputado por apto (71), e deve então convencer-se a si mesmo dizendo (72): **Cur me posse nessem; posse quod ille putat.**

Esquecendo-se por então daquele santo conselho digno de freqüente lembrança: que em abono e louvor nosso: cremos menos ao conceito alheio: que ao conhecimento próprio: quanto mais que se o eleito quiser falar verdade pode muito bem dizer (73).

Não me falta na vida honesto estudo  
com longa experiência misturado:  
nem engenho que aqui vereis presente:  
coisas, que juntas se acham raramente.

---

(67) **Studiens, sapiens, sapientior erit. Prov. 1. Sapientes non ambiunt haberi, sed esse sapientes; idcirco libenter alios audiunt imo consulunt. ALAPID.**

(68) **bene regis.**

(69) **Excedit uires meas: excedit facultatem eloquentiae meae. D. AUG.**

(70) **Non quod sufficientes simus cogitare aliquid a nobis quasi ex nobis: sed suf<sup>a</sup> nostra ex Deo est. Ad Corint. 3.**

(71) [...] **noscitur quisquis teste fama [...] datur. CASIOD. Lib. 9, Var.**

(72) **Plus aliis de te quam tu tibi credere noli.**

(73) **Can. 154.**

Não também a escusa de ocupados: pois estão vendo que com serem não só cotidianas, mas bastantemente contínuas as minhas ocupações: aceitei prontissimamente esta honra: nem me escusara bem por ocupado: pois bem assim como em outro tempo viu o Mundo aos Cunhas, aos Cardosos, aos Casiodoros Cancelários, aos Soares, aos Gamas e Barbosas ajuntarem às suas ocupações a de escreverem: assim agora estamos vendo aos Senhores Doutôres Cunha Cardoso, Brito Chanceler, Soares Gama e Barbosa ajuntarem às suas muitas ocupações as suas Acadêmicas escrituras: e menos é presidir, e orar uma tarde, que escrever e compor todos os dias, com muita parte das noites.

Não finalmente a escusa do serviço da Igreja, porque inda que êste deve preferir a todo o temporal (74), contudo as preferências não induzem exclusões, inda que dêem primazias: e o mesmo Divino Mestre em dizer que busquemos em primeiro lugar o Reino do Céu (75), é visto permitir, que em segundo lugar nos possamos empregar em serviço dos Reinos da Terra: maiormente na matéria supra, pois o mesmo filho de Deus com mui santa política tem já aconselhado que demos a Deus o que é de Deus, e a César o que é de César (76): e parece ser muito do agrado de Deus (77) tudo o que (como as Academias) se ordena ao bem comum (78). E se o **Eclesiástico** fór tal qual deve ser, depois de orar a Deus no Templo pelos homens; bem pode vir orar aqui aos homens com o fim de dar glória a Deus, que em tudo tem lugar: *omnia in gloriam Dei facite*. Ó se eu fôra bom Eclesiástico, como é certo, que inda orando aqui pouco, dissera muito: *sit eius quasi copia dicendi, forma uiuendi* diz São Gregório; mas como a minha vida discorda do meu estado; porisso orando muito, disse pouco: inda que me pareça mostrei que Agripina resolveu mal: que o govêrno de Nero foi péssimo, e que sua Excelência governa bem (79): e porque eu também acabe bem: concluirei esta Oração assaz grandemente dilatada com esta outra oração assaz breve (80): *oro ut quod bene agis bene perficias*.

(74) *Humanis, diuino praeponere*. Ferd. Dial. ad Regiol. comitem.

(75) *Quaerite primum regnum Dei, et iustitiam eius* [...] 6, D. HYERON.

(76) *Redige g.º quae sunt Caesaris Caesari et quae sunt Dei Deo*. MATH. 22, 20.

(77) *Attendo tibi, et doctrinae ad Te. Attendite uobis et uniuerso iugi*.

(78) *delege rempublicam sunt te ipsum*. Ferd. Dial. Ad Reginaldum comitem.

(79) *Bene regis*.

(80) *Alap. in Epist. Ioan 3.º ad illa uerba: prospera to ingredi, et ualere n.º 3 ad Casum*.

Conferência de 27 de agosto

Ao Presidente

Em louvor do Presidente que nesta  
Conferência foi o Reverendo Provisor e Deão  
da Sé o Doutor Sebastião do Vale Pontes

Ao Presidente o Reverendo Deão Sebastião do  
Vale Pontes.

### DÉCIMA

Vosso heróico entendimento  
Consegue o ser neste dia  
Admiração da Bahia,  
E da América portento.  
A tão superior talento  
Quem pode haver que o iguale?  
O mais douto hoje se cale,  
*Porque hoje, ó facundo Pontes,*  
Descem a ser vales os montes,  
E sobe a ser monte o Vale.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

In laudem Reuerendi admodum, Praeclari nimis  
Decani, Praesidis, ac Doctoris Sebastiani Vale  
Pontes

### DISTICHOS

Cuique adamanti Musas Montes ire licebit;  
Nam pontes Vallis praebuit ista modo.  
*De Francisco Xavier de Araújo.*

In Praesidis laudem

### ALIUD

Pindum, Heliconem, Parnasum nunc linquat Apollo;  
Montibus his uallis celsior ista iacet.  
faciebat

*Franciscus Xauerius de Araújo.*

\* No ms. está datada: "Conferência de 20 de agosto, aliás de 27".

## In laudem Praesidis

## EPIGRAMMA

Si merito praeesse choris speciale Decanis,  
Musarum merito praesidet iste choro.

*De Francisco Xavier de Araújo.*

Ao muito Reverendo Deão o Senhor Doutor  
Sebastião do Vale Pontes Presidente da  
Academia.

## DÉCIMAS

1

Meu Deão muito têm lido  
nessa cadeira com glória,  
mas com justiça notória  
vós nela ficais provido:  
aceitamos o partido  
de Mestres em vossa ausência,  
porém quando alta influência  
vos chama a êsse lugar,  
todos hemos de assinar  
um têrmo de desistência.

2

Sem vós estava vacante  
esta cadeira famosa,  
com pessoa tão lustrosa,  
é sede plena, e flamante;  
que sois mais douto, e [elegante]  
confessamos reverentes,  
e com razões concludentes  
se prova por vários modos,  
que sois o Mestre de todos  
os passados Presidentes.

3

Muitos queriam passar  
ao Parnaso florescente,  
mas de Aganipe a corrente  
os faria embarçar;  
agora pode chegar  
quem vadeá-lo procura,  
porque logrando a frescura



dêste Vale ameno, etuto  
passar podendo a pé enxuto  
por essa ponte segura.

*De Francisco Pinheiro Barreto*  
Vigário da Igreja de São Pedro.

Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Sebastião  
do Vale Pontes Meritíssimo Deão da Santa Sé  
da Bahia, e Presidente desta Academia.

### DÉCIMA

Nada sei que sou menino,  
Nem ainda sei falar,  
Mas em tudo que eu calar  
Fale o meu coração fino.  
Sois Presidente o mais digno  
Que viram Parnasos montes,  
E inda que me dêem fontes  
De saber, a lá chegar,  
Vós tendes para passar  
Pôsto cá no Vale, Pontes.

*José Cardoso*  
Menino do Côro.

Ad Sapientissimum Academicum Praesidentem.

### EPIGRAMMA

*Por Antônio da Fonseca,*  
Menino do Côro da Misericórdia.

Non te Vallem, sed Pratum cum floribus ornas  
Non alienis, sed floribus ipse tuis.  
Non igitur Vallis, sed Prati nomen habebis.  
Accipe iam flores, quas tibi Flora dabit.  
Quisquis Valle sed, secum tristissima uoluit,  
Tristia ne uoluas, dulcia quaere tibi.  
Tristitiam Vallis, Nemo est qui quaerat amaram,  
Tristia sed Vallis, tu Vale, nulla tenes;  
Laetitiam potius dicam conferre per orbem  
Cum maestam Vallem desines esse, Valle;  
Discessum quoque monstrat cum Vale dicimus  
[omnes,  
Sit mihi nunc licitum dicere posse, Vale.

[*Provavelmente de Antônio Ribeiro da Costa*].

Ad eundem pelo mesmo Autor.

## DÉCIMAS

Com tão rico presidente  
De virtude, e de ciência,  
Pasma a maior eloquência,  
Desatina o mais ciente:  
Uma, e outra juntamente  
Vos fazem tão singular,  
Que, havendo de vos louvar  
De ciente, ou virtuoso,  
Me vejo assaz duvidoso  
Por qual hei de começar.

Pelo elegante, e subido  
Tão subido vos mostrais,  
Que daí subir a mais  
Com justa causa duvido:  
Nesse lugar tenho ouvido  
Infinitas descrições,  
Porém as vossas razões  
Tão doutamente sabidas,  
Deixam tôdas esquecidas  
Com pasmos, e admirações.

Porém, seu melhor saber  
É de DEUS o seu temor,  
Bastar-vos-á por louvor  
O que em vós se deixa ver:  
Quem como vós quiser ser  
Conhecido por ciente,  
Traga como vós presente  
A virtude sempre à vista,  
Que entre sábios só se alista  
Quem a DEUS é mais temente.

Não é nôvo em vós orar  
Com notória erudição,  
Porque o uso da oração  
Facilita a bem obrar:  
Assim podeis esperar  
Ter grande dita, e ventura,

Que se a tôda criatura  
 Ao Céu lhe custa chegar,  
 Vós feliz heis de passar  
 Pois tendes Ponte Segura.

[*Antônio Ribeiro da Costa*]

Em louvor do Muito Reverendo Presidente o  
 Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes,  
 digníssimo Deão da Santa Sé da Bahia,  
 Desembargador da Relação Eclesiástica, e  
 Provisor, no espiritual, e temporal dêste  
 Arcebispado.

### SONETO

É o nosso famoso Presidente  
 a menina dos olhos da Bahia,  
 porque sem controvérsia, nem porfia,  
 de todos é amado geralmente:

Na abundância do Vale, e sua enchente,  
 por sem dúvida tenho, que seria  
 da Águia a sutil pena, grossaria  
 inda quando o louvor fôsse eminente:

Como pois empreendi néscio, e atrevido  
 a louvar um Herói tão sublimado  
 que as prendas mais perfeitas logra a montes?

Se por néscio calara, não duvido  
 que por sisudo fôsse então contado,  
 não me metendo em pontos com tal pontes.

[*De Antônio Ribeiro da Costa*]

### OUTRO

Que pretendes obrar? suspende a mão;  
 não apares a pena, ouvi dizer,  
 estando preparado eu a fazer  
 um soneto ao doutíssimo Deão:

Torna a voz a dizer; êste varão  
 dificultoso é de compreender,  
 nunca dêle falar hás de saber,  
 porquanto é como vês Sebastião.

Remete-te ao silêncio, obrarás bem,  
 por ser o teu talento inferior  
 para a emprêsa que buscas, e convém:

Tomei êste conceito por melhor,  
 deixando a emprêsa ao que talento tem,  
 para lhe dar por mim digno louvor.

*De Antônio Ribeiro da Costa.*

Ao Reverendíssimo Deão o Senhor Doutor  
 Sebastião do Vale Pontes Presidente da  
 Academia.

### DÉCIMA

Se no Monte deleitoso  
 de Beócia, a fonte grava,  
 cujos cristais, quem libava  
 na Poesia era famoso.  
 Neste Vale prodigioso,  
 temos hoje mais segura  
 esta tão grande ventura;  
 Pois por Pontes de tal preço,  
 correrá com mais excesso,  
 da Cabalina, a doçura.

*Por seu Venerador Jacinto Ferreira  
 Feio de Faria.*

Reuerendo admodum Doctori Sebastiano do Vale  
 Pontes, Sedis Bahiensis Decano Emeritissimo,  
 nec non Prouisori rectissimo, pro meritis ad  
 maiora euenhendo, nunc Dignissimo huius  
 Academiae Presidi.

### EPIGRAMMA

Saepe tuo dixi perspecto nomine, Valle;  
 Congrua sunt rebus nomina saepe suis.  
 Maximus ut quondam, mensuram nominis imples:  
 Plusque tuo ingenio millibus ipse uales.

*O Padre Estêvão Ribeiro Guimarães.*

Sapientissimo Reuerendissimoque Domino Sebasto  
do Vale Pontes in Sede Bahiensi Decano  
Meritissimo

EPIGRAMMA

In laudes Sebaste, tuas mea Musa uocatur,  
Applausum meritis addere prompta tuis.  
Non ego Castaliis immersi fontibus ora,  
Nec mihi Parnasus somnia laeta dedit.  
Ludrica res, mutum in uerbis iurare Magistri;  
Seria, rimari quidquid in orbe latet.  
Et licet immensum uolitet tua fama per orbem,  
Nititur ulterius mens generosa tamen.  
Ipse Sebastus enim Musarum dulcis alumnus,  
Splendet, et in tenebris lucet, ut ipsa dies.  
Cum sim mutus ego, laudes et, frena resoluam,  
Alloquar, atque tuum nomen in astra feram.

Tuus Venerator  
*Emanuel Nunes Leal.*

Em louvor do Reverendíssimo Doutor Deão e  
Provisor da Sé Sebastião do Vale Pontes,  
Presidente da presente Academia

SONETO

Nítido o Sol ilustra o claro dia,  
com tanta arrogância de resplendores,  
floreando astros, estrelando nas flôres,  
esmaltado o globo tanto desafia.

Do Val Pontes de Diamantes se confia,  
reverberando raios com primores,  
de Júpter e Apolo tais louvores,  
catedral no Parnaso que alegria.

Corre o cristal dêste Val tão luzente,  
Sol no oriente são os raios de fronte,  
de cristal a Ponte mais eloqüente.

Pois é permante ser dêste monte,  
é rio corrente, cristalina fonte,  
tesouro de luzes, de Mar enchente.

*Do Padre Manuel Cerqueira Leal.*

Ao Reverendíssimo Deão o Senhor Desembargador  
Sebastião do Vale Pontes, Presidente da  
Academia

### DÉCIMA

Vale como os mesmos montes  
quem cabedal tanto atura,  
porque só um monte segura  
o que passa pelas pontes.  
Seguindo a ordem das fontes,  
na passagem dos cristais,  
passam vossos cabedais:  
Frutos da vossa ciência:  
que em maior correspondência  
passando, sempre tem mais.

*Por Manoel Ferreira da Luz*

Vigário do Destêrro da Cidade.

Ao Muito Reverendo Doutor Presidente o Senhor  
Deão Sebastião do Vale Pontes.

### DÉCIMA

Ressuscita a minha Musa  
já defunta há tantos dias  
para usar das Poesias  
que convosco agora usa;  
mas como um tanto confusa  
para louvar-vos está  
quer saber para que cá  
mais Musas ressusciteis  
se acaso, Vale sereis  
O Vale de Josafá.

*De Frei Avertano de Santa Maria.*

Ao Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes  
 Meritíssimo Deão da Santa Sé da Bahia, e  
 Prestantíssimo Presidente desta presente  
 Academia.

### SONETO

Para ao lume passarmos lá da glória  
 Dêste Vale de lágrimas da Terra,  
 Pôs a mente divina, que não erra  
 Dez preceitos, que são coisa notória.

Outros Ponte lhe chamam meritória  
 De dez arcos, que em si inclui e encerra;  
 Quem a passa sem quebra vence a guerra  
 Da humana vida tôda transitória.

Assim vós aqui estais, Pontes Valente,  
 Presidindo por Vales ou por montes  
 Do Parnaso Católico à torrente;

Pois de cá para aos Sacros Horizontes  
 Nos passarmos melhor, Deus ao presente  
 Vos tem pôsto no Vale tão sem Pontes.

*Luís Canelo de Noronha.*

Sapientissimo Doctori Sebastiano do Vale Pontes  
 Sedis Decano Dignissimo, et Praesidi  
 Academiae Emeritissimo.

### EPIGRAMMA

Praesul Apollinea redimitus tempora lauro  
 Vincit Apollineum (credite) uoce chorum.  
 Canonicum regit iste chorum: regit ergo canori  
 Qui nunc Parnasi numina, uictor ouet.  
 Nam qui diuini dominator Apollinis alto  
 Iure choro, et Phoebum uincere iure potest.

*Antonius de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente].

Ao Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes  
Digníssimo Deão da Sé desta cidade, e  
Emeritíssimo Presidente da Academia

### SONETO

Qual Apolo, Senhor, nos presidistes,  
Mais que Apolo porém vos sublimastes;  
Pois com vãos maiores remontastes  
Esse engenho com que tanto luzistes.

Chega Apolo a subir como subistes  
Mas não chega a lustrar como lustrastes;  
E porisso lauréis multiplicastes  
Sôbre o louro feliz que hoje adquiristes.

Mais que Apolo ocupais mais alta esfera  
Porque estais merecendo Mitra e Tiara  
Como o mundo gozoso vos espera.

E nesse verde louro eu esperava  
Que se o mundo maior prêmio tivera  
Vosso mérito grande lá chegara.

*De Antônio de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

Ao Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes  
Digníssimo Presidente da Academia

### DÉCIMAS

1

Fui-me com minha Talia  
Hoje a um vale o mais florido:  
Lá fiquei despersuadido  
De vir hoje à Academia.  
Pois vi do vale corria  
Um tal Rio de saber,  
Que me temi lá perder.  
Quando para aqui vir dar  
Do vale tão singular  
Ricas pontes vi crescer.



## 2

Aqui pôsto a salvamento  
 Vos quero Musas contar  
 Que Sebastião singular  
 É dos vales um portento.  
 Lá vi do saber o assento,  
 Lá vi das ciências as fontes.  
 Descei já Musas dos montes  
 Ide ao vale divertir,  
 Pois nos dá, para subir  
 Sebastião do Vale, Pontes.

*De Antônio de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

Ao Reverendo Doutor Presidente o Senhor Deão  
 Sebastião do Vale Pontes

## DÉCIMA

Pontes lança o Tejo, e o Douro  
 Sôbre as ondas cristalinas  
 Para do centro das Minas  
 Desentranhar montes de ouro;  
 Mas da ciência no tesouro  
 Se escusadas são as pontes,  
 Fábio, para que mais montes,  
 E esta saibas quanto vale  
 Busca o tesouro no vale  
 E acharás nêle ouro a montes.

*Por Anastácio Ayres da Penhafiel.*

Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Sebastião  
 do Vale Pontes Meritíssimo Deão da Santa Sé  
 da Bahia e Presidente desta Academia

## DÉCIMA

Subis co' mente Divina  
 A presidir no Parnaso,  
 E não subis por acaso  
 Segundo o que o nome ensina;  
 Ensina a vossa doutrina  
 Por pontes para subir,

Mas, Pontes meu, quem há de ir  
 A tão altos horizontes,  
 Se quem subir como Pontes  
 Certamente há de cair?

*Francisco Pereira*

Menino do Côro.

Em louvor do Eruditíssimo Presidente o Muito  
 Reverendo Doutor Sebastião do Vale Pontes,  
 Deão da Sé da Bahia.

### SILVA

Ameno, e grato Vale,  
 queira a vossa modéstia, que eu não cale,  
 mas antes, que na minha rude lira,  
 patenteie a fragrância que respira,  
 tanta cópia de flôres que matizam  
 as virtudes em que se simbolizam.

Permita que esta minha Silva agreste,  
 inculta, e sem o ornato que reveste  
 as mais Silvas, que nesta Academia  
 admirando-se estão em cada dia,  
 dizer possa de Vale tão florido  
 as virtudes que encerra em grau subido.

Mas antes que comece,  
 me parece que o Deus Apolo tece,  
 uma bela grinalda,  
 parecida na côr muito à esmeralda,  
 e que lá do Parnaso vem descendo,  
 com tal pressa que julgo vem correndo,  
 assistido de suas companheiras  
 as Musas, que também vêm às carreiras;  
 que a vós se chega e todo reverente,  
 a grinalda vos põe, que dignamente,  
 com superior agrado,  
 por prêmio se vos deve de contado;  
 porque afirmam as nove Irmãs contentes,  
 que a Coroa levaste aos Presidentes.

O que pôsto, assentado, e concluído,  
 vou atrás do que me enleva o sentido,  
 que a virtude das flôres mais se ostenta,

nas tais flôres em que se representa,  
cuja ativa fragrância,  
nunca pode apagar a mor distância,  
tendo em tudo igualdade,  
flôres, e virtudes, na suavidade.

Entre as flôres de tão profícuo Vale,  
se bem primeiro exale  
a nevada Açucena, côr de neve  
o casto proceder que sempre teve,  
servindo de exemplar mui jucundo  
flor, que inculca pureza [a todo] o mundo.

Não menos reverdece,  
o cravo, que de longe se conhece,  
mostrando no encarnado que o divisa,  
que tal côr claridade simboliza,  
em tal forma, que a todos,  
quisera aproveitar por vários modos.

Neste Vale em geral também aceito,  
se ostenta aquela flor, Amor-perfeito,  
cujo nome mais claro,  
nos está intimando o amor raro,  
com que a Deus extremosamente adora,  
êste varão perfeito em tôda a prova.

A Perpétua flor, que sem semelhança  
hieroglífico é da perseverança,  
neste Vale pomposa também brilha  
como flor, que é das flôres maravilha,  
segurando será no fim premiado,  
quem na virtude não tiver frouxado :

Neste Vale mais flôres se conhecem,  
nas quais várias virtudes resplandecem,  
cuja variedade à bôca cheia,  
quanto mais edifica, mais recreia,  
e parecera excesso,  
reduzi-las a número, confesso.

Ó com quanta razão vos é devido,  
outro laurel de porte mais subido,  
não como o que vos pôs o Pastor louro,  
quando vô-lo podia pôr de ouro.

E que bem sois credor meu douto Pontes,  
de louvores, e aplausos, aos montes.

Não mais já largo a pena  
 que o objeto a despenho me condena  
 em Silva atrevida  
 ninguém queiras louvar em sua vida  
 olha que o Eclesiástico to impede,  
 vai-te, e destes Senhores te despede.

*Do Licenciado Jorge da Silva Pires.*

Ao muito Reverendo Deão o Senhor Sebastião do  
 Vale Pontes, presidindo na presente Academia,  
 havendo o Reverendo Cônego o Senhor  
 Antônio Roiz Lima orado na antecedente.

### SONETO

Para entoar os cantos mais sonoros  
 Este Museu em délfica harmonia,  
 Dois Cisnes deu a Sé à Academia  
 Valendo cada um por muitos Coros.  
 Porém, um Cisne, outro Águia ambos canoros  
 Têm sido companheiros na porfia,  
 O Cisne já deu vozes no seu dia,  
 A Águia sempre apura os seus decoros.  
 O Cisne já bebeu na clara Fonte,  
 A Águia sem jamais ter quem a iguale  
 Domina o Rio em dilatada Ponte.  
 Fazem que Apolo no Parnaso cale,  
 O Cisne lhe cantou naquele Monte,  
 Mas a Águia o registra neste Vale.

O Acadêmico Vago  
*Sebastião da Rocha Pita.*

Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Sebastião do  
 Vale Pontes Meritíssimo Deão da Santa Sé da  
 Bahia e Presidente desta Academia.

### DÉCIMA

Duas vêzes doutamente  
 Sois ao lugar preferido,  
 Lá Presidente em cabido,  
 Cá cabido em Presidente:

Eleição foi reverente  
 Do Parnaso Americano,  
 Que pode ostentar-se ufano  
 De Presidente tão digno,  
 Sábiamente no Divino,  
 Divinamente no Humano.

*Clemente de Sousa*

Menino do Côro.

Reuerendissimo, et Sapientissimo Domino  
 Sebastiano do Vale Pontes Cathedralis  
 Bahiensis Decano Meritissimo, Dignissimo,  
 Colendissimo, Ecclesiastici Senatus Areopagitae  
 Doctissimo, Aequissimo, Prudentissimo ad  
 maiora, meritis nato, ad maxima, uotis  
 praestolato; Patrono suo dilectissimo Praeclarae  
 Academiae, et Canonicorum Collegiis  
 Praeclarissimo, et Pergratissimo

*Praeposito*

*Pater Iosephus Moreira Teles.*

*D.O.&.C.*

### HOC ELOGIUM

In omnium praesentiarum dicturus  
 Grauius ascendisti rostra Doctissime  
 Sed rostro Linguae argutissimo,  
 — Ceu Phoenix — riuos eloquentiae  
 In medium dulciter cantando  
 Protulisti.

Quos attingere, nec labris delibare  
 Ad summum primoribus, nemini  
 Vsque adhuc obtigit; nec antiquitas  
 Simili pro alio in orando orabit,  
 Quem unum, et unicum te amplius  
 Laudasset.

Odoriferos eiicis arbore (1) flores,  
 Queis similes numquam tulit Tullius  
 Nec naso tetigit audiori

(1) No texto: "abore".

Cum in antiquis flore floreret  
Eloquentiae, ac in omnibus unus  
Emineret.

Haud ex uano nomen non negarem  
Tibi tuum fuisse assignatum;  
Quippe qui nunc Sebastianus uocaris,  
Gloriosus rectius, (interpretationis uirtute) (1)  
Iure equidem per omnes hodie  
Nuncupaberis.

Quae te felix in lucem terra dedit?  
Quae tam odoriferum peperit florem;  
Ex quo mel fieret solito dulcius?  
Hyblane, aut Hymettus erit  
Felix patria, die, melli fluens  
Orator?

Bahia patria est; o omnibus Bahiam  
Feliciorum! nam si usque adhuc infelix  
Fuisti terra propter maleficia,  
Huius beneficiis, ac natalibus tangis  
Astra, astris clarior sole tuo  
Exoriente.

Qui animos claritate, ac dulcedine  
Attractos allicit (qualis Orpheus  
Cythera canorus) omnium mentes  
Et oculos ad te conuertes, in te  
Politioris facultatem eloquentiae  
Admirantes.

Nil — reprehensibile —, sed irreprehensibile,  
Nil uituperabile, sed inuituperabile,  
In te inueniunt; ad unguem  
Absque dubio homo factus crederis,  
Quouis alio, actionibus, et habitu  
Modestior.

Viue felix, et in laude meliori  
Supra admirationem meliora sapientiae  
Specimina tuae nobis exhibe;  
Te facito in dies dulciorum;  
Omnes luce clariori Academicos  
Illuminados.

---

(1) Lê-se ao lado "Ita interpretato in historia Lombarbeatus, et gloriosus  
Argyrensis." Tomo 4.

Ao Eruditíssimo Deão Elegantíssimo Doutor e  
Reverendíssimo Senhor Sebastião Vale Pontes  
em louvor da sua sutilíssima oração.

### SONETO

As mais famosas águas prateadas,  
Da cabalina fonte se enturbaram,  
Tôdas flôres de Chipre se secaram,  
Por serem dêste vale inestimadas.

Valem pois neste vale, as decantadas  
Obras que nas sutis flautas soaram  
Que as das sonora Cítara enjeitaram  
As irmãs, que de Apolo são dotadas;

E assim já no bom sentir se ordena,  
Que a pátria das Aônias êsse vale  
Tenham por incrementos ilustrada;

Pois, só dêste, o clarim da fama fale,  
Que aplausos do Parnaso se condena,  
Porque, fica essa côrte conquistada.

*Do Alferes João Soares da Veiga.*

Ao Prestantíssimo Herói, Preclaríssimo Varão,  
Integérrimo Desembargador, e Reverendíssimo  
Senhor Sebastião do Vale Pontes, em louvor  
da Oração que fêz na presente Academia.

### SONETO

Quando Apolo se viu tão sublimado,  
Soberbo Leão Altivo, e Soberano,  
Ficou bem abatido por seu dano,  
Vendo-vos hoje assim mais exaltado.

Com estar de seu trono derrubado,  
Conhecendo seu fado; e grande engano,  
Que lha guardava estado tão ufano,  
Quis ser mais aplaudido, e gloriado;

E assim porque a glória dêste dia,  
 Vos conceda maior eternidade,  
 Não vos dá sem louvor a Monarquia;

Antes pois aplaudindo a adversidade,  
 Que a fortuna lhe faz em tirania,  
 Por tributo vos rende a Majestade.

*Do Alferes João Soares da Veiga.*

Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Sebastião  
 do Vale Pontes Meritíssimo Deão da Santa Sé  
 da Bahia e Presidente desta academia.

### DÉCIMA

Ah que agora meu Deão  
 Sou menino! se eu crescer,  
 Ver-me-eis versos fazer  
 Para vos louvar então;  
 Assuntos não faltarão,  
 Segundo o cuido comigo;  
 E se ser homem consigo  
 Vosso louvor cantarei;  
 E porque ainda não, sei  
 Um Vale, Pontes vos digo.

*André Vicente*

Menino do Côro.

Conferência de 27 de agôsto

### Primeiro Assunto

Foi o primeiro assunto Agripina, que  
 dizendo-se-lhe que seu filho Nero a havia de  
 matar, se chegasse a ser Imperador, respondeu  
 que o fôsse, ainda que depois a matasse

Ao primeiro assunto

### SONETO

Essa nobre matrona, que impelida  
 De um generoso amor, fêz a memória  
 Do seu ilustre nome tão notória,  
 Quanto no mundo todo esclarecida,



Os golpes não temeu do matricida  
 (Exemplo digno de imortal história)  
 Antes ambicionou do filho a glória  
 Dando por preço dela a própria vida.

Agripina, que a vida assim despreza,  
 Segura as adoções da eternidade  
 Nesta de amor materno alta fineza

Que é duas vêzes mãe nos persuade;  
 Porque lhe dá no sangue a natureza,  
 E com sangue lhe compra a majestade.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

## Ao Assunto Heróico

### EPIGRAMMA

Agrippina grauis conceptum uentre Neronem  
 Sustinet, et uates consulit atque Deos.  
 Quod regnaret, aiunt, gnatus si prodit in auras,  
 Postea quod Matris conteret ipse caput.  
 Ipsa parit partus completo mense Neronem,  
 Qui crescens, regnat morteque truncat eam.  
 Hic tandem uatum uoces complentur, et extant  
 Tam dirus gnatus, quam generosa parens.

*Do Licenciado João Machado  
 Barcelos.*

## Ao assunto heróico

### SONETO

Dos Vates mais peritos, e excelentes  
 solícita Agripina cuidadosa,  
 se potestade há de ter imperiosa  
 sôbre as Águias o filho reverentes;

Os Vates lhe respondem concernentes  
 em eco triste, em frase lastimosa,  
 que se o filho reinar, morte espantosa  
 lhe há de dar com assombro dos viventes.

Não desmaia da Mãe o peito forte,  
 para afrouxar do amor a valentia,  
 da vida a perda, e o rigor da morte;

Antes com nunca vista galhardia,  
 porque ao filho se apressa mais a sorte,  
 nos desejos a morte desafia.

*De Francisco Pinheiro Barreto*

Vigário da Igreja de São Pedro.

## Ao primeiro Assunto

### SONETO

É de razão, que fique eternizado,  
 e indelével o nome de Agripina;  
 pois sabendo da morte mais ferina,  
 a quis; por ver o filho entronizado.

Não sei qual outro amor agigantado,  
 ou qual, que com ação mais heroína,  
 não procure livrar-se da ruína;  
 quando a sorte lha tem determinado.

E se alcança troféus o amor vencendo,  
 e ao amor, que é mais fino vence a sorte,  
 que ficaremos dêste hoje entendendo?

Senão, que com valor inda mais forte,  
 não teme esta morte; pois querendo,  
 por querer, vencer soube a mesma morte.

*Por Manoel de Mesquita Cardoso.*

## Ao primeiro assunto Acadêmico.

### SONETO

Na cegueira do amor quem bem cuidara,  
 desenganos tirara cada dia,  
 pois de amor é cruel antipatia  
 com que a todos cegar-nos não repara:

Se Agripina tanto a Nero não amara,  
 sabendo que êste a morte lhe daria,  
 com ser filho, a fortuna estorvaria,  
 ao Império que aspira não chegara:

Mas amor, que perigos sempre gosta,  
 crueldades estima por favores,  
 quando mais arriscado então mais fino;

Assim amante Agripina, assim disposta,  
só por ver satisfeitos os seus amôres,  
já de um Nero não teme o desatino.

[*Manuel de Mesquita Cardoso*]

À fineza de Agripina que dizendo-se-lhe se o filho  
imperasse a havia matar, (sic) disse que fôsse  
Imperador ainda que a matasse.

### SONÊTO

Resulta de um heróico amor constante,  
foi que Agripina a morte desprezasse  
para que o filho seu Nero imperasse;  
mas a de Alcestes foi mais relevante.

Vendo que o espôso Admeto agonizante,  
viver podia só se se matasse  
quem com rara fineza mais o amasse,  
matou-se ela, porque era a mais amante.

Agripina imperando o filho Nero,  
participe ficava da grandeza,  
e era mais ambição, que amor sincero.

Alcestes pôs o amor em mor alteza,  
pois entregando a vida ao golpe fero,  
côa morte acreditou logo a fineza.

*De Hierônimo Roiz de Crasto.*

Ao primeiro Assunto

### SONÊTO

Ambiciosa Agripina do respeito  
que havia de lograr se o filho Nero  
se chegasse a imperar, inda que fero,  
a morte desejou para seu peito.

Mas o filho cruel, não satisfeito  
dêste excessivo amor, foi tão austero,  
que rompeu, ostentando-se severo,  
o vínculo de Mãe, tão doce, e estreito.

Mas oh! que por influxo soberano,  
 contra si maquinou tal tirania,  
 quando entendeu ficava mais ufano;

Porque se morta a Mãe, então vivia  
 pelo excesso de amar êste tirano,  
 êle, morte ao seu nome, conseguia.

*Por Jacinto Ferreira Feio de Faria.*

Pertence à Academia passada.

Ao Heróico assunto, dizendo-se a Agripina que se  
 imperasse seu filho Nero a havia de matar,  
 aceitou a morte a trôco do seu império.

### SONETO

Do filho mais cruel, a mãe mais digna,  
 Por que impere feliz, a morte aceita;  
 Que se a impulsos do afeto se sujeita  
 A tibiezas do susto não se inclina.

Morra mil vêzes, diz, morra Agripina,  
 (Passe embora a evidência o que é suspeita)  
 Que se em Nero a Coroa se respeita,  
 A estátuas a fineza me destina.

Defunta sim, mas não desalentada,  
 Pois quando amante mãe lhe dei a vida,  
 Menos que nêle em mim vivo animada;

Impere pois, impere matricida,  
 Que se em Nero, tirano sepultada,  
 Fico em Nero meu filho renascida.

Do Acadêmico Obsequioso.

*[Gonçalo Soares da Franca]*

Ao primeiro

### SONETO

Como Agripina, como assim Matrona,  
 a morte buscas, a vida desprezando?  
 não sabes que do império tendo o mando,  
 grande perigo Nero te ocasiona?

Como o sossêgo teu não abandona  
o destino, que está vaticinando,  
que despójo da Parca hás de ser, quando  
Nero imperar, fortíssima Belona?

Reine meu filho, amante, e destemida,  
responde com valor, e peito forte,  
inda que ingrato seja matricida;

Sou mãe de Nero, e pois o quer a sorte,  
eu para Imperador lhe dei a vida,  
goze do trono; e dê-me logo a morte.

Do Ocupado.

[*Luís de Siqueira da Gama*]

Ao primeiro assunto

## SONETO

Fala Agripina

Empunhe Nero o cetro generoso,  
Que a prevenções da Sorte anime ufano,  
Índa que oposto aos créditos de humano,  
me estrague a vida a golpes rigoroso;

Ocupe o Sólido augusto, e majestoso,  
que a glórias lhe dispute o Soberano;  
bem que depois a impulsos de tirano,  
a riscos me antecipe o lastimoso;

Pois mais estimo ver que ao régio assento,  
preside altivo a sustos da vanglória,  
que quanto informo a vida grato alento:

Oh bárbara ambição da humana glória  
que a vida menos preza um fim violento,  
só por custar ao tempo uma memória!

*João de Barbosa e Lima.*

Dizendo-se a Agripina que se Nero seu filho chegasse a imperar lhe houvera tirar a vida; respondeu que fôsse Imperador ainda que a matasse.

### SONETO

Tanto Agripina ao bravo Nero adora;  
Que porque a toga vista, não repara  
Na morte, que o tirano lhe prepara,  
Que já vaticinada não ignora.

Foi prêmio uma maldade a mais traidora  
Da fineza da Mãe, única, e rara;  
Mas se tão fino amor não o ostentara,  
Menos tirano, êste tirano fôra,

A fineza da Mãe, que o mal despreza  
E do filho cruel a antipatia  
Deram ambos assombro a natureza.

Por extremo um, e outro se avalia,  
Em Agripina, da maior fineza,  
Em Nero, da mais ímpia tirania.

[*João de Brito e Lima*]

Ao [próprio] assunto pelos mesmos consoantes

### SONETO

Como mãe Agripina a Nero adora  
Na fortuna de Nero só repara,  
Não na morte que infausta lhe prepara  
Êste ímpio monstro, que a piedade ignora.

Sim foi mais que tirana, ação traidora  
Quanto no amor da Mãe esta ação rara  
E não sei que mais bravo se o ostentara  
Se sua Mãe seu mor contrário fôra.

O ser de humano nesta ação despreza  
Sendo em sua cruel antipatia  
Escândalo fatal da natureza.

Por grande esta impiedade se avalia:  
 Mais quando a vista da maior fineza  
 Se não julgou por grande a tirania?

[Do mesmo Autor]

Ao próprio assunto

### SONETO

Sabe Agripina, que imperando Nero  
 De Atropos sentiria o duro corte,  
 E preza mais do filho a feliz sorte,  
 Que do seu vaticínio, o fim severo.

Mas não foi sem razão, sim considero  
 Justiça em Nero, esta crueldade forte,  
 Sendo a satisfação da sua morte  
 Dar a vida a êste monstro horrendo, e fero.

Desejava Agripina o régio aumento  
 De Nero, que qual víbora homicida  
 Da sua morte foi vil instrumento.

Teve esta culpa a pena merecida:  
 Que Agripina por ter tal pensamento  
 (Sem mais causa) era bem perdesse a vida.

[Do mesmo Autor]

Ao próprio assunto

### SONETO

Cega Agripina pálida discorre  
 Quando em seu vaticínio considera  
 Ansiosa morre porque Nero impera;  
 E porque Nero impere ansiosa morre.

Da cegonha se diz, que aos Pais socorre  
 Quando a idade decrépita os altera:  
 Esta cruel Harpia, a mãe, que a gera  
 De romper-lhe as entranhas se não corre.

Fêz de Nero a malévola impiedade  
 O que a víbora faz, rompendo o peito  
 Da mãe, pela vital necessidade.

Foi uma ação da cara vida efeito,  
 Foi outra ação impulso da crueldade  
 Vencendo o ódio ao maternal respeito.

Do Acadêmico Infeliz  
*João de Brito e Lima.*

### Primeiro assunto

A Agripina aceitando antes a morte que o  
 deixar de imperar seu filho Nero.

#### SONETO

Por soberano impulso, imperou Nero,  
 precisada Agripina a cruel morte,  
 que aceitou dando a vida pela sorte  
 de um filho Imperador, ainda que fero.

Deu a morte, à mãe, o Imperador severo,  
 seguiu feliz a mãe o melhor Norte,  
 deixando a vida débil, pela sorte  
 que em tôda a eternidade lhe venero

Que indigna a ação do filho, por tirana,  
 quanto digna a da mãe para a memória,  
 uma pasmo do amor, outra inumana!

Cada uma assombrosa, para a história,  
 porque só morre quem a fé profana;  
 e quem morre por fé, vive por glória.

*Por Manoel Ferreira da Luz*  
 Vigário do Destêrro da Cidade.

Agripina dizendo-se-lhe, que se seu filho Nero  
 chegasse a imperar, seria matricida, respondeu,  
 que fôsse Imperador, inda que depois a  
 matasse.

#### SONETO

Avisada Agripina, que de Nero  
 No supremo poder teria a morte,  
 Que a um ânimo cruel benigna sorte  
 Até contra o seu sangue faz severo.



Maripôsa da honra com sincero,  
 Quando não cego amor, responde forte:  
 Do seu rigor não temo o duro corte,  
 Que mais que a vida, Imperador o quero.

Oh! alcance eu a glória apetecida,  
 De que consiga Nero tal vitória,  
 E depois seja embora matricida.

Que fará suave a morte esta memória,  
 Se é que pode dizer que perde a vida,  
 Quem do desejo seu consegue a glória.

*De André de Figueiredo Mascarenhas.*

Agripina dizendo-se-lhe, que se seu filho Nero chegasse a imperar, seria matricida, respondeu que fôsse Imperador, inda que depois a matasse.

### SONETO

De sacros vaticínios com efeito  
 Prevenida Agripina, que em seu dano  
 A Nero só veria soberano,  
 Que a crueldade a nada tem respeito.

Com razão varonil, e forte peito  
 Responde, que não teme desumano  
 Imperador a Nero, se tirano  
 De filho desmentia já o conceito.

Como capaz de cometer previa  
 Que era Nero de matricida a culpa,  
 O rigor ao mando atribuir queria.

Porque conheça o Mundo quando o culpa,  
 Que se o acusa filho a tirania,  
 O cetro a execução talvez desculpa.

*De João de Figueiredo Mascarenhas.*

Ad Agripinam, quae, facta certior, si forte Nero eius filius imperasset, eam utique morte afficeret, prorupit in has uoces: "Imperet, et si mihi postea mortem inferat".

### EPIGRAMMA

Imperet, et moriar; genetrix ait alma Neronis,  
 Gloria quippe ingens parta Labore uenit.  
 Velle mori est, Mater, propriam tibi uelle ruinam,  
 Viuere saepe iuuat, cur petis ipsa mori?  
 O quam nolle tuum melius, quam uelle, fuisset!  
 Nolle tuum facit uiuere, uelle mori.  
 Sed morere, o Mater; post mortem glorias namque  
 Quae bene semper amat, debet amore mori.

*Luís Canelo de Noronha.*

### VI PERIT

### EMBLEMA

Agrippina Deos (cum iam prope partus adesset)  
 Consuluit praegnans, quid paritura foret!  
 Crudelem Romae ductorem fata Neronem  
 Dicunt, qui Matri duceret ense necem.  
 Laetitiam Agrippina capit; nam uipera possit  
 Dici, quae Mater uera Neronis erit.  
 Vipera dat natos funesta uenena uomentes,  
 Agrippina simul uiua uenena parit.  
 Vi parit, atque perit crudeli uipera; amoris  
 Ista autem dulci ui perit, atque parit.

*Antonius de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

Sabe Agripina que se Nero seu filho fôsse  
 Imperador, a havia matar, e fica contente.

### SONETO

Sabe a nobre Agripina certamente,  
 Que se Nero imperasse, a mataria:  
 É podendo-o fazer, o não desvia  
 De chegar a reinar tão cruelmente.

Antes tem por brasão muito excelente  
 Experimentar do filho a tirania;  
 Porque assim todo o mundo entenderia  
 Ser seu sublime amor o mais potente.

Assim quer que governe o filho amado;  
 Porque quando lhe fôr fero homicida  
 Possa amante dizer-lhe desta sorte:

Tanto estimo deixar-te nesse estado,  
 Que para o possuíres com mais vida  
 Nova vida te dou com minha morte.

*De Antônio de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

Ao 1.<sup>o</sup> assunto

### SONETO

Quis fazer um soneto, nunca pude  
 É o por que perguntando logo a Clio  
 Respondeu: porque muito desconfio  
 Dêsse assunto assim Deus me dê saúde.

Pois, Senhora lhe digo, com que grude  
 Soldarei esta capa hoje ao meu brio  
 Para que do papel possa ela ao frio  
 Resistir quando o tempo se não mude?

Diz-me a Musa: o receio me destina  
 A suspender o parto adonde espero  
 Evitar hoje um dano, e uma ruína.

Porém não saia a Luz, reine pois quero  
 Ser por ti, filho meu, como Agripina  
 Se o Soneto é tirano como Nero.

*Por Anastácio Ayres de Penhafiel.*

Ao Assunto Heróico da Academia

### SONETO

Agripina inumana, o teu pecado,  
 o teu proceder tão licencioso,  
 mereceu ter tal fim, tão horroroso,  
 execrando, cruel, e desgraçado.

Mas como não vivia a tal estado,  
o ventre, que êsse abôrto monstruoso,  
gerou para verdugo, e lastimoso  
complemento do fim prognosticado.

Quando por tua indústria o torpe Nero,  
a púrpura logrou, com traça indigna,  
certa fôstes de golpe tão severo:

Porém tu tão soberba, quão ferina,  
proferiste com modo duro e fero,  
chegue Nero a imperar morra Agripina.

*Pelo Licenciado Jorge da Silva Pires.*

Agripina que prognosticando-lhe um Astrólogo, que se Nero imperasse havia de tirar-lhe a vida, respondeu que fôsse Imperador ainda que a matasse, Assunto heróico da presente Academia.

### SONETO

Nobre Agripina, Mãe desvanecida  
Que por veres a Nero intronizado  
Queres verter o sangue mais prezado,  
Sem recear a morte tão temida.

Êsse tirano filho Matricida,  
Em teu dano, a teu gôsto coroadado  
Há de ver como a Víbora rasgado  
O ventre adonde recebeu a vida.

Na sua elevação, teu precipício  
O Astrólogo fatal viu com verdade  
Oposta a ingratição ao benefício,

Mas sendo em glória tua esta impiedade,  
Tu deste à honra a vida em sacrificio,  
Ele ao ódio em Troféu a crueldade.

*O Acadêmico Vago Sebastião  
da Rocha Pita.*

## Primeiro assunto

Agripina dizendo-se-lhe, que se seu filho Nero imperasse a havia de matar respondeu fôsse êle Imperador ainda que depois a matasse.

## SONETO

Conhecendo Agripina, que inumano  
O filho há de tirar-lhe ingrato a vida,  
Não repara em que seja matricida,  
Só por vê-lo no Império Soberano.

Impiedade fatal! Fatal engano!  
Pois chega a pretender desvanecida,  
Só por ver-se no filho engrandecida,  
Que o filho se envileça de tirano:

Mas logre Nero a mor Soberania:  
E Agripina em castigo da vaidade  
Morra a mãos da nefanda tirania;

Para que nessa atroz fatalidade  
(Já que igual ambição nos dois se via)  
Castigue uma maldade outra maldade.

*João Alveres Soares.*

## Ad primum Argumentum

## EPIGRAMMA

Si tuus, o Mater, regnandam acceperit Vrbem  
Claudius, in uitam saeuiet ille tuam;  
His Agrippinam monitis praecauerat augur  
Nuntius, et tristi gaudia uoce premit...  
Non tamen ingemuit grauis Heroína: parentem  
Interimat, Romam dum moderetur, ait.  
O bene Romulidum scribi uox regia fastis  
Debuit, et sera posteritate legi:  
Artis at hic multum: gnato cupit illa secures,  
Rursus ut in Matrem transferat ille sua...

*[Sem indicação de Autor]*

## Ad primum argumentum

## ELOGIUM

Huc adeste, quotquot estis puerperae,  
 Et quae pulchro gaudetis Matrum nomine,  
 Discite a Matre, quid Matrem deceat.  
 Iulia Agripina, illustris Femina  
     Virilem uos animum edocebit,  
     Amoremque in filios singularem.  
 Frustra se prolem suam, fausto sub sidere,  
     In lucem edidisse crediderat,  
 Eam nisi in Summo Romae fastigio  
     Conspicuum daret.  
 Filii dignitati ita consuluit,  
 Vt quem lacte prius educarat in cunis  
 Suo postea sanguine enutriuerit in solio.  
     Eius mater bis extitit;  
     Vel cum natum Orbi primum dederit,  
     Vel cum Vrbi reddidit Imperatorem.  
     Mortem sibi toties ominatam,  
     Si filius unquam regnaret, non expauit;  
     Prolis suae honores  
 Auidius, etiam e tumulo, auditura.  
 Huius neu sine diademate caput  
     Aspiceret,  
 Suum Letho deuouere non abnuit:  
     Parum se fecisse dicitans,  
     Quod uitam infanti dederat,  
     Ni etiam amitteret pro ipsius imperio.  
     Optat, ut ipse in solium ascendat,  
     Quamuis certo sciat,  
 Lethali in se uulnere aliquando descensurum:  
 Parata caedem subire, ut regnum subiret;  
     Eo nempe consilio,  
     Vt honores ei pareret, quem genuerat.  
     Nobilius redditura filii imperium,  
     Quo regnum ab inuidia  
     Vindicaret,  
     Materno sanguine haereditarium fecit.  
     Regnare cum ipsa non posset,  
     Regnauit in filio.  
     Huius nobilitatem suam fecit,  
     Cum et ipsi coronam emerit, ac regnum.  
     Domus Agrippinae decus auctura

Regio sanguine,  
 Intrepida uulnera adamauit.  
 Non alio certe facinore  
 Famam suam ad posteros transtulit,  
 Quam cum regnum ad filium  
 Transtulerit.

[*Sem indicação do Autor*].

Conferência de 27 de agosto

Segundo assunto

Foi o segundo assunto um delfim salvando e  
 conduzindo às costas um naufragante até à  
 praia

Ao segundo assunto

### EPIGRAMMA

Confertur casos noster cum casu Ionae  
 [Prophetae.]

Fluctuagum delphin portans ad litora tendit,  
 Litus et in ceto naufragus alter adit.  
 Forte rogas, fautor quisnam praestantior extet,  
 Anne ferens dorso, num uero uentre ferens?  
 Turpem quis dubitet cetum magis esse uoracem?  
 Delphinumque magis quis neget esse pium?  
 Delphinus misero, cetus sibi prouidet ipsi,  
 Delphin portat onus, cetus at illud edit.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao Assunto lírico

### EPIGRAMMA

Salsa furunt, nunc ima patent, nunc alta sepulcra:  
 Illa nauim mergunt: his tumulatus homo.  
 Incolumem fert hunc hominum Delphinus amator;  
 Vndaque cui tumulus, litora nunc thalamus.

*De Francisco Xavier de Araújo.*

## Ao Assunto lírico

## EPIGRAMMA

Delphin qui dorso saluum portauit Arion,  
 Tum bonus et blandus, tum generosus erat.  
 Hic sed enim portans Lysium qui naufragat undis  
 Incolumem; clemens, mitis et, atque pius.  
 Nan quo sonus, laetus citharae si commouet illum,  
 Commouet hunc gemitus, lugubris atque sonus.

*Do Licenciado João Machado  
 Barcelos.*

## Ao Assunto Lírico

## SONETO

A instância fatal da sorte dura  
 a morte Lísio em cristais bebia,  
 bramava o vento, o mesmo Mar gemia,  
 não sei se de furor, se de ternura;

Para atalhar tamanha desventura,  
 um ligeiro Delfim corre a porfia,  
 e vencendo do Mar a valentia,  
 põe a Lísio na praia mais segura.

Entre os peixes, de Rei logra a grandeza  
 o Delfim generoso, sem vaidade,  
 para guardar os timbres da nobreza;

Que inda aos Brutos que gozam Majestade,  
 se os priva da razão a natureza,  
 não lhes tira os impulsos da piedade.

*De Francisco Pinheiro Barreto  
 Vigário da Igreja de São Pedro.*

## Ao segundo Assunto

## SONETO

Homem feliz notável naufragante,  
 que para teu amparo achaste a sorte  
 no Delfim que livrando-te da morte  
 quis, como racional, mostrar-se amante.



Que professor da lei, mais observante,  
expediria ação de maior porte;  
sem sobrenatural impulso, e forte  
para poder julgar-se tão constante!

E se tu ó Delfim! sem ter preceito,  
novas regras nos deste à caridade,  
todo o orbe, ao teu nome, seja estreito;

Porque é justo, que a mesma eternidade  
logres, com tal vantagem de conceito,  
que além transcenda, da imortalidade.

*Por Manoel de Mesquita Cardoso.*

## Ao segundo assunto lírico

### SONETO

Gregório, olha que se não me engano  
Um vulto estou na barra divisando?  
É baleia senhor, que está bufando?  
Baleia; salvo estou cego, ou insano.

Perderei tôda a renda de um ano,  
Se tal baleia fôr: já flutuando  
A terra, a tôda a pressa vem buscando  
Por fugir dos perigos do Oceano.

Ah, Senhor, assim é (caso estupendo)  
Que um Delfim, quem tal crera, compassivo  
Traz nas costas um náufrago, estou vendo:

Na praia salvo o lança: Ó Deus altivo!  
Gregório de tal ver estou tremendo,  
Pois se engolfa e o deixa semi-vivo.

*De Manoel Correia, Meirinho do Mar.*

## Ao segundo assunto

### SONETO

Confusão de homem seja, e seja espanto,  
que um Delfim que fêz bruto a natureza,  
por em praxe se veja tal fineza,  
por exemplo nos deixe excesso tanto:

Entre as ondas soberbas labutando  
afogar-se sabia com destreza  
um mancebo gentil, mas com presteza  
um Delfim, que a livrá-lo viu chegando:

Animoso o mancebo, e compassivo,  
o bruto se chega; como sentindo  
do pobre Narciso a infausta sorte;

A seus ombros o toma semivivo  
por livrá-lo das ondas, ou da morte,  
de seguro Batel lhe foi servindo.

[*Antônio Ribeiro da Costa*]

## Assunto

Um naufragante às costas de um Delfim, que  
cortando os mares, o pôs em terra.

### DÉCIMA

Com a esperança perdida  
ia o nosso naufragante,  
temendo que a cada instante  
acabasse a triste vida:  
nesta ânsia, e pena crescida  
de que sente tanto abalo,  
um Delfim neste intervalo  
o carrega, e traz ligeiro:  
no Mar, se viu cavaleiro,  
em Terra está de cavalo.

*De Antônio Ribeiro da Costa.*

## Ao segundo Assunto

### SONETO

Se foi assombro a robustez de Atlante;  
por sustentar o pêso, que podia:  
excelsa estimação, maior valia  
merece a do Delfim, que a do Gigante;

Porque se êste, soberbo, e arrogante  
os ombros sujeitou, também gemia;  
mas o Delfim, com rara valentia  
à praia, ileso, trouxe o Naufragante.

E se deram assunto, a tanta história  
os Heitores, os Numas, e os Armidos,  
êste viva no Templo da memória.

Tenha acento, e aplausos repetidos;  
pois soube contender, cantar vitória,  
deixando os mais, prostrados, e vencidos.

*Por Jacinto Ferreira Feio de Faria.*

Um Delfim que conduziu à praia um naufragante.

### SONÉTO

A um tempo mesmo o gôlfo transparente,  
náufrago nadador, Delfim amante,  
com lamentos sulcava agonizante,  
dividia impiedades diligente.

Animado baixel, lenho vivente,  
compassivo socorre ao naufragante;  
e do dorso formando quilha ovante  
corta o mar, rema o vento, a praia o sente.

O Náufrago fui eu; oh pena forte!  
que, perdido nas ondas de um encanto,  
segui dos olhos teus, Lísida, o norte.

Mas tanto infeliz mais em gôlfo tanto,  
que sem ter de um favor a breve sorte,  
jamais pôrto tomei no mar de um pranto.

Do Obsequioso

[*Gonçalo Soares da Franca*]

[Assinatura com letra diferente]

Ao segundo assunto

### SONÉTO

Do Salso argento a fúria contrastando  
que a sopros lhe aumentava o vento errante,  
veloz Delfim se viu, quem um Naufragante  
salvava d'entre as ondas soçobrando;

Por conduzi-lo à praia forcejando  
 (imposto ao dorso) a máquina arrogante  
 cortava audaz do pélagos inconstante,  
 seu vasto espaço intrépido sulcando;

Rompia enfim dêsse úmido elemento  
 (por dar-lhe vida) o gôlfo Cristalino,  
 que a sustos lhe embargava o doce alento;

Pois sempre encontra um mísero destino  
 Se Mar, que oprime com furor violento  
 Delfim, que ampare a créditos benigno.

*De João de Barbosa Lima.*

Um Delfim conduzindo sôbre as espaldas um  
 naufragante [vivo ao] pôrto

### SILVA

Por páramos de neve discorria  
 Lisardo, que de Célia se partia,  
 acrescentando (com saudosas mágoas)  
 fúrias aos ventos, ímpetos às águas.  
 Porque lançavam, com velozes giros,  
 águas os olhos, ventos os suspiros.  
 Quando súbitamente  
 Netuno esgrime o tímido tridente.

Falemos culto um pouco (ó Musa amada,  
 que hoje a frase vulgar é motejada,  
 e por néscio se julga a que mais cala,  
 ou quem por geringonças já não fala,  
 afastando-se indoutos do Conselho  
 de poucos ignorado, por tão velho:  
 Forremos locuções de esfola-gato  
 fala como teu pai que é mais barato.

Do fio me arredei da minha história,  
 mas se a minha memória  
 como de homem não tem escorregado,  
 cuidado tinha ficado:  
 quando súbitamente  
 Netuno esgrime o tímido tridente.  
 E prossequindo o náutico perigo  
 dêste mancebo enamorado: digo.  
 Que o bravo Eolo com tirana fúria,

Dando aos ares afronta, ao mar injúria,  
 Pisava de tal sorte o salso argento,  
 que o facho apagar quis do firmamento.  
 Pondo-se do nevado cristal fino,  
 sôbre um monte, outro monte cristalino:  
 Subindo o gado de Proteu tão alto,  
 que ao sério deu de Pisces sobressalto,  
 por se entender, que em confusões tão feras  
 se vinculasse o Gôlfo, coas esferas.  
 E que trocasse o cândido elemento  
 seus peixes, pelos do alto firmamento.  
 [limpa] Netuno as úmidas alcovas  
 [lhes] varria com nitidas escôvas.  
 E do salitre os peixes salpicados  
 diz, que ficaram (quem os viu) salgados.

Nem os Numes cederam por seguros  
 vendo-se combater seus altos muros,  
 (nas fúrias com que Eolo se desata)  
 com bombas de safir, balas de prata;  
 entendendo, que em montes de diamantes,  
 se haviam convertido outros Gigantes,  
 maquinando esta bélica conquista,  
 para levar o Céu a escala vista.

De Lisardo o baixel sem pano corre,  
 sulcando em cada onda, uma alta tórre;  
 tanto subindo, que acender aspira  
 seus pequenos faróis, na solar pira;  
 e já, descendo em triste paroxismo  
 no caos tocava do Tártaro abismo.  
 Bradava o Palinuro com voz rija  
 amaina, amaina, ferra, ferra, alija,  
 e o dano prevenindo com destreza,  
 o apito fere a vaga redondeza,  
 mandando, (antes que o vento as leve rôtas)  
 ferrar as velas, dissolver escotas.  
 E em tanta confusão, em tanto apêrto  
 era o maior acêrto desacêrto.  
 Mas Eolo soprando desumano  
 aos ares deu em átomos o pano;  
 do baixel tresladando pelos ares  
 em artilhas as árvores aos mares;  
 sendo isso o menos, porque em fúrias tantas  
 dos montes arrancara as duras plantas,  
 não se dando naqueles horizontes,  
 por seguros os mais seguros montes.

Baldada enfim a náutica ciência,  
do mar exposto à rápida inclemência;  
foi o baixel no frígido elemento  
despójo de Nereu, troféu do Vento;  
e qual se fôra em chamas consumido,  
em átomos ficou tão dividido,  
que nenhum foi [capaz] em seus estragos,  
para valer aos miseros naufragos.  
Formando nos seus últimos extremos  
dos desmaiados braços, fracos remos  
qualquer já sem a mínima esperança  
se entrega à morte, quando ao mar se lança.  
Em cuja infausta sorte  
era o temor da morte, a sua morte.  
Até que Tetes lhe oferece grata  
cemitério de neve, urnas de prata,  
bem que a muitos nos úteros ativos  
(dos mortos) deram sepultura os vivos.

Só a sorte a Lisardo favorece,  
que pôsto pela barba água lhe desce,  
(qual se fôra Orion) as suas vozes  
com movimentos acudiu velozes  
um Delfim (a seus males oportuno)  
as safiras quebrando de Netuno.  
Admirado ficou vendo a Lisardo  
por ser tão infeliz, como galhardo,  
que até para os favores da ventura  
é grande valedora a formosura.  
E servindo-lhe a vida de atalaia  
(de quem a morte já pisava a raia)  
por montes de esmeraldas  
nas escamosas, e úmidas espaldas,  
vivo baixel com ligeirezas sumas  
o conduziu, por páramos de escumas  
ao duvidoso, e desejado pôrto  
da admiração, mais que do risco morto.

As mãos pondo no Céu, na terra a bôca  
o infeliz Lisardo, a areia toca:  
Se infeliz se chama, quem alcança  
sem esperança, o lôgro da esperança.

Aos favores de um bruto compassivo  
deve o chegar Lisardo às praias vivo,  
e pode ser se um racional topara

suas brancas areias não tocara,  
 que muitas vêzes se acha mais num bruto  
 da piedadade o magnânimo atributo;  
 como em casos se vêem que não repito  
 porque não [sou difuso] solícito.

Enfim com mais ventura às praias chega  
 Que [Leandro] infeliz quando se entrega  
 ao transparente Gôlfo de diamante  
 tão desgraçado, como fino amante.  
 Que se a dita lograra de Lisardo  
 de achar (como êste) outro Delfim galhardo,  
 transgredindo-se as leis do fado fero,  
 fôra menos infausto o fim de Hero.

*Do Acadêmico Infeliz João de  
 Brito e Lima.*

Um Delfim conduzindo vivo um Naufragante ao  
 pôrto

### ROMANCE JOCO-SÉRIO

Grande dita teve Aurélio  
 que entre as cerúlias borrascas  
 (trocado em segundo Jonas)  
 chega às marítimas raias.

Conduzido de um Delfim  
 (não sei se vindo de França)  
 que eu nego, pois de piedosa  
 tinha muito esta alimária.

A braços lutou coa morte,  
 que como naquelas ânsias  
 não pôde guardar a roupa  
 nadava com pouca gala.

Homem de bem o Delfim,  
 que era nesta ação mostrava,  
 que como ao tempo de figos  
 o das penas se compara.

Tão difícil como a Tênis  
 hoje um amigo se acha,  
 que socorra a um submergido  
 na tormenta das desgraças.

Ao pôrto conduz a Aurélio  
o Delfim sôbre as espaldas,  
por desgraçado, pudera  
(como alguns usam) virar-lhas.

Que suposto como nobre  
se houve o Delfim, desta casta  
alguns há, que aos infelizes  
também lhes viram as caras.

Foi no Delfim generosa  
ação esta voluntária,  
sem que o mérito de Aurélio  
o impelisse a executá-la.

Assim ficou mais airoso,  
porque se se faz a graça,  
remunerando a fineza,  
não é benefício, é paga.

Dê graças a Deus Aurélio;  
pois aflito em penas tantas,  
achou (sem merecimentos)  
quem inda às costas o traga.

Tudo pende da fortuna,  
ou consiste na desgraça,  
que o mérito importa pouco  
a quem a fortuna falta.

Compassivo, e valoroso  
mostrou, nesta ação bizarra,  
que era um Príncipe o Delfim  
sem ser o Delfim de França.

E se o favor não fizera  
êsse nome não lograra,  
que só quando faz favores  
seu nome a Príncipe exalta.

Inda que nadando Aurélio  
muito a Glauco avantajara,  
sem o favor do Delfim  
quanto nadasse era nada.

E para chegar ao pôrto  
(nafragando em suas ânsias)  
por estas barbas lhe juro  
lhe desce água pela barba.

De Leandro imitador  
acabaria entre as águas,  
donde em vivos monumentos  
seu corpo se sepultara.



Se fôsse Aurélio poeta  
dêstes a que o vulgo chama  
de água doce, ficaria  
poeta de água salgada.

E se em versos compusera  
esta infeliz jornada,  
o sal não lhe faltaria,  
quando lhe faltasse a graça.

Não há de aos mares meter-se  
outra vez, pois desta escapa,  
porque para duas vêzes  
esta burla é mais pesada.

Antes me dizem, que jura  
há de ter por esta causa,  
tanto mêdo da água fria  
como o gato que se escalda.

Porque o ver-se de mergulho  
entre as águas salitradas,  
lhe pôs o sal na moleira  
como o antigo rifão canta.

E tanto ao sal aborrece  
depois que o bebeu nas águas,  
que se deseja em Galiza  
pelo pouco que se gasta.

*Do Acadêmico Infeliz João de  
Brito e Lima.*

## Segundo assunto

Um Delfim, que livrou um naufragante dos  
mares.

### SONETO

No horror de tantas ondas, submergido,  
no abismo, dêsses mares, sepultado,  
quem jamais escapou, quando arriscado;  
quem da morte deixou de ser rendido:

Só tu homem dos Céus favorecido  
para ser nas histórias celebrado  
por milagre do tempo agigantado;  
por estrago de todo o sucedido.

Que êsse Delfim que achaste com piedade,  
puderas no seu signo conhecê-la,  
que é eficaz, na maior benignidade :

Para chegar, de todo, a entendê-la,  
julgando, em fôrça de Astro, a claridade,  
porque de Piscis era a tua estrêla.

*Por Manoel Ferreira da Luz Vigário  
do Destêrro da Cidade.*

Ao Segundo Assunto do Delfim etc.

### DÉCIMAS

Certo Reverendo afeta  
Ser Poeta de mão cheia  
Como que se a sua veia  
Fôra veia de Poeta :  
Os meus versos mos rejeita  
Cruel sempre, e desumano,  
Mas por vida de Avertano.  
Que hemos de andar ao revés,  
Verseje êle em Português  
Que eu versejo em Castelhana.

Delfin de un triste se duele  
Un pes llamado Delfin  
que a él al tintirinin  
llega porque le consuele :  
y como salvarle suele,  
Delfin, dijo, usted se vaya  
Porque delfin no desmaya  
quien burla del fin, si tiene  
un Delfin que le sustiene  
hasta ponerle en la playa.

*De Frei Avertano de Santa Maria.*

Um Delfim carregando um homem, e vencendo as  
ondas pelo conduzir à praia.

### SONETO

Ditoso Naufragante, que atropela  
As iras de Netuno desumano  
Às costas de um Delfim, que sem engano  
O põe livre na praia com cautela.

Se êste Delfim não foi da parentela  
Do que ao triste Arian livrou do dano,  
Será dêsse que o gôlfo viu Baiano  
Jogando com Simão seu sentinela.

Nunca a praia tivera Massaricos  
Êste par de Delfins se Ceico achara,  
Ou Leandro entre sopros tão inícuos.

Mas é de amantes pobres tão avara  
A sorte, que sòmente ampara aos ricos,  
Que até a duas amarras naufragara.

*De André de Figueiredo Mascarenhas.*

Um Delfim carregando a um naufragante, e  
vencendo as ondas para o conduzir à praia.

### DÉCIMA

Por livrar um naufragante  
Do naufrágio, em que periga  
Vence um Delfim com fadiga  
Êsse elemento inconstante:  
Sôbre às costas navegante  
Dá-lhe em terra liberdade,  
Mostrando com novidade,  
Contra a humana ingratição,  
Que donde falta a razão,  
Sobra talvez a piedade.

*De João de Figueiredo Mascarenhas.*

A um Delfim carregando a um navegante  
 naufragado, e vencendo as ondas para o  
 conduzir à praia

### IDIÍLIO

Alcanças, naufragante,  
 Arion por ventura ser segundo  
 Nas ondas equitante,  
 E correr nesse campo tão profundo  
 Cavaleiro Delfim, ou peixe humano,  
 Que as ondas corta, e vence o Oceano?

Alcanças finalmente  
 Ser baixel animado nesses mares,  
 Ou ser da Argos valente  
 Delfino Tifis, que cortando os ares  
 Por montes dêsse gôlfo cristalino,  
 Em salvar-te achas outro velocino?

Mas já que foi ventura  
 Ser no Mar um feliz flutivagante,  
 Na Terra se se apura  
 Um Nercu representas triunfante,  
 E no Céu por Delfim, ou por estrêla,  
 Nove estrêlas terás a qual mais bela.

Se amor recíprocado  
 Faz de dois um suposto na vontade,  
 Tu todo adelfinado,  
 O Delfim todo humano em claridade,  
 Metamorfoses são neste troféu  
 Pelo Mar, cá na Terra, e lá no Céu.

*Luís Canelo de Noronha.*

A um Delfim que carregava a um navegante  
 naufragado, e que vencia as ondas, para o  
 conduzir à praia

### MADRIGAL

A Ave está no ar com desafôgo,  
 Na Água o Peixe, a Salamandra em fogo,  
 E o Homem, em cujo ser tudo se encerra  
 Assiste cá na Terra:  
 O Delfim Homem, o Peixe navegante,

Dos elementos todos já triunfante,  
 Vence o ar, água rompe, o fogo corta,  
 Passa a terra, e quando mais lhe importa  
 Fixando-se no Céu ardente frágua  
 Transcende a terra, o ar, o fogo, a água.

*Luís Canelo de Noronha.*

Caiu um Navegante ao mar e um Delfim o carregou  
 e levou à terra

### SONETO

Um Anjo singular no parecer  
 Foi um dia contente a navegar;  
 Quando o vejo (que dor!) cair ao mar,  
 É quase ali ficar para morrer.

Mas um belo Delfim que havia ser  
 Entre os Astros estrêla singular  
 Quis o Anjo terrestre cá salvar  
 Para lá já celeste o ir reger.

E a tão belo mancebo o bom Delfim  
 Obrigar pretendeu nesta ocasião  
 De no Céu o reger que desse o fim;

Porque vendo que andava por questão  
 Se a cada astro regia um serafim,  
 Quis obrigar ao Anjo de antemão.

*De Antônio de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

Um Delfim que carregando a um naufragante [o  
 pôs] em terra livre do perigo.

### SILVA JOCOSA

Queira Apolo valer-me  
 Pois não sei neste assunto resolver-me  
 Se o Delfim desta nossa Academia  
 De França nesta nau veio à Bahia;  
 Ou que razão houvesse  
 Para que êste assunto aqui se desse,  
 Pois os olhos botando a Itaparica

Arrecife não há, praia não fica  
 Donde havendo mais peixes do que areias  
 Não descubro Delfins senão Baleias.

Mas se quem deu o assunto leva gôsto  
 De que nade o Delfim sendo suposto,  
 Nade que eu por lhe dar gostos os pares  
 Meter-me-ei co' Delfim por êle aos mares  
 Donde pois naufragante  
 Entre mil confusões terei Atlante  
 Que em seus ombros conforme conjecturo  
 Me sustente Arian, ou Palinuro  
 Para que na tormenta livre saia  
 Do mar à terra, ao cais, ao pôrto, e a praia.

Soçobrado porém me considero  
 Pois no peixe em que aqui salvar-me espero  
 Não distando das praias mais de milha  
 Por seguro me dera sôbre a quilha  
 Dessa rota, e essa mísera barquinha  
 Pois melhor me convinha  
 Do que [vê-lo] cortar com tanta bulha  
 Êsse gôlfo em que cuido me mergulha.

Mas que remédio agora? o oportuno  
 Será agarrar-me às barbas de Netuno  
 Porque esta bêsta cavalgar receio  
 Sem peitoral, estribos, sela, e freio.

Ó se eu fôra, Senhores, qualquer creia (sic),  
 Como Jonas no ventre da Baleia,  
 Ou no caso que alguma me engulira  
 Que descansado sono não dormira  
 Na esperança de que no mesmo instante  
 Da armação me sentira ao cabrestante  
 Donde ambas os quintais desembarcara  
 Com que o Real contrato arrematara,  
 (Ó desejo, que assim me lisonjeias!)  
 Para dar liberdade a mil Baleias;  
 Mas um peixe sem trato nem contrato,  
 Peixe que ninguém viu jamais no prato;  
 Que peixe é logo êste que se entrega  
 Tanto as ondas comigo, e me carrega?

Peixe, se sepultar-me no mar gostas  
 Peixe venha que aqui te faça em postas  
 Com que enchas se a vida me dissipas  
 Três tonéis, seis barris, e quatro pipas.  
 Pois darás nisso gôsto a muita gente,  
 E no caso que escapes ao tridente

- De Netuno, e êle deixe de fisgar-te  
 Nunca faltar-te pode um espadarte  
 Que se empenhe em vingar-me  
 Quando queiras cruel a morte dar-me.
- Mas ó como Delfim me desalenta  
 Ver que só prognostiques a tormenta,  
 E jamais por alento da esperança  
 Vaticines sequer uma bonança!
- Mas, coração, alento porque a guerra  
 Se suspende que o peixe encalha em terra  
 Donde ambos possamos à Memória  
 Contar contra Netuno esta vitória,  
 Porque assim Deus me valha  
 Como é bom contar sempre da batalha.
- No País me recreio e em terra salto  
 Livre já dêste forte sobressalto;  
 Ó ter mão, que uma Aldeia  
 Desce o monte supondo ser Baleia  
 O Delfim desgraçado  
 Que de horrendos Tapuios é buscado,  
 Porém eu o defendo, e lhes resisto,  
 Meus amigos, o peixe nunca visto  
 De vós outros, qualquer em vão o ofende  
 Quando a minha lealdade é que o defende,  
 É se bárbaros sois, de razão uso  
 Tende agora, e perdei o falso abuso  
 Com que nos vossos ritos, e quimeras  
 Vos fazeis mais cruéis que as mesmas feras.
- Êste Delfim valeu-me em um naufrágio  
 E como a ingratição é um contágio  
 Que até n'alma se pega  
 Por parte dêsse triste vo-la alega  
 Meu agradecimento  
 Que vos faz o galante oferecimento  
 De uma dúzia de anzóis que fareis prestes  
 Para recuperar o que perdestes.  
 Generoso Delfim, deste-me a vida,  
 E eu ta dou, pois minha alma condoída  
 Da tua infausta sorte  
 Tem triunfado até aqui da mesma morte  
 Para que outra vez entregue aos mares  
 Dizer possas a quantos encontrares  
 Que no tempo em que tanto reina o olvido  
 Ainda achaste quem fôsse agradecido.

*Por Anastácio Ayres de Penhafiel.*

Padecendo Fileno um naufrágio, o salvou um  
Delfim, Assunto lírico da presente Academia

ROMANCE JOCO-SÉRIO

Navegando em um Baixel  
Carregado de memórias  
Busca Fileno às saudades  
O lenitivo nas ondas.

As tempestades notando  
Que em seus cuidados encontra  
Tem as tormentas do mar  
Por ilusões, ou por sombras.

Mas já náufrago na espuma  
Quando mais nela se engolfa  
Sai a salvá-lo um Delfim  
Das entranhas de uma Roca.

Com escamas de esmeralda  
Move a cauda, opõe as conchas  
Para reparar dos mares  
As baterias de aljôfar.

Do cristalino fracasso  
Tanto a livrá-lo se arroja  
Que apesar das fúrias da água  
Sôbre os seus ombros o toma.

Já vai buscando a Ribeira  
Nobre Barquinha piedosa  
Nada pompa, e tôda alentos  
Pouco vulto, e muitas fôrças.

Já põe ao Jovem em terra  
Já para os mares se torna  
Nas vozes emudecido,  
E retórico nas obras.

Tudo o que passou no fato  
De ações gentis, e forçosas  
Não expõe o Autor do Assunto  
Fazendo mui breve a história.



Mas pôsto que tão sucinto  
 andasse nesta tramóia  
 Não falta quem a acrescente  
 Pois não vicia o que sobra.

É tradição mui constante,  
 Fama pública, e notória  
 Nas Ninfas, e Pescadores  
 Das Praias, e Costas

Que Fileno agradecido  
 Ao Delfim lhe pôs por obra  
 Como a Deidade marinha  
 Um Obelisco à memória.

Mas o tempo que inclemente  
 Aos colossos não perdoa  
 Nem permitiu que do sítio  
 Se dissesse aqui foi Tróia.

Jaz ignorado o lugar,  
 Porém a ação mcritória  
 Para Assunto de Romances  
 De doze até treze Coplas.

*Do Acadêmico Vago Sebastião  
 da Rocha Pita.*

Um Delfim salvando das ondas, sôbre as suas  
 Espaldas a um homem. Assunto lírico da  
 presente Academia

### SONETO JOCOSO

Quanto o lírico Assunto desta vez  
 Nada tem de fecundo, e de eficaz  
 Delfim no Mar, que dúvida nos faz  
 É mais próprio no Mar, que no Xadrez.

Porém que homem há tão fraca Rês,  
 Que um Delfim de o suster seja capaz  
 Pô-lo em salvo na terra, para atrás  
 Seguro que o não faço, nem das dez.

Eu não acho no Assunto côr, nem luz  
Com que possa formar algum matiz  
Sequer para pintar um Avestruz.

Que muito, pois ignoro o que êle diz,  
Se o Assunto conceitos não produz,  
Que o Sonêto não valha dois seistis.

*Do Guarda da Alfândega Domingos  
Nunes Tibal. (1)*

---

(1) Provavelmente pseudônimo de SEBASTIÃO DA ROCHA PITA.

# ÍNDICE



# ÍNDICE

Págs.

## 4.ª CONFERENCIA

— Oração que leu o Padre Francisco Pinheiro Barreto na Academia Brasílica dos Esquecidos no dia 4 de junho de 1724 ....	7
[ASSUNTO] Ao Presidente que foi o Reverendo Francisco Pinheiro Barreto Vigário de São Pedro.	
— Epigramma, [José da Cunha Cardoso] .....	14
— Em obséquio do Presidente o Reverendo Doutor Francisco Pinheiro Barreto, Epigramma, Antônio Cardoso da Fonseca ....	15
— Ao mesmo Presidente, Décima joco-séria, [José da Cunha Cardoso] .....	15
— Ao Reverendíssimo Vigário, e Sapientíssimo Doutor o Padre Francisco Pinheiro em ocasião em que fez uma erudita Oração na Academia da Cidade da Bahia, Soneto, Salvador Pizze de Carvalho e Albuquerque .....	15
— Em Louvor do Muito Reverendo Presidente Doutor Francisco Pinheiro Barreto, Soneto, Antônio de Freitas do Amaral .....	16
— Reuerendo admodum Eruditíssimo Praesidi Francisco Pinheiro Barreto, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo .....	16
— Praestantíssimo Oratori, Distichon, Francisco Xavier de Araújo	17
— Doctori Eximio, Reuerendo admodum Vicario Diui Petri, nec non huius Academiae Praestantíssimo Oratori, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo .....	17
— Ao Eruditíssimo Orador Francisco Pinheiro, Décima, Francisco Xavier de Araújo .....	17
— Eximio Doctori Reuerendo admodum Patri Francisco Pinheiro Barreto, Ecclesiae Diui Petri Vicario [...], Epigramma, [Ioannes Machado Barcelos] .....	18
— Aliud, Ioannes Machado Barcelos .....	18
— Ao Ilustríssimo Reverendo Vigário o Sapientíssimo Presidente Francisco Pinheiro Barreto, Décimas, Francisco Pereira do Lago Barreto .....	18
— Ao Muito Reverendo Senhor Padre e Vigário Geral [o Licenciado] Francisco Pinheiro Barreto, Epigramma, [Manuel Martins da Encarnação] .....	19
— Ao mesmo Reverendo Senhor, Décimas, Manuel Martins da Encarnação .....	20

	Págs.
— Ao Senhor Reverendo Padre Francisco Pinheiro, Digníssimo Presidente, Sonêto, Padre Frei Pedro da Estrêla .....	21
— Ao Senhor Reverendo Padre Francisco Pinheiro, Digníssimo Presidente, Sonêto, Padre Frei Pedro da Estrêla .....	21
— Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Francisco Pinheiro Barreto Vigário de São Pedro presidindo na Academia Brasíllica, Sonêto, [Caetano de Brito Figueiredo] .....	22
— Reuerendo admodum Doctori Francisco Pinheiro Barreto, [...], Epigramma, [Padre Estêvão Ribeiro Guimarães] .....	22
— Aliud, [Padre Estêvão Ribeiro Guimarães] .....	22
— Aliud, [Padre Estêvão Ribeiro Guimarães] .....	23
— Aliud, Padre Estêvão Ribeiro Guimarães .....	23
— Ao Meritíssimo Presidente, o Doutor Francisco Pinheiro Barreto Digníssimo Vigário da Matriz de São Pedro, Oitavas, Caetano do Lago .....	23
— Auunculo suo Reuerendo admodum, ac Dignissimo Praesidi Diui Petri Parochialis Ecclesiae Rectori circa orationis thesim, Epigramma, Padre Ioseph Lopes de Araújo e Lanos .....	23
— Ao Presidente, Décima, [Padre José Lopes de Araújo e Lanos] .....	24
— Ao Presidente, Sonêto, [Padre José Lopes de Araújo e Lanos] .....	24
— Ao Eruditíssimo Presidente Francisco Pinheiro Barreto, Décima, Inácio de Araújo Lassos .....	25
— Ao Doutor Presidente, Décima, Frei Avertano de Santa Maria .....	25
— Ad Reuerendissimo admodum Doctorem, Dominum Franciscum Pinheiro Barreto, Epigramma, Luís Canelo de Noronha .....	25
— Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Francisco Pinheiro Barreto Digníssimo Vigário da Matriz de São Pedro, com a circuns-tância de orar em dia do Espírito Santo, Décima, Luís Canelo de Noronha .....	26
— Reuerendissimo Doctori Francisco Pinheiro Academiae Praesidi Emeritissimo, Epigramma, Antônio de Oliveira .....	26
— Ao Reverendíssimo Padre Vigário de São Pedro o Senhor Doutor Francisco Pinheiro Digníssimo Presidente da Academia, Sonêto, Antônio de Oliveira .....	26
— Em louvor do muito Reverendo Padre Vigário o Senhor Doutor Francisco Pinheiro, orando na nossa Academia Brasíllica, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita .....	27
— Ao Preclaríssimo Senhor Desembargador Luís de Siqueira da Gama, Sonêto, [S.I.A.] .....	28
[ASSUNTO] [Primeiro assunto]. Foi o primeiro assunto o Senhor Rei Dom João o 2.º que se gloriava de conhecer os seus vassallos.	
— Sonêto, [José da Cunha Cardoso] .....	28

## Págs.

— O Senhor Rei Dom João o 2. <sup>o</sup> que folgava-se ver os seus vassallos, Sonêto, Antônio de Freitas do Amaral .....	29
— A grande glória que o Senhor Rei Dom João o 2. <sup>o</sup> de Portugal tinha em conhecer aos seus vassallos, Romance, Antônio de Freitas do Amaral .....	29
— Ao assunto heróico, Sonêto, Francisco Xavier de Araújo .....	30
— Ao assunto heróico, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto .....	31
— A El-Rei Nosso Senhor Dom João o Segundo gloriando-se nos seus vassallos, Décima, Francisco Pereira do Lago Barreto ....	31
— Gloriar-se o Senhor Rei Dom João o Segundo de ter conhecimento dos seus vassallos, Sonêto, [Caetano de Brito Figueiredo]	32
— Em louvor do Sereníssimo Rei Dom João o 2. <sup>o</sup> da gloriosa memória do grande conhecimento, que tinha dos seus vassallos, Sonêto, [Manuel] Cerqueira Leal .....	32
— Ao Primeiro Assunto, Sonêto, João Barbosa e Lima .....	33
— Sonêto, João de Brito e Lima .....	33
— Sonêto, João de Brito e Lima .....	34
— Ao Senhor Rei Dom João o segundo, que se gloriava de conhecer os seus vassallos. Com alusão ao verso de Vergílio no Livro VI, <i>Aenea. — Solemque suum sua sydera norunt</i> , Sonêto, André de Figueiredo Mascarenhas .....	34
— Sereníssimo Lusitaniae Regi Domino Ioanni II, qui suos cognoscendo magnopere gloriabatur, Epigramma, Ioseph de Matos ...	35
— Ao Sereníssimo Rei de Portugal Dom João II que se gloriava de conhecer a seus vassallos, Décimas, José de Matos .....	35
— Ao Sereníssimo Rei Dom João o Segundo de gloriosa memória, que se alegrava em conhecer os seus vassallos, Sonêto, Luís Canelo de Noronha .....	36
— Sereníssimo Domino Ioanni Secundo Portugaliae Regi, qui uiros suos cognoscere gloriabatur, Epigramma, Antônio de Oliveira ..	36
— Ao muito Alto e Poderoso Senhor Dom João o Segundo Rei de Portugal que se alegrava de conhecer os seus vassallos, Sonêto, Antônio de Oliveira .....	37
— O quanto desejou El-Rei Dom João 2. <sup>o</sup> conhecer os seus vassallos, Sonêto, Anastácio Ayres de Penhafiel .....	37
— Gloriava-se o Senhor Rei Dom João 2. <sup>o</sup> de ver os seus vassallos, assunto heróico da nossa Academia Brasilica, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita .....	38
— Assunto Primeiro. O Senhor Rei Dom João 2. <sup>o</sup> que se gloriava de conhecer a seus vassallos, Sonêto, João Alv'res Soares .....	39
— Domino Ioanni Secundo Portugaliae Regi, qui in cognoscendo subditos suos prae omnibus gloriabatur, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa] .....	39
— Aliud eidem, Emanuel Nunes de Sousa .....	40

	Págs.
— Ao Senhor Rei Dom João Segundo que se gloriava muito de concededor de seus vassallos, Sonêto, [S.I.A.] .....	40
[ASSUNTO] Foi o segundo assunto uma hera sustentando a um álamo sêco.	
— Uma hera sustentando a um Álamo ou choupo, Romance, Salvador Pizza de Carvalho e Albuquerque .....	40
— Uma hera enlaçada a um álamo sêco, Sonêto, Antônio de Freitas do Amaral .....	42
— Ao Álamo sêco que a Hera tinha abraçado, Décima, Antônio de Freitas do Amaral .....	42
— Uma Hera enlaçada a um álamo sêco, Décimas, Antônio de Freitas do Amaral .....	43
— Ao assunto lírico, Sonêto, João Machado Barcelos .....	43
— Ao assunto lírico, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto .....	44
— Ao álamo sustentado da hera, Décimas, Manuel Muniz da Encarnação .....	44
— Assunto segundo, Uma hera sustentando a um álamo sêco, Sonêto, [Caetano de Brito Figueiredo] .....	45
— Al segundo, Romance, [Luís de Siqueira da Gama] .....	46
— Ao Álamo sêco com a Hera verde enleada, Sonêto, [Manuel] Cerqueira Leal .....	47
— Ao segundo assunto, Sonêto, João de Barbosa e Lima .....	48
— Ao mesmo assunto, Sonêto burlesco, João de Barbosa e Lima ..	48
— Silva joco-séria, João de Brito e Lima .....	49
— Mote — Glosa, João de Brito e Lima .....	51
— Romance joco-sério, João de Brito e Lima .....	52
— Cuidam hederæ siccæ ulmum sustinenti, Epigramma, Ioseph de Matos .....	54
— A uma hera sustentando um álamo sêco, Décima, José de Matos	54
— Ao mesmo assunto, outra décima com diverso sentido, José de Matos .....	55
— A uma Hera enlaçada em um Álamo, ou Choupo sêco, Sonêto joco-sério, Luís Canelo de Noronha .....	55
— Sustenta uma Hera significada em Baco a um Álamo sêco significado em Hércules aos quais são consagrados, Sonêto, Antônio de Oliveira .....	56
— A uma Hera sustentando um Álamo sêco, Silva jocosa, Anastácio Ayres de Penhafil .....	56
— Ao segundo assunto, Quintilhas, Eusébio Peixoto .....	59
— A uma Hera sustentando a um Álamo sêco, assunto lírico da nossa Academia Brasilica, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita ..	61
— A uma Hera sustentando um Álamo sêco, assunto lírico da nossa Academia Brasilica, Décimas, Sebastião da Rocha Pita .....	61



	Págs.
— Ao assunto lírico, Romance joco-sério, José de Oliveira Serpa ..	62
— Ao assunto lírico, Romance joco-sério, José de Oliveira Serpa ..	63
— Ad Amantissimam haederam, quae iam sine uiribus ulmum siccam adhuc bracchiis sustentat, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa] .....	65
— Aliud eidem, Emanuel Nunes de Sousa .....	65
— Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.I.A.] .....	65
— Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.I.A.] .....	66
— Uma Hera sustentando a um álamo sêco, Sonêto, [S.I.A.] .....	66
— A uma Hera sustentando um álamo sêco, Ode, [S.I.A.] .....	66
 <b>5.ª CONFERENCIA</b>	
[ASSUNTO] Oração que leu o Padre Antônio Gonçalves Pereira sendo Presidente na Academia dos Esquecidos desta Cidade da Bahia em 25 de junho de 1724.	
— Discurso Filosófico .....	71
[ASSUNTO] Ao Presidente, que foi o Reverendo Vigário do Rosário Antônio Gonçalves Pereira.	
— Admodum Reuerendo et Eruditissimo Praesidi Domino Antonio Gonçalves Pereira [...], Epigramma, [José da Cunha Cardoso]	79
— Ao Presidente, Décima, João Machado Barcelos .....	79
— Ao Presidente, Sonêto, João Machado Barcelos .....	80
— Em louvor do Muito Presidente o Senhor Doutor Antônio Gonçalves Pereira [...], Sonêto, [Antônio Ribeiro da Costa] ..	80
— Ao mesmo, Antônio Ribeiro da Costa .....	81
— Em aplauso do Doutíssimo Orador o Reverendíssimo Vigário o Senhor Antônio Gonçalves Pereira, Décima, Hierônimo Roiz de Crasto .....	81
— Reuerendo admodum Doctori Antonio Gonçalves Pereira, [...], Epigramma, [Padre Estêvão Ribeiro Guimarães] .....	82
— Aliud, Padre Estêvão Ribeiro Guimarães .....	82
— Ad Clarissimum Reuerendissimumque Domino Doctorem Anto- nium Gonçalves Pereira Academicum Meritissimum, Epigramma, Emanuel Nunes Leal .....	82
— Ad Clarissimum Reuerendissimumque Domino Doctorem Anto- nium Gonçalves Pereira Academicum Meritissimum, Epigramma, Emanuel Nunes Leal .....	82
— Ao Doutor Presidente Antônio Gonçalves Pereira, Décima jocosa, Frei Avertano de Santa Maria .....	83
— Ad Reuerendum admodum Patrem Antonius Gonçalves Pereira, Dignissimum Vicarium Ecclesiae Beatissimae Dominae de Rosario nuncupatae, Epigramma, Luís Canelo de Noronha .....	83

	Págs.
— Ao Meritíssimo e mui Reverendo Senhor Padre Vigário Antônio Gonçalves Pereira, Décima, Luís Canelo de Noronha .....	83
— Ao Doutor Antônio Gonçalves Pereira, [...], Décima, Anastácio Ayres de Penhafiel .....	84
— Ao mesmo, Décima joco-séria, [Anastácio Ayres de Penhafiel]	84
— In laudem Reuerendissimi Vicarii Antonii Gonçalves Pereira nostrae inclutae Academiae V Praesidís [...], Epigramma, [Frei Luís Botelho do Rosário] .....	85
— Aliud eiusdem ad eundem, Frei Luís Botelho do Rosário .....	85
[ASSUNTO] Primeiro assunto celebrar os anos do Príncipe Nosso Senhor que Deus guarde e fêz 10 em 6 do corrente.	
— Alude à admirável compreensão, com que o Sereníssimo Príncipe Nosso Senhor tem recebido doutrinas, e notícias que em outros sujeitos não podiam caber na esfera de tão pouca idade, Sonêto, [José da Cunha Cardoso] .....	86
— Aos felizes anos do Príncipe Nosso Senhor na ocasião em que perfaz os dez, Sonêto, Francisco Álvares .....	86
— Ao mesmo assunto, Sonêto, [Francisco Álvares] .....	87
— Ao Assunto heróico, Sonêto, Francisco Xavier de Araújo .....	87
— Ao Assunto Heróico, Epigrammata, João Machado Barcelos ....	88
— Aos dez anos de idade do Sereníssimo Príncipe Nosso Senhor, pelo mesmo Autor, Sonêto, [João Machado Barcelos] .....	88
— Ao Assunto heróico, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto .....	89
— Em louvor dos felizes anos do Príncipe Nosso Senhor, Canção, Hierônimo Rolz de Crasto .....	89
— Ao Príncipe Nosso Senhor cumprindo o décimo ano de sua floritíssima Idade, Primeiro Assunto, Sonêto, Caetano de Brito Figueiredo .....	91
— Aos dez anos, que faz o Príncipe Nosso Senhor, Sonêto, [Gonçalo Soares da Franca] .....	92
— Ao primeiro assunto, Sonêto [Luís de Siqueira da Gama] .....	92
— Aos dez anos, que faz o Príncipe Nosso Senhor, Sonêto, João de Barbosa e Lima .....	93
— Sonêto, [João de Brito e Lima] .....	93
— Sonêto, [João de Brito e Lima] .....	93
— Sonêto, João de Brito e Lima .....	94
— Ao Príncipe Nosso Senhor fazendo dez anos a seis de junho, cômputo, que em opinião de São Hierônimo, alegorizando os números sôbre o capítulo quinto de Zacarias, significa felicidades: <i>Denarium prospera significat</i> , Sonêto, André de Figueiredo Mascarenhas .....	94
— Ad Augustissimum Decenium Serenissimi Principis Nostri [...], Epigramma, Luís Canelo de Noronha .....	95

## Págs.

— Ao Sereníssimo Príncipe de Portugal o Senhor Dom José ajustando dez anos em uma oitava do Espírito Santo, Soneto, Antônio de Oliveira .....	95
— Primeiro Assunto. Ao feliz complemento do décimo ano de idade do Sereníssimo Príncipe Nosso Senhor em 6 de junho de 1724, Soneto, João Alv'es Soares .....	96
— Ao Sereníssimo Príncipe de Portugal o Senhor Dom José em ocasião de completar dez anos em 6 de junho próximo presente, Soneto, Anastácio Ayres de Penhafeil .....	97
— Ao Sereníssimo Senhor Príncipe, fazendo anos, assunto heróico da nossa Academia Brasileira, Soneto, Sebastião da Rocha Pita .	97
— Ad Serenissimum Lusitaniae Principem Dominum Iosephum [...], Elogium, [S.I.A.] .....	98
— Nascitur Serenissimus Princeps Domino Iosephus, [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	100
— Extincto Serenissimo Principe Domino Petro Augustissimi Domini Ioannis Quinti [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	101
— Serenissimum Principem Dominum Iosephum [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	101
[ASSUNTO] Segundo assunto uma dama dando a Fábio duas flôres, a saber um amor-perfeito metido em um malmequeres.	
— Décimas, [José da Cunha Cardoso] .....	102
— Ao assunto lírico, Soneto, João Machado Barcelos .....	102
— Assunto. Uma flor chamada amor-perfeito, metida em um malmequeres, Soneto, [Antônio Ribeiro da Costa] .....	103
— Em contraposição do Soneto acima, Soneto, Antônio Ribeiro da Costa .....	104
— A uma dama que deu a seu amante duas flôres, a saber um amor-perfeito dentro de um malmequeres, Soneto, [Gonçalo Soares da Franca] .....	104
— A Lisarda dando umas flôres a Fábio a saber, um Amor-perfeito metido dentro em um Malmequeres, Décima, Luis Canelo de Noronha .....	105
— Ao segundo assunto, Décima, Fala a dama, João de Barbosa e Lima .....	105
— Silva joco-séria, João de Brito e Lima .....	106
— Décimas, João de Brito e Lima .....	109
— Romance joco-sério, João de Brito e Lima .....	111
— A um amor-perfeito metido em um malmequeres, que a Fábio deu uma Dama, Soneto, Padre André de Figueiredo Mascarenhas .....	113
— A Lisarda, que deu a Fábio duas flôres, a saber, um Amor-perfeito metido dentro em Malmequeres, Soneto, Luis Canelo de Noronha .....	113

—	Dá Lisarda a Fábio um amor-perfeito metido em um malmequeres, Décima, Antônio de Oliveira .....	114
—	A Lisarda que dando duas flôres a Fábio [nela habitava] uma Malmequeres e outra amor-perfeito, Silva joco-séria, [Anastácio Ayres de Penhafiel] .....	114
—	Décima, Anastácio Ayres de Penhafiel .....	116
—	A uma Dama, pondo a Flor do Amor-perfeito, na Flor do Malmequer, Assunto lírico da nossa Academia Brasílica, Soneto em agudos, Sebastião da Rocha Pita .....	116
—	Segundo assunto, Uma Dama dando a Fábio duas flôres — a saber um amor-perfeito metido em um malmequeres, Décimas João Alv'res Soares .....	117
—	Foi assunto da Academia Nise dando a Fábio um amor-perfeito metido em um malmequer, Décimas, [S.I.A.] .....	118

#### 6.ª CONFERENCIA

[ASSUNTO]	Oração, que se fêz em Academia da Bahia em 9 de julho de 1724. Presidente o Reverendo Padre Mestre Frei Raimundo Boim de Santo Antônio Religioso de Nossa Senhora do Monte do Carmo.	
—	Oração, que se fêz em Academia da Bahia em 9 de julho de 1724. Presidente o Reverendo Padre Mestre Frei Raimundo Boim de Santo Antônio Religioso de Nossa Senhora do Monte do Carmo .....	123
[ASSUNTO]	Ao Presidente que foi o Reverendo Padre Mestre Frei Raimundo de Santo Antônio religioso do Carmo.	
—	Ao Reverendo Presidente, Décima, [José da Cunha Cardoso] ..	131
—	Eloquentissimo Praesidi, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo	132
—	Ao Muito Reverendo Padre Mestre Presidente Frei Raimundo Boim de Santo Antônio, Décimas, Frei Avertano de Santa Maria	132
—	Ao Muito Reverendo Padre Mestre Frei Raimundo Boim de Santo Antônio Dignissimo Presidente da Academia em que se escreve da Morte da Excelentissima Senhora Dona Teresa Moscoso Osório; [...], Soneto, Antônio de Oliveira .....	133
—	Ao Muito Reverendo Padre Mestre Frei Raimundo Boim de Santo Antônio Presidente Dignissimo desta Conferência Acadêmica, Décima, Anastácio Ayres de Penhafiel .....	133
—	Ao Muito Reverendo Padre Mestre Presidente, Décima, Anastácio Ayres de Penhafiel .....	134
[ASSUNTO]	Foi o primeiro assunto a morte da Excelentissima Senhora Marquesa Aia Dona Teresa de Moscoso.	
—	Ao primeiro assunto, Epitáfio, [José da Cunha Cardoso] .....	134
—	Invectiva contra a Morte no falecimento da Excelentissima Senhora Marquesa de Santa Cruz, Oitavas, Salvador Pizarro de Carvalho e Albuquerque .....	135

	Págs.
— Ao 1.º assunto, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo .....	137
— Ao primeiro assunto, Soneto, Francisco Xavier de Araújo ....	137
— Ao primeiro Assunto, Soneto, João Machado Barcelos .....	138
— Ao primeiro Assunto, Soneto, João Machado Barcelos .....	138
— A morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto .....	139
— Assunto. A morte tão digna de sentimento da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz, Soneto, Antônio Ribeiro da Costa .....	139
— A morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia, Soneto, Hierônimo Roiz de Crasto .....	140
— Sentimentos na Morte da Excelentíssima Marquesa Aia a Se- nhora Dona Teresa de Moscoso Osório, [...], Romance Heróico, [Caetano de Brito Figueiredo] .....	141
— Na morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia filha dos Excelentíssimos Senhores Condes de Altamira, Epitáfio, [Gon- çalo Soares da Franca] .....	143
— Na morte da Excelentíssima Senhora Dona Teresa de Moscoso Osório, [...], Soneto, [Gonçalo Soares da Franca] .....	143
— Ao primeiro, Elegia, Luís de Siqueira da Gama .....	144
— Ao sentimento da morte da Excelentíssima Senhora Dona Te- resa de Moscoso e Osório, [...], Soneto, Manuel Nunes Leal ..	148
— Sentimento de pejo na morte da Excelentíssima Senhora Mar- quesa de Santa Cruz, João de Barbosa e Lima .....	149
— Soneto, [João de Brito e Lima] .....	153
— Soneto, [João de Brito e Lima] .....	153
— Soneto, [João de Brito e Lima] .....	153
— Soneto, João de Brito e Lima .....	154
— A morte da Excelentíssima Senhora Dona Teresa de Moscoso Osório, [...], Canção, André de Figueiredo Mascarenhas ....	154
— A morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz, Soneto, Luís Canelo de Noronha .....	157
— A morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz, Soneto saudoso, Luís Canelo de Noronha .....	158
— A morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz, Silva Funeral, Anastácio Ayres de Penhafiel .....	158
— A sentidíssima morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz, [...], Soneto, Gervásio de Pilares .....	161
— Ao mesmo Assunto, Soneto, [Gervásio de Pilares] .....	161
— Ao Túmulo, Soneto, [Gervásio de Pilares] .....	162
— Na morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia; primeiro Assunto da presente Academia, Soneto, Sebastião da Rocha Pita .....	162

	Págs.
— Ao mesmo Assunto, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita .....	163
— A sentida morte da Ilustríssima Marquesa de Santa Cruz, Sonêto, Inácio Pires da Silva .....	163
— Primeiro Assunto. À morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia, a Senhora Dona Teresa de Moscoso Osório, [...], Soneto espanhol, João Alv'res Soares .....	164
— In obitum Excellentissimae Dominae Theresiae de Moscoso Osorio, Epigramma, [S.I.A.] .....	164
— In funere Excellentissimae Dominae Marchionissa a Sancta Cruce, Elogium Sepulcrale, [S.I.A.] .....	165
— Excellentissimae Dominae Theresiae de Moscoso Osorio [...], Epitaphium, [S.I.A.] .....	166
— Excellentissimae Dominae Theresiae de Moscoso Osorio [...], Phaleucium, [S.I.A.] .....	167
— Excellentissima Domina Marchionissa a Sancta Cruce [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	167
— Ad primum argumentum, Excellentissima Domina Theresia Moscoso Osório, [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	168
— Ad primum argumentum, Excellentissima Domina Theresia Moscoso Osório, [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	168
— In obitum Excellentissimae Theresiae de Moscoso Osorio, Epicedium, [S.I.A.] .....	169
— Nocte obiit Excellentissima Domina Marchionissa a Sancta Cruce, Epigramma, [S.I.A.] .....	169
— Expressão reverente de um magoado sentimento na Morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz sucedida no dia de quinta-feira Maior, Sonêto, O Mais Fiel, e humilde Criado .....	170
[ASSUNTO] Foi o segundo assunto [a] Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia Dona Inácia Rosa, que deixando o mundo se recolheu em um Convento.	
— Romance Heróico, José da Cunha Cardoso .....	170
— Ao segundo assunto, Sonêto, Francisco Xavier de Araújo .....	172
— Ao Segundo Assunto, Sonêto, João Machado Barcelos .....	173
— Ao Segundo Assunto, Sonêto, João Machado Barcelos .....	173
— Recolhendo-se a um Convento a Excelentíssima Senhora Dona Inácia de Távora pela morte de seu Espôso o Excelentíssimo Senhor Marquês de Gouveia, Sonêto, Francisco Pereira do Lago Barreto .....	174
— À Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia, trocando as caducas pompas do Mundo pelas seguras asperezas da Religião, Décimas, Francisco Pinheiro Barreto .....	174
— Ao Segundo Assunto; em que se descreve ser a Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia, [...] na resolução, que tomou de ser religiosa, [...], Silva, Manuel Ferreira de Carvalho ....	176

## Págs.

— A recolher-se a Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia em um Convento, [...], Soneto, Hierônimo Roiz de Crasto...	180
— A Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia, [...], Soneto, Caetano de Brito Figueiredo .....	181
— Recolhendo-se a um Convento a Excelentíssima Senhora Dona Inácia Rosa de Távora, [...], Décimas, Gonçalo Soares da Franca .....	181
— Deixando o Século, e recolhendo-se a um Convento a Excelentíssima Senhora Dona Inácia Rosa de Távora [...], Soneto, Gonçalo Soares da Franca .....	183
— Ao segundo assunto, Soneto, Luís de Siqueira da Gama .....	183
— Segundo assunto, Soneto, [João de Brito e Lima] .....	184
— Soneto, João de Brito e Lima .....	184
— Décimas, João de Brito e Lima .....	185
— A Excelentíssima Senhora Dona Inácia Rosa de Távora [...], Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas .....	187
— Ad Excellentissimam Dominam Marquionissam (sic) de Gouvea, [...], Epigramma, Luís Canelo de Noronha .....	187
— A Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia [...], Soneto, Anastácio Ayres de Penhafiel .....	188
— A Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia retirando-se a viver em um Convento, Soneto, Gervásio de Pilares .....	188
— A Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia, tomando o estado de Religiosa: segundo Assunto da presente Academia, Soneto, Sebastião da Rocha Pita .....	189
— Ao mesmo Assunto, Romance, Sebastião da Rocha Pita .....	189
— Segundo Assunto. A Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia a Senhora Dona Inácia Rosa de Távora [...], Soneto Español, [João Alvares Soares] .....	191
— Excellentissima Domina Marchionissa de Gouvea [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	191
— Excellentissima Domina Marchionissa de Gouvea [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	192
— Excellentissima Domina Marchionissa de Gouvea [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	192
— Excellentissima Domina Marchionissa de Gouvea [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	193
— Excellentissimae Dominae Ignatiae Rosae de Távora Se Monialium Syllabo adscribenti, Epigramma, [S.I.A.] .....	193
— Excellentissima Domina Marchionissa de Gouvea, [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	193

## 7.ª CONFERÊNCIA

[ASSUNTO] Oração Acadêmica, que em presença do Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses Vice-Rei do Estado do Brasil disse o Muito Reverendo Padre Mestre Rafael Machado da Companhia de IESU Reitor do Colégio da Bahia .....	197
[OFERECIMENTO] Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...], Rafael Machado .....	197
[ORAÇÃO] Argumento da Oração. Mostra-se, que o descobrimento, que os Argonautas Lusitanos fizeram do Brasil, verdadeiramente foi descobrimento nôvo, ainda que essas terras nos séculos passados fôssem descobertas por outras [nações] .....	198
[JUSTIFICATIVA] Foi Presidente o Reverendo Padre Salvador da Mata Jesuíta; e por não poder vir, o substituiu o Reitor do Colégio o Reverendo Padre Rafael Machado, [Letra do Secretário] .....	210
— In laudem Praesidis sapientissimi, Epigramma, [José da Cunha Cardoso] .....	210
— Ao Engenhosíssimo, e Religiosíssimo Presidente [...] Padre Rafael Machado [...], Epigrama, Salvador Pizza de Carvalho e Albuquerque .....	210
— Ao muito Sábio, e Religioso Presidente o Reverendíssimo Padre Rafael Machado [...], Epigrama, Salvador Pizza de Carvalho e Albuquerque .....	211
— Ao Facundíssimo, e Religiosíssimo Presidente o muito Reverendo Padre Rafael Machado [...], Epigrama, Salvador Pizza de Carvalho e Albuquerque .....	211
— Ao Sapientíssimo e Religiosíssimo Presidente o muito Reverendo Padre Rafael Machado [...], Epigrama, Salvador Pizza de Carvalho e Albuquerque .....	212
— Ao Argutíssimo, e Religiosíssimo Presidente o muito Reverendo Padre Rafael Machado [...], Epigrama, Salvador Pizza de Carvalho e Albuquerque .....	212
— Raphael, idest, Medicina Dei, Distichon, Francisco Xavier de Araújo .....	213
— Reuerendo Patri Raphaeli Machado Academiae Praesidi, Epigramma, Carlos de Azevedo .....	213
— Reuerendo Patri Raphaeli Machado Academiae Praesidi, Epigramma, Carlos de Azevedo .....	213
— Reuerendo Patri Raphaeli Machado Academiae Praesidi, Epigramma, Carlos de Azevedo .....	214
— Reuerendo Patri Raphaeli Machado Academiae Praesidi, Epigramma, Carlos de Azevedo .....	214
— Em louvor do muito Reverendo Padre Reitor Rafael Machado Presidente da Academia, Soneto, Carlos de Azevedo .....	214



	Págs.
— Ad Reuerendissimum Patrem Magistrum, [...], Raphaellem Machado, [...], Epigramma, Padre Francisco Pinheiro Barreto	215
— Ao Sapientíssimo e Reverendíssimo Presidente o Muito Reverendo Padre o Senhor Rafael Machado Digníssimo Reitor do Colégio da Companhia. Com alusão ao primeiro Assunto de haver um Raio feito em pó a u'a estátua de Apolo, Sonêto, [Caetano de Brito Figueiredo]	216
— Religiosíssimo Sapientíssimoque, Magistro Raphaeli Machado Societatis IESU Rectori Eximio, Encomium, Emanuel Nunes Leal	216
— Ad Reuerendo admodum huius Academiae Praesidentem, Epigramma, Luís Canelo de Noronha	217
— Ao Reverendíssimo Padre Rafael Machado [...], Décima, Luís Canelo de Noronha	217
— In laudem Reuerendissimi Patris Sapientissimique [Magistri] Raphaelis Machado Societatis IESU Rectoris Dignissimi, [...] Paralelus elogiacus, Anastacio Ayres de Penhafeil	218
— Em louvor do Muito Reverendo Padre Rafael Machado [...], Décima, Pedro de Sá Vasconcelos	218
— Ao Reverendíssimo Padre Reitor, Idílios triplicados, De um seu muito venerador	219
— Ad Reuerendissimum, et Sapientissimum Patrem Raphaellem Machado [...], Elogium, [S.I.A.]	221
[PRIMEIRO ASSUNTO] Foi o primeiro assunto uma estátua de Apolo ferida e desfeita por um raio.....	222
— Ao primeiro assunto, Sonêto, [José da Cunha Cardoso]	222
— Ao Assunto Heróico, Sonêto, João Machado Barcelos	222
— Fazendo Trovões caiu um Raio, e fêz em pedaços a uma estátua de Apolo. Segundo (sic) assunto, Sonêto, Hermita Frei de Santo Antônio da Barra	223
— Ao Assunto Heróico, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto	223
— Ao Primeiro Assunto, Sonêto, [Caetano de Brito Figueiredo]	224
— A uma estátua de Apolo abrasada de um raio, Sonêto, [Gonçalo Soares da Franca]	224
— Ao 1.º, Sonêto, [Luís de Siqueira da Gama]	225
— Ao primeiro assunto, Sonêto, João de Barbosa e Lima.	225
— Ao primeiro assunto, Sonêto, [João de Brito e Lima]	226
— Sonêto, João de Brito e Lima.	226
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, [João de Brito e Lima]	227
— Sonêto, João de Brito e Lima	227
— A Estátua de Apolo ferida de um raio, Sonêto, Frei Avertano de Santa Maria	228

— A uma estátua de Apolo ferida, e arruinada por um raio, Sonêto, [André de Figueiredo Mascarenhas] .....	228
— Ao mesmo assunto, Sonêto, André de Figueiredo Mascarenhas .....	229
— A uma Estátua de Apolo ferida por um raio, Sonêto, Luís Canelo de Noronha .....	229
— Fere um Raio uma estátua de Apolo, Sonêto, Antônio de Oliveira .....	230
— A Estátua de Apolo ferida de um raio, Sonêto, Anastácio Ayres de Penhafiel .....	230
— Caindo um Raio sobre a Estátua de Apolo, assunto heróico da presente Academia, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita .....	231
— A uma estátua de Apolo ferida, e arruinada por um raio, Sonêto, Antônio de Araújo e Silva .....	231
[SEGUNDO ASSUNTO] Foi o segundo assunto uma dama que revolvendo na boca umas pérolas, quebrou alguns dentes .....	232
— Epigramma, [José da Cunha Cardoso] .....	232
— Ao Assunto Lírico, Romance, João Machado Barcelos .....	232
— A uma Dama, tendo uma pérola na boca se lhe quebrou um Dente, Décimas, Francisco Pereira do Lago Barreto .....	234
— Ao Assunto Lírico, Romance, Francisco Pinheiro Barreto .....	234
— Ao Segundo Assunto, Sonêto, [Caetano de Brito Figueiredo] ..	236
— Ao Segundo Assunto, Romance, [Caetano de Brito Figueiredo]	236
— A uma Dama que brincando com umas pérolas na boca, quebrou uns dentes, Sonêto, [Gonçalo Soares da Franca] .....	238
— Ao segundo assunto, Décima, João de Barbosa e Lima .....	238
— Ao segundo assunto, Sonêto, João de Brito e Lima .....	239
— Ao segundo assunto, Décimas, João de Brito e Lima .....	239
— Silva joco-séria, João de Brito e Lima .....	241
— A uma Dama que tomando várias pérolas na boca, e revolvendo-as quebrou alguns dentes, Décimas jocosas, Frei Avertano de Santa Maria .....	243
— A uma dama, que revolvendo umas pérolas na boca, quebrou com elas alguns dentes, Oitavas, André de Figueiredo Mascarenhas .....	244
— Ad Filidem, Epigramma, Antonio de Oliveira .....	246
— A uma Dama que metendo várias pérolas na boca, e revolvendo-as quebrou alguns dentes, Silva joco-séria, Anastácio Ayres de Penhafiel .....	246
— A uma Dama que metendo na boca algumas pérolas, e revolvendo-as quebrou alguns dentes, Décima, Anastácio Ayres de Penhafiel .....	248

## Págs.

- Tomando uma Dama na bôca umas Pérolas, se lhe quebraram alguns dentes. Assunto lírico da presente Academia, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita ..... 248
- Ao Assunto Lírico, Silva, Ioseph de Oliveira Serpa ..... 249

## 8.ª CONFERÊNCIA

- [ASSUNTO] Oração que disse na Academia o Reverendo Cônego Antônio Roiz Lima, Desembargador da Relação Eclesiástica na conferência de 6 de agosto de 1724. .... 253
- [ORAÇÃO] Conferência, Cônego Antônio Roiz Lima ..... 253
- [ASSUNTO] Foi nesta conferência Presidente o muito Reverendo Cônego Antônio Roiz Lima Desembargador da Relação Eclesiástica ..... 261
- Ao muito Reverendo Senhor Presidente, Décima joco-séria, [José da Cunha Cardoso] ..... 261
- Ao Reverendo Doutor Antônio Roiz Lima Presidente da presente Academia, Décima, Francisco Pereira do Lago Barreto .. 261
- Ao Muito Reverendo Doutor Antônio Roiz Lima [...], Amanuense Cornélio Bruto ..... 262
- Ao Muito Reverendo Doutor Antônio Rodrigues Lima, na presente Oração, Epigramma, Amanuense Cornélio Bruto ..... 263
- Ad Sapientissimum Praesidem [...] Antonium Rodericum Lima, Acrostichis, seu encomiastice, Emmanuelis Ferreira de Carvalho 263
- Em louvor do Reverendo Cônego o Senhor Doutor Antônio Roiz Lima, Décimas, Hierônimo Roiz de Crasto ..... 264
- Em louvor do Muito Reverendo Presidente o Senhor Doutor Antônio Roiz Lima, Cônego Prebendado na Santa Sé da Bahia, e Desembargador da Relação Eclesiástica, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa ..... 265
- Ad Reuerendissimo admodum Canonicum, Doctoremque Antonium Rodericum musarum Apollinem in hac nobili Academia, Epigramma, [Iosephus Fernandis] ..... 265
- Aliud eidem, Epigramma, Iosephus Fernandis ..... 266
- Em louvor do Sapientissimo Presidente o Reverendo Cônego e Doutor o Senhor Antônio Roiz Lima, Décima, [Caetano de Brito Figueiredo] ..... 266
- Ao Presidente, Sonêto, João de Barbosa e Lima ..... 266
- Ao Doutor Presidente o Reverendo Cônego Antônio Roiz Lima em ocasião de succeder na presidência ao Padre Reitor Rafael Machado, Décima, Frei Avertano de Santa Maria ..... 267
- Ao Senhor Doutor Antônio Roiz Lima Cônego Prebendado da Santa Sé da Cidade da Bahia, e Desembargador da Relação Eclesiástica, Décima, Luís Canelo de Noronha ..... 268

— Sapientissimo Praesidi Domino Doctori Antonio Roiz de Lima, Epigramma, Antonio de Oliveira .....	268
— Ao Reverendissimo Cônego o Senhor Padre Antônio Roiz Lima, Dignissimo Presidente da Academia, Soneto, Antônio de Oliveira .....	268
— Em louvor do Reverendissimo Presidente o Cônego o Doutor Antônio Rodrigues Lima, Soneto, Jorge da Silva Pires .....	269
— Em louvor do Reverendissimo Presidente, o Cônego o Doutor Antônio Roiz Lima, Décima, Jorge da Silva Pires .....	270
— Ao Ilustrissimo Senhor Doutor Antônio Roiz Lima Cônego da Santa Sé, e Presidente da Academia, Soneto, Inácio Pires da Silva .....	270
— Ao Reverendissimo Senhor Doutor o Cônego Antônio Roiz Lima Presidente da Academia, Soneto, Inácio Pires da Silva .....	271
— Ao Senhor Reverendissimo Doutor o Cônego Antônio Roiz Lima Presidente da Academia, Décima, Inácio Pires da Silva .....	271
— Ao Senhor Reverendissimo Doutor o Cônego Antônio Roiz Lima [...], Décima, Inácio Pires da Silva .....	272
— Reuerendo admodum Canonico, ac Domino Maximo Antonio Roderici huius Academiae Praesidi Emeritissimo, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa] .....	272
— Aliud eidem in illud: Antonius, id est "flos", Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa .....	272
— Em louvor do Reverendissimo Presidente: por um seu amantissimo, Décimas, [S.I.A.] .....	273
— Em louvor do Reverendissimo Presidente o Doutor Antônio Roiz Lima, Cônego da Santa Sé sendo Provedor da Misericórdia, Soneto, De um afetuoso amigo .....	273
— Em louvor da Oração do Senhor Reverendo Cônego Antônio Roiz Lima, Décima, Por Um Anônimo .....	275
[PRIMEIRO ASSUNTO] Foi o primeiro assunto desta conferência César que tendo notícia da morte de seu inimigo chorou .....	275
— Ao primeiro assunto, Soneto, [José da Cunha Cardoso] .....	275
— Ao assunto heróico, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo ..	276
— Ao assunto heróico, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto .....	276
— A César compadecido de seu inimigo Pompeio, Epigramma, Cornélio Bruto .....	276
— À piedade, e clemência de César na morte de seu inimigo Pompeu, Soneto, Cornélio Bruto .....	277
— Assunto. César vendo a cabeça de seu Inimigo chorou, Soneto, Antônio Ribeiro da Costa .....	277
— A chorar César quando lhe trouxeram a cabeça de Pompeu, Soneto, Hierônimo Roiz de Crasto .....	278
— Ao primeiro assunto, Soneto, [Caetano de Brito Figueiredo] ..	278

	Págs.
— Ao primeiro, Soneto, [Luís de Siqueira da Gama] .....	279
— Ao primeiro assunto, Soneto, Fala César com Pompeu, João de Barbosa e Lima .....	279
— Soneto, [João de Brito e Lima] .....	280
— Soneto, [João de Brito e Lima] .....	280
— Soneto, [João de Brito e Lima] .....	281
— Soneto, João de Brito e Lima .....	281
— A César, que depois da vitória da Farsália chorou vendo a cabeça de Pompeu, Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas ..	281
— César chorando à vista da cabeça de Pompeu, Soneto, João de Figueiredo Mascarenhas .....	282
— Ad Caesarem, truncato Magni Pompei capite, deplorantem, Epigramma, Luís Canelo de Noronha .....	282
— A César, que vendo a cabeça de seu inimigo, chorou, Soneto, Luís Canelo de Noronha .....	283
— Chora César tendo da morte de seu inimigo Pompeu notícias, Soneto, Antônio de Oliveira .....	283
— A Júlio César por haver chorado na Morte de um seu inimigo, Soneto, Anastácio Ayres de Penhafiel .....	284
— Ao assunto heróico das lágrimas de César na morte de Pompeu, Soneto, Jorge da Silva Pires .....	284
— Foi César tão generoso, que chorou a morte de seu inimigo Pompeu. Assunto heróico da presente Academia, Soneto, Se- bastião da Rocha Pita .....	285
— Ao mesmo Assunto heróico, Soneto, Sebastião da Rocha Pita ..	285
— Primeiro Assunto. César, que tendo noticia da morte do seu maior contrário, chorou. Argumento moral sobre o assunto, Soneto, João Alv'res Soares .....	286
— Caesari Augusto, qui ad se nuntiis translatiis de inimici Pom- peii acerbissima morte in lacrimas dissoluitur, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa] .....	286
— Aliud eidem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa .....	287
— Ad unum argumentum, Epigramma, [S.I.A.] .....	287
— Ad primum argumentum, Epigramma, [S.I.A.] .....	287
— Ao mesmo assunto, Soneto, [S.I.A.] .....	288
— A César, que sabendo da morte de seu inimigo, chorou, Soneto, [S.I.A.] .....	288
[SEGUNDO ASSUNTO] Foi o segundo assunto desta conferência um menino de gentil] presença que colhendo rosas em um jardim, o mordeu um áspide, de que logo morreu .....	289
— Ao segundo assunto, Epigramma, [José da Cunha Cardoso] ...	289
— Ao Assunto lírico, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo ....	289

— A um Menino, que colhendo flôres lhe mordeu um Aspide, e morreu, Décima, Francisco Pereira do Lago Barreto .....	289
— Ao assunto da Academia, do Menino que colhendo flôres morreu mordido de um aspide, Epigramma, Cornélio Bruto .....	290
— Ao lindo menino, que colhendo flôres, morreu mordido de um Aspide, Décima, Cornélio Bruto .....	290
— Assunto. Um menino galhardo, que colhendo flôres, foi mordido por um Aspide, de que morreu, Sonêto, [Antônio Ribeiro da Costa] .....	291
— Ao mesmo Assunto, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa .....	291
— Ao menino que pegando em uma rosa mordeu um Aspide, Décimas, Yerônimo Roiz de Crasto .....	292
— Ad puerum flores legentem, quem aspis inter illos adlucens interimit, Epigramma, [Iosephus Fernandes] .....	292
— Aliud eidem, Epigramma, Iosephus Fernandes .....	293
— Ao segundo, Sonêto, [Luís de Siqueira da Gama] .....	293
— Romance, João de Brito e Lima .....	293
— A um menino que sendo mordido de um Aspide ao tempo em que colhia umas rosas, morreu, Madrigal hamburguês burlesco, Frei Avertano de Santa Maria .....	296
— A um menino gentil, que colhendo flôres o picou um Aspide, de que morreu, Epigramma, André de Figueiredo Mascarenhas .....	297
— Um menino gentil, que entrando em um jardim a colhêr umas flôres, o picou um Aspide, de que morreu, Sonêto, João de Figueiredo Mascarenhas .....	297
— A um Menino, que estando colhendo flôres picou um Aspide, e morreu, Sonêto joco-sério, Luís Canelo de Noronha .....	298
— Andava um Menino colhendo rosas, e mordendo-o um Aspide, morreu, Sonêto, Antônio de Oliveira .....	299
— Colhe um Menino rosas, e mata-o um Aspide, Décima, Antônio de Oliveira .....	299
— A um menino especioso que colhendo em um jardim, umas rosas foi mordido de um Aspide do que morreu, Silva jocosa, Anastácio Ayres de Penhafil .....	300
— Ao Segundo Assunto do menino gentil que colhendo flôres o picou um Aspide, de que morreu, Silva, Jorge da Silva Pires ..	302
— Ao mesmo Assunto lirico falando com o Aspide, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita .....	304
— Um belo menino brincando em um Jardim, com as flôres o mordeu um Aspide, e logo morreu, Assunto lirico da presente Academia, Falando com o menino, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita .....	305
— Um belo menino brincando em um Jardim, com as flôres o mordeu um Aspide, e logo morreu. Assunto lirico da presente Academia, Endeixas, Sebastião da Rocha Pita .....	305

## Págs.

— Puero flores legenti, qui ex aspidis mortu factus est alius, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa] .....	307
— Aliud eidem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa .....	307
— Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.I.A.] .....	308
— Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.I.A.] .....	308
— Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.I.A.] .....	308
— Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.I.A.] .....	309
— Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.I.A.] .....	309
— Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.I.A.] .....	309
— Ad secundum argumentum, Elogium, [S.I.A.] .....	309

## 9.ª CONFERENCIA

[ASSUNTO] Conferência 9.ª de 27 de agosto. Oração, que disse em 27 de agosto de 1724 o Presidente que foi o Reverendo Deão Sebastião do Vale Pontes .....	313
— ORAÇÃO, Sebastião do Vale Pontes .....	313
[ASSUNTO] Em louvor do Presidente que nesta Conferência foi o Reverendo Provisor e Deão da Sé o Doutor Sebastião do Vale Pontes. ....	327
— Ao Presidente o Reverendo Deão Sebastião do Vale Pontes, Décima, [José da Cunha Cardoso] .....	327
— In laudem Reuerendi admodum, Praeclari nimis Decani, Praesidis, ac Doctoris Sebastiani Vale Pontes, Distichos, Francisco Xavier de Araújo .....	327
— In Praesidis laudem, Aliud, Francisco Xavier de Araújo .....	327
— In laudem Praesidis, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo ..	328
— Ao muito Reverendo Deão o Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes [...], Décimas, Francisco Pinheiro Barreto .....	328
— Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Sebastião do Vale Pontes [...], Décima, José Cardoso .....	329
— Ad Sapientissimum Academicum Praesidentem, Epigramma, [Antônio Ribeiro da Costa] .....	329
— Ad eundem, Décimas, [Antônio Ribeiro da Costa] .....	330
— Em louvor do Muito Reverendo Presidente o Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes, [...], Soneto, [Antônio Ribeiro da Costa] .....	331
— Outro, Antônio Ribeiro da Costa .....	331
— Ao Reverendíssimo Deão o Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes [...], Décima, Jacinto Ferreira Feio de Faria .....	332
— Reuerendo admodum Doctori Sebastiano do Vale Pontes, [...], Epigramma, Padre Estêvão Ribeiro Guimarães .....	332

	Págs.
— Sapiëntissimo Reuerendíssimoque Domino Sebasto do Vale Pontes [...], Epigramma, Emanuel Nunes Leal .....	333
— Em louvor do Reverendíssimo Doutor Deão e Provisor da Sé Sebastião do Vale Pontes, [...], Sonêto, Padre Manuel Cerqueira Leal .....	333
— Ao Reverendíssimo Deão o Senhor Desembargador Sebastião do Vale Pontes [...], Décima, Manuel Ferreira da Luz .....	334
— Ao Muito Reverendo Doutor Presidente o Senhor Deão Sebastião do Vale Pontes, Décima, Frei Avertano de Santa Maria ..	334
— Ao Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes [...], Sonêto, Luís Canelo de Noronha .....	335
— Sapiëntissimo Doctori Sebastiano do Vale Pontes [...], Epigramma, Antônio de Oliveira .....	335
— Ao Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes [...], Sonêto, Antônio de Oliveira .....	336
— Ao Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes [...], Décimas, Antônio de Oliveira .....	336
— Ao Reverendo Doutor Presidente o Senhor Deão Sebastião do Vale Pontes, Décima, Anastácio Ayres de Penhafiel .....	337
— Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Sebastião do Vale Pontes [...], Décima, Francisco Pereira .....	337
— Em louvor do Eruditíssimo Presidente o Muito Reverendo Doutor Sebastião do Vale Pontes, [...], Silva, Jorge da Silva Pires ..	338
— Ao Muito Reverendo Deão o Senhor Sebastião do Vale Pontes, [...], Sonêto, Sebastião da Rocha Pita .....	340
— Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Sebastião do Vale Pontes [...], Décima, Clemente de Sousa .....	340
— Reuerendissimo, et Sapiëntissimo Domino Sebastiano do Vale Pontes [...], Elogium, Pater Iosephus Moreira Teles .....	341
— Ao Eruditíssimo Deão [...] Sebastião do Vale Pontes [...], Sonêto, Alferes João Soares da Veiga .....	343
— Ao Prestantíssimo Herói, [...] Senhor Sebastião do Vale Pontes [...], Sonêto, Alferes João Soares da Veiga .....	343
— Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Sebastião do Vale Pontes [...], Décima, André Vicente .....	344
[1.º ASSUNTO] Conferência de 20 de agosto, aliás de 27. Foi o primeiro assunto Agripina, que dizendo-se-lhe que seu filho Nero a havia de matar, se chegasse a ser Imperador, respondeu que o fôsse, ainda que depois a matasse. ....	344
— Ao primeiro assunto, Sonêto, [José da Cunha Cardoso] .....	344
— Ao Assunto Heróico, Epigramma, João Machado Barcelos .....	345



## Págs.

— Ao assunto heróico, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto .....	345
— Ao primeiro Assunto, Soneto, Manuel de Mesquita Cardoso ....	346
— Ao primeiro assunto Acadêmico, Soneto, Manuel de Mesquita Cardoso .....	346
— A fúria de Agripina que dizendo-se-lhe se o filho imperasse a havia matar, [...], Soneto, Hierônimo Roiz de Crasto .....	347
— Ao primeiro Assunto, Soneto, Jacinto Ferreira Feio de Faria ..	347
— Pertence à Academia passada. Ao Heróico assunto, dizendo-se a Agripina que se imperasse seu filho Nero a havia de matar, [...], Soneto, [Gonçalo Soares da Franca] .....	348
— Ao primeiro, Soneto, [Luís de Siqueira da Gama] .....	348
— Ao primeiro assunto, Soneto Fala Agripina, João de Barbosa e Lima .....	349
— Dizendo-se a Agripina que se Nero seu filho chegasse [a] im- perar lhe houvera tirar a vida, [...], Soneto, [João de Brito e Lima] .....	350
— Ao [próprio] assunto pelos mesmos consoantes, Soneto, [João e Lima] .....	350
— Ao próprio assunto, Soneto, [João de Brito e Lima] .....	351
— Ao próprio assunto, Soneto, João de Brito e Lima .....	351
— Primeiro assunto, A Agripina [...], Soneto, Manuel Ferreira da Luz .....	352
— Agripina dizendo-se-lhe, que se seu filho Nero chegasse a im- perar, seria matricida, [...], Soneto, André de Figueiredo Mas- carenhas .....	352
— Agripina [...], Soneto, João de Figueiredo Mascarenhas .....	353
— Ad Agripinam, [...], Epigramma, Luís Canelo de Noronha ....	354
— Vi perit, Emblema, Antônio de Oliveira .....	354
— Sabe Agripina [...], Soneto, Antônio de Oliveira .....	354
— Ao primeiro assunto, Soneto, Anastácio Ayres de Penhafiel ...	355
— Ao Assunto Heróico da Academia, Soneto, Jorge da Silva Pires..	355
— Agripina [...], Assunto heróico da presente Academia, Soneto, Sebastião da Rocha Pita .....	356
— Primeiro assunto, Agripina [...], Soneto, João Alv'es Soares ..	357
— Ad primum Argumentum, Epigramma, [S.I.A.] .....	357
— Ad primum argumentum, Elogium, [S.I.A.] .....	358
[2.º ASSUNTO] Conferência de 20 de agosto, aliás de 27. Foi o segundo assunto um delfim salvando e conduzindo às costas um naufragante até a praia. ....	359
— Ao segundo assunto, Epigramma, [José da Cunha Cardoso] ....	359
— Ao Assunto lírico, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo ....	359

	Págs.
— Ao Assunto lírico, Epigramma, João Machado Barcelos .....	360
— Ao Assunto Lírico, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto .....	360
— Ao segundo Assunto, Soneto, Manuel de Mesquita Cardoso ....	360
— Ao segundo assunto lírico, Soneto, Manuel Correia .....	361
— Ao segundo assunto, Soneto, [Antônio Ribeiro da Costa] .....	361
— Assunto: Um naufragante às costas de um Delfim, que cor- tando os mares, o pôs em terra, Décima, Antônio Ribeiro da Costa .....	362
— Ao segundo Assunto, Soneto, Jacinto Ferreira Felo de Faria ..	362
— Um Delfim que conduziu à praia um naufragante, Soneto, [Gonçalo Soares da Franca] .....	363
— Ao segundo assunto, Soneto, João de Barbosa e Lima .....	363
— Um Delfim conduzindo sobre as espaldas um naufragante [vivo ao] pôrto, Silva, João de Brito e Lima .....	364
— Um Delfim [...], Romance joco-sério, João de Brito e Lima ..	367
— Segundo assunto, Um Delfim, que livrou um naufragante dos mares, Soneto, Manuel Ferreira da Luz .....	369
— Ao Segundo Assunto do Delfim etc., Décimas, Frei Avertano de Santa Maria .....	370
— Um Delfim carregando um homem, e vencendo as ondas pelo conduzir à praia, Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas ..	371
— Um Delfim [...], Décima, João de Figueiredo Mascarenhas ..	371
— A um Delfim [...], Idílio, Luís Canelo de Noronha .....	372
— A um Delfim [...], Madrigal, Luís Canelo de Noronha .....	372
— Caiu um Navegante ao mar e um Delfim o carregou e levou à terra, Soneto, Antônio de Oliveira .....	373
— Um Delfim que carregando a um naufragante [o pôs] em terra livre do perigo, Silva jocosa, Anastácio Ayres de Penhafil	373
— Padecendo Fileno um naufrágio, o salvou um Delfim, [...], Romance joco-sério, Sebastião da Rocha Pita .....	376
— Um Delfim salvando das ondas, sobre as suas Espaldas a um homem. Assunto lírico da presente Academia, Soneto jocoso, Domingos Nunes Tibal, [Pseudônimo de Sebastião da Rocha Pita] .....	377

GOVÉRNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

*Terminou-se a impressão dêste livro aos 28 de agôsto de 1970, na Imprensa Oficial do Estado, para a Comissão Estadual de Literatura, do Conselho Estadual de Cultura, da Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo.*



GOVÊRNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

IMPRESA OFICIAL DO ESTADO

SÃO PAULO — BRASIL

1970